

---

# Métodos Numéricos

Um curso para o Mestrado Integrado em  
Engenharia Informática e Computadores da FEUP

---

Carlos Madureira  
Cristina Vila  
Maria de Lurdes Dinis  
Rui Jorge Sousa  
José Soeiro de Carvalho

Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto  
Departamento de Engenharia de Minas

Copyright ©1995-2020 Carlos M. N. Madureira, Maria Cristina C. Vila, Maria de Lurdes Dinis, Rui Jorge Sousa, José Manuel S. Soeiro de Carvalho

Reservados todos os direitos de publicação, tradução e adaptação.

Interdita a reprodução parcial ou integral sem prévia autorização dos autores.

Este documento é uma versão provisória, de utilização exclusiva no âmbito da disciplina de Métodos Numéricos do Mestrado Integrado em Engenharia Informática e Computadores da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto.

Todas as correcções e contribuições são bem-vindas!

Carlos M. N. Madureira (cmad@fe.up.pt)

Maria Cristina C. Vila (mvila@fe.up.pt)

Maria de Lurdes Dinis (mldinis@fe.up.pt)

Rui Jorge C. Sousa (ruijcsousa@fe.up.pt)

José M. S. Soeiro de Carvalho (jmsoeiro@fe.up.pt)

Versão 2.5 *Pública*

Impresso em 17 de novembro de 2020

Baseado num documento obtido do commit GIT e7feb61 , em  
2020-11-17 09:49:38 +0000

# Conteúdo

<b>Introdução</b>	<b>1</b>
<b>1 O Erro em Análise Numérica</b>	<b>5</b>
Numbers . . . . .	5
1.1 Matemáticas e Análise Numérica . . . . .	6
1.2 A representação dos números numa máquina . . . . .	8
1.2.1 Representação, Codificação . . . . .	9
1.2.2 Representação de quantidades . . . . .	10
1.2.3 Conversão entre bases . . . . .	12
1.2.4 Notação . . . . .	13
1.2.5 Representação IEEE . . . . .	20
1.3 Erros . . . . .	23
1.4 Arredondamento e Truncatura . . . . .	23
1.4.1 Diferentes maneiras de calcular uma expressão . . . . .	30
1.4.2 Os erros nos dados . . . . .	34
1.4.3 Cálculo dos erros . . . . .	37
1.5 Conclusão . . . . .	40
<b>2 Zeros reais de uma função real</b>	<b>41</b>
Set the Controls for the Heart of the Sun . . . . .	41
2.1 Isolamento das raízes . . . . .	45
2.2 Método da Bissecção . . . . .	51
2.3 Método da Corda . . . . .	55
2.4 Método da tangente . . . . .	58
2.5 Método de iteração de Picard-Peano . . . . .	61
2.6 Resolução Iterativa de Sistemas de Equações . . . . .	65
2.7 Exemplos de Codificação . . . . .	73
2.7.1 Resolução de equações não lineares por Métodos Intervalares . . . . .	73
2.7.2 Resolução de equações não lineares por Métodos não Intervalares . . . . .	80
2.7.3 Resolução de sistemas de equações não lineares . . . . .	86
<b>3 Sistemas de Equações Lineares</b>	<b>91</b>
3.1 Eliminação Gaussiana . . . . .	91
3.2 O Erro no Método de Gauss . . . . .	97
3.2.1 Melhoramento pelos resíduos . . . . .	104
3.3 Técnicas Clássicas para Minimização dos Erros . . . . .	104
3.4 Ordem e Condição de um Sistema . . . . .	105
3.5 Método de Cholesky . . . . .	111
3.6 Métodos iterativos . . . . .	112
3.6.1 Método de Gauss-Jacobi . . . . .	113
3.6.2 Método de Gauss-Seidel . . . . .	113
3.7 Exemplos de Codificação . . . . .	118
3.7.1 Resolução de sistemas de equações lineares . . . . .	118

<b>4</b>	<b>Quadratura e Cubatura</b>	<b>121</b>
4.1	Introdução . . . . .	121
4.2	Regra dos Trapézios . . . . .	122
4.2.1	A "fórmula" do erro . . . . .	123
4.2.2	Controlo do erro . . . . .	125
4.3	Regra de Simpson . . . . .	130
4.3.1	A "fórmula" de erro . . . . .	131
4.3.2	Controlo do erro . . . . .	132
4.4	Integrais impróprios . . . . .	135
4.5	Integrais singulares . . . . .	136
4.6	Cubatura . . . . .	137
4.7	Exemplos de Codificação . . . . .	139
4.7.1	Regra dos Trapézios . . . . .	139
4.7.2	Regra de Simpson . . . . .	141
4.7.3	Teste do QC . . . . .	143
<b>5</b>	<b>Integração de equações diferenciais ordinárias</b>	<b>149</b>
5.1	O significado de uma solução: Método de Euler . . . . .	149
5.2	Método de Euler . . . . .	155
5.3	Um melhoramento do Método de Euler . . . . .	160
5.4	Métodos de Runge-Kutta . . . . .	163
5.4.1	Método de Runge-Kuta de Segunda Ordem . . . . .	163
5.4.2	Método de Runge-Kuta de Quarta Ordem . . . . .	165
5.5	Forma geral . . . . .	166
5.6	Sistemas de Equações e Equações de Ordem Superior . . . . .	167
5.7	Exemplos de Codificação . . . . .	170
5.7.1	Método de Euler . . . . .	170
5.7.2	Método de Euler Melhorado . . . . .	170
5.7.3	Métodos de Runge-Kutta . . . . .	170
<b>6</b>	<b>Optimização</b>	<b>171</b>
	The best of all possible worlds . . . . .	171
6.1	Introdução . . . . .	172
6.1.1	A Síntese: projecto e decisão otimizados . . . . .	173
6.1.2	A Análise: os princípios de optimidade . . . . .	175
6.2	Conceitos gerais . . . . .	177
6.2.1	Programação linear . . . . .	178
6.2.2	Programação convexa . . . . .	179
6.3	As técnicas concretas . . . . .	182
6.3.1	Pesquisa unidimensional . . . . .	183
6.3.2	Métodos Intervalares . . . . .	183
6.3.3	Pesquisa multidimensional . . . . .	185
6.3.4	Método da quádrlica . . . . .	196
6.3.5	Método de Levenberg-Marquardt . . . . .	197
6.3.6	O problema das restrições . . . . .	198
6.4	Programação não-convexa . . . . .	201
6.5	Preparação da optimização . . . . .	203
6.6	Análise do problema da Optimização . . . . .	207
6.7	Ajustamento . . . . .	211
6.7.1	A construção de uma função objectivo . . . . .	211
6.7.2	O caso dos parâmetros lineares . . . . .	212

6.7.3	O caso dos parâmetros não-lineares . . . . .	214
6.8	Exemplos de Codificação Optimização . . . . .	217
6.8.1	Unidimensional . . . . .	217
6.8.2	Multidimensional . . . . .	229
<b>Índice</b>		<b>233</b>
<b>Exemplos perversos</b>		<b>247</b>
0.1	O zero da caixa preta . . . . .	247



# Lista de Figuras

1.1	Números racionais possíveis para o domínio inteiro $[-3,3]$ . . . . .	9
1.2	A verdadeira <b>MAKINA</b> . . . . .	17
2.1	Isolamento de raízes . . . . .	46
2.2	Isolamento de raízes II . . . . .	47
2.3	Isolamento de raízes III . . . . .	48
2.4	Interpretação geométrica do método da corda . . . . .	56
2.5	Aplicação do método da corda . . . . .	57
2.6	Convergência do método da corda . . . . .	57
2.7	Método da tangente . . . . .	59
2.8	Não convergência no método da tangente . . . . .	60
2.9	Método de Picard-Peano em escada . . . . .	62
2.10	Método de Picard-Peano em teia de aranha . . . . .	63
2.11	Método de Picard-Peano em escada divergente . . . . .	63
2.12	Método de Picard-Peano em teia de aranha divergente . . . . .	64
4.1	Pontos usados na Regra de Simpson . . . . .	137
6.1	Sequência de pesquisa . . . . .	183
6.2	As direcções dos vectores $t_j$ como direcções conjugadas da quádrlica . . . . .	188
6.3	Gradiente . . . . .	191
6.4	Gradiente inverso . . . . .	192
6.5	Pesquisa ao longo de uma linha de gradiente . . . . .	196
6.6	Levenberg-Marquardt . . . . .	198
6.7	Uma superfície com vários mínimos. . . . .	202
6.8	Ajuste . . . . .	211





# Lista de Tabelas

1.1	Codificação de números e caracteres . . . . .	10
1.2	Notação posicional do mesmo valor em base 16 e base 10 . . . . .	11
1.3	Bases Numéricas . . . . .	12
1.4	Conversão de $100_{10}$ para base 3 . . . . .	12
1.5	Vírgula fixa e flutuante . . . . .	13
1.6	Comparação de notações em vírgula fixa e flutuante . . . . .	14
2.1	Isolamento de raízes . . . . .	50
2.2	Exemplo de bissecção sucessiva . . . . .	51
2.3	Aplicação do método da corda . . . . .	56
2.4	Aplicação do método da tangente . . . . .	59
2.5	Aplicação do método da tangente, com ponto inicial diferente. . . . .	60
3.1	Aplicação dos Métodos de Gauss-Jacobi e Gauss-Seidel . . . . .	115



# Introdução

Na prática da computação digital científica verificam-se numerosos e diversificados tipos de situações relacionadas com problemas de Análise Numérica. As que se revelam mais simples são aquelas em que se pretende construir um algoritmo para utilizar apenas uma vez, ou, quando muito, um número muito reduzido de vezes, para resolver um dado problema concreto e em que se tem uma ideia razoável do modo como vão desenvolver-se os cálculos. Nestes casos os problemas de *tempo de processamento* não se põem (pelo menos de modo agudo, sobretudo quando dispomos de um computador pessoal que podemos deixar a trabalhar durante a noite só para nós) e *as questões de precisão* são relativamente simples de tratar (até porque se dispõe, o deve dispor, *a priori* de ordens de grandeza para as soluções, o que permite controlar os erros mais óbvios); porém, a tentação de criar soluções extremamente dependentes das características particulares do problema e das peculiaridades da máquina é quase irresistível, de tal modo que os programas desenvolvidos não têm, em geral, qualquer transportabilidade.

Um segundo tipo de situação é o de um algoritmo destinado a correr diversas vezes em diversos tipos de situações todas incluídas em um mesmo contexto mas destinadas em princípio a um único utilizador, e difere da anterior no facto de existir uma potencial diversidade de dados de partida conducente a diferentes tipos de problemas numéricos. A principal dificuldade operacional reside, neste caso, no esforço de imaginação necessário para prever as diversas classes de situações que virão eventualmente a verificar-se, sob pena de se ter que rescrever sucessivas versões do mesmo algoritmo, uma para cada falhanço detectado. A situação torna-se nitidamente mais complicada quando o algoritmo se destina a ser corrido por diversos utilizadores, porque, nesse caso, é virtualmente impossível prever *a priori* o tipo de complicações numéricas que, em função de diferentes dados de partida, podem vir a ocorrer. Este é o caso típico dos *programas de biblioteca de uso geral*. Neste caso torna-se necessário usar dos maiores cuidados para cobrir tantas situações diferentes quantas seja possível, tendo ao mesmo tempo a habilidade de não produzir programas grosseiramente ineficientes ou tão complicados que desencorajem o utilizador comum. A real dificuldade de conciliar objectivos tão contraditórios e a subjectividade inevitável na ponderação das diferentes prioridades levam muitos utilizadores (incluindo os autores deste curso) a olhar com alguma desconfiança a tendência de certos outros para o uso sistemático de rotinas de biblioteca; o preço de uma tal atitude é, inevitavelmente, a necessidade de escrever os seus próprios algoritmos e programas.

Uma terceira classe de situações corresponde aos problemas computacionais tão grandes, tão complexos, tão particulares ou tão novos que se torna necessário, para os resolver, um conhecimento muito profundo da questão concreta que os gerou e o recurso à intuição física do proponente, que se supõe ser o seu melhor conhecedor. Esta classe de problemas dá, normalmente, origem a soluções particulares, que usam técnicas adequadas às peculiaridades de cada problema, ou de cada formulação particular do problema. O uso dessas soluções por outras pessoas que não o seu próprio autor exige um estudo muito aprofundado que pode, frequentemente, revelar-se infrutífero e/ou impraticável, dada a conhecida tendência dos programadores, sobretudo dos mais criativos, para documentarem mal os seus produtos.

Finalmente, uma outra classe de situações ocorre nas aplicações em tempo real (como os programas de controlo de um processo industrial); nestes casos, o imperativo fundamental, para além de uma precisão (que, ao contrário do que poderia pensar-se, nem sempre será crítica) será o de uma execução extremamente rápida; em casos deste tipo, a rapidez da execução pode mesmo compensar em larga medida uma certa imprecisão dos resultados, desde que não exagerada. Tal como no caso anterior, deve fazer-se um esforço importante para garantir que se dispõe de toda a informação relevante sobre o problema e sobre

os seus possíveis métodos de resolução, bem como de todo o tempo necessário para desenvolver uma solução realmente eficaz. Estes dois últimos casos constituem o domínio de eleição da aplicação das habilidades e artimanhas próprias da arte do analista e do programador.

Em resumo, existem três classes fundamentais de necessidades de algoritmos e programas computacionais:

- soluções expeditas, facilmente disponíveis ou implementáveis, embora possivelmente pouco eficientes, mas não imprecisas;
- soluções cuidadosamente pensadas, precisas, rápidas, seguras e de uso geral;
- soluções particulares para problemas particulares, em que as peculiaridades da aplicação em vista podem desempenhar papel central.

Como é óbvio, o presente curso só trata dos dois primeiros tipos de problemas. O nosso ponto de vista central será, portanto, o de que, embora o objectivo primário seja, como sempre, o de sacar resultados da máquina, esses resultados se destinam a fundamentar decisões, por vezes de importância vital, pelo que se torna necessário, antes de mais, compreender claramente e em profundidade o que tais números podem dizer, ou não dizer, o que podem valer, ou não valer. Assim, considerando que se trata de cadeira de mera introdução colocada muito cedo no plano do curso, a selecção de matérias tem em vista aquilo que de mais básico se prende com os objectivos centrais do exercício da profissão de engenheiro a nível superior, e não aquilo que está mais em voga ou mais bem documentado na literatura técnica e científica; secundariamente, a selecção das matérias nem pretende cobrir todas as necessidades que possam surgir no exercício da profissão, nem escolher os "melhores" métodos no sentido do uso eficiente dos recursos das máquinas - que, ainda por cima, mudam quase todos os dias -, mas apenas seleccionar aquelas matérias que melhor possam compensar o tempo e o esforço gastos no seu estudo.

Uma tal selecção é notavelmente dificultada

- pelo facto de *não existir, por trás da análise numérica, um corpo de doutrina coerente*, o que faz com que as soluções numéricas realmente eficientes e adaptadas sejam frequentemente produtos artesanais frutos de processos criativos baseados em toda uma experiência anterior do autor-utilizador;
- *pela enorme diversidade de métodos, técnicas, variantes e variações concebidas até ao presente* e que a maior parte dos tratadistas tende a apresentar a granel, sem qualquer senso crítico;
- pelo facto de muitas dessas técnicas serem *meros artifícios sem interesse geral*, facto que não pode ser revelado senão por um uso intensivo e constantemente crítico que o ensino convencional não encoraja.

A selecção de métodos aqui apresentada representa, portanto, um mero ponto de vista muito pessoal do autor, caucionado apenas pela experiência investigacional e docente da equipa que tem dirigido no Departamento de Engenharia de Minas ao longo das duas últimas décadas.

Por outro lado, o espaço de escolha encontra-se amputado pelo facto de existir no curriculum uma cadeira de Investigação Operacional, no âmbito da qual recaem os métodos cuja fundamentação é de carácter essencialmente algébrico - programação linear, algoritmos de árvores e redes, etc. Neste contexto, o capítulo sobre sistemas de equações lineares aparece como u, tanto estranho no curso, dado que a sua metodologia releva dos métodos algébricos.

A construção do curso no seu conjunto assenta sobre uma opção táctica muito clara, resultante de muitos anos de ensino da matéria ao nível da licenciatura: *total separação entre a Análise Numérica* - entendida como construção de algoritmos e análise do seu comportamento face à inevitável finitude da representação concreta dos números dentro da máquina - e *a programação desses algoritmos* no contexto de uma linguagem e/ou de uma máquina particular. Com efeito, toda a experiência passada nos mostrou

para além de qualquer dúvida razoável que a mistura imprudente das duas abordagens e dos respectivos pontos de vista e polarizações faz com que o estudante médio, engodado pela preocupação, não de todo ilegítima mas limitativa, da produtividade imediata, concentre a totalidade do seu esforço no segundo e esqueça por completo o primeiro, aquele que constitui, precisamente, o objectivo primordial da cadeira; acontece que o ponto de vista peculiar da programação valoriza desproporcionadamente os problemas da lógica e da economia do algoritmo e tende a remeter para segundo plano os problemas vitais da precisão, problemas que são de carácter muito menos racionalizável e, por esse facto, de abordagem muito mais árdua para o estudante de formação racionalista.

Um outro ponto de vista didáctico que confere um certo grau de originalidade à estrutura da cadeira é o de se praticar sistematicamente um certo tipo de "reconstrução" da história dos métodos da Análise Numérica com a intenção de mostrar como os métodos se encadeiam logicamente uns com os outros e, nessa perspectiva, podem constantemente ser redesenhados, o que favorece uma das atitudes mentais mais importantes para o candidato a analista numérico.

A necessidade do uso, na cadeira, de algoritmos implementados em computador, indispensável para a aquisição do seu completo domínio pelo estudante, cria um dilema extremamente difícil de ultrapassar: por um lado, os cuidados necessários em matéria de precisão são pouco compatíveis com programação de principiantes e, por outro lado, como se depreende do que ficou dito no início, temos sérias reservas quanto ao uso cegos de programas de biblioteca. Por isso, todos os exemplos e manipulações exibidas e todos os exercícios propostos se destinam a ser trabalhados à mão ou à máquina de calcular ou, na melhor das hipóteses, em folha de calculo; uma tal estratégia, quando bem praticada, permite seguir passo a passo eventuais incidentes resultantes de problemas de representação; no entanto, uma vez dominados os princípios e os conceitos, deve ser feito um esforço sério para formalizar a aprendizagem sob a forma de construção de programas informáticos que incorporem explicitamente todos os critérios de segurança e precaução que a teoria e a prática "à mão" aconselharam.

Finalmente, na concepção e implementação do curso, um outro problema se levantou: o da recente vulgarização dos *manipuladores simbólicos*, ferramentas informáticas que,

- ao contrário das vulgares linguagens de programação, têm a possibilidade de manipular directamente expressões simbólicas e não apenas números;
- permitem representar os números (dados, resultados intermédios e finais) com precisão "infinita" (dentro, naturalmente, dos limites de memória da máquina), representando os racionais sob a forma de quocientes de inteiros de comprimento adequado e mantendo em suspenso todas as operações irracionais; em opção, um modo de cálculo aproximado permite trabalhar com um número arbitrário de algarismos significativos.

Nestas condições, os manipuladores simbólicos permitem a verificação e o controlo do cálculo programado em linguagens convencionais e é um dos objectivos do curso levar o estudante a encará-los como tal.

Estamos mesmo em crer que, dentro da evolução previsível das capacidades de memória e das velocidades de cálculo dos computadores das próximas gerações, esta é uma das direcções genéricas em que se desenvolverá o cálculo científico nas próximas décadas, o que tornará obsoletas muitas das abordagens tradicionais da análise numérica. Pensamos, com efeito, que a generalização do uso dos manipuladores simbólicos corre o risco, se não for devidamente pensada, estudada e integrada, de vir a desempenhar, em relação ao ensino superior, o mesmo papel ambíguo, e por isso confusionista e dissolvente, que a generalização do uso das calculadoras de bolso desempenhou, em relação ao secundário, nas décadas de 70 e 80. Por outro lado, há que reconhecer que tais ferramentas informáticas se encontram apenas na fase de utilitários para a realização de cálculos avulsos e não podem ainda ser eficientemente integradas em programas construídos pelo utilizador; isso impede, naturalmente, a completa centragem nelas de uma cadeira que não pode dar-se ao luxo de ignorar as reais necessidades da actual computação científica e técnica. Assim, incapazes, neste momento, de desenvolver um curso completo ao longo desta linha

estratégica, os autores limitaram-se a fazer apenas algumas tímidas tentativas de introdução ao uso de manipuladores simbólicos muito acessíveis e que conhece como **derive**, A Mathematical Assistant <sup>TM</sup>, ou **Maxima**, a Computer Algebra System, a propósito de alguns problemas mais delicados levantados pelo desenvolvimento de um curso que é ainda fundamentalmente convencional.

O curso está estruturado por capítulos, em que se descreve um problema e se estudam algumas soluções numéricas:

**O Erro em Análise Numérica** Neste capítulo são abordados os processos de cálculo geradores de erro, quer por truncatura de processos infinitos, quer em consequência da própria representação. É dado algum destaque à representação em vírgula flutuante.

**Zeros reais de uma função real** A resolução de equações e sistemas de equações não lineares, conceptualmente um problema simples, introduz várias heurísticas relevantes para outros temas, nomeadamente as ideias de pesquisa, redução intervalar, ajuste, e os procedimentos iterativos de ponto fixo.

**Sistemas de Equações Lineares** O simplório método algébrico de Gauss para resolver sistemas de equações lineares, levanta um conjunto muito interessante de problemas quando aplicado a um cálculo concreto, nomeadamente pela dificuldade em detetar uma quantidade que vale zero, pela propagação de erros e pelo conceito de *resíduo*. São apresentadas alternativas algébricas e numéricas iterativas.

**Quadratura e Cubatura** Este capítulo trata do cálculo numérico de integrais definidos, em que os efeitos da truncatura resultante da transformação de uma diferencial num acréscimo são tornados bem claros. Introduce o conceito de *ordem* de um método e a heurística do *quociente de convergência*. Apresenta a ideia que os problemas de dimensão superior são resolúveis por redução de ordem, que um *integral duplo* é na realidade um *integral simples* de um *integral simples*.

**Integração de equações diferenciais ordinárias** A resolução numérica de equações diferenciais é um problema transversal a toda a engenharia. Os métodos são apresentados como especializações de um método universal, o método de Euler, modificado por uma de duas heurísticas: a descoberta da derivada média; ou a ideia que um bom preditor do futuro próximo está no passado recente.

**Optimização** No capítulo final sobre optimização, o problema é reduzido à optimização convexa, sendo explorados os problemas unidimensionais e em seguida trabalhados os problemas e métodos multidimensionais.

Os capítulos tem propostas de algoritmos, exemplos e exercícios, sendo propostas também aplicações de teste, que permitem comparar os resultados obtidos por processos numéricos com os resultados tipicamente mais precisos obtidos por procedimentos algébricos ou analíticos.

[DB74]

[CB81]

[Gol91]

[Ham71]

[Lie68]

[Moo66]

[Mul89]

[Wal90]

# 1 O Erro em Análise Numérica

## Numbers

[Throughout]  
Eins, zwei, drei, vier  
Fünf, sechs, sieben, acht  
Uno, dos  
Três, quatro  
One, two  
Ichi, ni, san, shi  
Adjin, dva, tri  
Li, tva, tri

**Numbers** é uma música do álbum *Computer World*, do grupo alemão Kraftwerk.  
A sua letra consiste nos números de um a oito, quatro ou três, ditos em várias línguas, entre as quais: Alemão, Inglês, Espanhol e Japonês.

(Kraftwerke)

## Contents

<b>Numbers</b>	<b>5</b>
<b>1.1 Matemáticas e Análise Numérica</b>	<b>6</b>
<b>1.2 A representação dos números numa máquina</b>	<b>8</b>
1.2.1 Representação, Codificação	9
1.2.2 Representação de quantidades	10
1.2.3 Conversão entre bases	12
1.2.4 Notação	13
1.2.5 Representação IEEE	20
<b>1.3 Erros</b>	<b>23</b>
<b>1.4 Arredondamento e Truncatura</b>	<b>23</b>
1.4.1 Diferentes maneiras de calcular uma expressão	30
1.4.2 Os erros nos dados	34
1.4.3 Cálculo dos erros	37
<b>1.5 Conclusão</b>	<b>40</b>

## Figures

1.1 Números racionais possíveis para o domínio inteiro $[-3,3]$	9
1.2 A verdadeira <b>MAKINA</b>	17

## Tables

1.1	Codificação de números e caracteres . . . . .	10
1.2	Notação posicional do mesmo valor em base 16 e base 10 . . . . .	11
1.3	Bases Numéricas . . . . .	12
1.4	Conversão de $100_{10}$ para base 3 . . . . .	12
1.5	Vírgula fixa e flutuante . . . . .	13
1.6	Comparação de notações em vírgula fixa e flutuante . . . . .	14

## 1.1 Matemáticas e Análise Numérica

O senhor I. N. Génio pretende fazer uma aplicação bancária de longo prazo para garantir o futuro da sua família; para isso, procura o Banco Caótico Português, que lhe oferece o seguinte plano-poupança:

você faz uma entrega inicial de  $(e - 1)$  euros (sendo  $e = 2.718281828\dots$ ) e ao fim de 1 ano multiplicamos o seu capital por 1 e subtraímos 1 euro para despesas administrativas; ao fim de 2 anos multiplicamos o seu capital por 2 e subtraímos 1 euro para despesas administrativas; ao fim de 3 anos multiplicamos o seu capital por 3 e subtraímos 1 euro para despesas administrativas; e assim sucessivamente, até que ao fim de 25 anos você pode retirar todo o dinheiro acumulado.

Cuidadoso, o senhor I. N. Génio não se compromete e vai para casa pensar. Chegado a casa pega na sua Casio FX702P para saber quanto terá ao fim de 25 anos e o resultado aterroriza-o: o saldo será devedor de 140 302 545 600 000 euros! Duvidando da sua competência de calculador, corre a um amigo informático que tem uma estação Sun Sparc e pede-lhe que calcule o saldo. A resposta é positiva: 4 645 987 753 euros! Satisfeito, corre ao Banco para subscrever esse interessante plano. Ao fim de 25 anos tem um desgosto: o Banco entrega-lhe 4 milésimos de cêntimo. Este é um exemplo típico de cálculo instável que, devido a erros de arredondamento nos dados iniciais e nos resultados intermédios, pode arrastar enormes variações no resultado final.

J. M. Muller, Ordinateurs en quête d'arithmétique

La Recherche, N° Spécial, Juillet/Août 1995, adaptado

As *Matemáticas convencionais* (sobretudo quando consideradas no sentido em que são correntemente ensinadas nos nossos cursos superiores) diferem significativamente da *Análise Numérica*, na realidade muito mais significativamente que o que habitualmente se considera. A diferença mais evidente reside no uso constante da noção de *infinito* que nelas se faz,

- tanto a propósito da representação dos números, que são sempre considerados como representados com precisão infinita;
- como a propósito de processos de cálculo (passagem ao limite, cálculo de uma derivada, soma de uma série, cálculo de um integral definido),

enquanto que a computação, que é o objecto da Análise Numérica, é sempre feita por meio de dispositivos, manuais ou automáticos, dotados de precisão inelutavelmente finita e que operam em tempo finito (e, se possível, muito curto!).





## 1.2 A representação dos números numa máquina

**Vamos explorar agora a dicotomia numérico versus digital! ...** citando (apocrifamente ?) um conhecido compositor (1981).

Para além do facto importante e bem conhecido, e sobre o qual não insistiremos especialmente, de a representação interna dos números nas máquinas electrónicas ser quase sempre *não-decimal*, mas sim binária, octal ou hexadecimal, o analista numérico tem que ter bem presente que os computadores digitais usam duas classes de representações de números que a matemática convencional desconhece em absoluto. Para compreender este facto é preciso, em primeiro lugar, aceitar a ideia de que os números não existem na realidade exterior a nós, de que são apenas construções conceptuais. Assim, por exemplo Conte e de Boor em [CB81] afirmam:

a Análise Matemática tornou-se uma disciplina exacta apenas quando deixou para trás as restrições do cálculo numérico e passou a tratar exclusivamente os problemas levantados por um modelo abstracto do sistema dos números, o modelo dito dos *números reais*. Este modelo foi formulado intencionalmente para tornar possível uma definição conceptualmente operacionalizável do conceito de limite, o que abre caminho para a resolução matemática de uma multidão enorme de problemas práticos, uma vez que esses problemas sejam traduzidos na linguagem do modelo. No entanto, permanece ainda de pé o problema da retroversão das soluções simbólicas ou abstractas encontradas para a linguagem das soluções práticas. É esta a tarefa assumida pela análise numérica que, ao assumi-la, assume as limitações do cálculo prático, às quais a análise matemática tão elegantemente fugiu. As soluções numéricas são, portanto, apenas tentativas e, na melhor das hipóteses, tentativas precisas apenas dentro de certos limites calculáveis.

Deste modo, na concepção desta classe de autores, a análise numérica não se prende apenas com a construção de métodos numéricos mas, talvez principalmente, com a construção de limites calculáveis para os erros.

Nas matemáticas puras, esse conceito de número não exige representação concreta, individualizada, mas apenas simbólica; pelo contrário, em todos os ramos das matemáticas aplicadas (com os quais a análise numérica tem sempre, directa ou indirectamente, alguma coisa que ver) exige-se uma representação concreta de cada número particular, representação que, para distinguir do conceito abstracto de *número*, designamos por vezes por *numeral*. Em consequência, o número de números representáveis concretamente, embora por vezes indefinido (como sucede no cálculo manual, em que podem utilizar-se tantos algarismos quantos quisermos e em que, portanto, não existe um limite definido para a representação), é sempre necessariamente finito; pelo contrário, nas máquinas esse número é perfeitamente limitado e mesmo, na maior parte dos casos, surpreendentemente pequeno.

Três classes de números são muito importantes para a informática:

**inteiros** estes números são normalmente utilizados nas operações de contagem e enumeração, mas a sua importância na informática digital é enorme; efectivamente o "mundo" de uma máquina digital é discreto e representável por números inteiros;

**racionais** números que são obtidos pelo quociente entre dois quaisquer números inteiros (excluindo o zero como denominador);

**reais** porque modelam o mundo observável contínuo, como a escala humana parece ser o nosso; a sua utilização é imposta conceptualmente e não operacionalmente.

**Exercício 1.1** O leitor tem a certeza de que sabe distinguir *enumeração* de *contagem*? A distinção, embora provavelmente não fundamental em Análise Numérica, é-o certamente em Programação.

A representação de quantidades inteiras não é problemática. Já vimos que é a *forma natural* como os computadores digitais lidam com elas. Mas os números inteiros *informáticos* não correspondem ao conjunto  $\mathbb{Z}$  da matemática: nem o seu domínio é infinito – no caso mais corrente cobrem apenas o intervalo de  $-32767$  a  $+32767$ , nem as operações sobre eles definidas têm as mesmas propriedades<sup>1</sup>. Usam-se correntemente inteiros construídos sobre palavras de 16, 32 ou 64 bits.

A representação e manipulação de números reais por computadores digitais tem uma característica surpreendente: é impossível!

Com efeito, não podemos representar perfeitamente o contínuo recorrendo ao discreto. A única solução é recorrer a aproximações. No caso dos números reais é recorrer à sua aproximação por racionais.

### Exemplo: 1.2 Racionais redux

Um exemplo simples mostra as deficiências dessa aproximação: suponha que o conjunto dos inteiros é constituído apenas pelos seguintes números:

$$\{-3, -2, -1, 0, 1, 2, 3\}$$

Portanto, o conjunto de todos os racionais (obtidos pela razão entre dois inteiros) incluiria apenas os seguintes inteiros e fracções:

$$\left\{-\frac{3}{2}, -\frac{2}{3}, -\frac{1}{2}, -\frac{1}{3}, 0, \frac{1}{3}, \frac{1}{2}, \frac{2}{3}, \frac{3}{2}\right\}$$

Estão excluídas todas as infinitas fracções que não se podem escrever recorrendo ao inteiros entre  $-3$  e  $3$ , como  $\frac{4}{5}$ ,  $\frac{1}{7}$ ,  $\frac{28}{29}$ , além de todos os inteiros e fracções mais pequenos que  $-3$  ou maiores que  $3$ .



Figura 1.1: Números racionais possíveis para o domínio inteiro  $[-3,3]$

### 1.2.1 Representação, Codificação

A forma de representar internamente a informação está estritamente condicionada pelas características físicas do computador, especialmente por trabalhar com circuitos electrónicos descendentes do transistor, que podem estar em um de dois estados, ligado ou desligado.

Como é registada internamente a informação? Como vimos, o computador trabalha sobre estados eléctricos dos seus componentes internos, normalmente duas voltagens de referência (+5 e -5 Volts, por exemplo). A uma entidade que só pode tomar um destes valores chamamos um bit (de binary digit, ou, porque não, de bit - pedaço, pedacinho). Um bit é também a menor quantidade de informação.

A correspondência entre estes dois estados e os valores lógicos de *verdade* ou *falsidade* é evidente.

No caso dos números poderíamos associar cada um desses dois estados a um dos dígitos binários, 0 e 1. Essa codificação binária não constitui qualquer transtorno para a aritmética...

<sup>1</sup> basta pensar qual será a soma dos dois maiores números do domínio!

Voltagem - +	representação binária	representação decimal	Número natural	Número inteiro <sup>5</sup>	Caracter ASCII
-----	00000000	0	0	0	NULL
--+-----	00100001	33	33	33	!
-+-----	01000001	65	65	65	B
-++-+-	01011010	90	90	90	Z
-++++-+-	01111010	122	122	122	
+---++-++	10011011	155	155	-27	

Tabela 1.1: Codificação de números e caracteres

Por outro lado, um alfabeto apenas com as letras A e B ou uma paleta apenas com branco e preto<sup>2</sup> – cor ou a sua ausência – seriam muito limitativas.

Os problemas que podem ser resolvidos recorrendo ao computador raramente podem ser expressos em termos de bits, sendo mais normal serem expressos em termos de caracteres, números, símbolos e mesmo objectos mais complicados.

Como utilizar então esta base tão limitada para representar objectos tão diferentes? A solução consiste em recorrer a regras de codificação, utilizando agrupamentos de bits, em vez de bits isolados. Um agrupamento de três bits têm oito estados diferentes, permitindo um alfabeto de oito letras ou uma paleta de oito cores. Uma simples contagem permite verificar que oito estados não são suficientes para conter o alfabeto ocidental (composto de um mínimo de 28 caracteres minúsculos, outros tantos maiúsculos, alguns sinais de pontuação e, já agora, os 10 dígitos da numeração árabe), pelo que se utilizam correntemente agrupamentos de oito bits que podem assumir um de 256 estados diferentes. A cada um desses estados associamos um código, conforme o que se pretende representar seja um número, um dígito, uma letra, uma cor, etc. Os sistemas de códigos não são únicos, existindo no entanto algumas convenções e standardizações para nos facilitar a vida (uf!). Por exemplo, para a representação de caracteres alfa-numéricos, utilizam-se correntemente dois standards, ambos de origem americana, os códigos ASCII<sup>3</sup> e ANSI<sup>4</sup>.

Como se pode ver, todos estes códigos são apenas convenções. O mesmo valor binário pode ser interpretado de diferentes maneiras, sendo essa interpretação da inteira responsabilidade do utilizador.

### 1.2.2 Representação de quantidades

Para representar quantidades recorremos a símbolos, cujo significado é determinado por regras de codificação, podendo depender da colocação e do contexto. Historicamente, não só os símbolos mudaram, como, mais importante ainda, as técnicas de codificação.

São comuns técnicas posicionais e não posicionais de escrita de números.

Um exemplo de notação não posicional é a utilizada na numeração romana, em que cada símbolo tem sempre o mesmo valor.

MMCDLXIV

Os símbolos utilizados são as iniciais das palavras romanas que designavam as quantidades milhar **M**, meio milhar **D**, centena **C**, meia centena **L**, dezena **X**, meia dezena **V**, unidade **I**. Para calcular a quantidade representada por um número romano é preciso somar todos os dígitos que o compõem, tendo em

<sup>2</sup>ou já agora laranja e verde!

<sup>3</sup>ASCII - American Standard Code for Information Interchange

<sup>4</sup>ANSI - American National Standards Institute

atenção que eles se escrevem em ordem decrescente da esquerda para a direita, e que se existir uma inversão de valores, um dígito menor à esquerda de um maior, este deve ser subtraído ao valor do seguinte.

2464

Com a técnica de representação ocidental comum, utilizando uma simbologia composta apenas de dez símbolos diferentes (os símbolos 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9), somos capazes de representar quantidades conceptualmente ilimitadas<sup>6</sup>. Recorremos para isso a uma técnica de notação posicional, em que o valor associado ao símbolo depende da sua posição no número. No caso dos números inteiros, o dígito mais à direita corresponde às unidades, o imediatamente à esquerda às dezenas, ...

$$(\dots a_3 a_2 a_1 a_0, a_{-1} a_{-2} \dots)_b = \dots + a_3 b^3 + a_2 b^2 + a_1 b^1 + a_0 b^0 + a_{-1} b^{-1} + a_{-2} b^{-2} + \dots;$$

Normalmente,  $b$  é um inteiro maior que 1 e os  $a$  são inteiros no intervalo  $0 \leq a_k < b$ . Os dígitos à esquerda são *mais significativos* que os dígitos à direita<sup>7</sup>.

Como avaliar então um número escrito em notação posicional?

Notação posicional

O número é escrito como uma sequência ordenada de dígitos, em que, quanto mais à esquerda, maior o valor associado ao dígito.

A cada dígito será atribuído um valor igual ao índice da sua posição na lista de símbolos multiplicada pela base elevada ao índice do dígito no número (sendo positivo o índice dos dígitos da parte inteira e negativo o índice do dígito da parte não inteira), sendo no fim somados todos os valores obtidos (ver exemplo na tabela 1.2).

Exemplo: 1.3 Notação posicional em duas bases

	A8F		
Número na base 16			
Símbolos	A	8	F
Índice do símbolo	A	8	F
Índice do dígito	2	1	0
Valor do dígito	$A \times 16^2$	$8 \times 16^1$	$F \times 16^0$
Valor do número na base 10	$10 \times 16^2$	$8 \times 16^1$	$15 \times 16^0$
	2560	128	15
Número na base 10	2703		

Tabela 1.2: Notação posicional do mesmo valor em base 16 e base 10

Este tipo de notação posicional é utilizável qualquer que seja a base de numeração (ou o número de símbolos diferentes que a simbologia nos permitir utilizar). São correntemente utilizadas na informática as bases 2, 8, 10 e 16.

Muitas outras bases foram utilizadas historicamente, essencialmente para contagem, umas decalcadas de características humanas, tal como a base dez, dos dez dedos das mãos<sup>8</sup>, ou a base três, das três articulações dos dedos, outras com raízes desconhecidas tal como a base vinte usada pelos Maias<sup>9</sup>,

<sup>6</sup>As limitações são apenas espaciais e temporais.

<sup>7</sup>ver uma descrição detalhada em [Knu81].

<sup>8</sup>duvidoso, já que a base adequada seria 5, por permitir agrupamentos de mãos

<sup>9</sup>ou a contagem de javalis em catorzenas na época de Obelix [GU99] – talvez a antecipação do actual  $12 + 2$  grátis.

Base	Designação	Símbolos	$101_{10}$
2	binário	0 1	1100101
8	octal	0 1 2 3 4 5 6 7	145
10	decimal	0 1 2 3 4 5 6 7 8 9	101
16	hexadecimal	0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 A B C D E F	65

Tabela 1.3: Bases Numéricas

outras ainda, como a base sessenta da Mesopotâmia, que ainda hoje se utilizam na notação sexagesimal da medida de ângulos ou do tempo.

#### Exemplo: 1.4 Contar com as mãos

As mãos são utilizadas muitas vezes na aritmética como um dispositivo auxiliar de contagem, permitindo-nos contar de um a dez (ou recorrendo à famosa IBM do Manelinho<sup>a</sup>, contar até vinte). O seu uso como um dispositivo de notação posicional é muito mais eficaz. Consegue imaginar como?

A mão pode ser usada como um dispositivo posicional adoptando regras muito simples: um dedo completamente dobrado corresponde a zero, o dígito menos significativo é o mindinho, o mais significativo é o polegar. Se usarmos uma convenção binária – o dedo todo dobrado vale zero, todo esticado vale um – uma mão permite representar números entre 0 e  $2^5 - 1$ ; se utilizarmos cada uma das articulações dos dedos e do pulso, poderemos usar base 4.

Quão enganadora a afirmação "Tenho de meu apenas aquilo que posso contar com uma mão"!

(Radiografia em <http://uwmsk.org/RadAnat/HandPALabelled.html>)



<sup>a</sup>personagem das tiras desenhadas "Mafalda", de Quino, que calçava sandálias de modo a poder contar também com os dedos dos pés.

### 1.2.3 Conversão entre bases

Para efectuar uma conversão de bases recorre-se à divisão euclidiana, divisão com resto, divisão inteira ou modular.

se for  $A$  a representação do número na base  $a$  e  $B$  a sua representação na base  $b$  então cada um dos dígitos de  $B$  será obtido pelo resto da divisão de  $A$  por  $b$ , em que  $A$  é substituído pelo quociente  $Q$  da divisão anterior.

#### Exemplo: 1.5

Um exemplo de aplicação é a conversão de  $100_{10}$  para a base 3 descrita na tabela 1.4.

Iteração	4	←	3	←	2	←	1	←	0
Inicial (base 10)	100								
Quociente (base 10)	0	←	1	←	3	←	11	←	33
Resto	1	←	0	←	2	←	0	←	1
Resultado (base 3)	10201								

Tabela 1.4: Conversão de  $100_{10}$  para base 3

Repare-se que este algoritmo pode ser expresso quer como uma iteração quer como uma recursão.

### 1.2.4 Notação

A notação de números não inteiros é feita segundo duas técnicas: em *vírgula fixa*, em que a vírgula separa as unidades das décimas e em *vírgula flutuante*, em que o valor dos dígitos à esquerda e à direita da vírgula é determinado por um expoente associado ao número.

Um número representado em vírgula fixa é composto de duas partes: a parte inteira, à esquerda da vírgula, e a parte decimal à direita da vírgula.

Um número representado em vírgula flutuante é composto de três partes: a *parte fraccional* (ou *mantissa*)  $m$ , o *expoente* (ou *característica*)  $e$ , e a *base*  $b$ :

$$mantissa \times base^{\text{expoente}}$$

A *mantissa* é por sua vez composta de uma parte inteira e de uma parte decimal.

Duas constatações simples permitem reduzir bastante a complexidade desta representação:

- uma operação simples de normalização consistindo em escrever o número de maneira a que a parte inteira da mantissa seja sempre nula e que todos os dígitos da parte decimal sejam significativos (não existam zeros imediatamente à direita da vírgula)

$$1/b \leq |m| < 1$$

permite retirar da representação a parte inteira da mantissa e a vírgula;

- a *base* é condicionada pela base do sistema de numeração utilizado, sendo constante dentro do mesmo sistema<sup>10</sup>, pelo que a sua escrita é dispensável.

Desta maneira, a representação em vírgula flutuante fica reduzida a duas partes, a parte decimal da mantissa e o expoente, que podem ambas ser representadas como números inteiros (ver tabela 1.5).

fixa	flutuante	
100.10	$= 100.10 \times 10^0$	
	$= 1001 \times 10^{-1}$	
	$= 0.1001 \times 10^3$	normalizada
100 10	$= 1001 \ 3$	simplificada

Tabela 1.5: Vírgula fixa e flutuante

Se nos abstrairmos da vírgula, um número representado em vírgula fixa também fica reduzido a duas componentes representáveis como inteiros.

Qual é então a notação preferível para o cálculo numérico? O factor Domínio (ver tabela 1.6) faz com que a escolha penda normalmente para a vírgula flutuante.

A *precisão*, ou *comprimento*,  $n$  da mantissa de um número em vírgula flutuante é em geral determinada pelo comprimento da palavra do computador e pode, portanto, variar largamente de máquina para máquina. Por outro lado, é necessário pensar que nem todas as máquinas operam necessariamente sobre a representação binária dos números.

Com efeito, os circuitos electrónicos utilizados nos computadores têm apenas dois estados estáveis (correspondentes, por exemplo, a dois valores da tensão eléctrica), que se notam, por convenção, 0 e 1, de

<sup>10</sup>no sistema de base 10  $1.27 \times 10^2 = 12.7 \times 10^1$  mas  $1.27 \times 5^2 \neq 12.7 \times 5^1$ .

	Vírgula fixa	Vírgula flutuante
Representação	Parte inteira com $N_i$ e parte decimal com $N_d$ dígitos, $\pm iii, dddd$	Mantissa com $N_m$ e expoente com $N_e$ dígitos, $\pm 0, mmmm \times b^{\pm eeee}$
<p>Para permitir a comparação, façamos</p> $N = N_i + N_d = N_m + N_e$ <p>(os números ocupam o mesmo espaço) e utilizemos a mesma base <math>B</math>.</p>		
Domínio	depende de $N_i$ , sendo aproximadamente $] - B^{N_i+1}, +B^{N_i+1}[$	depende de $N_e$ , sendo aproximadamente $] - B^{B^{N_e}-1}, +B^{B^{N_e}-1}[$
Granularidade	é constante, valendo $B^{-N_d}$	é variável, valendo $B^{p-N_m-1}$ (em que $p$ é a potência de dois números consecutivos), podendo por isso tomar valores no intervalo $[B^{-B^{N_e}-N_m-1}, B^{B^{N_e}-N_m-1}]$ com um buraco em torno de zero de $2 \times B^{-N_e}$ o espaçamento relativo entre dois números consecutivos é constante e vale $B^{p-N_m-1}/B^p = B^{-N_m-1}$

Tabela 1.6: Comparação de notações em vírgula fixa e flutuante



modo que a aritmética mais corrente nos computadores é binária; no entanto, é possível utilizar uma representação interna *decimal codificada em binário* (binary coded decimal ou *BCD*), representando em binário cada algarismo decimal de um número por meio de quatro bits.

#### Exemplo: 1.6 Codificação BCD

$$3141_{(10)} = 0011_{(2)}0001_{(2)}0100_{(2)}0001_{(2)}$$

#### Exemplo: 1.7 A MAKINA

Imagine uma máquina (que não existe, mas que vamos utilizar intensivamente daqui em diante) capaz de fazer cálculos em vírgula flutuante normalizada, mas com capacidade de representação limitada, sendo a realização e registo das operações da responsabilidade do operador.

Esta **MAKINA** trabalha com uma representação interna da forma:  $\pm m \times 10^{\pm p}$  com  $0.1 \leq m < 1$ , com três dígitos na parte fracionária da mantissa e um dígito de expoente.

O seu interface tem à esquerda uma coluna apenas dedicada à indicação da operação  , ao meio um conjunto de quatro colunas destinadas à escrita da mantissa, um número de três dígitos com sinal  , e à direita um outro conjunto de duas colunas para escrever o expoente, um dígito e respetivo sinal  ; tem ainda uma coluna dedicada a comentários  .

Neste exemplo mostra-se como:

- escrever o valor de  $\pi \approx 3,1416$
- calcular  $10 + 11 = 21$ , representada em vírgula flutuante normalizada:

$$0,100 \times 10^1 + 0,110 \times 10^1 = 0,210 \times 10^1$$

- calcular  $74,2 + 92,7 = 166,9$

op	$\pm$	$d$	$d$	$d$	$\pm$	$d$	comentários
$\pi$	+	3	1	4	+	1	$0.314 \times 10^1$
	+	1	0	0	+	1	10
+	+	1	1	0	+	1	+11
=	+	2	1	0	+	1	=21
	+	7	4	2	+	2	74,2
+	+	9	2	7	+	2	92,7
=	+	1	6	6	+	3	166,9 !!!

**Exercício 1.2** Reportando-se ao exemplo anterior, procure responder:

1. Nesta **MAKINA**, existem tantos números entre  $0.100 \times 10^{-3}$  e  $0.999 \times 10^{-3}$  como os que há entre

## 1 O Erro em Análise Numérica

- $0.100 \times 10^3$  e  $0.999 \times 10^3$ , quando é perfeitamente evidente que este último intervalo é muito maior. Quantos são esses números?
2. Qual a diferença entre dois números consecutivos, em cada um dos casos?
  3. Qual é o menor intervalo entre números representáveis sucessivos?
  4. e o maior?

Uma medida da máxima precisão atingida pelo cálculo em vírgula flutuante é dado pela *unidade da última casa* ( $u$ ), definida como o menor número positivo tal que  $u + 1 > 1$ .

### Exemplo: 1.8 Unidade da última casa

O exemplo seguinte reporta-se a um tempo em que as implementações da representação em vírgula flutuante não eram *nada* normalizadas, e em que, para conhecer os limites de um número era preciso mergulhar fundo no manual ou então experimentar ...

O seguinte programa BASIC determina o valor de  $u$  em aritmética de precisão simples, diminuindo o valor de  $u + 1$  até não ser reconhecido pelo computador como maior que a unidade:

```
U=0.00001
DO
U=0.9999*U
LOOP WHILE (U+1) > 1
PRINT "U = ";U
```

Corrido em um PC-AT em BASICA em precisão simples dá  $u = 5.96E - 8$ , isto é, 24 bits na mantissa, mas corrido em TURBOBASIC dá  $u = 2.71E - 20$ , isto é, 64 bits na mantissa. Com efeito, o valor da unidade da última casa relaciona-se directamente com o número de bits usados na representação dos números em vírgula flutuante. Os PC usam 32 bits (4 bytes) para os números em precisão simples, dos quais 24 são atribuídos à mantissa, incluindo o sinal, e 8 ao expoente, incluindo também o sinal. Assim, o valor de  $u$  será  $u_s = 2^{-24} = 5.96 \times 10^{-8}$ . Em dupla precisão, o PC usa 64 bits (8 bytes) para representar os números em vírgula flutuante, dos quais 56 para a mantissa e 8 para o expoente. O valor de  $u$  em dupla precisão será então  $u_d = 2^{-56} = 1.39 \times 10^{-17}$ .

### Exercício 1.3

1. Assegure-se que compreendeu claramente o funcionamento do algoritmo; em caso de necessidade, execute-o em modo "trace".
2. Qual será o resultado na **MAKINA**?
3. Se é verdade o que acima se disse sobre o PC, como é possível que o TURBOBASIC tenha o comportamento descrito?
4. Como procederia para determinar a unidade da última casa em uma máquina de calcular não-programável?
5. Seria capaz de escrever um programa BASIC para determinar a unidade da última casa em dupla precisão?
6. E em outra linguagem, para simples e dupla precisão?
7. E um programa para determinar o maior número representável?



Assim, o sistema de vírgula flutuante é nitidamente diferente dos sistemas habituais dos números da matemática, e um utilizador deve ficar prevenido de que essa diferença pode, por vezes, produzir efeitos surpreendentes.

Uma maneira possível de olhar os números da computação consiste em pensar que cada resultado de um cálculo surge, na representação computacional, um pouco preciso ou esborratado em torno do valor que matematicamente *deveria* ter. Este ponto de vista enquadra-se bem com a ideia que correntemente temos do uso prático dos números mesmo fora do contexto computacional (quando dizemos uma tonelada de areia nunca pretendemos seriamente que seja a quantidade exacta até ao último grão e, mesmo que o fosse, a precisão não seria absoluta, sendo apenas da ordem de  $10^{-9}$ <sup>11</sup>). Um outro ponto de vista possível consiste em pensar que os únicos números existentes são os representáveis na máquina e que não existem mais nenhuns, o que corresponde a considerar que os números reais dos matemáticos são, para o programador e o analista numérico, inteiramente fictícios. Este ponto de vista pode parecer um tanto drástico, mas tem-se revelado extremamente útil ao analista numérico, nomeadamente quando tem que identificar os mecanismos que conduziram a um resultado errado ou simplesmente surpreendente.

Tipicamente, a finitude do intervalo coberto pelo expoente  $p$  pode dar origem aos acidentes conhecidos por *underflow* e *overflow* e que correspondem ao facto de o resultado de uma operação exceder o máximo ou o mínimo dos números representáveis na máquina. É relativamente comum - mas perigoso - pensar que não haverá mal em substituir um *underflow* por zero, salvo se, a seguir, entrar como divisor em uma divisão. Pelo contrário, em termos de senso comum, parece perigoso substituir um *overflow* pelo maior número representável na máquina (que não é, em geral, espantosamente grande) e, no entanto, muitos compiladores para uso científico fazem-no, sem sequer avisar o utilizador, para lhe poupar numerosas mensagens de erro ou paragens intempestivas do programa. Esta possibilidade não deve nunca ser perdida de vista, e um utilizador cuidadoso investiga, antes de mais nada, o comportamento de um compilador ou interpretador perante os *overflow* e *underflow* a fim de poder tomar as precauções adequadas para evitar surpresas desagradáveis.

**Exercício 1.4** A linguagem de programação **PASCAL** define a primitiva **MAXINT**, que permite conhecer qual o maior valor inteiro positivo que a implementação concreta permite. Primitivas que permitem conhecer o *comprimento* de um objecto, permitem obter informação semelhante, desde que se saiba a *unidade de medida*! Os mesmos mecanismos não são aplicáveis em relação à representação em vírgula flutuante. Procure identificar, para as linguagens de programação que conhece, quais os mecanismos disponíveis para conhecer os limites das representações de números.

#### Exemplo: 1.9 Overflow

Na **MAKINA**, o maior número representável seria  $0.999 \times 10^9 \approx 10^9$  enquanto o menor (em valor absoluto, com exclusão do zero) seria  $0.100 \times 10^{-9} = 10^{-8}$ .

Quando é que a função exponencial daria *overflow* na nossa máquina hipotética?

Quando fosse

$$\exp(x) > 0.999 \times 10^9$$

isto é, tomando logaritmos,

$$x > \ln 0.999 + 9 \times \ln 10 = -0.001 + 9 \times 2.303 = 20.7$$

<sup>11</sup>Pense na massa de um grão de areia.

**Exemplo: 1.9 Overflow (cont.)**

os valores calculados com maior precisão seriam

$$\begin{aligned} & -0,0010005003335835335001429822540683 \\ & + 9 \times 2,3025850929940456840179914546844 \\ & = 20,722265336612827622661780109905 \end{aligned}$$

**Exercício 1.5** Qual é o valor correspondente para:

1. a sua máquina de calcular?
2. para as diferentes linguagens de programação, usadas com números em vírgula flutuante, em precisão simples e dupla ?
3. neste caso, dependerá da linguagem?

O raciocínio parece perfeitamente simples e claro; tem a certeza de que é geralmente correcto?

No entanto, temos o direito de nos interrogar porque é que um intervalo representável que, nas piores condições, nunca será inferior a

$$[(-10^{38}, -10^{-38}), (10^{-38}, 10^{38})]$$

pode com tanta frequência dar origem a problemas de *overflow* ou de *underflow*, quando raramente os resultados dos problemas excedem os limites desses intervalos. A resposta óbvia é a de que tais acidentes surgem habitualmente nos resultados de cálculos intermédios. Assim, a precisão do resultado de um cálculo numérico fica altamente dependente do caminho para a ele chegar, isto é, do algoritmo adoptado para o implementar, o que leva o analista numérico a ter que tomar precauções que são inteiramente desconhecidas para o matemático convencional (nas matemáticas convencionais, a única situação comparável que nos ocorre é a da soma de séries simplesmente convergentes, que depende da ordem das parcelas).

**Exemplo: 1.10 overflow e underflow**

No cálculo de

$$1 - \frac{1}{e^x + 1}$$

para  $x \geq 20.7$  (caso em que o valor da expressão seria 1 quando representado com a precisão da nossa máquina) teríamos *overflow*. A substituição do valor impossível pelo maior número representável na máquina daria o resultado final esperado, 1. Por outro lado, se utilizássemos a expressão matematicamente equivalente

$$\frac{1}{1 + e^{-x}}$$

teríamos *underflow* e a sua substituição por zero daria também como resultado final o 1 esperado.

**Exercício 1.6**

1. Quantos números diferentes podem ser representados em vírgula flutuante na **MAQUINA**?

2. Explique o sentido da expressão "nos computadores, o número 0 está relativamente isolado dos seus vizinhos".
    - a) Os seus vizinhos está-lo-ão igualmente entre si?
    - b) Que influência tem o comprimento da mantissa no fenómeno?
    - c) e o comprimento da característica?
  3. Em termos comparativos, que se passa com o maior número representável?
  4. Estabeleça as semelhanças e diferenças entre o uso da representação de números em vírgula flutuante e a representação logarítmica.
- 

### 1.2.5 Representação IEEE

A representação informática de números em vírgula flutuante foi normalizada pelo organismos IEEE e ISO, com a norma IEEE 754<sup>12</sup> [IEE19], definindo regras de representação e de cálculo. A definição inicial de 1985 já sofreu várias alterações, sendo a mais actual de 2019..

O essencial da norma diz que um número em vírgula flutuante  $\text{mantissa} \times 2^{\text{expoente}}$  deverá ser escrito na forma:

$$\pm 1.f \times 2^e$$

em que  $f$  é a parte fraccionária da mantissa, e sendo  $e$  obtido por

$$e = \text{expoente} + \text{viés}$$

O padrão define dois tipos:

**Número em precisão simples** Usa 32 bits repartidos da seguinte forma:

- bit 0, um bit de sinal;
- bit 1 a 8: oito bits de expoente (em excesso de 127);
- bit 9 a 31: vinte e três bits para a parte fraccionária da mantissa, normalizada de maneira à parte inteira ser unitária;

**Número em precisão dupla** Usa 64 bits repartidos da seguinte forma:

- bit 0, um bit de sinal;
- bit 1 a 11: onze bits de expoente (em excesso de 1023);
- bit 12 a 63: 52 bits para a parte fraccionária da mantissa, normalizada de maneira à parte inteira ser unitária;

Na apresentação que se segue discutiremos apenas os números em precisão simples. A discussão dos números em dupla precisão apenas necessita de ser ajustada ao seu maior tamanho.

O padrão prevê os seguintes valores especiais:

---

<sup>12</sup>Publicada originalmente pelo Institute of Electrical and Electronics Engineers. O seu texto pode ser lido aqui: <https://ieeexplore.ieee.org/document/8766229> existindo uma explicação adequada na Wikipedia em [https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=IEEE\\_754&oldid=917946439](https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=IEEE_754&oldid=917946439)

- $+0, -0$  fazendo  $e = 0$ , com o sinal adequado;
- $-\infty, +\infty$  fazendo  $e = 255$ , com o sinal adequado;
- **NaN** fazendo  $e = 255$  e  $f \neq 0$ ; *Not a Number* é o resultado, por exemplo, da avaliação de  $0/0$ .

Como o expoente  $e$  está limitado ao intervalo  $]0, 255[$ ,  
a potência do número  $p \in [-126, +127]$  pelo que o menor número positivo em precisão simples é

$$1.0000000000000000000000 \times 10_2^{-01111110} = 2_{10}^{-126} \approx 1.2 \times 10^{-38}$$

e o maior número positivo em precisão simples é

$$1.111111111111111111111111 \times 10_2^{+11111110} \\ = (2 - 2^{-23}) \times 2_{10}^{+127} \approx 3.4 \times 10^{+38}$$

## Precisão

Qual a precisão numérica desta representação? O bit menos significativo de  $\mathbf{f}$  tem peso  $2^{-23}$ , pelo que uma mudança nesse bit causa uma variação em  $\mathbf{f}$  igual a  $2^{-23}$ . Consideremos um intervalo  $[x_1, x_2]$ , definido por dois números representáveis exactamente em precisão simples IEEE e consecutivos, por exemplo:

$$\begin{aligned} x_1 &= 1.000000000000000000000000 \times 10_2^P \\ x_2 &= 1.000000000000000000000001 \times 10_2^P \end{aligned}$$

Como  $x_1$  e  $x_2$  são *números máquina*, representáveis exactamente na notação escolhida, e são consecutivos, não pode ser representado nenhum outro número entre eles. Qualquer quantidade entre  $x_1$  e  $x_2$ , ou é representada por  $x_1$  ou por  $x_2$  <sup>13</sup>. Qualquer que seja a escolha, o erro cometido não excederá  $2^{-23}$  no valor de  $f$  e  $2^{-23+p}$  no valor do próprio número.

Se  $x$  for o número máquina

$$x = m \times 2^p$$

então o número máquina imediatamente superior é

$$x = (m + 2^{-23}) \times 2^p$$

e o número máquina imediatamente inferior é

$$x = (m - 2^{-23}) \times 2^p$$

A diferença (espaçamento) entre os números é

$$x_+ - x = x - x_- = 2^{-23} \times 2^p = 2^{-23+p}$$

sendo o espaçamento relativo entre  $x_+$  e  $x_-$

$$(x_+ - x)/x \approx 2^{-23} \approx 1.2 \times 10^{-7}$$

O espaçamento relativo é uma constante, aproximadamente igual a  $2^{-23}$ , pelo que pode ser usado como uma medida da precisão de representação.

---

<sup>13</sup> consoante a técnica de arredondamento usada.

## Arredondamento

O *arredondamento* ocorre sempre que a quantidade a representar não seja um *número máquina*, não sendo representável exactamente, o que obriga a escolher um dos dois *números máquina* enquadrantes. O modo de arredondamento padrão é *arredondamento para o mais próximo*, com *arredondamento para par* (para o número que tem um 0 no seu algarismo menos significativo) em caso de indecisão. Esta técnica de arredondamento garante um erro máximo de meia unidade do algarismo menos significativo.

## Valores especiais

Os valores *infinito*, *NaN*, e *zero* tem representação e tratamento especiais:

**Infinito** é tratado como um número muito grande, sempre que tal fizer sentido; por exemplo, sendo  $x$  um número positivo em virgula flutuante:

$$\begin{array}{lll} +\infty + x & \rightarrow & +\infty \\ +\infty \times x & \rightarrow & +\infty \\ x / +\infty & \rightarrow & +0 \\ +\infty / x & \rightarrow & +\infty \end{array}$$

o mesmo se aplica ao caso de  $x$  negativo e de  $-\infty$ ;

**NaN** Este valor é usado no caso de operações de resultado indeterminado:

$$\begin{array}{lll} 0/0 & \rightarrow & \text{NaN} \\ (+\infty) - (+\infty) & \rightarrow & \text{NaN} \\ x + \text{NaN} & \rightarrow & \text{NaN} \end{array}$$

**zero** O padrão prevê duas formas de zero:

$+0$  que é o resultado da maioria das operações de que resulta zero;

$-0$  que é usado como indicador de um número negativo muito pequeno, inferior à precisão máquina.

## Excepções

O padrão define vários tipos de excepções detectáveis, de que importa destacar o *overflow*, o *underflow* e *inexact*, que ocorre quando um resultado deixou de ser exacto em consequência de arredondamentos.

**Exercício 1.7** Na definição do padrão IEEE diz-se que a normalização do número deve ser tal que satisfaça

$$\pm 1.f \times 2^e$$

enquanto que anteriormente tínhamos sugerido que deveria ser

$$\pm 0.f \times b^e$$

sendo neste caso o algarismo mais significativo de  $f$  diferente de zero. Porquê ?<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup>Pense na base!



## 1.3 Erros

A representação finita (aproximada) de números em um dispositivo computacional (calculador humano, máquina de calcular mecânica ou electrónica, computador digital) conduz inevitável e sistematicamente ao aparecimento de *erros de arredondamento*<sup>15</sup>, enquanto a representação finita de processos conduz ao aparecimento de *erros de truncatura*<sup>16</sup>; esta é a nomenclatura convencional, no entanto, dado que toda a representação de um número é um processo característico do cálculo numérico, e, portanto, enquanto processo finito é um processo de truncatura; assim, arredondamento e truncatura são, em termos práticos, essencialmente a mesma coisa.

O *erro absoluto* pode ser definido como a diferença entre o valor exacto de uma quantidade e o seu valor aproximado:

$$e(x) = x_{\text{exacto}} - x_{\text{aproximado}}$$

O *erro relativo* é a relação

$$r(x) = \frac{e(x)}{x_{\text{exacto}}}$$

Observe-se que, das duas equações, se pode deduzir

$$x_{\text{exacto}} = \frac{x_{\text{aproximado}}}{1 - r(x)}$$

expressão que, caso se conheça um majorante para o erro relativo e que este seja suficientemente pequeno, nos permite obter um intervalo enquadrante do valor exacto.<sup>17</sup>

## 1.4 Arredondamento e Truncatura

Quando se procede à *multiplicação* de dois números com três casas decimais, o produto tem seis casas decimais; se se quiser continuar a ter apenas as três casas decimais dos dados, é de boa prática proceder a um *arredondamento*, isto é, juntar 5 à primeira casa decimal a abandonar, antes de a abandonar; o resultado é que, se essa primeira casa a abandonar for 5 ou superior, teremos um aumento de uma unidade na última casa conservada (*arredondamento para cima*); se, porém, for inferior a 5, o valor da última casa conservada manter-se-á inalterado (*arredondamento para baixo*).

Deste modo, qualquer que seja o caso, o valor arredondado será mais próximo do valor exacto que o que obteríamos mediante uma simples truncatura, isto é, eliminando pura e simplesmente as casas decimais em excesso. Seja como for, cometeremos, em geral, pequenos erros: *erro de arredondamento* e *erro de truncatura*. A importância da pequena diferença entre os dois erros resulta da possibilidade de vir a acumular-se em operações sucessivas e de vir a ser amplificada pelo efeito de operações posteriores, como veremos.

### Exemplo: 1.11 Multiplicação

Multiplicando dois valores

<sup>15</sup>erro devido à aproximação computacional

<sup>16</sup>erro devido à aproximação matemática

<sup>17</sup>Note-se que a dificuldade em satisfazer essas duas exigências torna a expressão praticamente inútil!

**Exemplo: 1.11 Multiplicação (cont.)**

$$\begin{array}{r}
 0.236 \times 10^1 \\
 \times 0.127 \times 10^2 \\
 \hline
 1652 \\
 472 \\
 236 \\
 \hline
 0.029972 \times 10^3
 \end{array}$$

Normalizando e calculando o valor para arredondar

$$\begin{array}{r}
 0.29972 \times 10^2 \\
 + 0.0005 \times 10^2 \\
 \hline
 0.30022 \times 10^2
 \end{array}$$

Podemos verificar na tabela seguinte os valores obtidos por arredondamento e por truncatura e quais os erros cometidos.

×	arredondamento	truncatura
Valor	$0.300 \times 10^2$	$0.299 \times 10^2$
Erro absoluto	$-0.280 \times 10^{-1}$	$0.720 \times 10^{-1}$
Erro relativo	$0.934 \times 10^{-3}$	$0.240 \times 10^{-2}$

A mesma situação ocorre, naturalmente, na *divisão*. Note-se, de passagem, que as mesmas duas técnicas podem ser utilizadas na conversão de um dado (em geral sob forma decimal) na base própria da máquina.

Na própria *adição* podem ocorrer erros de arredondamento e de truncatura, mesmo quando as características dos números a adicionar são as mesmas, desde que possa haver transporte da casa mais significativa; no caso de os dois números serem de ordens de grandeza muito diferentes, a adição pode nem sequer ter qualquer efeito, no sentido de que o resultado será, pura e simplesmente, igual ao de maior valor absoluto.

**Exemplo: 1.12 Adição**

Somando dois valores

$$\begin{array}{r}
 0.742 \times 10^2 \\
 + 0.927 \times 10^2 \\
 \hline
 1.669 \times 10^2
 \end{array}$$

Normalizando e calculando o valor para arredondar

$$\begin{array}{r}
 0.1669 \times 10^3 \\
 + 0.0005 \times 10^3 \\
 \hline
 0.1674 \times 10^3
 \end{array}$$

Podemos verificar na tabela seguinte os valores obtidos por arredondamento e por truncatura e quais os erros cometidos.

+	arredondamento	truncatura
Valor	$0.167 \times 10^3$	$0.166 \times 10^3$
Erro absoluto	$0.100 \times 10^0$	$0.900 \times 10^0$
Erro relativo	$0.599 \times 10^{-5}$	$0.539 \times 10^{-4}$

No caso de dois números de grandeza diferente, as *mantissas* não podem adicionar-se directamente, pelo que se torna necessária uma operação prévia de *alinhamento* que consiste em reduzir os dois números ao mesmo expoente; após a realização da adição das *mantissas*, o resultado é arredondado, o que implica perda de precisão que pode ir ao ponto de a soma ser igual à maior das parcelas, o que, em si, não será extremamente grave, salvo no caso de adições encadeadas, como sucede na soma de séries.

#### Exemplo: 1.13 Soma com perda de parcela

Para efectuar a soma:

$$0.742 \times 10^2 + 0.927 \times 10^{-2}$$

é necessário efectuar primeiro o alinhamento de expoentes

$$\begin{array}{r} 0.742 \quad \times 10^2 \\ + 0.0000927 \times 10^2 \\ \hline 0.7420927 \times 10^2 \end{array}$$

O valor renormalizado é  $0.742 \times 10^2$

Porém, onde os erros deste tipo causam mais problemas é na *subtração* de números da mesma ordem de grandeza: em consequência da anulação dos primeiros dígitos da mantissa, esta é deslocada para a esquerda até ao primeiro dígito não nulo, o que pode trazer bem para a esquerda os erros de truncatura e/ou de arredondamento. A rigor, neste caso, não há que falar em erro de arredondamento nem de truncatura, mas sim em erro intrínseco da própria técnica operatória quando realizada sobre dados arredondados ou truncados.

#### Exemplo: 1.14 Subtração

$$\begin{array}{r} 0.314 \times 10^1 \\ - 0.313 \times 10^1 \\ \hline 0.001 \times 10^1 \end{array}$$

O valor renormalizado é  $0.100 \times 10^{-1}$

Erros absoluto e relativo da operação: 0

Poderia pensar-se que, tal como no caso da adição, este efeito não tenha importância excepcional; porém, salvo se os valores dos termos forem exactos (isto é, dados iniciais ou resultados parciais sem erro) os dois últimos zeros da mantissa são artificiais e nem sequer temos a certeza do 1 que os antecede; com efeito,

- se o aditivo exacto fosse  $0.3135 \times 10^1$  e o subtrativo exacto fosse  $0.3134 \times 10^1$ , o resultado correcto seria  $0.1 \times 10^{-2}$ , um décimo do valor calculado  $0.1 \times 10^{-1}$ ;
- se o aditivo exacto fosse  $0.3144 \times 10^1$  e o subtrativo exacto fosse  $0.3125 \times 10^1$ , o resultado correcto seria  $0.19 \times 10^{-1}$ , dezanove vezes o valor calculado.

### Exercício 1.8

1. calcule os erros relativos de um e outro resultados e compare-os com os dos termos da subtração;
2. repita o raciocínio para o caso de dois termos iguais, tais que o resultado calculado da subtração é nulo (este é o caso extremo que dá ao fenómeno o nome de cancelamento); imagine as consequências se este resultado entrasse em seguida como factor de uma multiplicação por um número grande o como divisor em uma divisão;

3. seria capaz de adaptar os exemplos à **MAKINA**?

Este fenómeno de *cancelamento* constitui a principal fonte do erro numérico em cálculo científico, não criando erros por si próprio, mas actuando como um amplificador de erros preexistentes. Na maior parte dos cálculos instáveis, criam-se erros numéricos significativos por acumulação de arredondamentos e esses erros são depois amplificados pelo cancelamento. Esta situação é de tal modo frequente e grave que Lieberstein [Lie68] se refere a ela como

a dificuldade patológica da análise numérica: enormes perdas de precisão resultantes da subtração de representações finitas de números grandes quando a sua diferença é pequena.

#### Exemplo: 1.15 I.N.Génio

Retomemos o caso do senhor I.N. Génio e calculêmo-lo usando uma folha de cálculo, com precisões sucessivamente crescentes. Os resultados obtidos foram os seguintes:

algarismos significativos	capital acumulado
3	-4,375E+21
4	2,8188E+20
5	-2,83618E+19
6	2,660808E+18
8	2,39020731E+16
10	6,3525795660E+14
12	-7,016551748043E+11
13	8,4946582952843E+11
14	7,39053273591465E+10
15	7,390532735914650E+10
16	7,3905327359146500E+10

Não se entusiasme com a aparente estabilização (numa considerável fortuna!). Acontece que a folha de cálculo utilizada (MS Excel) tem uma precisão máxima de 14 algarismos significativos! Se pretender explorar o exemplo, pode recorrer ao ficheiro Ingenuo.xls .

**Exercício 1.9** Calcule o problema do senhor I.N. Génio com precisões ainda maiores. Investigue se o valor tenderá realmente a estabilizar.  
(sugestão: utilize um manipulador numérico ou algébrico com precisão estipulável, como o **derive** ou o **Maxima**)

#### Exemplo: 1.16 Transformação de expressões

No cálculo de  $(x+1)^{1/2} - x^{1/2}$  não há problemas de maior quando  $x$  é pequeno, mas pode ocorrer importante perda de precisão quando  $x$  é grande. Neste caso, pode com vantagem proceder-se à

**Exemplo: 1.16 Transformação de expressões (cont.)**

transformação

$$\frac{[(x+1)^{1/2} - x^{1/2}].[(x+1)^{1/2} + x^{1/2}]}{(x+1)^{1/2} + x^{1/2}} = \frac{1}{(x+1)^{1/2} + x^{1/2}}$$

Podemos verificar os resultados executando a seguinte sequência de comandos no **maple**:

```
> Digits:=5;
                               Digits := 5
> f(x) := (x+1)^(1/2)-x^(1/2);
                               f(x) := √(x+1) - √x
> f1(x) := 1/((x+1)^(1/2)+x^(1/2));
                               f1(x) := 1 / (√(x+1) + √x)
```

Gráficos das duas funções

```
> plot(f(x), x= 0.. 10^3);
> plot(f1(x), x= 0.. 10^3);
```

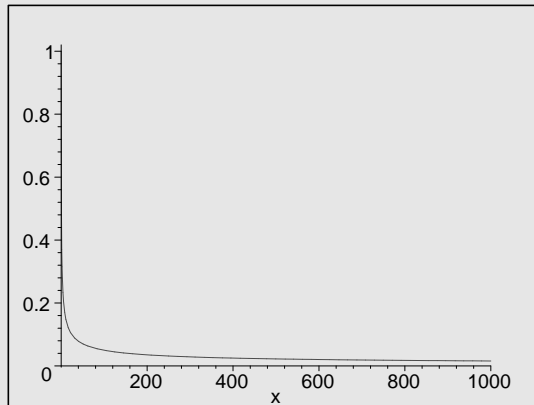
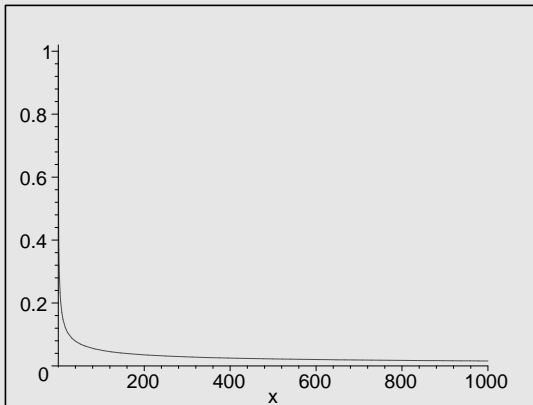
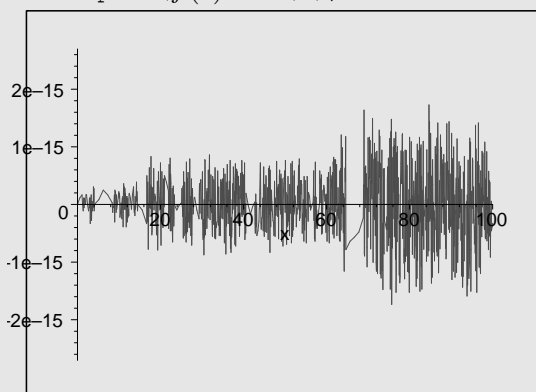


Gráfico da diferença das duas funções

```
> plot(f(x) - f1(x), x= 0.. 1.0E2);
```



Pode verificar estes resultados e estudar a sua variação com o número de dígitos de precisão e com o valor de  $x$  usando o ficheiro Perda de Precisão.mws .

Uma vez cometido um erro de arredondamento no resultado de uma operação, esse erro vai contaminar os dados das operações subsequentes segundo um mecanismo de *propagação do erro*, mecanismo que depende do encadeamento particular de operações em cada caso. Existem, naturalmente, numerosos artifícios para diminuir os efeitos perversos do erro de arredondamento. A dificuldade principal é, porém,

a de prever quando e onde é que o arredondamento vai criar problemas.

Um bom exemplo do tipo de artifício comparativamente elementar é o relativo à adição (em vírgula flutuante) de um número moderadamente elevado de números relativos: se nos limitarmos a adicioná-los sucessivamente, arriscamo-nos a acumular muitos arredondamentos. Uma maneira de o evitar consiste em separar os somandos em duas classes, a dos positivos e a dos negativos, ordenando cada uma do maior para o mais pequeno; começa-se então a adição pelo mais pequeno de uma das classes, juntando-lhe sucessivamente membros da outra classe até que o sinal do resultado mude; a cada mudança de sinal do resultado passa-se à outra classe para tomar o número seguinte (imediatamente superior); deste modo, a soma acumulada é mantida tão pequena quanto possível; quando, finalmente, uma das classes se esgota, os números da restante podem ser adicionados ao resultado parcial sem cuidados especiais. Obviamente, este método exige esforço importante na separação e ordenação dos somandos de modo que, sempre que uma máquina disponha de representação de números em dupla precisão, tende a preferir-se o uso desta.

Para a pessoa habituada a calcular à mão com 4 ou 5 casas decimais, um erro de arredondamento na 8ª casa decimal, ou mesmo mais além, pode parecer coisa trivial e inofensiva ou até mesmo excelente, mas o facto é que os enormes encadeamentos de cálculos característicos da computação digital automática podem acarretar acumulações substanciais desses erros. O facto de ser praticamente impossível prever os efeitos de erros de arredondamento e/ou truncatura ao fim de longas e complexas cadeias de cálculos faz com que os espíritos simplistas considerem o processo de acumulação de erros como aleatório, argumentando que a lei dos grandes números torna aproximadamente iguais os casos de erros positivos e negativos, que assim tenderiam a compensar-se. A aparência altamente científica deste argumento não chega para esconder os factos de:

1. a experiência revelar que a existência de correlações (isto é, de dependências) internas entre os sucessivos resultados parciais de um cálculo científico complexo é muito mais comum que o que correntemente se pensa; tais correlações fazem com grande frequência que os erros ocorram predominantemente em um de dois sentidos, o que leva a uma efectiva acumulação;
2. aquilo que, no fundo, está em questão não é a probabilidade de um erro grande (que pode ser, efectivamente, pequena) mas a esperança matemática do custo que lhe está associado (isto é, a soma dos produtos das probabilidades de cada erro pelos respectivos custos), que pode ser insuportável.

Nestas condições, todo o cuidado é pouco nesta matéria e as belas folhas de números impressos pelo computador só são razoavelmente fiáveis quando forem tomadas todas as precauções possíveis. É este facto que nos leva, na perspectiva da computação automática, a consagrar tanto espaço de um curso de análise numérica ao problema dos erros.

#### Exemplo: 1.17 Expressões factorizadas e expandidas

Consideremos a expressão

$$\begin{aligned}(5x - 14)^2(x^2 + 3) &= \\ &= 25x^4 - 140x^3 + 271x^2 - 420x + 588 \\ &= 25x^4 + 271x^2 + 588 - 140x^3 - 420x\end{aligned}$$

e vejamos como o **maple** calcula estas diferentes expressões alternativas com 11 algarismos significativos nas vizinhanças da única raiz positiva,  $x = 2.8$ .

```
> Digits:=11;
```

```
Digits := 11
```

```
> par:= (x,y)->[x,y];
```

```
par := (x, y) → [x, y]
```

Construção das expressões:

**Exemplo: 1.17** Expressões factorizadas e expandidas (cont.)

```

> ff:= x->(5.0*x-14.0)^2*(x^2+3.0);
> fexp:= expand(ff(x));
> fd1 := x->25.0*x^4+271.0*x^2+588.0-140.0*x^3-420.0*x;

```

$$ff := x \rightarrow (5.0x - 14.0)^2 (x^2 + 3.0)$$

$$fexp := 25.00x^4 + 271.000x^2 - 140.00x^3 - 420.000x + 588.000$$

$$fd1 := x \rightarrow 25.0x^4 + 271.0x^2 + 588.0 - 140.0x^3 - 420.0x$$
**Construção das listas de amostragem em x**

```

> lx:= [seq(0.000001*i,i=2799900.. 2800100)];
> lff:= [seq(ff(x), x= lx)];
> lfd1:= [seq(fd1(x), x= lx)];
> lxff:= zip(par,lx,lff);
> lxfd1:= zip(par,lx,lfd1);

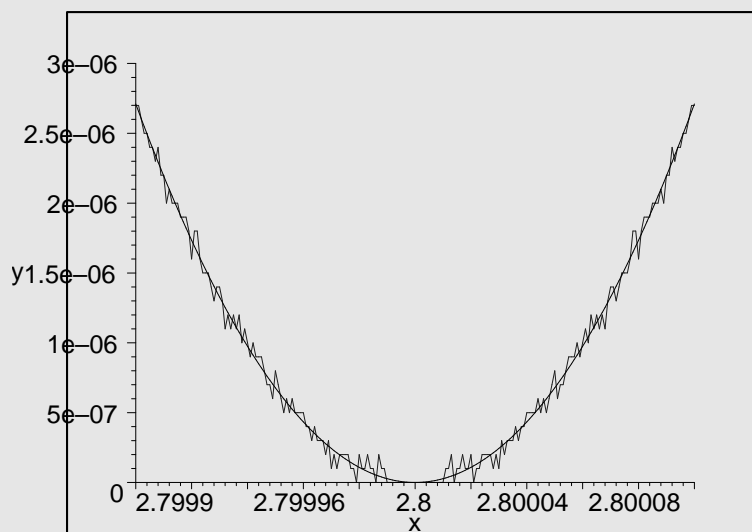
```

**Gráfico da forma factorizada fct(x) e da primeira forma expandida fd1(x)**

```

> plot([lxff ,lxfd1], x=2.7999 ..
> 2.8001,y=0 ..3e-6, symbolsize= 4,
> style = line, adaptive=false, color=[black,blue]);

```



(veja o ficheiro Ordem-parcelas.mws )

**Exercício 1.10**

## 1. Discuta

- os méritos relativos de dispor de subrotinas de biblioteca para calcular  $\arctan(x)$  e  $\arcsin(x)$  por desenvolvimento em série de Taylor;
- proponha um critério de truncatura para esses desenvolvimentos;
- discuta os méritos relativos do cálculo das restantes funções trigonométricas inversas a partir de uma destas por meio de fórmulas adequadas.

## 2. Tendo em consideração o carácter discreto do conjunto dos números representáveis em vírgula

flutuante, discuta os problemas relativos ao cálculo de  $\sin(x)$  por desenvolvimento em série de Taylor.

### 1.4.1 Diferentes maneiras de calcular uma expressão

Dada uma expressão analítica  $f(x)$  de uma função, pode considerar-se que ela especifica um algoritmo de cálculo dos valores da variável dependente para cada valor da variável independente,  $x$ ; usa-se então o termo *condição* (cf. [DB74]) para descrever a sensibilidade do valor calculado de  $f(x)$  a variações do argumento,  $x$ . A condição pode, portanto, ser medida pela variação (relativa) máxima de  $f(x)$  em termos da correspondente variação (relativa) de  $x$ , isto é, por

$$\text{cond}[f(x)] = \max_{x^*} \frac{\left| \frac{f(x) - f(x^*)}{f(x)} \right|}{\left| \frac{x - x^*}{x} \right|}$$

em que  $x^*$  é a representação aproximada de  $x$ ; se  $f(x)$  puder ser desenvolvida aproximadamente na forma

$$f(x) - f(x^*) \cong f'(x) \cdot (x - x^*)$$

para pequenos valores de  $|x - x^*|$  pode dar-se a esta expressão a forma mais simples:

$$\text{cond}[f(x)] \cong \left| \frac{x \cdot f'(x)}{f(x)} \right|$$

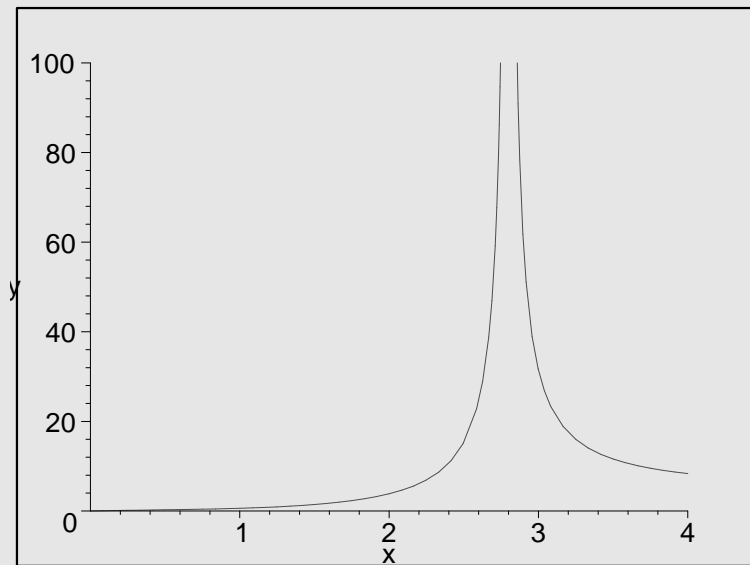
No entanto, esta forma aproximada deve ser usada com grande cuidado porque, como se afirmou atrás, o modo e a ordem por que se realizam as diferentes operações em uma expressão não é de modo nenhum indiferente do ponto de vista do erro cometido e esta expressão aproximada não toma esse facto em consideração. Por outro lado, é muito pouco interessante o facto de, nesta aproximação, a condição se tornar infinita nas vizinhanças de uma raiz da expressão.

#### Exemplo: 1.18 Cálculo da condição

Retomemos o caso do polinómio do 4º grau do exemplo anterior e calculemos a sua condição, usando para isso o **maple**.

```
> ff(x) := (5*x-14)^2*(x^2+3);
      ff(x) := (5x - 14)^2 (x^2 + 3)
> condff(x) := abs((x*diff(ff(x), x))/ff(x));
      condff(x) := |x(10(5x - 14)(x^2 + 3) + 2(5x - 14)^2 x)|
                  |(5x - 14)^2 (x^2 + 3)|
> plot(condff(x), x=0 .. 4, y=0 .. 100);
```



**Exemplo: 1.18 Cálculo da condição (cont.)**

No gráfico da condição da forma factorizada do polinómio do exemplo anterior. Observemos o crescimento desmesurado da condição a partir de  $x = 2.5$ , precisamente a zona da raiz onde atrás observámos os estranhos fenómenos de perda de precisão. Verificaremos também sem dificuldade que a condição das três expressões diferentes da mesma função é a mesma, como seria de esperar. (veja o ficheiro Condição.mws )

Analiseemos agora alguns casos exemplares desta situação: mesmo nos casos mais simples podem ocorrer situações de perda significativa de precisão, nomeadamente em casos relacionados com o já mencionado comportamento peculiar da subtracção. Embora pareça haver uma grande variedade de artifícios para tratar este tipo de problema, o leitor não terá, mediante um pouco de reflexão, grande dificuldade em identificar a maioria como variações do tipo geral de artifício necessário para calcular derivadas a partir da definição. Para evitar os percalços ligados a este tipo de situações, torna-se necessário apenas o uso da imaginação e o cuidado de procurar prever o que pode vir a suceder, antes de passar à fase de programação; a regra fundamental é a de, sempre que possível, evitar subtracções, mesmo que apareçam sob a forma de somas de termos de sinais diferentes. Os exemplos juntos são apenas de alguns dos métodos que o leitor deve já ter encontrado em álgebra e em análise matemática.

**Exemplo: 1.19 Expressões alternativas**

No cálculo de

$$\frac{\sin(x + \delta x) - \sin(x)}{\delta x}$$

para pequenos valores de  $x$ , há toda a vantagem em utilizar a expressão alternativa

$$\cos\left(x + \frac{\delta x}{2}\right) \cdot \frac{\sin\left(\frac{\delta x}{2}\right)}{\frac{\delta x}{2}}$$

Do mesmo modo,

$$1 - \cos(\delta x) = \frac{\sin^2(\delta x)}{1 + \cos(\delta x)} = 2 \cdot \sin^2\left(\frac{\delta x}{2}\right)$$

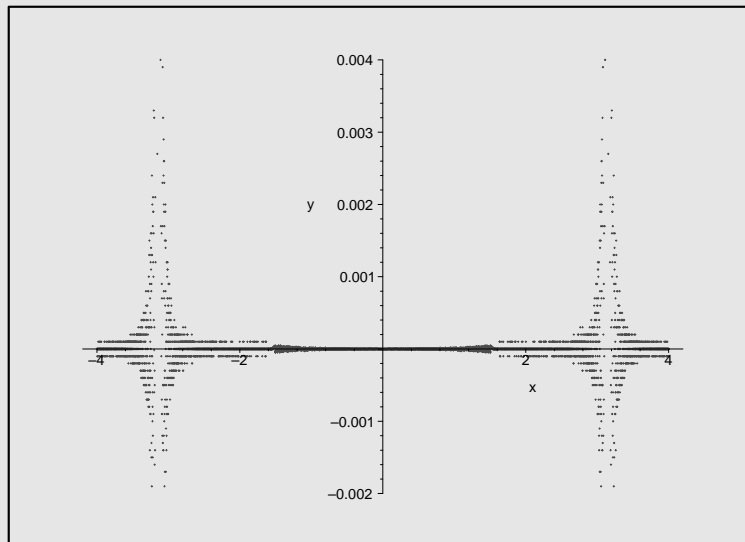
No entanto, é necessário o máximo cuidado: uma boa aproximação para pequenos valores de  $x$  pode ser desastrosa para valores altos, como mostra o gráfico, construído em **maple**:

**Exemplo: 1.19 Expressões alternativas (cont.)**

```

> Digits:= 5;
> s:= seq(0.001*i,i=-4000.. 4000);
> p:= [seq([dx, 1-cos(dx)-((sin(dx)^2)/(1+cos(dx)))], dx=[s])];
> plot(p,x=-4.2 .. 4.2,y=-0.002 .. 0.004,
> symbolsize= 5, style = point,
> adaptive=false);

```



Porém, nem sempre simples rearranjos das expressões bastam para produzir novas expressões satisfatórias para o uso em cálculo numérico: por vezes é necessário recorrer a conhecimentos mais avançados das matemáticas, nomeadamente ao uso de desenvolvimento de funções em séries (de potências ou de outras funções simples). Neste caso, um critério simplista seria o de calcular e somar todos os termos (necessariamente decrescentes em valor absoluto a partir de certa ordem) que o cálculo numérico não apresente como nulos dentro da precisão utilizada; notar-se-á, porém, que

- no caso das séries de termos de sinais alternados, esse critério parece ter, para além da simplicidade, a vantagem de fixar o valor absoluto máximo do erro no limite da precisão da máquina; no caso das séries de termos de sinal constante, tal não se verifica, visto que o erro - correspondente, ele próprio, a uma série de termos de sinal constante - será em geral muito superior ao valor absoluto do primeiro valor abandonado;
- mesmo no caso mais favorável das séries de termos de sinais alternados, esse critério não só não dá garantias efectivas quanto ao erro como corresponde, em geral, a um esforço de cálculo inutilmente longo, na medida em que já se terá, de há muito, ultrapassado o limite em que as novas contribuições fazem crescer a soma;

Assim, um critério mais eficiente será o de abandonar o cálculo quando, persistentemente, a soma deixar de crescer, mesmo que as parcelas não sejam ainda nulas, o que corresponde ao limite efectivo do cálculo dentro da precisão da máquina, sob a condição de o ordenamento das parcelas ter sido adequado.

**Exemplo: 1.20 Desenvolvimento em série de Taylor**

Seja o desenvolvimento em série de Taylor da exponencial negativa  $e^{-x}$  até ao 5º grau, e o correspondente erro:

```

> taylor( exp(-x), x=0, 6 );

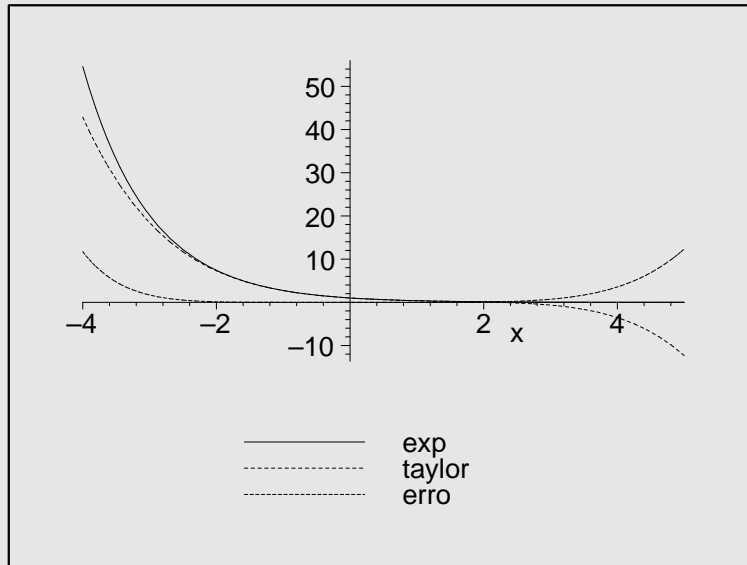
```

**Exemplo: 1.20** Desenvolvimento em série de Taylor (cont.)
$$1 - x + \frac{1}{2}x^2 - \frac{1}{6}x^3 + \frac{1}{24}x^4 - \frac{1}{120}x^5 + O(x^6)$$

```

> te(x) := convert(% ,polynom);
te(x) := 1 - x + 1/2 x^2 - 1/6 x^3 + 1/24 x^4 - 1/120 x^5
> plot( [exp(-x), te(x), exp(-x)-te(x)], x=
> -4 .. 5, linestyle= [1,2,3], legend=["exp", "taylor",
> "erro"]);

```



**Exercício 1.11** Determine o número de termos do desenvolvimento em série de Taylor da exponencial negativa que devem ser usados para calcular  $e^{-1}$  na nossa máquina hipotética.

O termo geral do desenvolvimento é da forma

$$\frac{(-1)^k \cdot x^k}{k!}$$

**Exemplo: 1.21** Exponencial e Série de Taylor

O cálculo de  $e^{a \cdot x} - 1$  para valores relativamente grandes de  $|a \cdot x|$  pode, sem grandes problemas, ser abordado pelo cálculo da exponencial pelo método anterior. Porém, para o caso de  $|a \cdot x|$  ser pequeno, em que a exponencial se torna próxima da unidade, o erro originado pela subtração pode tornar-se intolerável; neste caso, é preferível recorrer directamente ao desenvolvimento em série de Taylor da expressão toda

$$e^{a \cdot x} - 1 = a \cdot x + \frac{(a \cdot x)^2}{2!} + \frac{(a \cdot x)^3}{3!} + \dots$$

**Exercício 1.12** Proponha métodos de cálculo ( $x$  qualquer,  $h$  pequeno) para as funções:

$$\begin{aligned} f(x) &= \frac{1}{x+1} - \frac{1}{x} \\ f(x) &= \cos(x+h) - \cos(x) \\ f(x) &= (x+1)^{1/3} - x^{1/3} \\ f(x) &= \frac{1 - \cos(h)}{h^2} \\ f(x) &= \ln \frac{1-x}{1+x} \end{aligned}$$

**Exercício 1.13** Discuta os méritos do cálculo de um polinómio

$$p_n(x) = a_n \cdot x^n + a_{n-1} \cdot x^{n-1} + \dots + a_1 \cdot x + a_0$$

na forma:

$$p_n(x) = (\dots (a_n \cdot x + a_{n-1}) \cdot x + \dots + a_1) \cdot x + a_0$$

## 1.4.2 Os erros nos dados

Uma outra fonte de erro, em que raramente se pensa, mas que tem consequências muitas vezes surpreendentes é a que resulta de os coeficientes das expressões com que se trabalha em Engenharia provirem, directa ou indirectamente, de medidas cuja precisão é finita e, frequentemente, pequena. Esses erros, mesmo minúsculos, podem afectar decisivamente os resultados de um cálculo efectuado sobre os valores correspondentes.

### Exemplo: 1.22 Erros nos dados

Seja a equação

$$a \cdot x^2 + b \cdot x + c = 0$$

cujos coeficientes  $a$ ,  $b$ ,  $c$  são determinados experimentalmente e têm os seguintes valores

$$a = 1.50 \pm 0.01 \quad b = -3.45 \pm 0.01 \quad c = 1.98 \pm 0.01$$

Se tomarmos apenas os valores centrais do intervalo temos a equação

$$1.50x^2 - 3.45x + 1.98 \quad \text{cujas raízes são} \quad \begin{aligned} x_1 &= 1.10 \\ x_2 &= 1.20 \end{aligned}$$

**Exemplo: 1.22 Erros nos dados (cont.)**

Se, porém, tivermos em conta as variações possíveis dos coeficientes, podemos, para os respectivos valores extremos formar as equações

$1.51x^2 - 3.46x + 1.99$	cuja raiz é	$x_1 = -1.15 - 0.07i$ $x_2 = -1.15 + 0.07i$
$1.51x^2 - 3.46x + 1.97$	cuja raiz é	$x_1 = -1.24$ $x_2 = -1.06$
$1.51x^2 - 3.44x + 1.99$	cuja raiz é	$x_1 = -1.14 - 0.14i$ $x_2 = -1.14 + 0.14i$
$1.51x^2 - 3.44x + 1.97$	cuja raiz é	$x_1 = -1.14 - 0.08i$ $x_2 = -1.14 + 0.08i$
$1.49x^2 - 3.46x + 1.99$	cuja raiz é	$x_1 = -1.28$ $x_2 = -1.05$
$1.49x^2 - 3.46x + 1.97$	cuja raiz é	$x_1 = -1.32$ $x_2 = -1.00$
$1.49x^2 - 3.44x + 1.99$	cuja raiz é	$x_1 = -1.15 - 0.05i$ $x_2 = -1.15 + 0.05i$
$1.49x^2 - 3.44x + 1.97$	cuja raiz é	$x_1 = -1.26$ $x_2 = -1.05$

o que significa que não só há fortes variações quantitativas nos valores das raízes como há, também, variações qualitativas, visto que existe uma zona de raízes complexas (que, num contexto físico, representam impossibilidades) e uma outra de raízes negativas (que, em certos contextos físicos, podem representar um tipo diferente de situação). Pode mesmo verificar-se que, dentro da zona da indeterminação dos coeficientes, existe uma zona em que as raízes são iguais: trata-se do caso  $b = \pm 2 \cdot (a \cdot c)^{1/2}$ , isto é,

$$a \cdot x^2 + 2 \cdot (a \cdot c)^{1/2} \cdot x + c = 0 \quad \text{cuja raiz é} \quad x_1 = x_2 = -\left(\frac{c}{a}\right)^{1/2}$$

$$a \cdot x^2 - 2 \cdot (a \cdot c)^{1/2} \cdot x + c = 0 \quad \text{cuja raiz é} \quad x_1 = x_2 = \left(\frac{c}{a}\right)^{1/2}$$

Nestas condições, o próprio sentido que possa ter a intenção de obter resultados precisos, mediante cálculo numérico, toma contornos muito nebulosos. Com efeito, sucede frequentemente – como no caso do exemplo acima, que os resultados calculados para diferentes valores dos parâmetros dentro dos respectivos intervalos de variação provável sejam qualitativamente diferentes; neste tipo de situação, a interpretação dos resultados torna-se altamente problemática e só um perfeito domínio do contexto concreto do problema pode permitir avançar neste terreno com um mínimo de segurança. Posto nestes termos, o problema é de natureza semântica e não puramente matemática, circunstância que raramente é apreciada em todo o seu valor e generalidade.

Observe-se, neste contexto, que instabilidades na resolução de equações, provenientes de variações dos seus parâmetros (coeficientes, expoentes, etc.), resultam não só de situações de incerteza externa mas também de efeitos internos da máquina, como os provindos da conversão de dados decimais em forma binária, o que, só por si, pode acarretar erros.

**Exemplo: 1.23 A base e a exactidão da representação**

Pense o leitor na conversão do número decimal (suposto exacto) 0.1 em forma binária, octal ou hexadecimal e na sua possível representação em vírgula flutuante, continuando a usar a nossa **MAKINA**.

0.1	convertido em	reconvertido para decimal	diferença
Decimal	$0.100 \times 10^0_{(10)} = 0.1_{10}$	$0.100 \times 10^0_{(10)}$	$0.000 \times 10^0_{(10)}$
Binário	$0.110 \times 10^{-11}_{(2)} \approx 0.1_{10}$	$0.938 \times 10^{-1}_{(10)}$	$0.600 \times 10^{-2}_{(10)}$
Octal	$0.631 \times 10^{-1}_{(8)} \approx 0.1_{10}$	$0.998 \times 10^{-1}_{(10)}$	$0.000 \times 10^0_{(10)}$
Hexadecimal	$0.199 \times 10^0_{(16)} \approx 0.1_{10}$	$0.998 \times 10^{-1}_{(10)}$	$0.000 \times 10^0_{(10)}$

Surpreendido ?

Experimente outras conversões em <https://www.exploringbinary.com/base-converter/>

**Exercício 1.14**

1. Tendo em consideração o exemplo anterior, calcule com a precisão da nossa **MAKINA**, as raízes das equações:

$$x^2 - 100x - 4 = 0$$

$$x^2 - 60x + 2 = 0$$

2. Tendo em consideração o exemplo e os exercícios anteriores, discuta a resolução da equação quadrática geral  $ax^2 + bx + c = 0$  dos pontos de vista da precisão dos resultados e da economia de cálculo.

---

**Exercício 1.15** Em que outras bases tem  $0.1_{(10)}$  representação exata ?

---

### 1.4.3 Cálculo dos erros

Na impossibilidade de evitar por completo os erros do cálculo numérico, como minimizá-los? Todos os exemplos anteriores mostram a que ponto o resultado de um cálculo pode desviar-se do valor exacto devido aos erros de arredondamento. O uso de máquinas de elevada precisão e o respeito de certas regras básicas da programação numérica limitam as consequências de certos problemas mas não as eliminam totalmente.

Na impossibilidade de eliminar por completo os erros, como estimá-los? Em primeiro lugar note-se que, se fosse possível estimar com razoável precisão o erro de um cálculo, seria, por definição, possível corrigi-lo. Assim sendo, apenas duas vias estão abertas:

A primeira é de carácter determinístico, dá um resultado certo: trata-se da chamada *aritmética intervalar*, baseada em uma ideia original de R. E. Moore [Moo66] e especialmente desenvolvida nos anos 80 por investigadores da IBM. O seu princípio é relativamente simples: suponhamos que pretendemos adicionar dois números máquina,  $X$  e  $Y$  (usamos maiúsculas para representar os números máquina e minúsculas para os números "reais"). O resultado dessa soma é, ou número máquina igual ou imediatamente inferior ao valor  $z$  da soma real [ $Z_1 = \nabla(z)$ ], ou o número máquina igual ou imediatamente superior a  $z$  [ $Z_2 = \triangle(z)$ ]; assim, em vez de representar o número  $z$  por  $Z_1$  ou  $Z_2$ , passaremos a representá-lo pelo intervalo  $(Z_1, Z_2)$ ; procedendo sistematicamente deste modo, obteremos, no final, um intervalo exacto no qual o valor real se encontra necessariamente contido. A Universidade de Karlsruhe desenvolveu, a partir de 1986, software eficiente deste tipo; infelizmente, na grande maioria dos casos, os intervalos finais calculados são horrendamente pessimistas.

#### Exemplo: 1.24 Análise de erros

- Se somarmos ou subtrairmos duas quantidades  $x_1, x_2$  afectadas de erros  $\delta x_1$  e  $\delta x_2$ , o resultado aproximado será

$$y = x_1 \pm x_2$$

enquanto o resultado exacto será

$$y + \delta y = x_1 + \delta x_1 \pm (x_2 \pm \delta x_2)$$

de modo que o erro cometido em consequência da aproximação vale

$$\delta y = \delta x_1 \pm \delta x_2$$

Dado, porém, que não podemos conhecer o sinal dos erros, escreveremos apenas

$$|\delta y| \leq |\delta x_1| + |\delta x_2|$$

o que nos permite enunciar a regra de que o módulo do erro absoluto de uma soma (ou diferença) é majorado pela soma dos módulos dos erros absolutos dos operandos.

- Para a multiplicação, o resultado aproximado é

$$y = x_1 \cdot x_2$$

e o exacto é

$$y + \delta y = (x_1 + \delta x_1) \cdot (x_2 + \delta x_2)$$

, de modo que o erro absoluto vale

$$\delta y = x_1 \cdot \delta x_2 + x_2 \cdot \delta x_1 + \delta x_1 \cdot \delta x_2$$

**Exemplo: 1.24 Análise de erros (cont.)**

e o erro relativo

$$\Delta y \equiv \frac{\delta y}{y} = \frac{x_1 \cdot \delta x_2 + x_2 \cdot \delta x_1 + \delta x_1 \cdot \delta x_2}{x_1 \cdot x_2} = \Delta x_1 + \Delta x_2 + \Delta x_1 \cdot \Delta x_2$$

ou, supondo que os erros relativos dos operandos são significativamente menores que a unidade,

$$\Delta y \cong \Delta x_1 + \Delta x_2$$

- Para a divisão, o quociente aproximado é

$$y = \frac{x_1}{x_2}$$

e o quociente exacto

$$y + \delta y = \frac{x_1 + \delta x_1}{x_2 + \delta x_2} = \frac{(x_1 + \delta x_1) \cdot (x_2 - \delta x_2)}{x_2^2 - \delta x_2^2} \cong y + \frac{\delta x_1}{x_2} - y \cdot \Delta x_2$$

e o erro relativo

$$\Delta y \cong \Delta x_1 - \Delta x_2$$

Conforme vimos pelo exemplo poderemos estabelecer as seguintes regras e observações:

1. O módulo do erro absoluto de uma soma (ou diferença) é majorado pela soma dos módulos dos erros absolutos dos operandos
2. A semelhança das expressões dos erros relativos do produto e do quociente e o facto de não conhecermos o sinal dos erros permite escrever uma expressão única para os dois casos: de onde a regra de que o módulo do erro relativo de um produto (ou quociente) é majorado pela soma dos módulos dos erros relativos dos operandos.
3. Embora estas regras não sejam particularmente difíceis de usar, a sua aplicação a cada passo de um cálculo complexo, como na aritmética intervalar, torná-lo-ia extremamente penoso. Por isso, muitos analistas numéricos estão interessados em simplificar estas regras, mesmo que à custa de alguma precisão. As regras aproximadas servirão para determinar, aproximadamente, o número de algarismos a reter num resultado, com base no número de algarismos exactos dos operandos; tais algarismos a reter chamam-se *algarismos significativos*. A validade da análise dos algarismos significativos depende, naturalmente, da base de numeração usada, porque desprezar um algarismo em uma base pode corresponder a desprezar dois ou mais em uma base menor; além disso, dois números que, em dada base, têm o mesmo número de algarismos significativos podem, em outra base, ter um número diferente. Assim, devido à possível perda de significado em consequência de a base de numeração eventualmente usada no cálculo não coincidir com aquela em que se apresentam os resultados (como sucede no cálculo electrónico), é de boa prática reter pelo menos um algarismo incerto, que se chama *dígito de guarda*, desprezando-o apenas no resultado final.
4. Da regra anterior relativa ao erro absoluto da soma e da diferença, resulta que esse erro é dominado pelo maior erro dos operandos; na pior das hipóteses, os dois operandos terão erros da mesma ordem, de modo que o erro do resultado será majorado pelo dobro do maior dos erros dos operandos. Por outro lado, poderemos normalmente admitir que o erro na representação de um número não será superior a meia unidade da última casa significativa, de modo que o operando dominante será aquele que tiver menor número de algarismos significativos à direita da vírgula. A regra para a determinação do número de algarismos significativos de uma soma ou diferença será, portanto,



a seguinte: o número de algarismos a reter na parte fraccionária do resultado de uma adição (ou subtração) não será maior que o número de algarismos da parte fraccionária do operando que a tiver menos extensa.

5. De modo semelhante, deduzimos da regra anterior relativa os erros relativos do produto e do quociente que o erro relativo é dominado pelo do operando que tiver maior erro relativo. Para obter uma aproximação em termos de algarismos significativos, utilizamos a representação em vírgula flutuante:  $x = m \cdot r^p$ , em que a mantissa  $m$  não tem zeros imediatamente à direita da vírgula e  $r$  é a base de numeração usada; então

$$r^{-1} \leq |m| \leq 1$$

Por outro lado, se  $x$  tiver  $q$  algarismos significativos, então a sua mantissa,  $m$ , terá esse mesmo número de algarismos; logo, a grandeza do erro absoluto de  $m$  não será maior que  $r^{-q}/2$  de modo que

$$\delta x \leq \frac{1}{2} \cdot r^{p-q}$$

Dado que  $|m| \geq r^{-1}$ , resulta  $|x| \geq r^{p-1}$ , logo

$$|\Delta x| = \left| \frac{\delta x}{x} \right| \leq \frac{1}{2} \cdot r^{1-q}$$

Deste modo, a grandeza do erro relativo de um operando depende apenas do número de algarismos significativos desse operando, donde resulta a regra: o número de algarismos significativos de um produto (ou quociente) é majorado pelo número de algarismos significativos do operando que os tiver em menor número.

6. Esta análise de algarismos significativos é tipicamente útil para o cálculo manual, mas pode utilizar-se em cálculo automático; porém, para este fim, as linguagens convencionais não são convenientes, tornando-se necessário o recurso a linguagens de processamento de listas.

Uma outra via, dita *método de perturbação*, é de carácter probabilístico e começou a ser explorada em meados dos anos 70 na Universidade Pierre et Marie Curie de Paris. O seu princípio é também simples e engenhoso: a melhor maneira de testar o efeito, sobre o resultado final, das perdas de informação por arredondamento consiste em simulá-la, perturbando cada cálculo elementar por vários erros aleatórios da ordem de grandeza dos arredondamentos e estudando estatisticamente os resultados. O Instituto Francês do Petróleo desenvolveu, a partir de 1987, um package deste tipo; infelizmente, o cálculo torna-se excessivamente lento para todas as aplicações práticas excepto as de maior responsabilidade.

### Exercício 1.16

1. Calcule  $\sin(x)$  para  $x = 2$  rad por meio de um desenvolvimento em série de Taylor. Calcule cada termo da série com sete algarismos significativos. Some os termos e compare o resultado com o valor correcto a nove decimais: 0.909297427. Comente.
2. Calcule  $\cos(x) - \cos(0.1)$  a sete algarismos significativos para  $x = 0$ ,  $x = 0.05$ ,  $x = 0.095$  e  $x = 0.995$ ,
  - a) usando uma tábua ou uma máquina de calcular
  - b) usando a identidade

$$\cos(x) - \cos(y) = 2 \cdot \sin\left(\frac{y+x}{2}\right) \cdot \sin\left(\frac{y-x}{2}\right)$$

compare os resultados e comente.

3. Na programação de computadores é frequente a utilização de constantes numéricas para tornar a computação mais eficiente. Por exemplo, usando
- 

## 1.5 Conclusão

O objectivo do presente capítulo foi, essencialmente, o de chamar a atenção do estudante para o facto de não poder nunca confiar-se cegamente nos resultados fornecidos por um computador e para o facto de os problemas de precisão do cálculo numérico automático serem ainda matéria de investigação científica e tecnológica. Os factos centrais a destacar são:

- o de uma longa sucessão de cálculos poder conduzir a um resultado grosseiramente errado;
- o de as consequências deste primeiro facto poderem ser extremamente graves: os cálculos em vírgula flutuante são utilizados para projectar edifícios, pontes, barragens, automóveis e aviões.

Vimos também, por outro lado, que, antes de pôr em exploração uma nova aplicação, é possível e desejável, embora caro e trabalhoso, testá-la do ponto de vista da precisão.

O grande matemático A. Householder dizia que tinha medo de andar de avião porque sabia que tinha sido projectado usando aritmética de vírgula flutuante; trata-se de um comentário extremamente sério não só a um estado de coisas ainda insatisfatório mas, sobretudo, às práticas descuidadas e irresponsáveis que, infelizmente, são correntes.

[Ham71]

## 2 Zeros reais de uma função real

### Set the Controls for the Heart of the Sun

[Hook]  
Set the controls for the heart of the  
sun  
[Verse 3]  
Witness the man who raves at the  
wall  
Making the shape of his question to  
Heaven  
Whether the sun will fall in the  
evening  
Will he remember the lesson of  
giving?

**Set The Controls For The Heart Of The Sun** é  
uma canção do grupo inglês *Pink Floyd*, integrada  
no álbum *A Sourceful of Secrets*.

(Pink Floyd)

### Contents

<b>Set the Controls for the Heart of the Sun</b> . . . . .	<b>41</b>
<b>2.1 Isolamento das raízes</b> . . . . .	<b>45</b>
<b>2.2 Método da Bissecção</b> . . . . .	<b>51</b>
<b>2.3 Método da Corda</b> . . . . .	<b>55</b>
<b>2.4 Método da tangente</b> . . . . .	<b>58</b>
<b>2.5 Método de iteração de Picard-Peano</b> . . . . .	<b>61</b>
<b>2.6 Resolução Iterativa de Sistemas de Equações</b> . . . . .	<b>65</b>
<b>2.7 Exemplos de Codificação</b> . . . . .	<b>73</b>
2.7.1 Resolução de equações não lineares por Métodos Intervalares . . . . .	73
2.7.2 Resolução de equações não lineares por Métodos não Intervalares . . . . .	80
2.7.3 Resolução de sistemas de equações não lineares . . . . .	86

### Figures

2.1 Isolamento de raízes . . . . .	46
2.2 Isolamento de raízes II . . . . .	47
2.3 Isolamento de raízes III . . . . .	48
2.4 Interpretação geométrica do método da corda . . . . .	56

2.5	Aplicação do método da corda . . . . .	57
2.6	Convergência do método da corda . . . . .	57
2.7	Método da tangente . . . . .	59
2.8	Não convergência no método da tangente . . . . .	60
2.9	Método de Picard-Peano em escada . . . . .	62
2.10	Método de Picard-Peano em teia de aranha . . . . .	63
2.11	Método de Picard-Peano em escada divergente . . . . .	63
2.12	Método de Picard-Peano em teia de aranha divergente . . . . .	64

## Tables

2.1	Isolamento de raízes . . . . .	50
2.2	Exemplo de bissecção sucessiva . . . . .	51
2.3	Aplicação do método da corda . . . . .	56
2.4	Aplicação do método da tangente . . . . .	59
2.5	Aplicação do método da tangente, com ponto inicial diferente. . . . .	60

O problema de achar as raízes reais de uma dada função real contínua é um dos mais frequentes problemas de cálculo numérico em Engenharia.

### Exemplo: 2.1 Raízes

Para a equação

$$x^2 + 80x + 1 = 0$$

as raízes são, com 5 algarismos significativos,  $x_1 = -79.987$  e  $x_2 = -0.012502$ . Ora, a fórmula resolvente normal dá, na precisão da nossa máquina hipotética

$$x'_1 = \frac{-b - \sqrt{b^2 - 4.a.c}}{2.a} = \frac{-0.800 \times 10^2 - \sqrt{0.640 \times 10^4 - 0.400 \times 10^1}}{0.200 \times 10^1}$$

$$x'_1 = -0.800 \times 10^2$$

$$x'_2 = \frac{-b + \sqrt{b^2 - 4.a.c}}{2.a} = \frac{-0.800 \times 10^2 + \sqrt{0.640 \times 10^4 - 0.400 \times 10^1}}{0.200 \times 10^1}$$

$$x'_2 = \pm 0.000 \times 10^{-9}$$

sendo manifesto que  $f(x'_1) = 1$  e  $f(x'_2) = 1$  mas

$$(x - x'_1) \cdot (x - x'_2) = x^2 + 80x + 1$$

Que tipo de situação é que o leitor preferiria?

Para o matemático, um zero de uma função  $y = f(x)$  é qualquer número  $\xi$  que, substituído na expressão de  $f(x)$ , produz um resultado exactamente nulo:  $f(\xi) = 0$ . Porém, em cálculo numérico, dada a finitude dos números e da sua precisão, há apenas um conjunto discreto de números que podemos ensaiar como candidatos a zeros, e habitualmente sucede que nenhum deles produz exactamente zero para o valor da função.

Porém, em cálculo numérico, o significado de uma raiz é extremamente ambíguo: veja-se (no capítulo 1), por exemplo, o que se passa com o cálculo das formas desenvolvidas do polinómio do 4º grau  $(5x - 14)^2 \cdot (x^2 + 3)$  nas vizinhanças do zero teórico  $x = 2.8$ .

Usando o **Maxima** <sup>1</sup>:

### wxMaxima 2.1: Significado de uma raiz

Para ilustrar os problemas do cálculo desta expressão, foi necessário organizar o cálculo do **Maxima** de maneira a evitar algumas das suas otimizações: reorganização das expressões, recorrendo à decomposição em funções, gráfico a partir de pontos discretos. Note-se que a solução numérica proposta pelo **Maxima**, um método intervalar baseado na mudança de sinais em pontos da função, só é possível porque perto da raiz da função surgem valores negativos espúrios; como é facilmente verificável, a função é sempre positiva!

(% i1)  $f(x):=(5*x-14)^2*(x^2+3);$

(% o1)  $f(x) := (5x - 14)^2 (x^2 + 3)$

(% i2)  $f1(x):=25*x^4;$

(% o2)  $f1(x) := 25x^4$

(% i3)  $f2(x):=271*x^2;$

(% o3)  $f2(x) := 271x^2$

(% i4)  $f3(x):= 588-140*x^3;$

(% o4)  $f3(x) := 588 - 140x^3$

(% i5)  $f4(x):= -420*x;$

(% o5)  $f4(x) := (-420)x$

(% i6) "Cálculo numérico das raízes, a partir de vários intervalos."

(% i7)  $\text{find\_root}('(f1(x)+f2(x)+f3(x)+f4(x)), x, 2.799999964, 2.80001);$

(% o7) 2.799999964

(% i8)  $\text{find\_root}('(f1(x)+f2(x)+f3(x)+f4(x)), x, 2.79, 2.800000029);$

(% o8) 2.799999971779375

(% i9)  $\text{find\_root}('(f1(x)+f2(x)+f3(x)+f4(x)), x, 2.70, 2.800000029);$

(% o9) 2.799999981316271

(% i10) "Construção das listas de pontos para o gráfico."

(% i11)  $xx:\text{makelist}(x/1000000000+2.7999999,x,1,200),\text{numer}\$$

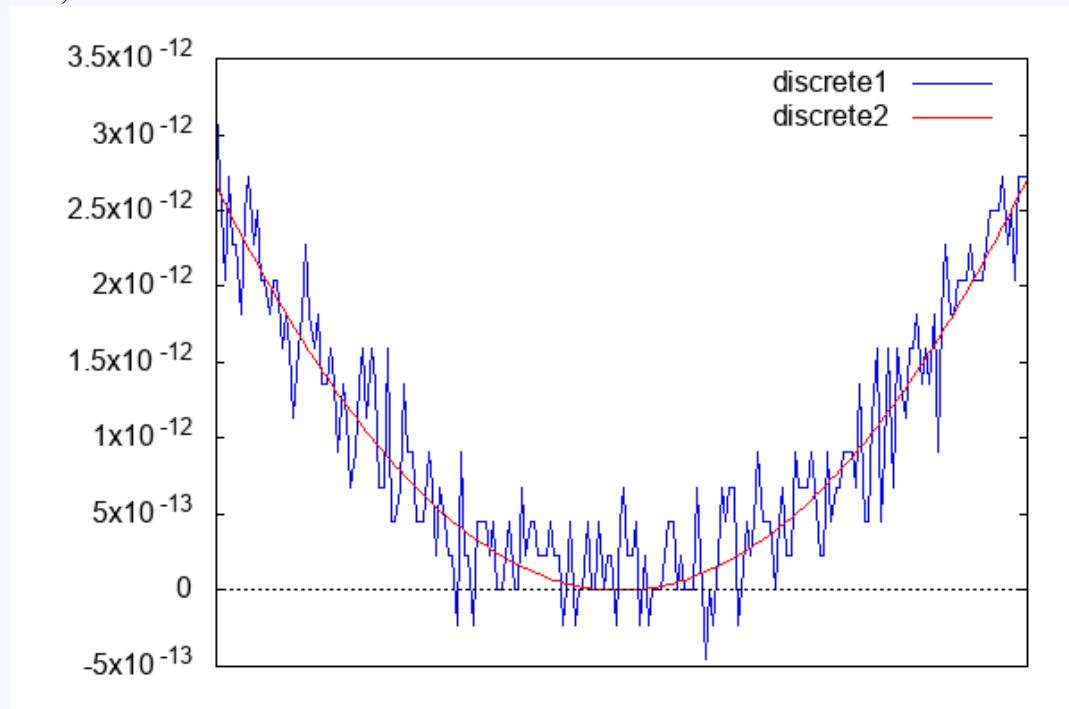
(% i12)  $yy:\text{makelist}(f1(x)+f2(x)+f3(x)+f4(x),x,xx),\text{numer}\$$

(% i13)  $zz:\text{makelist}(f(x),x,xx),\text{numer}\$$

<sup>1</sup>(ver o ficheiro ZEROS-2-2 )

**wxMaxima 2.1: Significado de uma raiz ( cont. )**

```
(% i14) wxplot2d([[discrete,xx,yy],[discrete,xx,zz]],
[plot_format, gnuplot],
[gnuplot_preamble, "set zeroaxis; unset xtics"])$
(% t14)
```



Assim sendo, temos o direito (e o dever) de nos interrogar: o que pretendemos dos zeros de uma função:

- que sejam números  $\xi_i$  tão próximos quanto possível do valor teórico?
- ou, pelo contrário, que nos pontos  $\xi_i$  o valor calculado de  $|f(\xi_i)|$  seja tão pequeno quanto possível?

Aquilo que pretendemos depende, evidentemente, do contexto de cada problema particular, mas é evidente que a pergunta não é inocente, até porque a estratégia do cálculo numérico depende fortemente da resposta; com efeito, no primeiro caso estaremos perante um problema de *resolução de equações*, enquanto no segundo o problema será de *otimização*. Seja como for, uma consideração cuidadosa dos casos concretos que se nos deparam na prática mostrará claramente que são mais frequentes os do segundo que os do primeiro tipo, ao contrário do que poderíamos pensar e do que correntemente se pratica.

Quanto à técnica a utilizar para calcular uma raiz de uma equação (ou, o que é o mesmo, o zero de uma função), teremos que distinguir o caso de se dispor de uma solução por via analítica, caso em que, porque a estrutura do algoritmo está, em termos genéricos, fixada, o problema se reduz ao cálculo de uma expressão, como o é o caso da equação do 2º grau; diz-se, neste caso, que se dispõe de um *método directo* ou *cerrado*, isto é, de um processo que envolve apenas a execução finita e não-iterativa de operações aritméticas e lógicas. Embora um método directo possa ter alternativas de percurso (como acabámos de ver para a equação do 2º grau), eventualmente a escolher com base nos próprios valores obtidos durante o cálculo, distingue-se por cada passo ser executado, em geral, apenas uma vez e o resultado ser exacto, a menos dos erros introduzidos pela representação dos números no processo de cálculo utilizado. Como se sabe, os casos de resolubilidade analítica são em número muito reduzido, embora sejam frequentes nas mais simples das situações correntes:

- das equações algébricas, apenas têm solução analítica geral as de grau inferior ao quinto;
- das equações racionais, apenas aquelas que possam reduzir-se a equações algébricas resolúveis

(e, mesmo assim, com os problemas marginais da possível introdução de raízes estranhas pela multiplicação da equação por expressões que contêm a incógnita);

- para as equações irracionais e transcendentais não existem soluções gerais e são raros os casos particulares resolúveis analiticamente.

No caso de não estar disponível uma solução analítica em forma cerrada, diremos que o problema se reduz, na generalidade, a procurar um par de números,  $x_1, x_2$  suficientemente próximos um do outro e entre os quais se encontre uma e uma só raiz da equação, o que exige um *método indirecto* ou *aberto*. O problema geral da resolução numérica indirecta deveria, portanto, comportar duas partes distintas:

1. - encontrar um intervalo que enquadre uma e uma só raiz;
2. - reduzir esse intervalo a dimensões compatíveis com a nossa necessidade (e possibilidade) de precisão.

Na prática, dados os efeitos dos arredondamentos que inevitavelmente ocorrem no cálculo da função, não teremos sequer, em geral, uma única mudança de sinal em torno do zero verdadeiro, mas eventualmente, uma pequena sucessão de números consecutivos que dão uma sucessão de mudanças de sinal nos valores calculados numericamente (reveja-se o caso da função do 4º grau do Capítulo anterior). Embora, em princípio, uma tal situação possa confundir-se com uma sucessão de zeros muito próximos, na prática não existirão dificuldades especiais, desde que tenhamos uma razoável ideia da ordem de grandeza dos erros numéricos cometidos no cálculo numérico da função. Esta consideração mostra desde já como foram importantes o tempo e o esforço que no Capítulo anterior consagramos ao problema dos erros de arredondamento, dado que eles são inevitáveis nos processos de cálculo numérico de resolução de equações na medida em que o cancelamento exacto de termos positivos e negativos faz parte da própria natureza do problema.

## 2.1 Isolamento das raízes

O seguinte teorema bem conhecido dá uma boa medida das ambiguidades e das dificuldades associadas ao problema do isolamento das raízes:

Se uma função contínua  $f(x)$  toma valores de sinais opostos nos extremos de um intervalo  $(a, b)$ , isto é, se  $f(a) \times f(b) < 0$ , então esse intervalo contém um número ímpar de raízes da equação  $f(x) = 0$ ; se, pelo contrário, toma valores do mesmo sinal, isto é, se  $f(a) \times f(b) > 0$ , então esse intervalo contém um número par de raízes (incluindo nenhuma raiz).

No caso de, nos extremos do intervalo, a função tomar valores de sinal idêntico, não podemos, naturalmente, garantir que não existem raízes nesse intervalo (podem existir duas ou, mais geralmente, um número par). A garantia de que não existem raízes no intervalo só pode ser obtida mediante recurso a informação suplementar, como, por exemplo, a de que a função muda de sinal algures no intervalo.

### Exemplo: 2.2 Isolamento de raízes

Consideremos o problema de isolar as raízes da equação

$$f(x) = x^4 - 4x + 1 = 0$$

dado que  $f(-\infty) = +\infty > 0$  e  $f(+\infty) = +\infty > 0$ , nada podemos concluir.

Porém, se considerarmos a derivada

$$f'(x) = 4x^3 - 4$$

resulta que  $f'(1) = 0$  e, por outro lado,  $f(1) = -2 < 0$ , de modo que a equação tem, pelo menos,

## Exemplo: 2.2 Isolamento de raízes (cont.)

duas raízes, uma no intervalo  $(-\infty, 1)$ , outra no intervalo  $(1, +\infty)$ . Usemos as facilidades do **Maxima** para visualizar os comportamentos da função e da sua derivada na figura 2.1<sup>a</sup>.

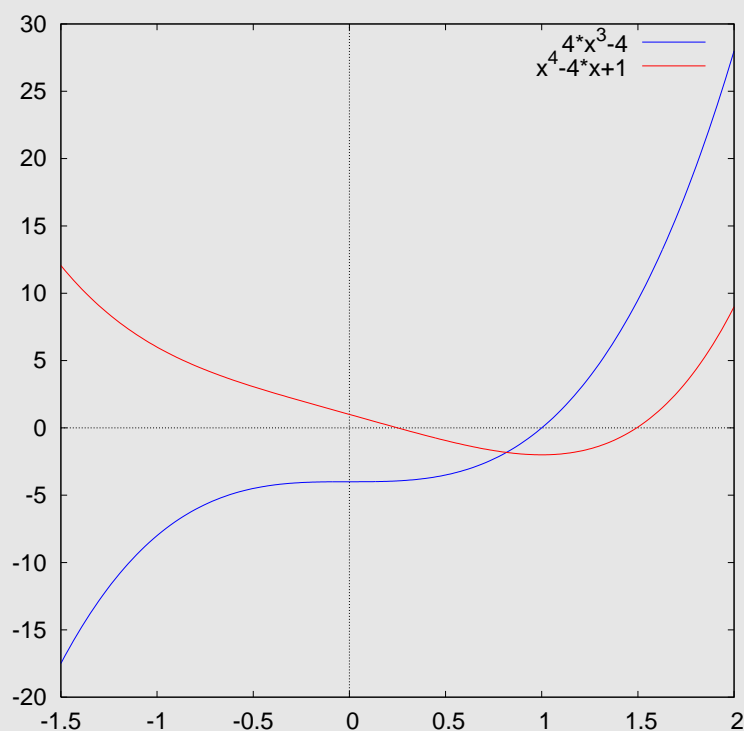


Figura 2.1: Isolamento de raízes

<sup>a</sup>(ver o ficheiro ZEROS-2-3 )

## wxMaxima 2.2: Função e derivada

```
(% i1) x^4-4*x+1;
```

```
(% o1) x^4 - 4x + 1
```

```
(% i2) diff(%, x,1);
```

```
(% o2) 4x^3 - 4
```

```
(% i3) plot2d([%o1,%o2], [x,-1.5,2],
[plot_format, gnuplot],
[gnuplot_preamble, "set xrange [-1.5:2]; set size ratio 1; set zeroaxis;])$
```

No caso dos sinais opostos, a única coisa que o teorema garante é a existência de um número ímpar de raízes. A garantia de que existe uma raiz única só pode ser obtida mediante recurso a informação mais pormenorizada e raramente acessível, como, por exemplo, a de que a primeira derivada mantém o sinal no intervalo considerado, o que corresponde a saber que a função é monótona no intervalo.



**Exemplo: 2.3 Isolamento de raízes II**

Seja a função

$$f(x) = x^4 - 5x^2 + 1$$

tal que  $f(-\infty) = +\infty > 0$  e  $f(+\infty) = +\infty > 0$ .

A sua derivada,

$$f'(x) = 4x^3 - 10x$$

tem um zero óbvio em  $x = 0$ , no qual a função vale  $f(0) = 1 > 0$ , pelo que continuamos sem saber nada sobre a eventual existência de raízes. Porém,  $f'(-\infty) = -\infty < 0$  e  $f'(+\infty) = +\infty > 0$ , de modo que a derivada tem, pelo menos, um zero no intervalo  $(-\infty, 0)$  e, portanto, também um outro no intervalo  $(0, +\infty)$ , o que completa o máximo de três que pode ter (por ser do 3º grau). Como anteriormente, utilizaremos as facilidades gráficas do **Maxima** para estudar o comportamento da função e da sua derivada na figura 2.2<sup>a</sup>:

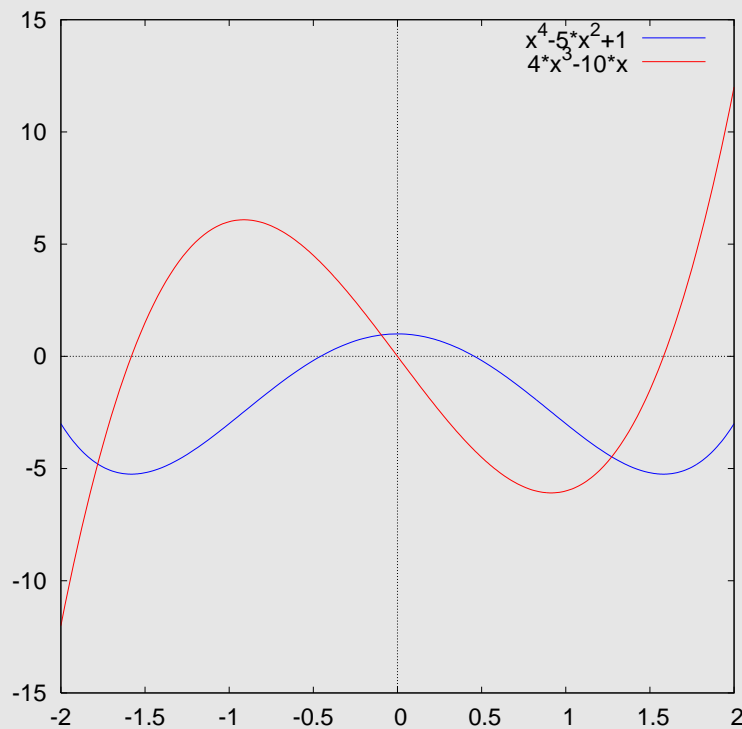


Figura 2.2: Isolamento de raízes II

<sup>a</sup>(ver o ficheiro ZEROS-2-4)

**wxMaxima 2.3: Função e derivada**

(% i1) `x^4-5*x^2+1;`

(% o1)  $x^4 - 5x^2 + 1$

(% i2) `diff(%, x);`

(% o2)  $4x^3 - 10x$

**wxMaxima 2.3: Função e derivada ( cont. )**

```
(% i3) plot2d([%o1,%o2], [x,-2,2],
[plot_format, gnuplot],
[gnuplot_preamble, "set xrange [-2:2]; set size ratio 1; set zeroaxis;"])$
```

Nestas condições, a única solução geral que se pode aconselhar para tratar o problema do isolamento das raízes é a de utilizar todos os recursos ao nosso alcance para obter um conhecimento suficientemente exacto do comportamento da função (e, eventualmente, das suas derivadas) no intervalo de interesse, o qual, em muitos casos, será fixado com precisão suficiente pelas restrições impostas pela física, pela economia, ou pelo simples bom senso, no contexto do problema concreto que temos diante de nós; só na total falta de tais critérios, o intervalo terá que ser tomado como  $]-\infty, +\infty[$ .

Assim, por exemplo, se existe e é conhecida uma derivada contínua e se os zeros desta puderem ser mais facilmente calculados que os da função original, o processo de isolamento das raízes pode ser acelerado; com efeito, bastará apenas tomar os sinais da função nos zeros da derivada e nos extremos do intervalo para obter importante informação suplementar.

**Exemplo: 2.4 Isolamento de raízes III**

Determinar o número de raízes reais da equação

$$f(x) = x + e^x = 0$$

Dado que  $f'(x) = 1 + e^x > 0$

e que  $f(-\infty) = -\infty < 0$ ,  $f(+\infty) = +\infty > 0$ ,

concluimos que a equação tem uma e uma só raiz real, como mostra a figura 2.3<sup>a</sup>.

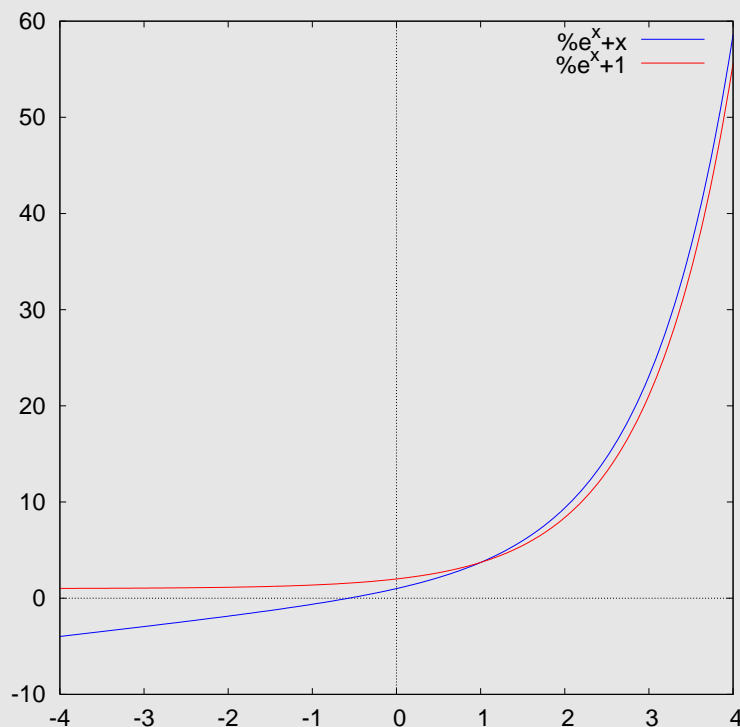


Figura 2.3: Isolamento de raízes III

<sup>a</sup>(ver o ficheiro ZEROS-2-5 )

**wxMaxima 2.4: Uma só raiz**

```
(% i1)  x+%e^x;
(% o1)                                     %ex + x

(% i2)  diff(%, x);
(% o2)                                     %ex + 1

(% i3)  plot2d([%o1,%o2], [x,-4,4],
               [plot_format, gnuplot],
               [gnuplot_preamble, "set xrange [-4:4]; set size ratio 1; set zeroaxis;"])$
```

Do mesmo modo, se o nosso problema é algébrico e de grau  $n$ , sabemos antecipadamente que tem  $n$  e só  $n$  raízes, das quais alguns pares poderão ser complexos conjugados e as restantes serão reais.

No caso das funções para as quais dispomos de uma expressão analítica, um utilitário matemático do tipo **matlab**, **maple**, **derive** ou **Maxima**, (especialmente estes últimos, dadas as suas possibilidades de cálculo simbólico) dotado de uma boa rotina de traçado de gráficos com possibilidade de *zoom* constituirá um auxiliar precioso nesta tarefa. No caso de a função ter vários parâmetros livres que modificam o seu comportamento, pode ser necessário muito trabalho, apoiado em uma boa dose de conhecimentos e intuição matemática para levar a tarefa a cabo. Pelo contrário, se a função é definida por um algoritmo não exprimível sob forma cerrada, tornar-se-á em geral necessário escrever um programa informático que permita explorar os seus valores em diferentes pontos e traçar o respectivo gráfico. Neste caso, em particular, torna-se necessário estar muito atento à possibilidade de a função apresentar descontinuidades.

Seja como for, o problema apresenta-se desde o início com a possibilidade de dois níveis de dificuldade muito distintos:

1. quando se trata de resolver apenas o problema isolado de determinação das raízes de uma equação particular, pode estudar-se cada caso particular *de per si*;
2. no caso de a resolução da equação ser apenas parte de um problema mais vasto e, portanto, o respectivo algoritmo constituir apenas uma rotina dentro de um programa, toda a questão do isolamento da raiz terá que ser resolvida na generalidade, na fase da análise do problema, isto é, antes de passar à implementação informática da solução; como se compreende, esta situação é de longe mais complexa que a anterior.

Dadas estas circunstâncias particularmente desfavoráveis, o objectivo do isolamento da raiz é, na prática corrente, substituído pelo objectivo menos ambicioso de encontrar um intervalo em que a função muda de sinal.

**Exemplo: 2.5 Isolamento de raízes IV**

Isolar os zeros da função

$$p_3(x) = x^3 - 6x + 2$$

considerando a expressão analítica como uma mera especificação de cálculo de valores e sem a utilizar para outros fins.

Começemos por observar que se trata de um polinómio do 3º grau e, portanto, contínuo e com um máximo de 3 raízes distintas. Em seguida, tabulemos (ver tabela 2.1) alguns valores encontrados, começando por  $\pm\infty$ , em seguida 0, depois  $\pm 10$  (supondo que estamos especialmente interessados em raízes pequenas) e depois por bissecções sucessivas aproximadas.

## Exemplo: 2.5 Isolamento de raízes IV (cont.)

	1º passo		2º passo		3º passo		4º passo		5º passo	
	$x$	$f(x)$	$x$	$f(x)$	$x$	$f(x)$	$x$	$f(x)$	$x$	$f(x)$
valor	$-\infty$	$-\infty$	$-\infty$	$-\infty$	$-\infty$	$-\infty$	$-\infty$	$-\infty$	$-\infty$	$-\infty$
raízes	<b>1 a 3</b>		<b>0 a 2</b>		<b>0 a 2</b>		<b>0 a 2</b>		<b>0</b>	
valor			-10	-938	-10	-938	-10	-938	-10	-938
raízes			<b>1 a 3</b>		<b>0 a 2</b>		<b>0 a 2</b>		<b>0</b>	
valor					-5	-93	-5	-93	-5	-93
raízes					<b>1 a 3</b>		<b>0 a 2</b>		<b>0</b>	
valor							-3	-7	-3	-7
raízes							<b>1 a 3</b>		<b>1</b>	
valor									-1	+7
raízes									<b>0</b>	
valor	0	+2	0	+2	0	+2	0	+2 +2	0	+2
raízes	<b>0 a 2</b>		<b>0 a 2</b>		<b>0 a 2</b>		<b>0 a 2</b>		<b>1</b>	
valor									+1	-3
raízes									<b>1</b>	
valor							+3	+11	+3	+11
raízes							<b>0 a 2</b>		<b>0</b>	
valor							+5	+97	+5	+97
raízes							<b>0 a 2</b>		<b>0</b>	
valor							+10	+942	+10	+942
raízes							<b>0 a 2</b>		<b>0</b>	
valor	$-\infty$	$-\infty$	$-\infty$	$-\infty$	$-\infty$	$-\infty$	$-\infty$	$-\infty$	$-\infty$	$-\infty$

Tabela 2.1: Isolamento de raízes

De repente, a separação das raízes aparece completada. A equação tem, portanto, 3 raízes reais, situadas nos intervalos  $(-3, -1)$ ,  $(0, +1)$ ,  $(+1, +3)$ . Do ponto de vista da separação, nada mais é preciso, mas é evidente que os intervalos poderiam continuar a ser reduzidos usando o mesmo método.

## Exercício 2.1

- Determine, por meios gráficos, valores grosseiramente aproximados das raízes positivas da equação  $\tan(x) = x$
- Determine a dois algarismos significativos
  - as duas primeiras raízes positivas de  $x \cdot \sin(x) = 1$
  - a raiz de  $x \cdot e^x = 1$
  - a menor raiz positiva de  $\tan(x) = x^2 + 1$
  - Mostre que não há raízes reais da equação  $e^x = 1 + \ln(x)$

## 2.2 Método da Bissecção

Suposto identificado um intervalo  $(a, b)$  em cujos extremos a função tem sinais opostos, o método mais simples de reduzir esse intervalo é o *método da bissecção* que constitui também, e de longe, o método mais seguro para implementar em uma rotina informática de uso geral. Neste método, a redução do intervalo é realizada mediante o cálculo da função no ponto médio do intervalo,  $f((x_1 + x_2)/2)$ . Se este valor não for nulo (porque, se fosse o caso, teríamos logo encontrado a raiz "exacta"), então ocorrerá necessariamente uma mudança de sinal em uma (e uma só) das metades do intervalo original; a redução desejada far-se-á substituindo o intervalo original por essa metade; deste modo,  $(x_1 + x_2)/2$  substitui  $x_1$  ou  $x_2$ , conforme o caso, e o processo repete-se.

### Algoritmo 2.1

```
DADOS a0 , b0 : f(a0 ).f(b0 ) < 0
PARA n=0,1,2,... ATÉ ONDE FOR CONVENIENTE
  SEJA m=(an +bn )/2
  SE f(an ).f(m ) < 0 SEJAM an+1 = an ; bn+1 = m
  CASO CONTRÁRIO SEJAM an+1 = m; bn+1 = bn
```

### Exemplo: 2.6 Bissecção

Vamos usar o método da bissecção para melhorar a raiz da equação

$$x^4 + 2x^3 - x - 1 = 0$$

situada no intervalo  $(0, 1)$ , trabalhando a cinco algarismos significativos.

a	f(a)	b	f(b)	intervalo
0,000000E+00	-1,000000E+00	1,00000E+00	1,000000E+00	1,000000E+00
5,000000E-01	-1,187500E+00	1,00000E+00	1,000000E+00	5,000000E-01
7,500000E-01	-5,898440E-01	1,00000E+00	1,000000E+00	2,500000E-01
7,500000E-01	-5,898440E-01	8,75000E-01	5,102540E-02	1,250000E-01
8,125000E-01	-3,039400E-01	8,75000E-01	5,102540E-02	6,250000E-02
8,437500E-01	-1,355730E-01	8,75000E-01	5,102540E-02	3,125000E-02
8,593750E-01	-4,461470E-02	8,75000E-01	5,102540E-02	1,562500E-02
8,593750E-01	-4,461470E-02	8,67188E-01	2,615420E-03	7,813000E-03
8,632820E-01	-2,114390E-02	8,67188E-01	2,615420E-03	3,906000E-03
8,652350E-01	-9,301190E-03	8,67188E-01	2,615420E-03	1,953000E-03
8,662120E-01	-3,349080E-03	8,67188E-01	2,615420E-03	9,760000E-04
8,667000E-01	-3,691450E-04	8,67188E-01	2,615420E-03	4,880000E-04
8,667000E-01	-3,691450E-04	8,66944E-01	1,122560E-03	2,440000E-04
8,667000E-01	-3,691450E-04	8,66822E-01	3,765620E-04	1,220000E-04
8,667000E-01	-3,691450E-04	8,66761E-01	3,672460E-06	6,100000E-05
8,667310E-01	-1,796890E-04	8,66761E-01	3,672460E-06	3,000000E-05
8,667310E-01	-1,796890E-04	8,66746E-01	-8,801060E-05	1,500000E-05
8,667390E-01	-1,307950E-04	8,66746E-01	-8,801060E-05	7,000000E-06

Tabela 2.2: Exemplo de bissecção sucessiva  
A melhor aproximação à raiz é, portanto,  $x = 0.86674$ .

## 2 Zeros reais de uma função real

Cada iteração reduz a metade o comprimento do intervalo, de modo que 10 iterações, por exemplo, reduzem-no de um factor de  $2^{10} = 1024 > 10^3$ , enquanto que 20 iterações o reduzem de  $2^{20} = 1048576 > 10^6$ .

E como se decide a paragem do processo? Existem basicamente cinco tipos de critérios distintos, aplicáveis de acordo com o objectivo em vista:

### **critério de precisão absoluta**

$$|x_1 - x_2| \leq \epsilon$$

Consiste em parar quando o intervalo que contém a raiz for menor que um dado valor (pequeno) pré-definido (sob a condição evidente de  $\epsilon$  ser maior que a distância dos dois números representáveis consecutivos na vizinhança da raiz, sob pena de o processo não terminar);

### **critério de precisão relativa**

$$|(x_1 - x_2) / x_1| \leq \epsilon \quad \text{ou} \quad |(x_1 - x_2) / x_2| \leq \epsilon$$

Consiste em parar quando a razão entre o intervalo que contém a raiz e a própria raiz (ou um valor aproximado) for menor que um dado valor (pequeno) pré-definido (sob a condição de a raiz não ser demasiado próxima de zero, sob pena de o processo não terminar);

### **critério de anulação da função**

$$|f(x_1) - f(x_2)| \leq \epsilon$$

Consiste em parar quando diferença entre o valor da função nos extremos do intervalo que contém a raiz for menor que um dado valor (pequeno) pré-definido (sob a condição de a derivada da função não ter, nas vizinhanças da raiz, valor absoluto demasiado alto, sob pena de o processo não terminar);

**critério da precisão máxima** Consiste em parar quando é atingida a precisão limite da representação numérica no aparelho de cálculo; nesse caso a amplitude do intervalo é no máximo o valor da última casa. O erro absoluto máximo é esse valor.

### **critério do número de iterações**

$$n = N$$

Consiste em parar quando tiverem sido feitas  $N$  iterações.

Devido às restrições aos três primeiros tipos de critérios, que nem sempre são fáceis de implementar, aconselha-se vivamente o uso de um dos dois últimos.

Para calcular o número de iterações efetivas para o último critério poderemos usar a regularidade da redução intervalar, a partir intervalo inicial, procurando que a máquina estabeleça o intervalo mais pequeno que pode representar. Com efeito, se, na máquina utilizada, a representação em vírgula flutuante for da forma  $m.2^p$  e  $(a, b)$  for o intervalo inicial, deverá ser

$$n \leq n_m + \log_2(b - a)$$

em que  $n_m$  é o número de bits da mantissa<sup>2</sup>.

<sup>2</sup>Usando a norma IEEE para float, o número de bits da mantissa –  $n_m$  – é 23. O número de iterações  $N$  depende então da amplitude do intervalo inicial, e contas bastante simples mostram que, para  $b - a = 1$  então  $N = 23$ .

**Exemplo: 2.7 Iterações de Bissecção**

se constataremos que  $\log_b 1 = 0$ , qual-quer que seja a base  $b$  e que  $\log_b x = \frac{\log_k x}{\log_k b}$ , podemos facilmente construir uma tabela de valores de  $N$  em função da amplitude do intervalo inicial  $b - a$ :

$(b - a)$	$N$
100	30
10	26
1	23
0,1	20
0,01	17

Se não quisermos trabalhar directamente com a representação interna (binária) da máquina, que não é acessível às linguagens de programação normais, uma boa regra é tomar

$$n \leq 3.3 \times n_M + \log_{10}(b - a)$$

em que  $n_M$  é o número de dígitos da mantissa da representação decimal externa (isto é, dos outputs).

A verificação do *critério de Bolzano* para a existência de raiz, a detecção da mudança de sinal, pode ser feita pela multiplicação do valor da função nos extremos do intervalo, isto é, por  $f(x_1) \times f(x_2) < 0$ . Computacionalmente muito mais eficiente é, no entanto, a comparação directa dos sinais, recorrendo a funções que extraíam o bit de sinal da mantissa, ou mesmo a encadeamentos de condicionais de comparação de sinais ou expressões lógicas complexas

```
se ( f(a) <= 0 E f(m) >= 0 ) OU ( f(a) > 0 E f(m) < 0 ) então
raiz está no intervalo [ a, m ]
caso contrário
raiz está no intervalo ] m , b ]
```

Terminada deste modo a iteração, qual o valor que deve ser escolhido como melhor aproximação à raiz:

- o meio  $m$  do intervalo final, que conduz ao menor erro absoluto máximo?
- o extremo do intervalo que corresponde ao menor valor absoluto da função, sujeito à verificação da derivada na vizinhança, mas não esquecendo o carácter fundamental desta verificação;
- qualquer um dos valores  $a$ ,  $m$ ,  $b$ , no caso de fecho pela precisão limite?
- o intervalo  $[a, b]$  que contém a raiz?

O método da bissecção tem duas importantes vantagens do ponto de vista do cálculo automático:

- por um lado, a facilidade de programação;
- por outro lado, o facto de, mesmo quando as raízes não estão bem isoladas, o método permitir sempre encontrar uma delas, embora não denuncie a existência das outras (é precisamente por causa da existência desta propriedade que nos permitimos habitualmente relaxar a condição de isolamento da raiz para a condição de a função ter sinais contrários nos extremos do intervalo).

Apesar da sua extrema robustez, o método da bissecção tem um ponto fraco que é frequentemente ignorado: a existência de sinais contrários nos valores da função nos extremos do intervalo só garante a existência de um zero no intervalo se a função for contínua; no caso de uma função descontínua pode ocorrer um polo de primeira ordem e, então, o método da bissecção reduzirá o intervalo inicial a um pequeno intervalo na vizinhança desse polo, sem denunciar o facto (salvo se, acidentalmente, ocorrer um *overflow*); por isso, após a terminação da iteração, devemos sempre prever um teste dos valores de  $f(a_n)$  e de  $f(b_n)$  antes de aceitarmos o intervalo como enquadrante de um zero.

**wxMaxima 2.5: find\_root()**

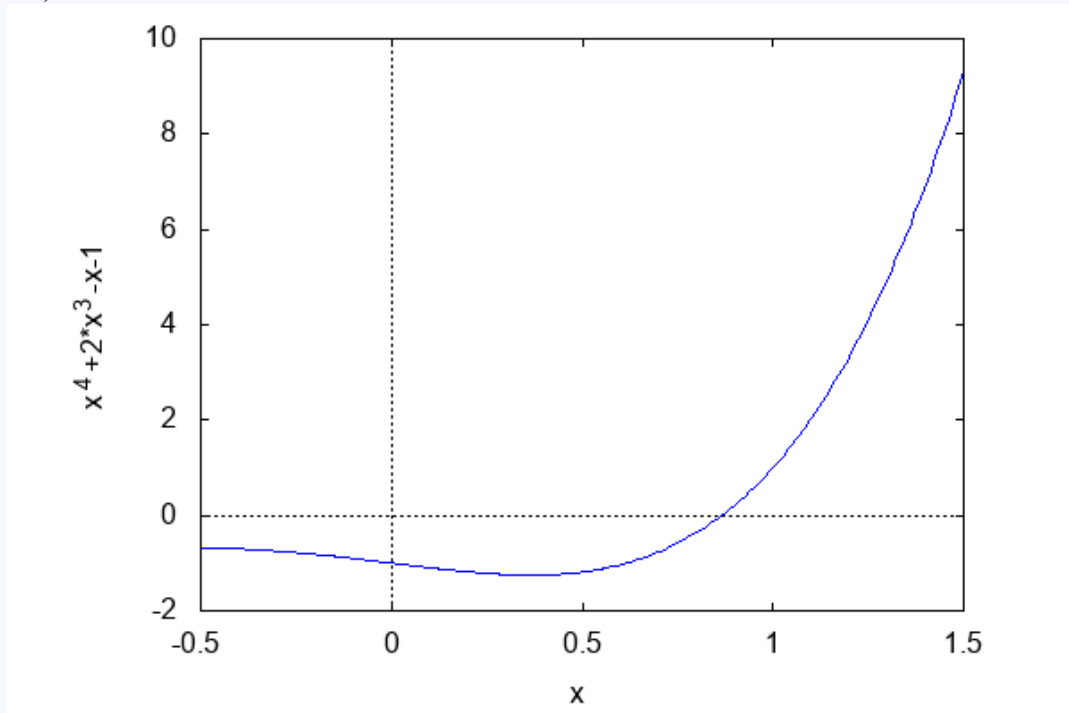
a função `find_root( f(x), x, a, b)` calcula uma raiz da função  $f(x)$  no intervalo  $[a, b]$  usando uma bissecção, levada ao limite da precisão de representação.

(% i5) `f(x):= x^4 + 2*x^3 - x - 1;`

(% o5)  $f(x) := x^4 + 2x^3 - x - 1$

(% i9) `wxplot2d([f(x)], [x,-.5,1.5],  
[gnuplot_postamble, "set zeroaxis;"])`

(% t9)



(% i10) `find_root( f(x) , x , 0, 1.5);`

(% o10) 0.866760399173862

(% i11) `f(%);`

(% o11)  $-3.3306690738754710^{-16}$

**Exercício 2.2**

1. Construa um fluxograma para o método da bissecção, incluindo todos os cuidados na terminação.
2. Escreva um programa para o fluxograma anterior e teste-o sobre os exercícios e problemas anteri-



ores, ou sobre uma das seguintes funções:

$$f(x) = 2^{\sqrt{x}} - 10x + 1$$

$$f(x) = x - \ln x - x$$

$$f(x) = e^{\sin x} \cos(2x + 1)$$

$$f(x) = \cot x \sin(3x) - x - 1$$

3. No exemplo ?? os valores da amplitude do intervalo inicial deveriam ser potências de 2. Concorde (porquê ...)?
4. Discuta qual dos critérios de fecho descritos é mais adequado para implementação manual.

Excelente pela simplicidade e robustez para implementação informática, o método da bissecção é pouco apreciado no cálculo manual, devido a uma certa lentidão de convergência. Tal lentidão resulta essencialmente do facto de o algoritmo utilizar relativamente mal a informação que ele próprio vai gerando; com efeito, calculando os valores da função nos dois extremos do intervalo, utiliza apenas o sinal desses valores para o cálculo do novo ponto. O método que se apresenta em seguida procura explicitamente obviar a esse inconveniente, embora à custa de um cálculo ligeiramente mais trabalhoso.

## 2.3 Método da Corda

A ideia por trás do *método da corda*, também chamado *método da falsa posição* ou *regula falsi*, é muito simples: ao tentar reduzir o intervalo, se um valor extremo for grande (em valor absoluto) e o outro for pequeno, então o zero encontra-se, provavelmente mais perto do valor pequeno que do grande. Uma maneira simples de implementar este conceito consiste em traçar uma recta que passa pelos pontos extremos do intervalo,  $(x_1, f(x_1))$  e  $(x_2, f(x_2))$  e utilizá-la como aproximação da função. Esta recta tem por equação

$$y(x) = f(x_1) + \frac{f(x_2) - f(x_1)}{x_2 - x_1}(x - x_1)$$

e tem o zero

$$x = \frac{x_1 \cdot f(x_2) - x_2 \cdot f(x_1)}{f(x_2) - f(x_1)}$$

que constitui o próximo ponto a ensaiar e, portanto, o próximo ponto de divisão do intervalo. Encontrado este novo ponto, calcula-se o valor  $f(x)$  e abandona-se o ponto antigo em que a função tiver o mesmo sinal que neste, tal como se fazia na bissecção.

### Algoritmo 2.2

Algoritmo da corda

DADOS  $a_0, b_0$  :  $f(a_0) \cdot f(b_0) < 0$

PARA  $n=0, 1, 2, \dots$  ATÉ ONDE FOR CONVENIENTE

SEJA  $w = (a_n \cdot f(b_n) - b_n \cdot f(a_n)) / (f(b_n) - f(a_n))$

SE  $f(a_n) \cdot f(w) < 0$  SEJAM  $a_{n+1} = a_n$  ;  $b_{n+1} = w$

CASO CONTRÁRIO SEJAM  $a_{n+1} = w$ ;  $b_{n+1} = b_n$

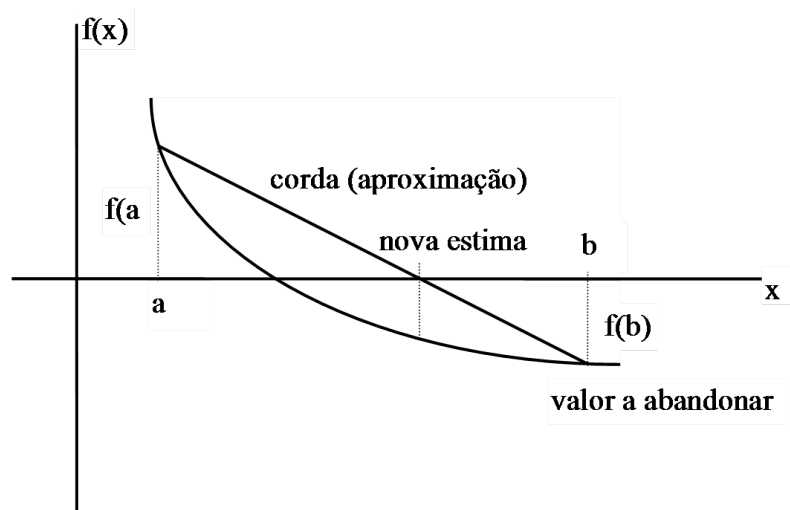


Figura 2.4: Interpretação geométrica do método da corda

O inconveniente desta técnica em relação à da bissecção consiste em não ser possível prever *a priori* o momento da paragem, o que obriga, a cada iteração, a testar se já se verifica a condição de terminação pretendida, o que pode corresponder a uma perda de tempo significativa, principalmente se o cálculo dos valores da função for relativamente expedito.

### Exemplo: 2.8 Método da Corda

Vamos usar o método da corda para melhorar a raiz da equação

$$x^4 + 2x^3 - x - 1 = 0$$

situada no intervalo  $(0, 1)$ , trabalhando com cinco algarismos significativos. Para efeitos de comparação, note-se que este é o mesmo problema que propusemos atrás para o método da bissecção.

a	f(a)	b	f(b)	x	intervalo
0,00000E+00	-1,00000E+00	1,00000E+00	1,00000E+00	5,00000E-01	1,00000E+00
5,00000E-01	-1,18750E+00	1,00000E+00	1,00000E+00	7,71429E-01	5,00000E-01
7,71429E-01	-4,99123E-01	1,00000E+00	1,00000E+00	8,47530E-01	2,28571E-01
8,47530E-01	-1,13991E-01	1,00000E+00	1,00000E+00	8,63132E-01	1,52470E-01
8,63132E-01	-2,20505E-02	1,00000E+00	1,00000E+00	8,66085E-01	1,36868E-01
8,66085E-01	-4,12384E-03	1,00000E+00	1,00000E+00	8,66635E-01	1,33915E-01
8,66635E-01	-7,66330E-04	1,00000E+00	1,00000E+00	8,66737E-01	1,33365E-01
8,66737E-01	-1,43018E-04	1,00000E+00	1,00000E+00	8,66756E-01	1,33263E-01
8,66756E-01	-2,68891E-05	1,00000E+00	1,00000E+00	8,66760E-01	1,33244E-01
8,66760E-01	-2,43988E-06	1,00000E+00	1,00000E+00	8,66760E-01	1,33240E-01
8,66760E-01	-2,43988E-06	1,00000E+00	1,00000E+00	8,66760E-01	1,33240E-01

Tabela 2.3: Aplicação do método da corda

A observação da tabela 2.3 e do gráfico da figura 2.5 permite compreender o desenvolvimento do método.

## Exemplo: 2.8 Método da Corda (cont.)

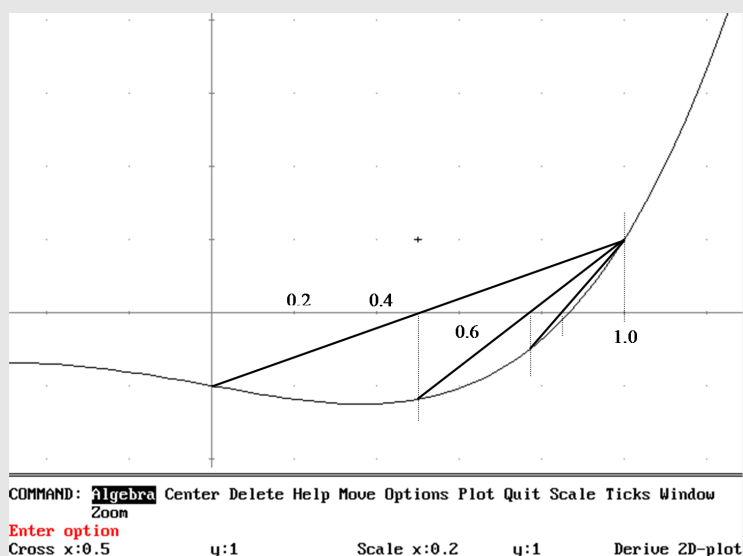


Figura 2.5: Aplicação do método da corda

O algoritmo termina na décima iteração porque se obtêm duas estimativas idênticas da raiz e não é possível, com esta precisão de representação, progredir para além deste ponto. A terminação obtém-se em 10 iterações, enquanto no método da bissecção, para o mesmo problema, precisamos de 17.

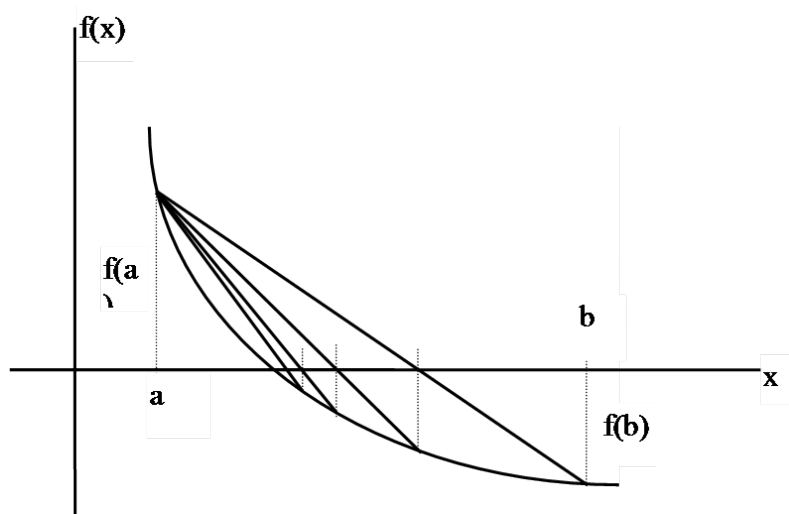


Figura 2.6: Convergência do método da corda

Para estudar a convergência do processo, admitamos que a raiz está isolada e que a segunda derivada da função tem sinal constante no intervalo  $(a, b)$ <sup>3</sup>. Suponhamos também, o que não arrasta perda de generalidade, que  $f''(x) > 0$  (o caso  $f''(x) < 0$  reduz-se a este fazendo  $f(x) = -f(x)$ , o que não afecta a raiz procurada). A curva é, portanto, côncava para cima, como na figura 2.6, e, portanto, situa-se inteiramente abaixo da corda.

<sup>3</sup>Se assim não sucedesse, o método levar-nos-ia, apesar de tudo, rapidamente a esta situação.

## 2 Zeros reais de uma função real

Neste caso acontece que o extremo  $a$  permanece fixo e as aproximações sucessivas são

$$x_{n+1} = x_n - \frac{f(x_n)}{f(x_n) - f(a)} \cdot (x_n - a)$$

e formam uma sucessão monotonamente decrescente tal que

$$a < \xi < \dots < x_{n+1} < x_n \dots < x_1 < b$$

Concluimos, portanto, após uns momentos de reflexão, que

- o ponto que se torna fixo é o extremo em que o sinal da função coincide com o da sua segunda derivada;
- as aproximações sucessivas encontram-se, em relação à raiz, do lado em que a função tem sinal oposto ao da sua segunda derivada.

Além disso, implementado nesta forma, o método tem ainda um ponto fraco tornado evidente pelo resultado anterior: a partir do momento em que um extremo permanece fixo, a convergência é retardada pelo facto de a corda se aproximar cada vez mais da vertical. Por isso, é frequente usar uma variante que consiste em, a cada iteração, reduzir a metade o valor da função que se conserva<sup>4</sup>.

Uma outra variante que frequentemente se ouve aconselhar é a de conservar sempre os dois últimos pontos calculados, dentro da ideia de que os valores mais recentes serão os mais próximos e, portanto, a redução do intervalo é mais drástica. Porém, pode suceder, e sucede frequentemente, que os dois pontos venham a cair do mesmo lado da raiz, o que invalida o princípio do método e o transforma, de *método de interpolação*, em *método de extrapolação*, com todos os riscos inerentes. Por este facto, uma tal variante, correntemente distinguida pelo nome de *método da secante*, é formalmente desaconselhável.

### Exercício 2.3

1. Construa um fluxograma do método da corda e escreva um programa para esse fluxograma, propondo ao utilizador a escolha entre diferentes critérios de terminação; teste o programa sobre os exemplos e os exercícios propostos para o método da bissecção. Compare e comente os resultados.
2. Modifique o programa anterior para obter o método da corda melhorado e teste-o sobre os mesmos casos. Compare e comente os resultados.
3. A escolha, no método da corda melhorado, do divisor 2 para a ordenada do ponto fixo é, evidentemente, arbitrária. Discuta outras escolhas possíveis do divisor e as condições em que podem ser usadas com vantagem.
4. Mostre, por meio de diagramas, como pode falhar o método da secante.

## 2.4 Método da tangente

Os métodos discutidos atrás são *métodos intervalares* e têm o inconveniente óbvio de exigir o passo prévio de isolamento da raiz ou, pelo menos, de identificação de um intervalo em que a função mude de sinal, o que, como vimos, nem sempre é tarefa fácil.

Por isso se criou um método, dito *método da tangente* ou *método de Newton*, que parte apenas de um valor plausível, embora eventualmente grosseiramente errado, da raiz. Conceptualmente, pode ser considerado

---

<sup>4</sup>conhecido por vezes como método de Illinois.

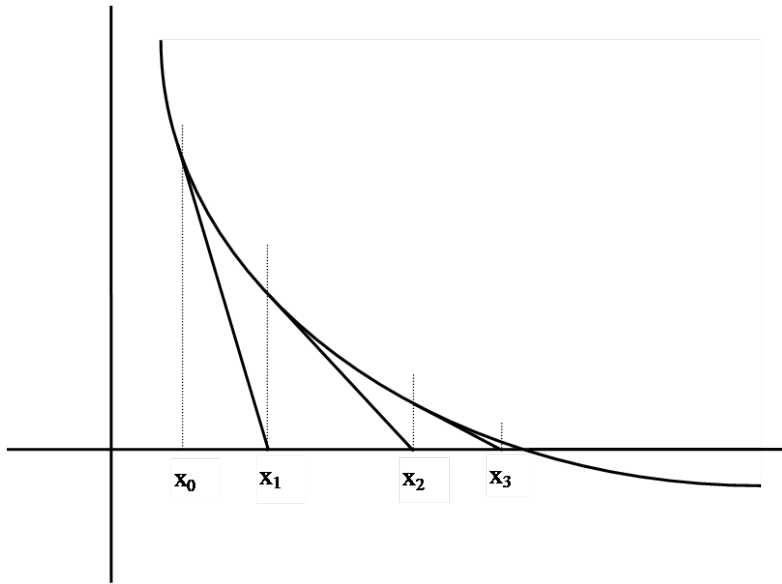


Figura 2.7: Método da tangente

como apenas uma extensão, ou passagem ao limite, do método da secante e tem, portanto, todos os inconvenientes potenciais deste: em termos geométricos, consiste em substituir o gráfico da função não pela secante que liga os pontos extremos do intervalo, mas pela tangente no ponto considerado, usando o zero desta como nova aproximação à raiz.

Seja  $x_k$  o valor aproximado actual; a equação da tangente à curva nesse ponto é

$$y(x) = f(x_k) + f'(x_k) \cdot (x - x_k)$$

de modo que o valor  $y(x) = 0$  é

$$x_{k+1} = x_k - \frac{f(x_k)}{f'(x_k)}$$

que constitui a nova aproximação.

#### Exemplo: 2.9 Método da Tangente

Seja, uma vez mais, o cálculo da raiz da equação

$$x^4 + 2x^3 - x - 1 = 0$$

tal que

$$f'(x) = 4x^3 - 6x^2 - 1$$

Comecemos pelo extremo direito  $x = 1$ , construindo a tabela 2.4.

$n$	$x_n$	$f(x_n)$ $x_n^4 - 2x_n^3 - x_n - 1$	$f'(x_n)$ $4x_n^3 - 6x_n^2 - 1$	$x_{n+1} = x_n - \frac{f(x_n)}{f'(x_n)}$
0	1	1	9	0,888889
1	0,888889	0,140071	6,55007	0,867504
2	0,867504	0,00455051	6,12679	0,866761
3	0,866761	3,67246E-06	6,11235	0,86676
4	0,86676	-2,43988E-06	6,11233	0,86676
5	0,86676	-2,43988E-06	6,11233	0,86676

## Exemplo: 2.9 Método da Tangente (cont.)

Tabela 2.4: Aplicação do método da tangente

A convergência deu-se em 4 iterações o que, em comparação com os métodos anteriores, é muito bom.

Tentemos, porém, partir do outro extremo  $x = 0$ , construindo a tabela 2.5.

$n$	$x_n$	$f(x_n)$ $x_n^4 - 2x_n^3 - x - 1$	$f'(x_n)$ $4x_n^3 - 6x_n^2 - 1$	$x_{n+1} = x_n - \frac{f(x_n)}{f'(x_n)}$
0	0	-1	-1	-1
1	-1	-1	1	0
2	0	-1	-1	-1
3	-1	-1	1	0
4	0	-1	-1	-1

Tabela 2.5: Aplicação do método da tangente, com ponto inicial diferente.

O que se passou desta vez?

O gráfico da figura 2.8 ilustra a situação.

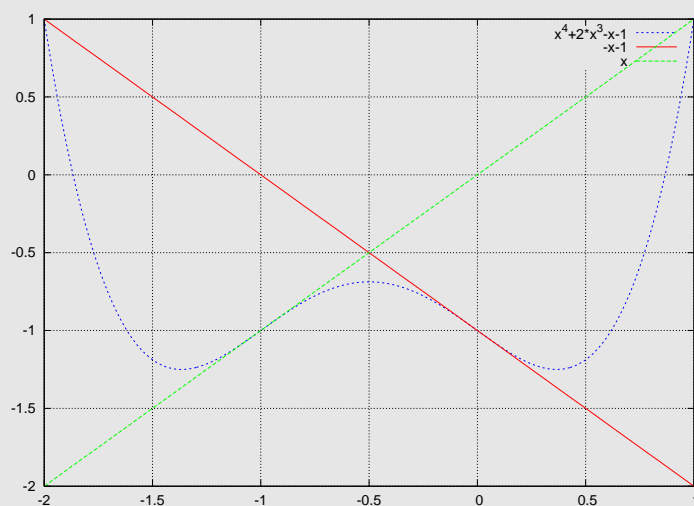


Figura 2.8: Não convergência no método da tangente

## wxMaxima 2.6: newton()

A função `newton( expr, x, x0, eps)` permite calcular a solução da equação  $expr(x) = 0$  usando o MÉTODO DE NEWTON, com guess  $x_0$  e precisão final  $\leq eps$ .

```
(% i1) load(newton1);
```

```
(% o1)
```

```
/opt/local/share/maxima/5.44.0/share/numeric/newton1.mac
```

```
(% i7) f(x):=x^4 +2* x^3-x-1;
```

```
(% o7) f(x):=x^4 +2x^3 - x - 1
```

**wxMaxima 2.6: newton() ( cont. )**

```
(% i10) newton(f(x),x,1,0.001);
```

```
(% o10) 0.8667612769285922
```

```
(% i12) newton(f(x),x,-2,0.001);
```

```
(% o12) -1.866761276928592
```

Tente `newton(f(x),x,0,0.001);` ou `newton(f(x),x,-1,0.001);` e tenha uma (desagradável) surpresa!

Quando funciona bem, o método da tangente é excelente, até porque, nas vizinhanças da raiz, tende, a cada iteração, a dobrar o número de algarismos exactos da solução. Porém, as suas limitações são muitas e muito severas, como mostra o exemplo anterior. A existência dessas limitações faz com que o método da tangente deva ser evitado, a menos que se conheça muito bem a estrutura local da função, o que é um tanto contraditório, porque, se essa estrutura local fosse bem conhecida não seria certamente difícil encontrar um intervalo de partida para um dos métodos anteriores.

Um inconveniente óbvio do método da tangente é o de exigir o conhecimento da derivada da função, e o seu cálculo em cada iteração; por este facto, tem sido sugerido que, em vez de calcular o valor da derivada em cada ponto, se trabalhe sempre com o seu valor no ponto original; uma tal estratégia, diminuindo o esforço de cálculo, aumenta o número de iterações necessárias para obter uma dada precisão. Além disso, em certos casos, pode tender a aumentar a robustez do método, mas uma tal propriedade depende, uma vez mais, da estrutura local da função.

Em suma, trata-se de um método indiscutivelmente útil, mas apenas para usar em terreno muito bem conhecido, e sempre com grande precaução.

## 2.5 Método de iteração de Picard-Peano

Todos os métodos apresentados até agora são, evidentemente, iterativos, visto usarem repetidamente o mesmo algoritmo para obterem aproximações sucessivamente melhores ao resultado pretendido e todos eles repousam na mesma ideia de substituir a função por uma aproximação adequadamente simplificada. O método, também iterativo, que vamos apresentar agora repousa sobre uma ideia completamente diferente e constitui, no plano conceptual, um dos mais importantes métodos de resolução numérica de equações, embora a sua aplicação prática tenda a ser um tanto limitada.

A ideia básica é a seguinte: suponhamos uma equação  $f(x) = 0$  e, por não sabermos resolvê-la analiticamente, transformêmo-la de modo a dar-lhe a forma

$$x = g(x)$$

Se, por qualquer processo, tivermos obtido uma aproximação  $x_0$  da raiz e a substituirmos no segundo membro, obtemos um valor  $x_1 = g(x_0)$  que pode de novo ser utilizado para produzir  $x_2 = g(x_1)$  e assim sucessivamente:

$$x_n = g(x_{n-1})$$

Se esta sucessão for convergente (o que, como veremos, não é de modo nenhum garantido), isto é, se existir o limite

$$\xi = \lim_{n \rightarrow \infty} (x_n)$$

então, por passagem ao limite na expressão do termo geral, obtemos

$$\lim_{n \rightarrow \infty} (x_n) = g\left(\lim_{n \rightarrow \infty} (x_{n-1})\right) = g\left(\lim_{n \rightarrow \infty} (x_n)\right)$$

## 2 Zeros reais de uma função real

isto é,

$$\xi = g(\xi)$$

o que prova que o limite, se existir, é, efectivamente, raiz da equação proposta.

Geometricamente, o método de iteração pode ser interpretado do seguinte modo: tracemos em um plano  $(x, y)$  os gráficos das funções

$$y = x$$

$$y = g(x)$$

e cada raiz  $\xi$  real da equação  $x = g(x)$  será a abcissa de um ponto de intersecção da curva  $y = g(x)$  com a recta  $y = x$ .

1. Se começarmos com uma abcissa  $x_0$ , calculamos  $y_0 = g(x_0)$ , isto é, subimos de  $x_0$  até encontrar a curva  $y = g(x)$  em  $A_0$ ;
2. em seguida, fazemos  $x_1 = y_0$ , isto é, deslocamo-nos horizontalmente até encontrar a recta  $y = x$  em  $B_1$  e descemos de novo até encontrar o eixo dos  $xx$  em  $x_1$ ;
3. Em seguida, calculamos de novo  $y_1 = g(x_1)$ , isto é, subimos de  $x_1$  a  $A_1$ , e assim sucessivamente, subindo a "escada"  $A_0, B_1, A_1, B_1, A_2, B_3, A_3, \dots$  (ver figura 2.9) até chegarmos ao ponto de intersecção da curva com a recta que, evidentemente, representa a raiz da equação proposta.

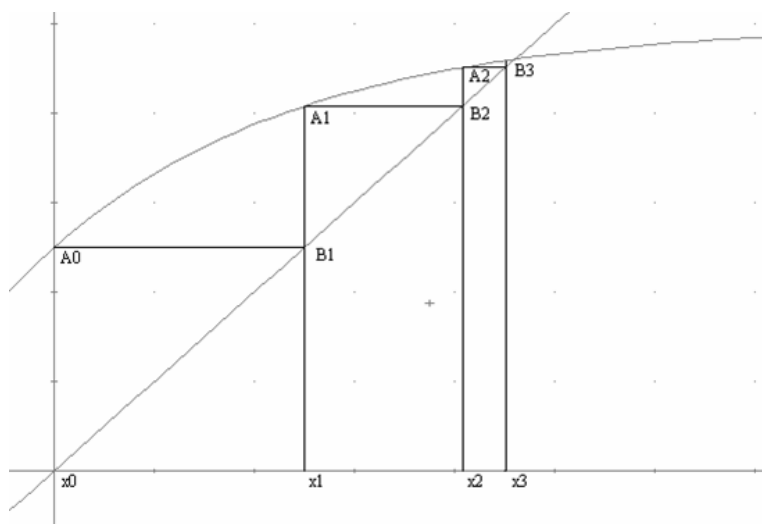


Figura 2.9: Método de Picard-Peano em escada

Uma outra configuração possível é a da "teia de aranha" (ver figura 2.10), correspondente ao caso de  $y = g(x)$  ser decrescente, caso em que, em vez de uma sucessão de aproximações que tendem monotonamente para a raiz, obtemos uma sucessão oscilante que tende para a raiz enquadrando-a sucessivamente de mais perto.

Porém, nem sempre o método resulta convergente (não se esqueça o leitor que, na prova anterior, pusemos explicitamente a condição *se o limite  $\xi$  existir* ...), como resulta claramente das figuras seguintes (ver figuras 2.11 e 2.12).

Há, pois, para poder utilizar-se o método com segurança, que investigar as condições em que converge. Uma simples análise das figuras mostrará facilmente que a condição de convergência corresponde a ser

$$|g'(x)| < 1$$



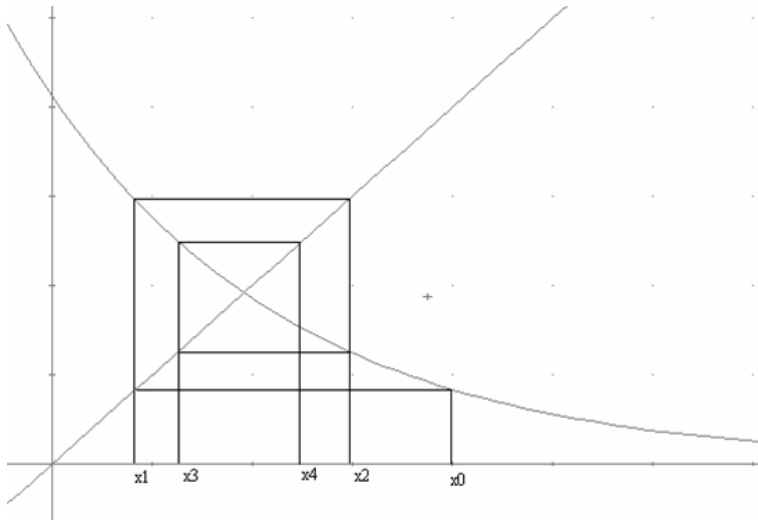


Figura 2.10: Método de Picard-Peano em teia de aranha

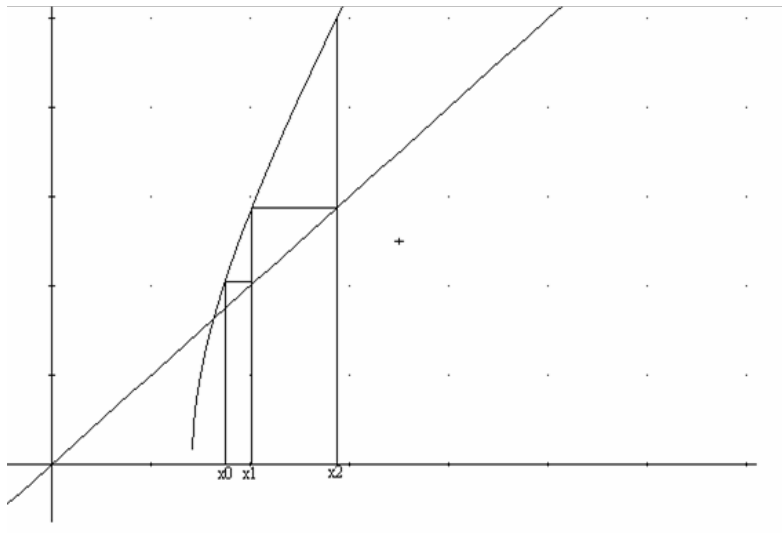


Figura 2.11: Método de Picard-Peano em escada divergente

Uma outra questão interessante que pode pôr-se é a de saber se, dado um conjunto de iterações ainda não suficientemente aproximado da raiz, será possível acelerar o processo, extrapolando as tendências observadas.

Imaginemos uma coluna de iterações

$$\begin{aligned}
 &x_0 \\
 &x_1 = g(x_0) \\
 &x_2 = g(x_1) \\
 &\dots \\
 &x_k = g(x_{k-1}) \\
 &x_{k+1} = g(x_k)
 \end{aligned}$$

## 2 Zeros reais de uma função real

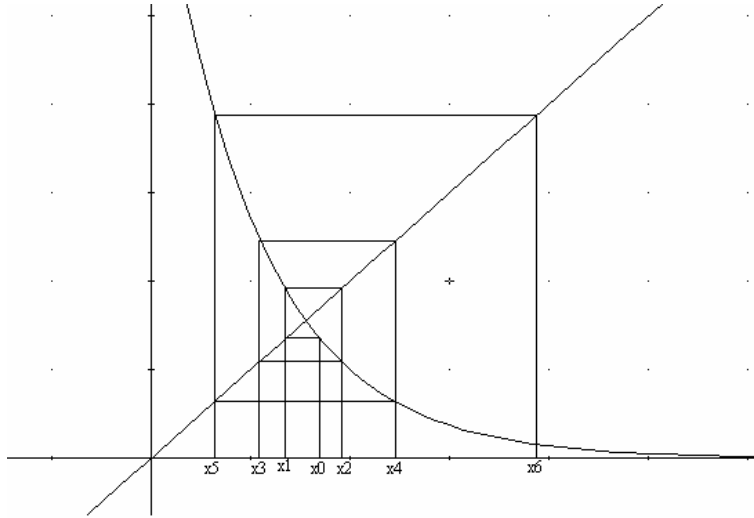


Figura 2.12: Método de Picard-Peano em teia de aranha divergente

e suponhamos, antes de mais, que pretendemos interpolar entre  $x_k$  e  $x_{k+1}$ ; para isso, teríamos que formar

$$(1 - w) \cdot x_k + w \cdot x_{k+1} = (1 - w) \cdot x_k + w \cdot g(x_k)$$

com  $0 < w < 1$ . Pois bem, para extrapolar, faremos exactamente o mesmo, mas com  $w > 1$ :

$$x_{k+1}^* = (1 - w) \cdot x_k + w \cdot g(x_k)$$

e procuremos determinar o melhor valor possível de  $w$  que será, naturalmente, função de  $k$ . Para isso, consideraremos que existe um número  $z_k \in (x, x_k)$  ou  $z_k \in (x_k, x)$  tal que

$$\begin{aligned} \epsilon_{k+1} &= (x_{k+1}^* - x) \\ &= (x_k - x) + w \cdot [g(x_k) - g(x) - (x_k - x)] \\ &= (x_k - x) + w \cdot \left[ \frac{g(x_k) - g(x)}{x_k - x} - \frac{x_k - x}{x_k - x} \right] \cdot (x_k - x) \\ &= (x_k - x) + w \cdot [g'(z_k) - 1] \cdot (x_k - x) \\ &= [1 + w \cdot (g'(z_k) - 1)] \cdot \epsilon_k \end{aligned}$$

A escolha óptima de  $w$  seria aquela que anulasse o factor multiplicativo de  $\epsilon_k$ ; porém, dado que  $z_k$  não é conhecido, a nossa melhor opção é tomar  $z_k = x_k$ , isto é, fazer,

$$1 + w \cdot (g'(x_k) - 1) = 0$$

ou, supondo  $g'(x_k) \neq 1$

$$w = \frac{1}{1 - g'(x_k)}$$

isto é, considerando que  $f(x) = x - g(x)$  e  $f'(x) = 1 - g'(x)$

$$\begin{aligned} x_{k+1} &= x_k - \frac{x_k}{1 - g'(x_k)} + \frac{g(x_k)}{1 - g'(x_k)} \\ &= x_k - \frac{f(x_k)}{f'(x_k)} \end{aligned}$$

o que corresponde, senão à iteração ótima, pelo menos à melhor que podemos calcular.

Ora, esta iteração de Picard-Peano melhorada não é senão a iteração proposta pelo método da tangente. Por esta razão, preferiremos a variante de Newton, sempre que a derivada de  $f(x)$  seja calculável sem complicação de maior.

**Exercício 2.4** Da condição geral de convergência,  $|g'(x)| < 1$ , será capaz de deduzir uma condição particular adequada ao caso da variante de Newton?

#### Exemplo: 2.10 Aplicação de teste

As funções para testar um algoritmo de resolução de  $f(x) = 0$  devem ter soluções conhecidas, por exemplo:

- $y = x$ , cuja solução é 0, é um ótimo teste para a bissecção, mas um péssimo teste para os outros métodos;
- $y = x^3$ , cuja solução também é 0, não permite facilmente construir uma expressão de Picard-Peano, mas pode ser usada para o método de Newton, onde resulta numa expressão particularmente simples

## 2.6 Resolução Iterativa de Sistemas de Equações

No caso geral, não linear, o problema da resolução numérica de sistemas de equações é um problema muito complexo, para o qual não existe grande variedade de estratégias disponíveis. Com efeito, quando falham os métodos analíticos (directos) ou semi-analíticos (substituições sucessivas até se obter uma única equação), o único método com razoável possibilidade de utilização genérica (e, mesmo assim, com as dificuldades que desde já se antevêm) é uma extensão óbvia do método de iteração, naturalmente, sempre que possível, na sua versão melhorada de método de Newton.

#### Exemplo: 2.11 Resolução de um sistema de duas equações a duas incógnitas

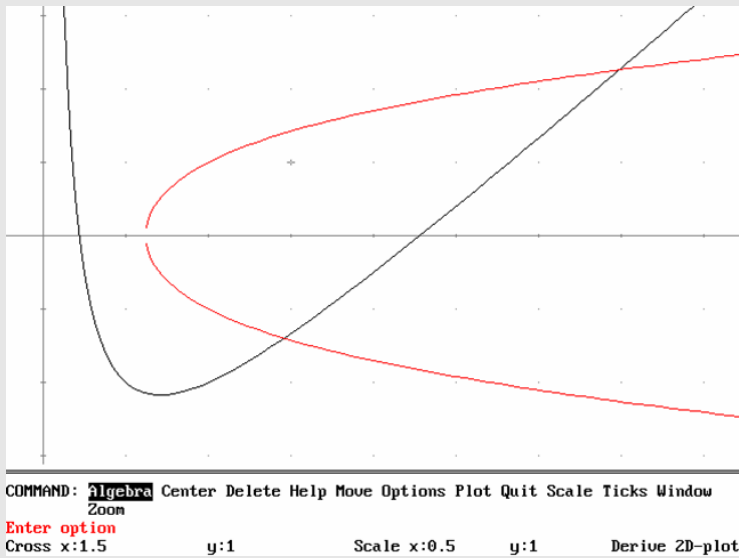
Seja o sistema

$$\begin{cases} f_1(x, y) = 2x^2 - x \cdot y - 5x + 1 = 0 \\ f_2(x, y) = x + 3 \log_{10}(x) - y^2 = 0 \end{cases}$$

de que pretendemos conhecer as raízes positivas, aproximadas a 5 casas significativas. Começemos por traçar gráficos aproximados das funções  $f_1$ ,  $f_2$  e, nas suas intersecções obteremos, como primeira aproximação das raízes,

$$\begin{cases} x'_0 = +3,5 \\ y'_0 = +2,3 \end{cases} \quad \begin{cases} x''_0 = +1,46 \\ y''_0 = -1,41 \end{cases}$$

Exemplo: 2.11 Resolução de um sistema de duas equações a duas incógnitas (cont.)



**wxMaxima 2.7:** Representação do sistema

representação gráfica do sistema

(% i1) `load(implicit_plot)$`

(% i2) `f1(x,y) := 2*x^2 - x*y - 5*x + 1;`

(% o2) 
$$f1(x,y) := 2x^2 - xy + (-5)x + 1$$

(% i3) `f2(x,y) := x + 3*log(x)/log(10) - y^2;`

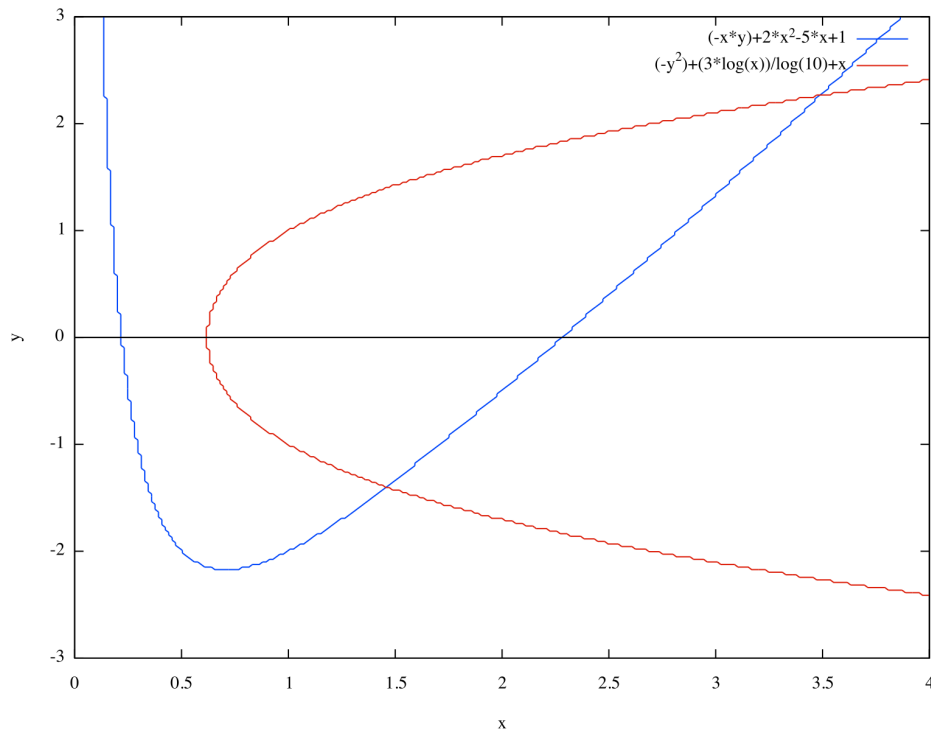
(% o3) 
$$f2(x,y) := x + \frac{3 \log(x)}{\log(10)} - y^2$$

(% i4) `implicit_plot([f1(x,y),f2(x,y)], [x,0,4], [y,-3,3])$`

rat: replaced 2.302585092994046 by 11249839/4885743 = 2.302585092994044

**wxMaxima 2.7: Representação do sistem ( cont. )**

(% t4)



Sejam dadas duas equações simultâneas em duas incógnitas

$$\begin{cases} f_1(x,y) = 0 \\ f_2(x,y) = 0 \end{cases}$$

de que pretendemos encontrar raízes reais com um dado grau de precisão. Sejam

$$\begin{cases} x = x_0 \\ y = y_0 \end{cases}$$

valores aproximados de uma raiz isolada, valor que foi obtido por um processo qualquer. Se representarmos o sistema na forma

$$\begin{cases} x = g_1(x,y) \\ y = g_2(x,y) \end{cases} \quad (2.1)$$

e construirmos aproximações sucessivas

$$\begin{cases} x_1 = g_1(x_0, y_0) \\ y_1 = g_2(x_0, y_0) \end{cases} \quad \begin{cases} x_2 = g_1(x_1, y_1) \\ y_2 = g_2(x_1, y_1) \end{cases} \quad \cdots \quad \begin{cases} x_{n+1} = g_1(x_n, y_n) \\ y_{n+1} = g_2(x_n, y_n) \end{cases}$$

e se o processo de iteração convergir, isto é, se existir o duplo limite

$$\begin{cases} \xi = \lim_{n \rightarrow \infty} (x_n) \\ \eta = \lim_{n \rightarrow \infty} (y_n) \end{cases}$$

então

## 2 Zeros reais de uma função real

$$\begin{cases} \lim_{n \rightarrow \infty} (x_n) = \lim_{n \rightarrow \infty} (g_1(x_n, y_n)) \\ \lim_{n \rightarrow \infty} (y_n) = \lim_{n \rightarrow \infty} (g_2(x_n, y_n)) \end{cases}$$

e, portanto,

$$\begin{cases} \xi = g_1(\xi, \eta) \\ \eta = g_2(\xi, \eta) \end{cases}$$

isto é, o limite em questão é raiz do sistema proposto.

Porém, se o limite não existir, então o processo iterativo diverge e o método de iteração não pode ser usado, salvo mediante uma nova escolha mais adequada das funções  $g_1(\dots)$ ,  $g_2(\dots)$ . O teorema seguinte, que não demonstraremos, dá uma condição de convergência:

**Teorema 2.1** *Se, em uma vizinhança  $(a \leq x \leq A, b \leq y \leq B)$  existir uma e uma só raiz  $(\xi, \eta)$ , se  $g_1(\dots)$ ,  $g_2(\dots)$  forem diferenciáveis, se existirem tanto  $(x_0, y_0)$  como todas as aproximações sucessivas  $(x_n, y_n)$  e se forem válidas as desigualdades*

$$\left| \frac{\partial g_1}{\partial x} \right| + \left| \frac{\partial g_2}{\partial x} \right| \leq q_x < 1 \quad \left| \frac{\partial g_1}{\partial y} \right| + \left| \frac{\partial g_2}{\partial y} \right| \leq q_y < 1$$

*então o processo converge;*

*o teorema vale também para as desigualdades*

$$\left| \frac{\partial g_1}{\partial x} \right| + \left| \frac{\partial g_2}{\partial y} \right| \leq q_x < 1 \quad \left| \frac{\partial g_1}{\partial y} \right| + \left| \frac{\partial g_2}{\partial x} \right| \leq q_y < 1$$

A variante de Newton aplica-se na seguinte forma: sendo

$$\begin{cases} f_1(x, y) = 0 \\ f_2(x, y) = 0 \end{cases}$$

e escrevendo

$$\begin{cases} x = x_n + h_n \\ y = y_n + k_n \end{cases}$$

obtemos

$$\begin{cases} f_1(x_n + h_n, y_n + k_n) = 0 \\ f_2(x_n + h_n, y_n + k_n) = 0 \end{cases}$$

Se o determinante jacobiano

$$J(x_n, y_n) = \begin{vmatrix} f'_{1,x}(x_n, y_n) & f'_{1,y}(x_n, y_n) \\ f'_{2,x}(x_n, y_n) & f'_{2,y}(x_n, y_n) \end{vmatrix}$$

não for nulo, o sistema dá

$$h_n = - \frac{\begin{vmatrix} f_1(x_n, y_n) & f'_{1,y}(x_n, y_n) \\ f_2(x_n, y_n) & f'_{2,y}(x_n, y_n) \end{vmatrix}}{J(x_n, y_n)} \quad k_n = - \frac{\begin{vmatrix} f'_{1,x}(x_n, y_n) & f_1(x_n, y_n) \\ f'_{2,x}(x_n, y_n) & f_2(x_n, y_n) \end{vmatrix}}{J(x_n, y_n)}$$

de modo que

$$\begin{cases} x_{n+1} = x_n - \frac{f_1(x_n, y_n) \cdot f'_{2,y}(x_n, y_n) - f_2(x_n, y_n) \cdot f'_{1,y}(x_n, y_n)}{f'_{1,x}(x_n, y_n) \cdot f'_{2,y}(x_n, y_n) - f'_{2,x}(x_n, y_n) \cdot f'_{1,y}(x_n, y_n)} \\ y_{n+1} = y_n - \frac{f_2(x_n, y_n) \cdot f'_{1,x}(x_n, y_n) - f_1(x_n, y_n) \cdot f'_{2,x}(x_n, y_n)}{f'_{1,x}(x_n, y_n) \cdot f'_{2,y}(x_n, y_n) - f'_{2,x}(x_n, y_n) \cdot f'_{1,y}(x_n, y_n)} \end{cases}$$

**Exercício 2.5** Aplique o método de iteração ao sistema

$$\begin{cases} f_1(x, y) = 2x^2 - x \cdot y - 5x + 1 = 0 \\ f_2(x, y) = x + 3 \log_{10}(x) - y^2 = 0 \end{cases}$$

na forma

$$\begin{cases} x = \sqrt{\frac{x \cdot (y + 5) - 1}{2}} = g_1(x, y) \\ y = \sqrt{x + 3 \log_{10}(x)} = g_2(x, y) \end{cases}$$

usando os valores iniciais

$$\begin{cases} x'_0 = +3,5 \\ y'_0 = +2,3 \end{cases} \quad \begin{cases} x''_0 = +1,46 \\ y''_0 = -1,41 \end{cases}$$

Aplique ao mesmo sistema a variante de Newton e compare resultados e desempenhos.

#### wxMaxima 2.8: mnewton()

Para resolver um sistema de equações não lineares pode usar a função  
mnewton( funcList, varList, guessList)

```
(% i1) load(mnewton);
```

```
(% o1)
```

```
/opt/local/share/maxima/5.44.0/share/mnewton/mnewton.mac
```

```
(% i2) f1(x,y):= 2*x^2 -x*y -5*x+1;
```

```
(% o2) f1(x,y):= 2x^2 - xy + (-5)x + 1
```

```
(% i3) f2(x,y):= x+3*log(x)/log(10) -y^2 ;
```

```
(% o3) f2(x,y):= x + \frac{3 \log(x)}{\log(10)} - y^2
```

```
(% i5) mnewton([f1(x,y),f2(x,y)],[x,y],[3.5,2.3]);
```

```
(% o5) [[x = 3.487442787642954, y = 2.261628630553594]]
```

```
(% i6) mnewton([f1(x,y),f2(x,y)],[x,y],[1,-1.5]);
```

```
(% o6) [[x = 1.458890230152178, y = -1.396767009181618]]
```

**wxMaxima 2.9: Outra forma de calcular**

Alguns exemplos não são perfeitos!

O sistema de duas equações a duas incógnitas que é proposto para resolução pelos métodos iterativos de Picard-Peano e Newton pode ser resolvido por um método misto de substituição, eliminando uma variável ( neste caso y), depois resolvendo por um método numérico o problema reduzido apenas com a variável x, e por fim substituir as soluções na expressão que permite calcular y.

Pode ver esse cálculo aqui:

(% i1) f1: 2\*x^2 -x\*y-5\*x+1;

$$(f1) \quad -xy + 2x^2 - 5x + 1$$

(% i2) f2: x+3\*log(x)/log(10)-y^2,numer;

$$(f2) \quad -y^2 + 1.302883445709755 \log(x) + x$$

escrever a primeira equação f1=0 como y = g1(x)

(% i3) -(+2\*x^2-5\*x+1)/(-x);

$$(\% \text{ o3}) \quad -\frac{-2x^2 + 5x - 1}{x}$$

(% i4) g1: ratsimp(%);

$$(g1) \quad \frac{2x^2 - 5x + 1}{x}$$

substituir g1 em f2 para obter uma equação apenas em x

(% i5) g2: subst(g1, y, f2);

$$(g2) \quad 1.302883445709755 \log(x) - \frac{(2x^2 - 5x + 1)^2}{x^2} + x$$

Construir o iterador de newton, apenas para desenhar um gráfico e identificar raízes

(% i6) x-g2 / diff(g2,x,1);

$$(\% \text{ o6}) \quad x - \frac{1.302883445709755 \log(x) - \frac{(2x^2 - 5x + 1)^2}{x^2} + x}{\frac{2(2x^2 - 5x + 1)^2}{x^3} - \frac{2(4x - 5)(2x^2 - 5x + 1)}{x^2} + \frac{1.302883445709755}{x} + 1}$$

(% i7) itnew: ratsimp(%);

rat: replaced 1.302883445709755 by 14657229/11249839 = 1.302883445709756rat: replaced 1.302883445709755 by

$$(itnew) \quad \frac{14657229x^3 \log(x) + 44999356x^5 - 340902560x^3 + 224996780x^2 - 33749517x}{89998712x^4 - 236246619x^3 - 14657229x^2 + 112498390x - 22499678}$$

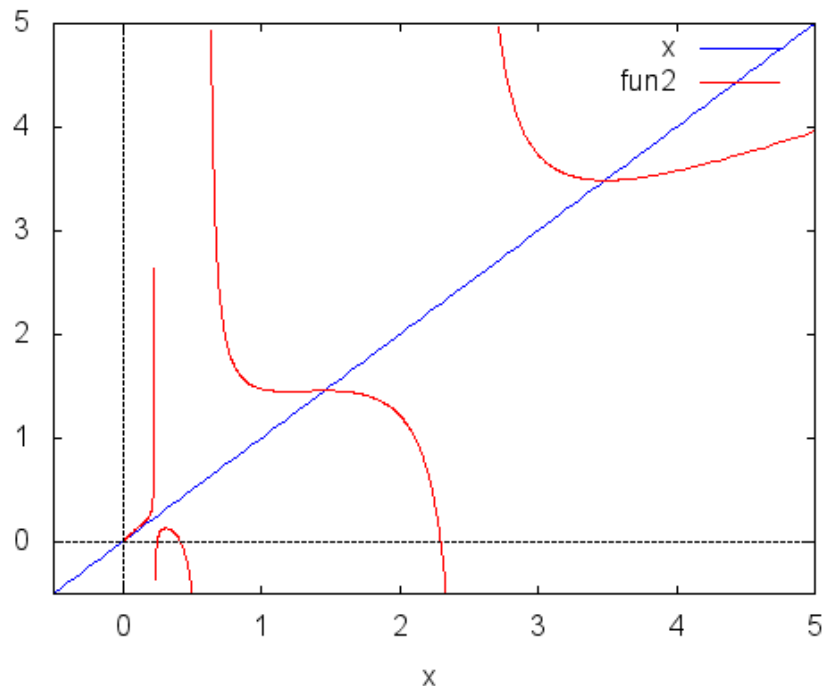
(% i8) wxplot2d([x, itnew], [x,-0.5,5],[y,-0.5,5],  
[gnuplot\_postamble, "set zeroaxis;"])\$

plot2d: expression evaluates to non-numeric value somewhere in plotting range.plot2d: some values were clipped.



**wxMaxima 2.9: Outra forma de calcular ( cont. )**

(% t8)



O gráfico mostra duas soluções perto de 1.5 e 3.5. Parece também indicar 0 como raiz, mas tente calcular  $\log(0)$  ...

Se usarmos a implementação do método de Newton para fazer os cálculos para a raiz da esquerda e depois para a da direita da expressão  $g_2$ , escolhendo guesses adequados (observe com cuidado o gráfico):

```
(% i9) load(newton1);
```

```
(% o9)
```

```
/Applications/Maxima.app/Contents/Resources/opt/share/maxima/5.43.0/share/numeric/newton1.mac
```

```
(% i10) x1: newton(g2,x,1.5,0.001);
```

```
(x1) 1.458890152604047
```

```
(% i11) x2: newton(g2,x,3,0.001),numer;
```

```
(x2) 3.487442850379197
```

Calcular y usando a expressão  $g_1$ , depois de transformada em função Maxima:

```
(% i12) fun1(x) := (2*x^2-5*x+1)/x;
```

```
(% o12) fun1(x) := 
$$\frac{2x^2 - 5x + 1}{x}$$

```

```
(% i13) y1:fun1(x1);
```

```
(y1) -1.396767127842263
```

**wxMaxima 2.9: Outra forma de calcular ( cont. )****(% i14)** `y2:func1(x2);``(y2)` 2.261628750867807

Verificar as soluções (x1,y1) e (x2,y2)

**(% i15)** `funf1(x,y):=2*x^2 -x*y-5*x+1;``(% o15)`  $\text{funf1}(x,y) := 2x^2 - xy + (-5)x + 1$ **(% i16)** `funf2(x,y):= x+3*log(x)/log(10)-y^2;``(% o16)`  $\text{funf2}(x,y) := x + \frac{3 \log(x)}{\log(10)} - y^2$ **(% i17)** `funf1(x1,y1), numer;``(% o17)` 0.0**(% i18)** `funf2(x1,y1),numer;``(% o18)`  $-4.78286195981780810^{-7}$ **(% i19)** `funf1(x2,y2), numer;``(% o19)` 0.0**(% i20)** `funf2(x2,y2), numer;``(% o20)`  $-4.58038099893087710^{-7}$





sua solução canónica é de carácter directo mas iterativo; porém, devido ao risco de acumulação dos inevitáveis erros de arredondamento, quer dos dados quer dos resultados intermédios, o resultado final encontra-se frequentemente sujeito a erros grosseiros, pelo que há necessidade de tomar precauções especiais a fim de evitar essas situações desagradáveis.

Notemos por  $\mathbf{A}$  a matriz quadrada dos coeficientes e por  $\mathbf{b}$  e  $\mathbf{x}$  as matrizes-colunas dos termos independentes e das incógnitas:

$$\mathbf{A} = \begin{pmatrix} a_{11} & a_{12} & \dots & a_{1n} \\ a_{21} & a_{22} & \dots & a_{2n} \\ \dots & \dots & \dots & \dots \\ a_{n1} & a_{n2} & \dots & a_{nn} \end{pmatrix} \quad \mathbf{b} = \begin{pmatrix} b_1 \\ b_2 \\ \dots \\ b_n \end{pmatrix} \quad \mathbf{x} = \begin{pmatrix} x_1 \\ x_2 \\ \dots \\ x_n \end{pmatrix}$$

de modo que o sistema pode ser escrito na forma simbólica  $\mathbf{A} \cdot \mathbf{x} = \mathbf{b}$  isto é,

$$\sum_{j=1}^n a_{ij} \cdot x_j = b_i \quad (i = 1, 2, \dots, n)$$

Se a matriz quadrada  $\mathbf{A}$  for não-singular, isto é, se  $\det\{\mathbf{A}\} \neq 0$ , então, como sabemos, o sistema tem solução  $x$  única que pode ser calculada pela *regra de Cramer*, a qual obriga a

$$N_n = N_{n-1} + (2n - 1))$$

operações algébricas elementares (somas, subtracções, multiplicações e divisões). Se o leitor se der ao trabalho de calcular esta expressão recorrente até  $n = 10$ , por exemplo, dar-se-á conta, perante a enormidade dos números, da necessidade de encontrar um método computacionalmente mais económico. Um desses métodos é o *método de eliminação de Gauss*, habitualmente estudado nos cursos elementares de Álgebra e presente em muitas bibliotecas de rotinas matemáticas, que se desenvolve do seguinte modo:

- divida-se a primeira equação por  $a_{11}$ , para tornar unitário o primeiro coeficiente;
- multiplique-se esta nova primeira equação por  $-a_{21}$  e some-se à segunda, obtendo-se uma nova segunda equação sem a incógnita  $x_1$ ; em seguida multiplique-se a nova primeira equação por  $-a_{31}$  e some-se à terceira, obtendo-se uma nova terceira equação, também sem a incógnita  $x_1$ ; continue-se deste modo até que, após  $n - 1$  passos, se tenham  $n - 1$  equações que não contêm a incógnita  $x_1$ ;
- repita-se o processo, trabalhando agora sobre a segunda coluna de coeficientes, de modo a eliminar a incógnita  $x_2$  nas  $n - 2$  últimas equações, e assim sucessivamente, até que, se tudo correr bem, a última equação contém apenas a incógnita  $x_n$  com coeficiente unitário e, portanto, resolvida; o conjunto destes passos corresponde à fase de *triangularização* da matriz dos coeficientes;
- substitua-se o valor de  $x_n$  assim achado na penúltima equação (que tem apenas  $x_{n-1}, x_n$ ) e resolva-se esta em ordem a  $x_{n-1}$ ; substituam-se os valores de  $x_{n-1}, x_n$  na penúltima equação e resolva-se esta em ordem a  $x_{n-2}$ ; continue-se deste modo até ter resolvido a primeira equação em ordem a  $x_1$ ; o conjunto destes passos corresponde à fase de *substituição para trás* que culmina com a *diagonalização* da matriz do sistema.

Note-se de passagem que, neste processo, dividimos cada equação (depois de devidamente reduzida) pelo seu coeficiente em posição diagonal, num total de  $n$  divisões; ora, cada divisão divide o valor do determinante do sistema pela mesma quantidade e as outras operações (simples combinações lineares de linhas) não alteram o valor do determinante; além disso, o determinante do sistema triangularizado vale uma unidade, de modo que o determinante do sistema pode ser cal-

culado pelo produto dos divisores utilizados, o que constitui uma regra de cálculo bem mais eficaz que a conhecida *regra de Sarrus*.

### Exemplo: 3.1 Aplicação do Método de Gauss

Resolver o sistema:

$$\begin{cases} 3x + 6y + 9z = 39 & (1) \\ 2x + 5y - 2z = 3 & (2) \\ x + 3y - z = 2 & (3) \end{cases}$$

Divida-se (1) por 3:

$$\begin{cases} x + 2y + 3z = 13 & (1') \\ 2x + 5y - 2z = 3 & (2) \\ x + 3y - z = 2 & (3) \end{cases}$$

Multiplique-se (1') por  $-2$  e some-se a (2):

$$\begin{cases} x + 2y + 3z = 13 & (1') \\ y - 8z = -23 & (2') \\ x + 3y - z = 2 & (3) \end{cases}$$

Multiplique-se (1') por  $-1$  e some-se a (3):

$$\begin{cases} x + 2y + 3z = 13 & (1') \\ y - 8z = -23 & (2') \\ y - 4z = -11 & (3') \end{cases}$$

Multiplique-se (2') por  $-1$  e some-se a (3'):

$$\begin{cases} x + 2y + 3z = 13 & (1') \\ y - 8z = -23 & (2') \\ 4z = 12 & (3'') \end{cases}$$

Divida-se (3'') por 4:

$$\begin{cases} x + 2y + 3z = 13 & (1') \\ y - 8z = -23 & (2') \\ z = 3 & (3''') \end{cases}$$

Substitua-se  $z = 3$  em (2'):

$$\begin{cases} x + 2y + 3z = 13 & (1') \\ y = 1 & (2'') \\ z = 3 & (3''') \end{cases}$$

substitua-se  $z = 3$  e  $y = 1$  em (1'):

$$\begin{cases} x = 2 & (1'') \\ y = 1 & (2'') \\ z = 3 & (3''') \end{cases}$$

O valor do determinante do sistema é  $3 \times 1 \times 4 = 12$ .

Uma condição suficiente para que o algoritmo de Gauss seja viável é a de que nenhum dos divisores seja nulo; se tal condição se não verificar em dado passo, pode sempre pensar-se em trocar a ordem das

colunas ainda não triangularizadas; se mesmo esse expediente falhar, o sistema não é resolúvel.

---

#### Algoritmo 3.1

```

DADOS  $W(n, n+1) = A(n, n); b(n)$ 
INICIALIZE-SE  $p$  DE MODO QUE  $p(i) = i$  ( $i = 1, 2, \dots, n$ )
  PARA  $k = 1, 2, \dots, n-1$  {
    ACHAR O MENOR  $i \geq k$  TAL QUE  $W(i, k) \neq 0$ 
    SE NÃO EXISTIR, A NÃO É INVERTÍVEL; PARAR
    CASO CONTRÁRIO, TROCAR  $p(k)$  COM  $p(i)$  E AS LINHAS  $k$  E  $i$  DE  $W$ 
    PARA  $i = k+1, \dots, n$  {
      SEJAM  $m = W(k, k)$ ,  $W(i, k) = W(i, k)/m$ 
      PARA  $j = k+1, \dots, n+1$  {
        SEJA  $W(i, j) = W(i, j) - m \cdot W(k, j)$ 
      }
    }
  }
SE  $W(n, n) = 0$ , A NÃO É INVERTÍVEL; PARAR
SEJA  $x(n) = b(n)$ 
PARA  $k = n-1, \dots, 1$  {
  SEJA  $s = 0$ 
  PARA  $j = k+1, \dots, n$  {
    SEJA  $s = s + W(k, j) \cdot x(j)$ 
  }
  SEJA  $x(k) = (b(k) - s) / W(k, k)$ 
}

```

---

É fácil calcular o número de operações algébricas elementares necessárias para resolver um sistema de  $n$  equações pelo método de Gauss:

$$N_{Gn} = \frac{2}{3} \cdot n \cdot (n+1) \cdot (n+2) + n \cdot (n-1)$$

e podemos compará-lo com o número de operações exigidas pela regra de Cramer. A economia obtida a partir de  $n = 4$  torna-se verdadeiramente espectacular.

#### Exemplo: 3.2 Organização de cálculos

Uma das formas possíveis de organizar os cálculos é a que se apresenta a seguir. Repare na indexação das linhas, indicando **iteração.equação.transformação** e no registo da operação de que resulta a linha. Operações sobre colunas podem ser registadas na célula de título da coluna. São óbvias algumas regras de previsão e arrumação do espaço para os cálculos.

Operando sobre a totalidade da matriz:

## Exemplo: 3.2 Organização de cálculos (cont.)

índice	operação linha	$x_1$	$x_2$	$x_3$	b
<b>1.1</b>		0.100	0.700	-0.300	-19.300
<b>1.1.1</b>	<b>1.1 / 0.100</b>	1.000	7.000	-3.000	-193.000
<b>1.1.2</b>	<b>1.1.1 <math>\times</math> -(0.300)</b>	- 0.300	- 2.100	0.900	57.900
<b>1.1.3</b>	<b>1.1.1 <math>\times</math> -(3.000)</b>	-3.000	21.000	9.000	579.000
<b>1.2</b>		0.300	-0.200	10.000	71.400
<b>1.2.1</b>	<b>1.2 + 1.1.2</b>	0	-2.3000	10.900	129.300
<b>1.3</b>		3.0	-0.100	-0.200	7.850
<b>1.3.1</b>	<b>1.3 + 1.1.3</b>	0	20.900	8.800	656.850

Operando sobre a submatriz [2-4]

índice	operação linha	$x_1$	$x_2$	$x_3$	b
<b>2.1</b>	<b>1.1.1</b>	1.000	7.000	-3.000	-193.000
<b>2.2</b>	<b>1.2.1</b>	0	-2.300	10.900	129.300
<b>2.2.1</b>	<b>2.2 / (-2.300)</b>	0	1.000	-4.739	-56.217
<b>2.2.2</b>	<b>2.2.1 <math>\times</math> -(20.900)</b>	0	-20.900	99.045	1174.935
<b>2.3</b>	<b>1.3.1</b>	0	20.900	8.800	656.850
<b>2.3.1</b>	<b>2.3 + 2.2.2</b>	0	0	107.845	1831.785

Operando sobre a submatriz [3-4]

índice	operação linha	$x_1$	$x_2$	$x_3$	b
<b>3.1</b>	<b>1.1.1</b>	1.000	7.000	-3.000	-193.000
<b>3.2</b>	<b>2.2.1</b>	0	1.000	-4.739	-56.217
<b>3.3</b>	<b>2.3.1</b>	0	0	107.845	1831.785
<b>3.3.1</b>	<b>3.3 / (107.845)</b>	0	0	1.000	16.985
índice	operação linha	$x_1$	$x_2$	$x_3$	b
<b>4.1</b>	<b>1.1.1</b>	1.000	7.000	-3.000	-193.000
<b>4.2</b>	<b>2.2.1</b>	0	1.000	-4.739	-56.217
<b>4.3</b>	<b>3.3.1</b>	0	0	1.000	16.985

## wxMaxima 3.1: Gauss no Maxima

Rotinas **Maxima** para calcular um sistema usando o Método de Gauss.

Do livro de Jorge A. Calvo, "Scientific Programming: Numeric, Symbolic, and Graphical Computing with Maxima", Cambridge Scholars Publishing, 2018, pp(182, 185)

(% i20) A: matrix([3,6,9],[2,5,-2],[1,3,-1]);

(A) 
$$\begin{pmatrix} 3 & 6 & 9 \\ 2 & 5 & -2 \\ 1 & 3 & -1 \end{pmatrix}$$

(% i21) B: matrix([39],[3],[2]);

(B) 
$$\begin{pmatrix} 39 \\ 3 \\ 2 \end{pmatrix}$$

(% i4) X: matrix([x],[y],[z]);

(X) 
$$\begin{pmatrix} x \\ y \\ z \end{pmatrix}$$



**wxMaxima 3.1: Gauss no Maxima ( cont. )**

(% i5) A.X=B;

(% o5) 
$$\begin{pmatrix} 9z + 6y + 3x \\ -2z + 5y + 2x \\ -z + 3y + x \end{pmatrix} = \begin{pmatrix} 39 \\ 3 \\ 2 \end{pmatrix}$$

(% i6) backsubst(A,B):= block([n, X, i, j],  
 n: length(A),  
 X: zeromatrix(n,1),  
 for i:n thru 1 step -1 do(  
 X[i,1]: B[i,1],  
 for j : i + 1 thru n do  
 X[i,1]: X[i,1]-A[i,j]\*X[j,1],  
 X[i,1] : X[i,1]/A[i,i]),  
 return(X))\$

augmented matrix

(% i7) M:addcol(A,B);

(M) 
$$\begin{pmatrix} 3 & 6 & 9 & 39 \\ 2 & 5 & -2 & 3 \\ 1 & 3 & -1 & 2 \end{pmatrix}$$

(% i28) Gauss(A,B):= block([n,i,j,pivot,mult],  
 n: length(A),  
 A: copymatrix(A),  
 B: copymatrix(B),  
 /\* row reduction \*/  
 for i: 1 thru n do(  
 pivot: A[i,i],  
 if pivot = 0 then  
 return(),  
 for j : i+1 thru n do(  
 mult: A[j,i]/pivot,  
 A[j]: A[j]-mult\*A[i],  
 B[j]: B[j]-mult\*B[i])),  
 print( "Reduced form ", A, B),  
 /\* back, unless 0 pivot \*/  
 if pivot = 0 then  
 return("Error: pivot 0!")  
 else  
 return( backsubst(A,B)))\$

(% i29) Gauss(A,B);

Reduced form

$$\begin{pmatrix} 3 & 6 & 9 \\ 0 & 1 & -8 \\ 0 & 0 & 4 \end{pmatrix} \begin{pmatrix} 39 \\ -23 \\ 12 \end{pmatrix}$$

**wxMaxima 3.1: Gauss no Maxima ( cont. )**

(% o29)

$$\begin{pmatrix} 2 \\ 1 \\ 3 \end{pmatrix}$$

**3.2 O Erro no Método de Gauss**

O método de Gauss é, entre os métodos da Análise Numérica, um tanto invulgar pelo facto de, teoricamente, produzir uma solução exacta em um número finito de passos. No entanto, não seremos tão ingénuos que vamos supor que é isso exactamente que se passa na prática. Por um lado, e logo à partida, há os erros contidos na conversão dos dados (coeficientes, termos independentes) e que, embora raramente pensemos neles, podem ter consequências sérias.

**Exemplo: 3.3 Representação binária exacta**

Tome-se o caso de um número tão simples como  $0.1_{(10)}$  que não tem representação binária exacta.

**Exercício 3.1** Para confirmar a afirmação anterior, calcule  $1_{(2)} / 1010_{(2)}$ .

Por outro lado, há os inevitáveis erros de arredondamento no decorrer das operações próprias do algoritmo, que podem produzir erros graves mesmo em um sistema de ordem baixa e, portanto, com poucas operações, como mostram os exemplos seguintes:

**Exemplo: 3.4 Erros graves**

Seja o sistema:

$$\begin{cases} x + \frac{1}{3}y = 1 \\ 2x + \frac{2}{3}y = 2 \end{cases}$$

que é indeterminado (porque o seu determinante é nulo) e que na nossa máquina imaginária seria representado na forma

$$\begin{cases} 0.100 \times 10^1 x + 0.333 \times 10^0 y = 0.100 \times 10^1 \\ 0.200 \times 10^1 x + 0.667 \times 10^0 y = 0.200 \times 10^1 \end{cases}$$

que é perfeitamente determinado (porque o determinante vale  $0.100 \times 10^{-2}$ ) e se resolve na forma

$$\begin{cases} 0.100 \times 10^1 x + 0.333 \times 10^0 y = 0.100 \times 10^1 \\ 0.100 \times 10^{-2} y = 0 \end{cases}$$

e dá

$$\begin{cases} x = 1 \\ y = 0 \end{cases}$$

o que é obviamente falso.

Note-se como é irónico que a técnica de arredondamento ( $\frac{2}{3} \rightarrow 0.667 \times 10^0$ ), destinada a diminuir o erro nos resultados finais, seja, neste caso, a responsável por um erro catastrófico: se, em vez de arredondar, tivéssemos truncado, o sistema continuaria indeterminado.

**Exemplo: 3.5 Mais erros graves**

Resolver, na **MAKINA**, o sistema

$$\begin{cases} x + 400y = 801 \\ 200x + 200y = 600 \end{cases}$$

cujas solução óbvia é

$$\begin{cases} x = 1 \\ y = 2 \end{cases}$$

Multiplicando a primeira equação por  $-200$  somando o resultado à segunda, obtemos

$$\begin{cases} 0.100 \times 10^1 x + 0.400 \times 10^3 y = 0.801 \times 10^3 \\ -0.798 \times 10^5 y = -0.159 \times 10^6 \end{cases}$$

o que dá

$$\begin{cases} x = 0.500 \times 10^1 \\ y = 0.199 \times 10^1 \end{cases}$$

O erro relativo em  $x$  é, portanto, de 400% e resulta da equação de substituição

$$x = 801 - 400y$$

que multiplica por 400 o erro cometido em  $y$ .

Torna-se, portanto, necessário, uma vez obtida a solução, tentar uma avaliação do erro cometido.

Por outro lado, não basta estimar esta *estabilidade externa* (isto é, em relação aos potenciais erros dos coeficientes e dos termos constantes): é necessário também estimar a *estabilidade interna* (isto é, em relação aos erros de arredondamento no decorrer do cálculo); notar-se-á que esta segunda forma de estabilidade não depende apenas das características do sistema de equações em questão, mas também do método de resolução adoptado e da precisão da representação dos números na máquina.

O erro na resolução de um sistema pode ser estudado por duas abordagens, o erro distribuído pelas equações e o erro distribuído pelas incógnitas.

Estamos a resolver o sistema de equações  $A.x = b$ . Da sua resolução numérica resulta uma solução aproximada  $x_0$ , que não satisfaz exatamente o sistema:

$$A.x_0 \approx b$$

Para restabelecer a identidade é necessário introduzir uma parcela de *erro*, que pode ser colocada em dois locais da equação:

$A.x_0 = b - \varepsilon_0$  este *erro* é designado como *resíduo*, e pode ser entendido como *o que falta a cada equação para se transformar numa identidade*, sendo calculável como

$$\varepsilon_0 = b - A.x_0$$

O resíduo, que é uma medida da qualidade da resolução do sistema, deve ser sempre calculado!

$A.(x_0 + \delta) = b$  este *erro* é associado à ideia de *estabilidade interna* do sistema, e pode ser entendido como *o que falta a cada solução para que a resolução do sistema seja exata*.

Vejamos então como obter uma estimativa da estabilidade interna: seja  $x_0$  uma solução aproximada (a nossa solução!) tal que

$$x = x_0 + \delta$$

e teremos

$$A.(x_0 + \delta) = b$$

isto é

$$A.\delta = b - A.x_0 = \epsilon$$

em que  $\epsilon$  é obviamente a coluna dos resíduos (cujas componentes são os resíduos das equações, isto é, as diferenças entre os segundos membros e os valores calculados dos primeiros). Esta relação mostra que os  $\delta$  podem ser obtidos por eliminação gaussiana sobre um sistema com matriz idêntica à do problema inicial, uma vez conhecida a solução deste. Note-se, porém, que esta segunda resolução será, por sua vez, afectada por erros do mesmo tipo dos da resolução do sistema inicial.

Destas considerações resulta claramente que, por trás da sua aparência directa e simples, o método de eliminação de Gauss contém muitas subtilidades ocultas.

É interessante também estudar o efeito da precisão dos próprios coeficientes e termos independentes na resolução dos sistema e valores da solução, o estudo da *estabilidade externa*. Para isso, partindo de novo do problema da forma

$$A.x = b$$

consideremos o problema perturbado

$$(A + \delta A).(x + \delta x) = b + \delta b$$

em que  $\delta A$  e  $\delta b$  são os erros (pequenos!) da matriz do sistema e dos termos constantes e  $\delta x$  é o erro resultante para a solução. Teremos, portanto, sucessivamente:

$$A.x + A.\delta x + \delta A.x + A.\delta x = b + \delta b$$

$$A.\delta x + \delta A.x + \delta A.\delta x = \delta b$$

e, se os erros nos dados forem suficientemente pequenos, poderemos desprezar  $\delta A.\delta x$  em face de  $A.\delta x$  e  $\delta A.x$ , pelo que:

$$A.\delta x = \delta b - \delta A.x$$

o que mostra que é possível calcular os  $\delta x$  (aproximadamente, se os erros forem pequenos!) mediante o próprio processo de eliminação gaussiana sobre um sistema de matriz idêntica à do problema inicial e só com segundos membros diferentes, mas só depois de conhecer a solução  $x$ .

#### Exemplo: 3.6 Estabilidade externa

Seja o sistema

$$\begin{cases} 7x + 8y + 9z = 24 \\ 8x + 9y + 10z = 27 \\ 9x + 10y + 8z = 27 \end{cases}$$

e resolvamo-lo em **Maxima** pelo método de eliminação gaussiana, usando a colecção de funções para álgebra linear<sup>a</sup>:

```
(%i1) load(linearalgebra);
```

mediante os comandos  $\text{echelon}(M)$ <sup>b</sup> e  $\text{rowop}(M, i, j, t)$ <sup>c</sup>:

## Exemplo: 3.6 Estabilidade externa (cont.)

```
(%i2) A:matrix(
  [7,8,9],
  [8,9,10],
  [9,10,8]
);
```

$$(\%o2) \quad \begin{pmatrix} 7 & 8 & 9 \\ 8 & 9 & 10 \\ 9 & 10 & 8 \end{pmatrix}$$

```
(%i3) B:matrix(
  [24],
  [27],
  [27]
);
```

$$(\%o3) \quad \begin{pmatrix} 24 \\ 27 \\ 27 \end{pmatrix}$$

```
(%i4) AB:addcol(A,B);
```

$$(\%o4) \quad \begin{pmatrix} 7 & 8 & 9 & 24 \\ 8 & 9 & 10 & 27 \\ 9 & 10 & 8 & 27 \end{pmatrix}$$

```
(%i5) AB:echelon(AB);
```

$$(\%o5) \quad \begin{pmatrix} 1 & \frac{8}{7} & \frac{9}{7} & \frac{24}{7} \\ 0 & 1 & 2 & 3 \\ 0 & 0 & 1 & 1 \end{pmatrix}$$

```
(%i6) AB:rowop(AB,2,3,2);
```

$$(\%o6) \quad \begin{pmatrix} 1 & \frac{8}{7} & \frac{9}{7} & \frac{24}{7} \\ 0 & 1 & 0 & 1 \\ 0 & 0 & 1 & 1 \end{pmatrix}$$

```
(%i7) AB:rowop(AB,1,3,9/7);
```

$$(\%o7) \quad \begin{pmatrix} 1 & \frac{8}{7} & 0 & \frac{15}{7} \\ 0 & 1 & 0 & 1 \\ 0 & 0 & 1 & 1 \end{pmatrix}$$

```
(%i8) AB:rowop(AB,1,2,8/7);
```

**Exemplo: 3.6 Estabilidade externa (cont.)**

$$(\%o8) \quad \begin{pmatrix} 1 & 0 & 0 & 1 \\ 0 & 1 & 0 & 1 \\ 0 & 0 & 1 & 1 \end{pmatrix}$$

A solução é, portanto,

$$\begin{cases} x = 1 \\ y = 1 \\ z = 1 \end{cases}$$

e a estabilidade externa pode ser estimada mediante:

$$A.\delta x = \delta b - \delta A.x$$

em que  $\delta a$  é o erro absoluto dos coeficientes da equação e  $\delta b$  o dos segundos membros. Calculando mais uma vez em **Maxima**

```
(%i9) DA:zeromatrix(3,3)+da;
```

$$(\%o9) \quad \begin{pmatrix} da & da & da \\ da & da & da \\ da & da & da \end{pmatrix}$$

```
(%i10) DB:zeromatrix(3,1)+db;
```

$$(\%o10) \quad \begin{pmatrix} db \\ db \\ db \end{pmatrix}$$

```
(%i11) X:col(AB,4);
```

$$(\%o11) \quad \begin{pmatrix} 1 \\ 1 \\ 1 \end{pmatrix}$$

```
(%i12) BP:DB-DA.X;
```

$$(\%o12) \quad \begin{pmatrix} db-3da \\ db-3da \\ db-3da \end{pmatrix}$$

```
(%i13) AP:addcol(A,BP);
```

$$(\%o13) \quad \begin{pmatrix} 7 & 8 & 9 & db-3da \\ 8 & 9 & 10 & db-3da \\ 9 & 10 & 8 & db-3da \end{pmatrix}$$

```
(%i14) AP:echelon(AP);
```

$$(\%o14) \quad \begin{pmatrix} 1 & \frac{8}{7} & \frac{9}{7} & \frac{db-3da}{7} \\ 0 & 1 & 2 & db-3da \\ 0 & 0 & 1 & 0 \end{pmatrix}$$

**Exemplo: 3.6 Estabilidade externa (cont.)**

```
(%i15) AP:rowop(AP,2,3,2);
```

```
(%o15)
```

$$\begin{pmatrix} 1 & \frac{8}{7} & \frac{9}{7} & \frac{db-3da}{7} \\ 0 & 1 & 0 & db-3da \\ 0 & 0 & 1 & 0 \end{pmatrix}$$

```
(%i16) AP:rowop(AP,1,3,9/7);
```

```
(%o16)
```

$$\begin{pmatrix} 1 & \frac{8}{7} & 0 & \frac{db-3da}{7} \\ 0 & 1 & 0 & db-3da \\ 0 & 0 & 1 & 0 \end{pmatrix}$$

```
(%i17) AP:rowop(AP,1,2,8/7);
```

```
(%o17)
```

$$\begin{pmatrix} 1 & 0 & 0 & 3da-db \\ 0 & 1 & 0 & db-3da \\ 0 & 0 & 1 & 0 \end{pmatrix}$$

teremos, portanto,

$$\begin{cases} \delta x = 3\delta a - \delta b \\ \delta y = -3\delta a + \delta b \\ \delta z = 0 \end{cases}$$

o que mostra o facto surpreendente de (para este sistema particular!) a incógnita  $z$  ser insensível a (pequenos!) erros dos dados. Se supusermos que  $\delta a = \delta b = 0.5$  teremos

$$\begin{cases} \delta x = 1 \\ \delta y = -1 \\ \delta z = 0 \end{cases}$$

<sup>a</sup>ver ficheiro SISTEMAS-estabilidade

<sup>b</sup>`echelon(M)` devolve uma matriz triangular superior de diagonal unitária obtida por eliminação gaussiana a partir da matriz  $M$

<sup>c</sup>`rowop(M,i,j,t)` opera sobre a linha  $i$  da matriz  $M$  por  $R_i \leftarrow R_i - t * R_j$

**Exercício 3.2** Se o valor 0.5 que acabámos de usar fosse tomado como um majorante do erro dos dados, o resultado seria um majorante do erro do resultado?

**Exemplo: 3.7 Estabilidade interna**

A estabilidade interna do mesmo sistema pode, por sua vez, ser estimada mediante<sup>a</sup>:

```
(%i18) AX0:addcol(A,B-A.X0);
```

```
(%o18)
```

$$\begin{pmatrix} 7 & 8 & 9 & 0 \\ 8 & 9 & 10 & 0 \\ 9 & 10 & 8 & 0 \end{pmatrix}$$

**Exemplo: 3.7 Estabilidade interna (cont.)**

```
(%i19) AX0:echelon(AX0);
```

$$(\%o19) \quad \begin{pmatrix} 1 & \frac{8}{7} & \frac{9}{7} & 0 \\ 0 & 1 & 2 & 0 \\ 0 & 0 & 1 & 0 \end{pmatrix}$$

```
(%i20) AX0:rowop(AX0,2,3,2);
```

$$(\%o20) \quad \begin{pmatrix} 1 & \frac{8}{7} & \frac{9}{7} & 0 \\ 0 & 1 & 0 & 0 \\ 0 & 0 & 1 & 0 \end{pmatrix}$$

```
(%i21) AX0:rowop(AX0,1,3,9/7);
```

$$(\%o21) \quad \begin{pmatrix} 1 & \frac{8}{7} & 0 & 0 \\ 0 & 1 & 0 & 0 \\ 0 & 0 & 1 & 0 \end{pmatrix}$$

```
(%i22) AX0:rowop(AX0,1,2,8/7);
```

$$(\%o22) \quad \begin{pmatrix} 1 & 0 & 0 & 0 \\ 0 & 1 & 0 & 0 \\ 0 & 0 & 1 & 0 \end{pmatrix}$$

o que significa que, os erros internos são nulos, como seria de esperar visto termos usado o modo de cálculo exacto, com representação racional.

Se, porém, tivéssemos calculado a seis casas significativas em vírgula flutuante, a solução do problema inicial seria, como o leitor pode verificar

$$\begin{cases} x &= 0.999257 \times 10^0 \\ y &= 0.100069 \times 10^1 \\ z &= 0.999973 \times 10^0 \end{cases}$$

o que representa

$$\begin{cases} \delta x &= -0.743000 \times 10^{-3} \\ \delta y &= +0.690000 \times 10^{-4} \\ \delta z &= -0.270000 \times 10^{-4} \end{cases}$$

A precisão externa, calculada nos mesmo termos e com estes dados seria:

$$\begin{cases} \delta x &= +0.100046 \times 10^0 \\ \delta y &= -0.100043 \times 10^0 \\ \delta z &= +0.166583 \times 10^{-4} \end{cases}$$

(note-se que estes números não podem comparar-se com os anteriores) A precisão interna, por seu lado, seria,

$$\begin{cases} \delta x &= +0.743674 \times 10^{-3} \\ \delta y &= -0.690639 \times 10^{-4} \\ \delta z &= +0.270489 \times 10^{-4} \end{cases}$$



**Exemplo: 3.7 Estabilidade interna (cont.)**

Não há, portanto (como seria de esperar dado o carácter meramente aproximado do cálculo) total concordância entre estes valores e os efectivamente observados; este resultado mostra, como já tínhamos deixado apontado, que há que pôr de parte toda a esperança de, por este processo, suprir os erros de cálculo; com efeito, neste caso, se corrigíssemos os valores calculados das raízes por estes desvios calculados, a solução y pioraria substancialmente.

<sup>a</sup>ver ficheiro SISTEMAS-estabilidade

**3.2.1 Melhoramento pelos resíduos**

Porém, o método de Gauss não é de todo desprovido de esperança: o conceito de *vector dos resíduos*,  $\epsilon$ , sugere, dada a linearidade do problema, uma técnica iterativa para melhoramento da solução:

1. seja  $x_0$  uma primeira solução pelo método de Gauss e calcule-se  $\epsilon_0 = b - A.x_0$ ;
2. resolva-se em seguida o sistema  $A.y_0 = \epsilon_0$  e faça-se  $x_1 = x_0 + y_0$ , a nova aproximação;
3. calcule-se em seguida  $\epsilon_1 = b - A.x_1$ ;
4. verifique-se se  $\|\epsilon_1\| < \|\epsilon_0\|$ , usando por exemplo a *norma euclidiana*, decidindo se a nova aproximação é uma melhoria e se portanto vale a pena reiterar até que se obtenha um vector de resíduos  $\epsilon_n$  satisfatório, ou então abandonar a tentativa.

Dada, porém, a natureza sempre aproximada dos cálculos, não se podem depositar demasiadas esperanças neste esquema um pouco ingénuo, que pretende substituir o erro efetivo por um erro estimado <sup>1</sup>, pelo que o número de iterações deve ser fixado sensatamente.

**3.3 Técnicas Clássicas para Minimização dos Erros**

Para evitar estes erros típicos do método de Gauss, têm, ao longo dos tempos, sido imaginados numerosos esquemas que, no fundo, se reduzem a combinações ou variantes das técnicas que descreveremos em seguida. No entanto, nenhum desses esquemas é perfeito. Na maior parte dos casos trata-se, fundamentalmente de evitar o aparecimento de valores muito altos como multiplicadores dos erros e de valores muito baixos como divisores das equações.

**pivotagem parcial** Já encontramos o conceito de *pivotagem parcial* quando, no algoritmo de eliminação, tratámos de evitar o embaraço de uma eventual divisão por zero e, para isso, fomos levados a permutar equações; no sentido mais geral, esta técnica consiste em, na eliminação de cada coluna, escolher, não o primeiro coeficiente não-nulo, mas o maior (em valor absoluto) coeficiente dessa coluna e em, naturalmente, usar a equação correspondente para proceder à eliminação. O efeito da pivotagem parcial é apenas o de uma reordenação das equações, embora essa reordenação não precise ser fisicamente implementada.

**pivotagem total** A *pivotagem total* consiste em escolher, não o maior coeficiente da coluna que se pretende eliminar, mas o maior de todos os coeficientes das equações ainda não tratadas. Existe razoável consenso entre os analistas numéricos no sentido de que a vantagem marginal produzida pela pivotagem total não compensa o esforço computacional envolvido no reordenamento total da matriz.

<sup>1</sup>que se supõe pequeno, mas que é calculado por um processo que distribui mal quantidades pequenas ...

**escalagem de linhas** A *escalagem de linhas* consiste em, antes de iniciar o processo de eliminação, dividir cada equação por uma potência de 10 adequada, de modo a que o maior coeficiente se encontre entre 0.1 e 10; em termos mais gerais: se, em dada máquina, se utilizar a base  $\beta$  (o caso mais frequente é  $\beta = 2$ ) para a aritmética de vírgula flutuante, divide-se cada equação pela potência de  $\beta$  que torna o seu maior coeficiente compreendido entre  $\beta^{-1}$  e  $\beta$ . Um outro esquema, mais simples de programar mas menos eficiente, consiste em dividir cada equação pelo seu maior coeficiente (ao contrário da técnica anterior, esta produz desde logo erros de arredondamento). Na ausência de erros, qualquer destas técnicas não afecta a solução teórica do sistema.

**escalagem de colunas** A *escalagem de colunas* é semelhante à de linhas, mas afecta as soluções no sentido de que, se uma coluna  $i$  for dividida por  $\beta^\alpha$ , a solução  $x_i$  encontrada no final deve ser multiplicada por  $\beta^\alpha$ .

Em relação às técnicas de escalagem, pode mostrar-se (cf. [JR75]) que, quando se usa aritmética de vírgula flutuante, a escalagem por uma potência da base de numeração é completamente inócua, salvo quando usada em conjunto com a pivotagem.

#### Exemplo: 3.8 Escalagem

Seja o sistema anterior

$$\begin{cases} x + 400y = 801 \\ 200x + 200y = 600 \end{cases}$$

que, escalado por linhas, dá

$$\begin{cases} 0.100 \times 10^{-2}x + 0.400 \times 10^0y = 0.801 \times 10^0 \\ 0.200 \times 10^0x + 0.200 \times 10^0y = 0.600 \times 10^0 \end{cases}$$

A técnica de pivotagem parcial exige que se comece a eliminação na 2ª equação e não na 1ª:

$$\begin{cases} 0.399 \times 10^0y = 0.798 \times 10^0 \\ 0.100 \times 10^1x + 0.100 \times 10^1y = 0.300 \times 10^2 \end{cases}$$

de onde resulta

$$\begin{cases} y = 0.200 \times 10^1 \\ x = 0.100 \times 10^1 \end{cases}$$

Note-se que, deste modo, um eventual pequeno erro de arredondamento em  $y$  (que neste caso não ocorreu) não seria amplificado por um coeficiente desastrosamente alto, como sucedia no exemplo anterior.

### 3.4 Ordem e Condição de um Sistema

Como sabemos, a existência de uma *dependência linear entre linhas* (equações) de um sistema faz com que a sua solução seja *indeterminada*; na prática corrente do método de Gauss, esta situação é detectada pelo aparecimento de uma linha de zeros na matriz; na versão de pivotagem sistemática, porém, tal detecção não é automática; é, por isso, de boa prática, tentar sempre detectar a existência de um zero na coluna e, nesse caso, investigar se a respectiva linha é toda nula (incluindo o termo independente); se for este o caso, torna-se evidente que a equação correspondente é *linearmente dependente* das anteriores e que a variável que pretendíamos eliminar passa a constituir um *parâmetro* da solução do sistema (esta situação pode ocorrer mais que uma vez no decorrer da resolução de um mesmo sistema); se todos os coeficientes forem nulos mas o termo independente o não for, a equação é *incompatível* com as anteriores e, portanto, o sistema é impossível.

Pode também suceder que surja uma coluna de zeros, precisamente aquela sobre a qual pretendíamos proceder à eliminação; isto significa, obviamente, que existe uma *dependência linear entre colunas*; neste caso o sistema é também indeterminado na incógnita correspondente (o que não impede que possa também ser impossível por outras razões).

Em qualquer dos casos (dependência de linhas ou de colunas), a *ordem* do sistema (ordem do maior determinante não nulo da matriz dos coeficientes) cai de uma unidade.

A ordem do sistema é, portanto, um indicador deste tipo de anomalias, mas um indicador pouco interessante porque não é capaz de distinguir uma situação de indeterminação de outra de impossibilidade. De qualquer modo, a consideração é irrelevante dado que, como vimos na página 93, a melhor maneira de calcular um determinante consiste em aplicar o método de Gauss à respectiva matriz.

#### Exemplo: 3.9 Dependência linear de colunas

Dependência linear de colunas (ver ficheiro SISTEMAS-deplincol):

```
(%i1) m:matrix(
      [2,4,1,13],
      [1,2,-1,2],
      [1,2,2,11]
    );
```

$$(\%o1) \quad \begin{pmatrix} 2 & 4 & 1 & 13 \\ 1 & 2 & -1 & 2 \\ 1 & 2 & 2 & 11 \end{pmatrix}$$

```
(%i2) echelon(m);
```

$$(\%o2) \quad \begin{pmatrix} 1 & 2 & \frac{1}{2} & \frac{13}{2} \\ 0 & 0 & 1 & 3 \\ 0 & 0 & 0 & 0 \end{pmatrix}$$

#### Exemplo: 3.10 Dependência linear entre linhas

Dependência linear entre linhas (ver ficheiro SISTEMAS-deplinlin):

```
(%i1) m:matrix(
      [2,4,1,13],
      [1,2,.5,6.5],
      [1,1,1,6]
    );
```

$$(\%o1) \quad \begin{pmatrix} 2 & 4 & 1 & 13 \\ 1 & 2 & 0.5 & 6.5 \\ 1 & 1 & 1 & 6 \end{pmatrix}$$

```
(%i2) echelon(m);
```

$$(\%o2) \quad \begin{pmatrix} 1 & 2 & \frac{1}{2} & \frac{13}{2} \\ 0 & 1 & -\frac{1}{2} & \frac{1}{2} \\ 0 & 0 & 0 & 0 \end{pmatrix}$$

Detectada que seja uma dependência linear, um bom programa deve identificá-la tão de perto quanto possível, porque é altamente provável que o utilizador pretendesse, ou supusesse, que o sistema tivesse a maior ordem possível. Em termos numéricos, o problema da ordem de um sistema é um problema complexo, até porque, no decorrer do cálculo, os efeitos do arredondamento tanto podem fazê-lo descer (por exemplo, quando ocorre perda total de significado em uma subtração de linhas) como subir (como no exemplo atrás, relativo ao arredondamento dos dados).

**Exercício 3.3** Resolver os sistemas:

1.

$$\begin{cases} x + y + z &= 6 \\ 3x - y + z &= -2 \\ 2x + 0y + z &= 2 \end{cases}$$

2.

$$\begin{cases} x + 3y + 2z &= 6 \\ x - y + 0z &= -2 \\ x + 0y + z &= 2 \end{cases}$$

3.

$$\begin{cases} x + z &= a \\ x + z &= b \\ x + z &= c \end{cases}$$


---

Dado que, em termos numéricos, a identificação do que é um valor nulo é sempre, em princípio, um problema muito complicado, sucede que a determinação da ordem de um sistema é, também, um problema complicado. No entanto, é óbvio que, por razões práticas, temos que construir um conceito que possa, pelo menos de forma parcial ou de modo aproximado, ajudar-nos a resolver o problema. Este conceito é o de *condição de um sistema*, o qual, por sua vez, dada a própria natureza do problema, é um conceito mal definido. A ideia geral é a de que um sistema é mal condicionado se pequenas variações dos coeficientes podem dar origem a variações desproporcionadamente grandes das soluções; ideia corresponde, portanto, aproximadamente à de *instabilidade externa* que atrás analisámos e o seu carácter vago resulta, naturalmente, do carácter vago das noções de "grande" e "pequeno"; em um outro sentido, o conceito de condição pode ser considerado como uma tentativa de formalizar um pouco a ideia de dependência linear face à inevitabilidade dos arredondamentos.

Se o mau condicionamento de um sistema resulta da própria natureza do processo físico que ele descreve, preferiremos falar em *instabilidade*. No entanto, nem todos os maus condicionamentos provêm do sistema físico, mas sim da formulação matemática que para ele escolhemos: em certo sentido, a discussão do Capítulo ??Um sobre o cálculo numérico de expressões mostrou já como diferentes expressões analíticas do mesmo problema matemático podem conduzir a cálculos com precisões completamente diferentes; com efeito, em casos extremos, pode mesmo suceder que a própria estratégia de cálculo seja responsável pelo mau condicionamento; por exemplo, sabe-se que a pivotagem pode transformar um sistema bem condicionado em um mal condicionado.

Existem numerosos mal-entendidos acerca dos sistemas mal-condicionados:

- um deles é o de que um sistema adequadamente escalado que tem um determinante pequeno é necessariamente mal-condicionado;

### 3 Sistemas de Equações Lineares

- um outro é o de que o mau condicionamento se liga com a existência de um pequeno ângulo entre os gráficos de duas ou mais das equações.

Definiremos a *norma espectral* de uma matriz quadrada  $\mathbf{A}$  como:

$$\|\mathbf{A}\| = \max_{\|\mathbf{x}\|=1} \|\mathbf{A} \cdot \mathbf{x}\|$$

em que

$$\|\mathbf{x}\| = \sum_{i=1}^n x_i^2$$

é a *norma euclidiana* do vector  $\mathbf{x}$ .

exemplo:

Interpretação: Se  $\mathcal{T}(\mathbf{x}) = \mathbf{A} \cdot \mathbf{x}$  for a transformação linear produzida sobre o vector  $\mathbf{x}$  pela matriz quadrada  $\mathbf{A}$ , a norma espectral da matriz pode ser interpretada como o máximo alongamento que sofre o raio de uma hipersfera unitária que sofre essa transformação.

Definiremos a condição de uma matriz quadrada não-singular (isto é, invertível) como:

$$\text{cond}(\mathbf{A}) = \|\mathbf{A}\| \cdot \|\mathbf{A}^{-1}\|$$

Esta definição não é, porém, adequadamente operacional no contexto do nosso problema, na medida em que implica o cálculo de  $\mathbf{A}^{-1}$ , que é, precisamente, o problema que pretendemos resolver. Em um tratamento mais sofisticado, o cálculo de  $\text{cond}(\mathbf{A})$  baseia-se na teoria das forma quadráticas hermitianas, que não podemos aqui abordar; diremos apenas que pode ser estimado através das relações

$$\|\mathbf{A}\| \leq \sqrt{\sum_{j=1}^n \sum_{i=1}^n |a_{ij}|^2}$$

e

$$\text{cond}(\mathbf{A}) \geq \frac{\max_j \|a_{.j}\|}{\min_j \|a_{.j}\|}$$

O significado concreto da condição é dado pelas suas seguintes propriedades:

- se  $\mathbf{A}$  for não-singular e

$$\mathbf{A} \cdot \mathbf{x} = \mathbf{b}$$

$$\mathbf{A} \cdot (\mathbf{x} + \delta \mathbf{x}) = \mathbf{b} + \delta \mathbf{b}$$

será

$$\frac{\|\delta \mathbf{x}\|}{\|\mathbf{x}\|} \leq \text{cond}(\mathbf{A}) \cdot \frac{\|\delta \mathbf{b}\|}{\|\mathbf{b}\|}$$

o que significa que  $\text{cond}(\mathbf{A})$  é um majorante da amplificação do erro relativo introduzido na solução pelo erro relativo dos segundos membros;

- Sendo

$$\mathbf{A}.\mathbf{x} = \mathbf{b}$$

$$\mathbf{A}.\mathbf{(x + \delta x)} = \mathbf{b + \delta b}$$

será

$$\frac{\|\delta \mathbf{x}\|}{\|\mathbf{x} + \delta \mathbf{x}\|} \leq \text{cond}(\mathbf{A}). \frac{\|\delta \mathbf{A}\|}{\|\mathbf{A}\|} = r$$

e, se for  $r < 1$ , será ainda

$$\frac{\|\delta \mathbf{x}\|}{\|\mathbf{x}\|} \leq \frac{r}{1 - r}$$

o que significa essencialmente a mesma coisa para os erros induzidos por  $\mathbf{A}$ .

O ponto a reter é, portanto, o seguinte: se a condição da matriz dos coeficientes do sistema for elevada, deveremos ter pouca confiança na solução, mesmo que os cálculos sejam executados de modo muito exacto; naturalmente, a inevitável presença de arredondamentos só pode piorar esta situação. Em particular, usando aritmética de base 2 em vírgula flutuante com  $n_m$  bits na mantissa, então um valor da condição da matriz do sistema maior que  $2^{n_m-1}$  indica que a solução encontrada terá, provavelmente, pouco significado. Pode, além disso, mostrar-se (cf. [Wil65]) que a solução  $\mathbf{x}$  calculada pelo método de Gauss é solução exacta de uma equação da forma

$$(\mathbf{A} + \delta \mathbf{A}).\mathbf{x} = \mathbf{b}$$

com

$$\|\delta \mathbf{A}\| = \max_i \sum_{j=1}^n |\delta a_{ij}|$$

aproximadamente proporcional a  $n^3$ . Este é um primeiro exemplo de uma análise inversa de erros, em que se mostra que a solução calculada aproximadamente para o nosso problema é solução exacta de um problema ligeiramente perturbado.

Todas estas considerações apontam para o facto de as fraquezas do método de Gauss e das suas variantes e "aperfeiçoamentos" serem bem mais graves que o que correntemente se supõe e que o que a sua presença sistemática nas bibliotecas de subrotinas matemáticas pode levar a crer. Na realidade, trata-se de um método que hoje já se não deve recomendar especialmente. O leitor aceitará que todo o tempo e esforço que lhe pedimos até ao momento se destinou a desenvolver a sensibilidade e o espírito crítico para as peculiaridades dos métodos de cálculo numérico e, por outro lado, para pôr em guarda contra o risco da excessiva confiança nos resultados que saem do computador com a benção de uma grande softwarehouse. Na realidade, o método que sugerimos como preferível é o que se apresenta de seguida.

O método de eliminação gaussiana constituiu objecto de extensos e profundos estudos, cuja história dá uma boa medida do que é, em termos reais, a construção das matemáticas. Como recorda Herman H. Goldstine (cf. [Gol90]):

Dada uma matriz quadrada  $n \times n$ , real e invertível,  $\mathbf{A}$ , e uma matriz coluna  $\mathbf{b} \in \mathbb{R}$ , pretendemos calcular  $\mathbf{x} = \mathbf{A}^{-1}.\mathbf{b}$ .

O processo conhecido como eliminação gaussiana, que constitui uma resposta ao problema, presta-se a implementação em computadores digitais automáticos e é também uma maneira de factorizar  $\mathbf{A}$  em um produto  $\mathbf{L.U}$  em que  $\mathbf{L}$  é triangular inferior e  $\mathbf{U}$  é triangular superior.

Uma vez conhecidas  $\mathbf{L}$  e  $\mathbf{U}$ , a solução  $\mathbf{x}$  é obtida resolvendo os dois sistemas triangulares

$$\mathbf{L}.\mathbf{c} = \mathbf{b}$$

$$\mathbf{U}.\mathbf{x} = \mathbf{c}$$

sendo a truncatura a única fonte de erro.

Em 1943 o famoso estatístico Hotelling (a resolução de sistemas de equações lineares é um problema constante e importante em Estatística) publicou uma análise que mostrava que o erro no cálculo do inverso aproximado,  $\mathbf{X}$ , podia crescer como  $4^{n-1}$ ; em especial, mostrou, de modo heurístico e não muito rigoroso, que o método de Gauss exige cerca de  $k + 0.6 \times n$  dígitos durante o cálculo para se obter uma precisão de  $k$  dígitos; assim, para inverter uma matriz de ordem 100 seriam necessários 70 dígitos se se quisesse uma precisão final de 10 dígitos. Começou então a temer-se que a eliminação gaussiana fosse instável com o erro de truncatura e iniciou-se uma procura frenética de algoritmos alternativos.

Em 1947, Goldstine e von Neumann, em um formidável artigo de 80 páginas, corrigiram em certa medida esta ideia. Certos estudiosos escolheram esta data como a do nascimento da moderna Análise Numérica. Entre outras coisas, este artigo mostrava como o uso sistemático de normas matriciais podia permitir a análise de erros; porém, um seu lamentável efeito involuntário foi o de deixar a impressão de que só matemáticos do calibre de Goldstine e von Neumann seriam capazes de empreender tais análises e, pior ainda, que tal trabalho era espantosamente maçador. Em termos técnicos, o principal resultado estabelecido era o de que, se  $\mathbf{A}$  for simétrica e definida positiva, então o inverso calculado,  $\mathbf{X}$ , satisfaz a

$$\|\mathbf{A}.\mathbf{X} - \mathbf{I}\| \leq 14.2 \times n^2 \times \varepsilon \times \text{cond}(\mathbf{A})$$

com

$$\text{cond}(\mathbf{A}) = \|\mathbf{A}\| \cdot \|\mathbf{A}^{-1}\|$$

em que  $\|\cdot\|$  é a norma espectral e  $\varepsilon$  é a unidade de truncatura do computador. Só quando  $\mathbf{A}$  é demasiado próxima de singular é que o algoritmo falha e não produz nenhum  $\mathbf{X}$ , mas isso é exactamente o que seria de esperar. O interessante neste resultado era o carácter polinomial em  $n$  do erro e o mais difícil era estabelecer o valor do coeficiente numérico. Por outro lado, ninguém até hoje foi capaz de mostrar que um inverso computacionalmente correcto,  $\mathbf{X}$ , tenha necessariamente que ser o inverso de uma matriz próxima de  $\mathbf{A}$ , isto é, que

$$\mathbf{X} = (\mathbf{A} + \mathbf{E})^{-1}$$

com

$$\|\mathbf{E}\|/\|\mathbf{A}\| \ll 1$$

Na realidade, é altamente provável que tal condição não se cumpra na generalidade; o que pode mostrar-se é que cada coluna de  $\mathbf{X}$  é a coluna correspondente da inversa de uma matriz próxima de  $\mathbf{A}$ ; infelizmente, será, em geral, uma matriz diferente para cada coluna.

Infelizmente, estes resultados referem-se apenas a um caso particular, o das matrizes simétricas e definidas positivas.

A experiência prática, anterior a 1963, da resolução de sistemas de equações com calculadoras mecânicas com  $n$  até 18 convenceu o matemático James Hardy Wilkinson, do National Physical Laboratory do Reino Unido, e os seus colegas L. Fox e E. T. Goodwin, de que a eliminação gaussiana dá excelentes resultados mesmo quando  $\mathbf{A}$  está longe de ser simétrica e definida positiva. Escrevendo  $\mathbf{L}.\mathbf{U} = \mathbf{A} + \mathbf{K}$ , em que  $\mathbf{K}$  é uma pequena "matriz de erro", os resultados que então publicou foram que a solução calculada,  $\mathbf{z}$ , satisfaz a

$$(\mathbf{A} + \mathbf{K}).\mathbf{z} = \mathbf{b}$$

com (se os produtos internos forem acumulados em dupla precisão antes da truncatura final)

$$\|\mathbf{K}\| \leq g \cdot \varepsilon (2.005 \times n^2 + n^3 + \frac{1}{4} \times \varepsilon \times n^4) \cdot \|\mathbf{A}\|$$

em que  $g$  é o *factor de crescimento*, definido como o cociente entre o maior valor intermédio gerado no processo e o elemento máximo de  $\mathbf{A}$ . O correspondente majorante dos resíduos é

$$\|\mathbf{b} - \mathbf{A} \cdot \mathbf{z}\| \leq g \cdot \varepsilon (2.005 \times n^2 + n^3) \cdot \|\mathbf{zA}\|$$

sob a condição de ser

$$\varepsilon \times n \ll$$

A importante quantidade  $g$  é extremamente fácil de calcular no próprio decorrer da execução do algoritmo.

### 3.5 Método de Cholesky

Dado um sistema

$$\mathbf{A} \cdot \mathbf{x} = \mathbf{b}$$

procuremos representar  $\mathbf{A}$  na forma do produto de uma matriz triangular inferior,  $\mathbf{B}$ , por uma matriz triangular superior de diagonal unitária,  $\mathbf{C}$ :

$$\mathbf{A} = \mathbf{B} \cdot \mathbf{C}$$

com

$$\begin{pmatrix} b_{11} & 0 & \dots & 0 \\ b_{21} & b_{22} & \dots & 0 \\ \dots & \dots & \dots & \dots \\ b_{n1} & b_{n2} & \dots & b_{nN} \end{pmatrix} \begin{pmatrix} 1 & c_{12} & \dots & c_{1n} \\ 0 & 1 & \dots & c_{2n} \\ \dots & \dots & \dots & \dots \\ 0 & 0 & \dots & 1 \end{pmatrix}$$

e é imediato verificar, procedendo à multiplicação, que

$$b_{i1} = a_{i1}$$

$$b_{ij} = a_{ij} - \sum_{k=1}^{j-1} b_{ik} \cdot c_{kj} \quad (i \geq j)$$

$$c_{1i} = \frac{a_{1i}}{b_{11}}$$

$$c_{ij} = \frac{a_{ij} - \sum_{k=1}^{i-1} b_{ik} \cdot c_{kj}}{b_{ii}} \quad (i < j)$$

Então o vector procurado,  $\mathbf{x}$ , pode ser calculado a partir dos sistemas encadeados

$$\mathbf{B} \cdot \mathbf{y} = \mathbf{b}$$

$$\mathbf{C} \cdot \mathbf{x} = \mathbf{y}$$

sistema que é facilmente resolúvel por ter matrizes triangulares:

$$y_1 = a_{1,n+1}$$

$$y_i = \frac{a_{1,n+1} - \sum_{k=1}^{i-1} b_{ik} \cdot y_k}{b_{ii}}$$

$$x_n = y_n$$

$$x_i = y_i - \sum_{k=i+1}^n b_{ik} \cdot y_k$$



Resulta evidente que os números  $y_i$  se calculam mediante o mesmo esquema que os  $c_{ij}$  e os  $x_i$  mediante o mesmo esquema que os  $b_{ij}$ , o que facilita notavelmente a programação. Além disso, o *método de Cholesky* exige menos memória que o método de Gauss e torna-se mesmo particularmente simples:

- no caso das *matrizes simétricas*  $a_{ki} = a_{ik}$ , em que

$$c_{ij} = \frac{b_{ji}}{b_{ii}} \quad (i < j)$$

- no caso de *matrizes definidas positivas* (isto é, tais que  $\mathbf{x}^T \cdot \mathbf{A} \cdot \mathbf{x} > 0$  qualquer que seja  $\mathbf{x} \neq 0$ ), em que  $\mathbf{C} = \mathbf{B}^T$ , o que reduz o cálculo à primeira fase, isto é, a cerca de metade.

Infelizmente, devido à sua menor divulgação e ao facto de, irracionalmente, muitos autores continuarem convencidos de que apenas se aplica ao caso das matrizes definidas positivas, não existem ainda estudos exaustivos sobre o erro deste método.

#### Exercício 3.4

1. Investigue as condições em que o método de Cholesky pode falhar por envolver divisores nulos, e que tipos de soluções remediais se podem imaginar para esses casos.
  2. Escreva um programa para resolver sistemas pelo método de Cholesky e use-o sobre os exemplos trabalhados pelo método de Gauss, comparando tempos de execução, consumo de memória e resultados.
- 

### 3.6 Métodos iterativos

Um método iterativo de resolução de sistemas de equações lineares pode ser vantajoso em relação a um método directo, quando, por exemplo, o número de equações é muito grande, e então os erros de truncatura e arredondamento propagados ao longo da aplicação de um método directo podem não compensar os erros afectos a uma solução aproximada resultante da aplicação de um método iterativo.

Pensemos no método de Picard-Peano ou da iteração simples que estudámos no capítulo anterior. É fácil estender a sua aplicação a um sistema de equações lineares.

Seja dado o sistema

$$\begin{cases} a_{11}x_1 + a_{12}x_2 + \dots + a_{1n}x_n = b_1 \\ a_{21}x_1 + a_{22}x_2 + \dots + a_{2n}x_n = b_2 \\ \vdots \quad \quad \quad \vdots \quad \dots \quad \quad \quad \vdots \\ a_{n1}x_1 + a_{n2}x_2 + \dots + a_{nn}x_n = b_n \end{cases}$$

que em notação condensada toma a forma:

$$\sum_{j=1}^n a_{ij}x_j = b_i, \quad (1 \leq i \leq n)$$

Se em cada equação isolarmos uma incógnita no primeiro membro, teremos:

$$a_{ii}x_i = \sum_{\substack{j=1 \\ j \neq i}}^n -a_{ij}x_j + b_i, \quad (1 \leq i \leq n)$$

Como estamos lembrados, do capítulo 2, uma das maiores limitações dos métodos iterativos é o facto de por vezes (não tão poucas vezes assim!), estes se afastarem progressivamente das soluções procuradas, divergindo. Portanto, também aqui, teremos que verificar as condições de convergência. Estas derivam das condições de convergência do método de Picard-Peano, sendo que para equações lineares as funções  $g_i(x)$ , do sistema de equações 2.1 são funções lineares e portanto as suas derivadas são constantes. Matematicamente, as condições de convergência dos métodos iterativos traduzem-se por:

$$\frac{1}{|a_{ii}|} \sum_{\substack{j=1 \\ j \neq i}}^n |a_{ij}| < 1, \quad (1 \leq i \leq n)$$

Estas condições de convergência, correspondem, em álgebra matricial, à imposição de a matriz dos coeficientes das incógnitas ser diagonalmente dominante (o módulo de cada elemento da diagonal principal é superior à soma dos restantes elementos da linha correspondente).

$$A = \begin{bmatrix} a_{11} & a_{12} & \cdots & a_{1n} \\ a_{21} & a_{22} & \cdots & a_{2n} \\ \vdots & \vdots & \ddots & \vdots \\ a_{n1} & a_{n2} & \cdots & a_{nn} \end{bmatrix}$$

A matriz  $A$  será de diagonal dominante se se verificar:

$$\begin{cases} |a_{11}| > \sum_{j=2}^n |a_{1j}| \\ |a_{22}| > \sum_{\substack{j=1 \\ j \neq 2}}^n |a_{2j}| \\ \vdots \\ |a_{nn}| > \sum_{j=1}^{n-1} |a_{nj}| \end{cases}$$

### 3.6.1 Método de Gauss-Jacobi

A transposição do método de Picard-Peano para os sistemas de equações lineares denomina-se método de Gauss-Jacobi, que tem por fórmula de recorrência:

$$x_i^{(k)} = \frac{1}{a_{ii}} \left[ - \sum_{\substack{j=1 \\ j \neq i}}^n a_{ij} x_j^{(k-1)} + b_i \right], \quad (1 \leq i \leq n)$$

### 3.6.2 Método de Gauss-Seidel

O método anterior pode ser melhorado, se em cada iteração, à medida que vamos obtendo uma nova aproximação para a incógnita  $x_{i-1}$  esta entrar no cálculo de  $x_i$  ainda na mesma iteração. Este melhoramento, designado por Gauss-Seidel, permite uma convergência mais rápida e traduz-se matematicamente por:

$$x_i^{(k)} = \frac{1}{a_{ii}} \left[ - \sum_{\substack{j=1 \\ j < i}}^n a_{ij} x_j^{(k)} - \sum_{\substack{j=1 \\ j > i}}^n a_{ij} x_j^{(k-1)} + b_i \right], \quad (1 \leq i \leq n)$$

É possível, em alguns casos, acelerar o processo de convergência do método de Gauss-Seidel através da introdução de um factor de relaxação  $w$ . A esta variante conhecida por sobre-relaxação sucessiva (SOR - Successive Overrelaxation) corresponde a fórmula de recorrência:

$$x_i^{(k)} = w \left\{ \frac{1}{a_{ii}} \left[ - \sum_{j=1, j < i}^n a_{ij} x_j^{(k)} - \sum_{j=1, j > i}^n a_{ij} x_j^{(k-1)} + b_i \right] \right\} + (1-w)x_i^{(k-1)}, \quad (1 \leq i \leq n)$$

Note-se que para  $w = 1$ , estamos na presença do método de Gauss-Seidel.

#### Exemplo: 3.11 Aplicação de Gauss-Seidel

Seja o sistema de equações lineares:

$$\begin{cases} 7x+2y &= 24 \\ 4x+10y+z &= 27 \\ 5x-2y+8z &= 27 \end{cases}$$

Podemos verificar que a matriz dos coeficientes das incógnitas é diagonalmente dominante:

$$A = \begin{bmatrix} 7 & 2 & 0 \\ 4 & 10 & 1 \\ 5 & -2 & 8 \end{bmatrix} \quad \text{Com efeito:} \quad \begin{cases} 1^{\text{a}}\text{linha} & |7| > |2| + 0 \\ 2^{\text{a}}\text{linha} & |10| > |4| + |1| \\ 3^{\text{a}}\text{linha} & |8| > |5| + |2| \end{cases}$$

Isolando cada incógnita na equação correspondente, virá:

$$\begin{cases} x = \frac{24-2y}{7} \\ y = \frac{27-4x-z}{10} \\ z = \frac{27-5x+2y}{8} \end{cases}$$

Que corresponderá às seguintes fórmulas de recorrência:

Para o método de Gauss-Jacobi

Para o método de Gauss-Seidel

$$\begin{cases} x_{n+1} = \frac{24-2y_n}{7} \\ y_{n+1} = \frac{27-4x_n-z_n}{10} \\ z_{n+1} = \frac{27-5x_n+2y_n}{8} \end{cases}$$

$$\begin{cases} x_{n+1} = \frac{24-2y_n}{7} \\ y_{n+1} = \frac{27-4x_{n+1}-z_n}{10} \\ z_{n+1} = \frac{27-5x_{n+1}+2y_{n+1}}{8} \end{cases}$$

No quadro 3.1 apresentam-se os resultados dos processo iterativos para os dois métodos, com os respectivos resíduos, para quatro iterações.

## Exemplo: 3.11 Aplicação de Gauss-Seidel (cont.)

Gauss - Jacobi			Gauss - Seidel		
	Guess inicial			Guess inicial	
x	0		x	0	
y	0		y	0	
z	0		z	0	
	1ª iteração	Resíduos		1ª iteração	Resíduos
x	3.428571	5.400000	x	3.428571	2.657143
y	2.700000	17.089286	y	1.328571	1.564286
z	3.375000	11.742857	z	1.564286	0.000000
	2ª iteração			2ª iteração	
x	2.657143	3.417857	x	3.048980	0.009184
y	0.991071	4.553571	y	1.323980	0.236097
z	1.907143	0.439286	z	1.800383	0.000000
	3ª iteração			3ª iteração	
x	3.145408	0.910714	x	3.050292	0.048269
y	1.446429	2.007972	y	1.299845	0.006854
z	1.962054	1.530612	z	1.793529	0.000000
	4ª iteração			4ª iteração	
x	3.015306	0.401594	x	3.057187	0.004146
y	1.245631	0.711735	y	1.297772	0.004828
z	1.770727	0.248916	z	1.788701	0.000000

Tabela 3.1: Aplicação dos Métodos de Gauss-Jacobi e Gauss-Seidel

**Exercício 3.5** Verifique se o sistema do exemplo da secção 3.1 pode ser resolvido por métodos iterativos.

## 4 Quadratura e Cubatura

The Photographer: Act II

(Philip Glass)

### Contents

<b>4.1</b>	<b>Introdução</b>	<b>121</b>
<b>4.2</b>	<b>Regra dos Trapézios</b>	<b>122</b>
4.2.1	A "fórmula" do erro	123
4.2.2	Controlo do erro	125
<b>4.3</b>	<b>Regra de Simpson</b>	<b>130</b>
4.3.1	A "fórmula" de erro	131
4.3.2	Controlo do erro	132
<b>4.4</b>	<b>Integrais impróprios</b>	<b>135</b>
<b>4.5</b>	<b>Integrais singulares</b>	<b>136</b>
<b>4.6</b>	<b>Cubatura</b>	<b>137</b>
<b>4.7</b>	<b>Exemplos de Codificação</b>	<b>139</b>
4.7.1	Regra dos Trapézios	139
4.7.2	Regra de Simpson	141
4.7.3	Teste do QC	143

### Figures

4.1	Pontos usados na Regra de Simpson	137
-----	-----------------------------------	-----

### 4.1 Introdução

Uma situação muito corrente tanto na Ciência como na Engenharia é a de a solução de um problema ser dada na forma de um integral que não pode ser calculado em forma cerrada (isto é, analítica) quer porque a integranda tem forma analítica intratável quer porque a integranda é dada sob a forma de uma tábua de valores ou, o que vem a dar no mesmo, é especificada através de um algoritmo que não tem expressão analítica cerrada. Há dois casos completamente diferentes desta situação:

- um é o caso do *integral indefinido*

$$F_a(x) = \int_a^x f(t) . dt$$

que, do ponto de vista numérico, exige a construção de uma tábua de valores e que consideraremos no Capítulo seguinte como caso particular, e particularmente simples, de integração de uma equação diferencial ordinária;

- o segundo caso é o do *integral definido*

$$F_a = \int_a^b f(x) . dx$$

que é um número único.

A ideia geral para o cálculo numérico de um integral definido consiste basicamente em substituir a integranda  $y = f(x)$  por uma função que a aproxime satisfatoriamente no intervalo  $[a, b]$

e que seja dotada de expressão analítica primitivável,  $g(x)$ , escrevendo

$$\int_a^b f(x) . dx \cong \int_a^b g(x) . dx = [G(x)]_a^b$$

Posto nestes termos, o problema reduz-se ao problema de determinar uma aproximação adequada,  $g(x)$ , à função  $y = f(x)$  no intervalo  $[a, b]$ . Uma solução frequentemente apontada que contempla de modo muito simples a questão da integrabilidade consiste em

1. definir  $y = f(x)$  pelos seus valores em  $n + 1$  pontos do intervalo  $(a, b)$ ;
2. dar a  $g(x)$  a forma de um polinómio  $p_n(x)$  de grau  $n$  e obrigar este a passar pelos  $n + 1$  pontos conhecidos.

Deste modo, a solução será exacta para qualquer função  $f(x) = a, a.x, \dots, a.x^n$  e, naturalmente, também para qualquer combinação linear destas formas, isto é, para qualquer polinómio de grau igual ou inferior a  $n$ . No caso mais geral de uma função  $y = f(x)$  qualquer, a solução será apenas aproximada e, frequentemente, apenas grosseiramente aproximada. Encontramo-nos, assim, perante o problema genérico muito complexo de definir uma aproximação analítica óptima a uma função dada e, naturalmente, antes de mais, de definir em que sentido é que essa função deve ser óptima. Infelizmente, não nos é possível abordar aqui esse problema genérico, pelo que teremos que procurar uma alternativa mais simples, embora com a consciência de que, assim, nos limitamos a soluções relativamente toscas. Essa alternativa será procurada dentro da hipótese de que a divisão do intervalo  $(a, b)$  em  $n$  subintervalos é suficiente fina para que o problema da qualidade das aproximações

$$g_i(x) : x \in (x_{i-1}, x_i)$$

não seja crítico; devido à própria natureza desta hipótese, os métodos que exporemos em seguida aplicam-se apenas ao caso das funções contínuas; no caso das funções com descontinuidades de 1ª espécie (saltos), aplicar-se-ão, em separado, a cada um dos subintervalos resultantes da partição do intervalo original pelo ponto de descontinuidade; no caso das descontinuidades de espécie superior, esses métodos não são, pura e simplesmente, aplicáveis. Por razões de simplicidade, consideraremos apenas o caso da divisão do intervalo original em partes iguais:

$$\begin{aligned} x_{i+1} - x_i &= h & y_i &= f(x_i) \\ x_0 &= a & \delta y_i &= y_{i+1} - y_i \\ x_{n+1} &= x_0 + n.h = b \end{aligned}$$

## 4.2 Regra dos Trapézios

Neste método, a ideia central consiste em substituir, em cada intervalo, o arco da curva pela sua corda, calculando em seguida a área sob a poligonal assim definida.

Evidentemente, para o primeiro trapézio é

$$\int_{x_0}^{x_1} y \cdot dx = \frac{h}{2} \cdot [y_1 + y_0]$$

de modo que, para o segundo trapézio será:

$$\int_{x_1}^{x_2} y \cdot dx = \frac{h}{2} \cdot [y_2 + y_1]$$

e assim sucessivamente, até

$$\int_{x_{n-1}}^{x_n} y \cdot dx = \frac{h}{2} \cdot [y_n + y_{n-1}]$$

Somando todos os termos, temos

$$\int_{x_0}^{x_n} y \cdot dx = \frac{h}{2} \cdot [y_0 + 2 \cdot y_1 + \dots + 2 \cdot y_{n-1} + y_n] \quad (4.1)$$

Esta fórmula é pouco interessante para o cálculo automático, sendo mais adequada:

$$\int_{x_0}^{x_n} y \cdot dx = \frac{h}{2} \times \left[ y_0 + y_n + 2 \times \sum_{i=1}^{n-1} y_i \right] \quad (4.2)$$

#### 4.2.1 A "fórmula"do erro

A estimativa do erro cometido pode fazer-se considerando que  $y = g(x)$  é apenas a aproximação de primeira ordem no desenvolvimento de  $y = f(x)$  em série de Taylor em torno de  $x_i$ :

$$f(x)_i = f(x_i) + (x - x_i) \cdot f'(x_i) + \frac{(x - x_i)^2}{2} \cdot f''(x_i) + \frac{(x - x_i)^3}{3!} \cdot f'''(x_i) + \dots$$

Substituindo esta expressão em ambos os membros de

$$\int_{x_i}^{x_{i+1}} y \cdot dx = \frac{h}{2} \cdot [y_{i+1} - y_i]$$

obtém-se o seguinte valor para o erro:

$$\epsilon_i = -\frac{h^3}{12} \cdot f''(x_i) + \dots$$

ao qual, mediante o uso do teorema da média do cálculo diferencial (teorema de Lagrange), pode dar-se a forma:

$$\epsilon_i = -\frac{h^3}{12} \cdot f''(\xi_i) \quad (x_i \leq \xi_i \leq x_{i+1})$$

Somando sobre todos os valores de  $i$ , obtemos

$$\begin{aligned}\varepsilon &= -\frac{n \cdot h^3}{12} \cdot f''(\xi) \\ &= -\frac{(x_n - x_0) \cdot h^2}{12} \cdot f''(\xi) \quad (x_0 \leq \xi_i \leq x_n) \\ &= -\frac{(x_n - x_0)^3}{12n^2} \cdot f''(\xi)\end{aligned}\quad (4.3)$$

que fornece um majorante para o erro, pelo facto de depender de  $f''(\xi)$ , o máximo da derivada no intervalo.

Esta expressão é importante porque mostra que

- para uma dada amplitude do intervalo, o erro varia com o inverso do quadrado do número de intervalos ou, de outro modo, com o quadrado do passo de integração, pelo que o método dos trapézios se diz de *segunda ordem*;
- para um dado número de passos de integração (e sob a hipótese muito forte de que o majorante da segunda derivada se mantém), o erro cresce com o cubo da amplitude do intervalo, pelo que, se multiplicarmos o intervalo por  $k$  e quisermos manter a precisão, devemos multiplicar o número de passos por  $k^{3/2}$  (o que mostra as sérias dificuldades que teremos se quisermos abordar por este método o problema do integral impróprio).

#### Exemplo: 4.1 Regra dos Trapézios

Seja o integral

$$I_{\pi/2} = \int_0^{\pi/2} \sin(x) \cdot dx = 1$$

cujo erro *calculado* pode ser majorado pela expressão (4.3), mas cujo valor *observado* pode ser obtido pela diferença ao resultado da integração analítica. Calculando  $I$  pela regra dos trapézios (ver Integral\_seno.xls), dá:

n	80	40	20	10	5
h	1,963495E-02	3,926991E-02	7,853982E-02	1,570796E-01	3,141593E-01
S	9,999679E-01	9,998715E-01	9,994859E-01	9,979430E-01	9,917618E-01
Erro Calc.	5,046595E-05	2,018638E-04	8,074551E-04	3,229820E-03	1,291928E-02
Erro Obs.	3,212782E-05	1,285138E-04	5,140948E-04	2,057014E-03	8,238231E-03

Vemos que, efectivamente, o erro diminui à medida que aumenta o número de passos da integração. Dado que, neste caso, foi possível estimar  $f''$  com grande rigor, a estimativa do erro encontra-se bastante próxima do erro real.

Seja agora o integral

$$I_{\pi} = \int_0^{\pi} \sin(x) \cdot dx = 2$$

que, calculado pela regra dos trapézios, dá:

n	80	40	20	10	5
h	3,926991E-02	7,853982E-02	1,570796E-01	3,141593E-01	6,283185E-01
S	1,999743E+00	1,998972E+00	1,995886E+00	1,983524E+00	1,933766E+00
Erro Calc.	4,037276E-04	1,614910E-03	6,459641E-03	2,583856E-02	1,033543E-01
Erro Obs.	2,570276E-04	1,028190E-03	4,114027E-03	1,647646E-02	6,623440E-02

O erro cometido é oito vezes maior que no caso anterior, como seria de esperar visto que a amplitude do intervalo duplicou.

Seja agora o integral

$$I_{3\pi/2} = \int_0^{3\pi/2} \sin(x) \cdot dx = 1$$



**Exemplo: 4.1 Regra dos Trapézios (cont.)**

que, calculado pela regra dos trapézios, dá:

n	80	40	20	10	5
h	5,890486E-02	1,178097E-01	2,356194E-01	4,712389E-01	9,424778E-01
S	9,997108E-01	9,988431E-01	9,953693E-01	9,814256E-01	9,248584E-01
Erro Calc.	1,362581E-03	5,450322E-03	2,180129E-02	8,720515E-02	3,488206E-01
Erro Obs.	2,891653E-04	1,156862E-03	4,630663E-03	1,857436E-02	7,514159E-02

O erro observado é agora apenas nove vezes maior que o do primeiro exemplo, enquanto poderia esperar-se que fosse  $3^3 = 27$  vezes maior; trata-se aqui de um típico efeito de compensação parcial dos erros em tramos de curvatura contrária. Pelo contrário, o erro calculado, é, efectivamente, 27 vezes maior, mas absolutamente fictício; torna-se evidente que, se não forem tomadas especiais precauções para garantir a sua validade, a "fórmula" do erro pode, para efeitos práticos, tornar-se absolutamente inútil.

Seja o integral

$$I_{2\pi} = \int_0^{2\pi} \sin(x) \cdot dx = 0$$

que, calculado pela regra dos trapézios, dá:

n	80	40	20	10	5
h	7,853982E-02	1,570796E-01	3,141593E-01	6,283185E-01	1,256637E+00
S	-3,616790E-16	5,911324E-16	1,533436E-16	-7,697835E-17	-1,444196E-17
Erro Calc.	3,229820E-03	2,583856E-02	2,067085E-01	1,653668E+00	1,322934E+01
Erro Obs.	3,616790E-16	-5,911324E-16	-1,533436E-16	7,697835E-17	1,444196E-17

O efeito de compensação dos erros é, aqui, particularmente nítido, como seria de esperar. Um efeito mais surpreendente surge, porém: o aumento do número de passos de integração não aumenta de modo nenhum a precisão dos resultados porque os erros não provêm da aproximação do método em si (truncatura do processo de passagem ao limite, truncatura da série de Taylor) mas apenas dos efeitos de arredondamento do cálculo na máquina.

### 4.2.2 Controlo do erro

Na impossibilidade de calcular um erro ou, sequer, um seu majorante correspondente à aplicação do método a um dado caso, temos, necessariamente, que procurar um modo de avaliar o erro ou, pelo menos, mantê-lo sob controlo.

Um caminho possível e que é frequente ouvir-se recomendar é o seguinte: utilizar a regra dos trapézios para dois espaçamentos  $h$  e  $h' = h/2$  e comparar os resultados; se estes não diferirem significativamente (o nível de significado terá sempre que ser fixado pelo utilizador em face das suas necessidades concretas mas, por razões de realismo, deve sempre ficar razoavelmente longe da precisão da representação dos números na máquina), poderemos razoavelmente esperar que tenhamos já um resultado correcto; no entanto, a experiência mostra que este critério é, mais frequentemente que o que gostaríamos, demasiado optimista; com efeito:

- o erro não depende apenas da amplitude do intervalo e do passo de integração, mas da própria forma da integranda, através do parâmetro incontrolável  $\xi$  ;
- a fórmula do erro só é válida para valores de  $h$  *suficientemente pequenos*, condição que não podemos saber *a priori* o que significa em cada caso concreto.

Um critério mais exigente, e que responde explicitamente a esta última consideração, parte de três cálculos, correspondentes a  $h$ ,  $h' = h/2$  e  $h'' = h/4$ , a que corresponderão os resultados calculados  $S$ ,  $S'$  e  $S''$ , tais que:

$$I = S + \varepsilon = S' + \varepsilon' = S'' + \varepsilon''$$

#### 4 Quadratura e Cubatura

e em que, de acordo com a fórmula do erro, esperamos que

$$\varepsilon \approx 4.\varepsilon' \approx 16.\varepsilon''$$

de modo que

$$\begin{aligned} S' - S &= \varepsilon - \varepsilon' \approx \frac{3}{4}.\varepsilon \\ S'' - S' &= \varepsilon' - \varepsilon'' \approx \frac{3}{4}.\varepsilon' \approx \frac{3}{16}.\varepsilon \end{aligned}$$

ou

$$\frac{S' - S}{S'' - S'} \approx 4 \quad (4.4)$$

Assim, se os números  $(S' - S)$  e  $(S'' - S')$  estiverem entre si na razão aproximada de 4 para 1, isso significa que, provavelmente, os passos de integração se encontram já todos dentro do domínio de validade da fórmula do erro; nestas condições,  $(S'' - S')$  pode servir como estimador de  $\varepsilon''$  na forma

$$S'' - S' \approx 3\varepsilon''$$

o que nos permitirá estimar se  $S''$  se encontra já dentro da precisão desejada. e avaliando o erro cometido como:

$$\varepsilon'' \approx \frac{S'' - S'}{3} \quad (4.5)$$

Como é evidente, pode acontecer que o cumprimento da condição (4.4) exija uma precisão superior àquela em que estamos interessados, o que corresponderia a um certo desperdício de esforço de cálculo, certamente um preço justo a pagar pela segurança.

#### Exemplo: 4.2 Cociente de convergência

Aplicamos este raciocínio aos integrais do exemplo anterior (ver Integral\_seno.xls ): Para  $I_{\pi/2}$  temos:

n	80	40	20	10	5
h	1,963495E-02	3,926991E-02	7,853982E-02	1,570796E-01	3,141593E-01
S	9,999679E-01	9,998715E-01	9,994859E-01	9,979430E-01	9,917618E-01
cociente	4,000386E+00	4,001543E+00	4,006184E+00		
$\varepsilon''$	3,212865E-05	1,285270E-04	5,143063E-04		
Erro Obs.	3,212782E-05	1,285138E-04	5,140948E-04	2,057014E-03	8,238231E-03

o que significa que, a partir de  $n = 20$ , já o passo é suficiente para funcionar como infinitesimal . Por outro lado, observar-se-á que esta nova estimativa do erro é francamente razoável.

Para  $I_{\pi}$  temos:

n	80	40	20	10	5
h	3,926991E-02	7,853982E-02	1,570796E-01	3,141593E-01	6,283185E-01
S	1,999743E+00	1,998972E+00	1,995886E+00	1,983524E+00	1,933766E+00
cociente	4,001543E+00	4,006184E+00	4,024930E+00		
$\varepsilon''$	2,570540E-04	1,028613E-03	4,120812E-03		
Erro Obs.	2,570276E-04	1,028190E-03	4,114027E-03	1,647646E-02	6,623440E-02

o que significa que, também neste caso,  $n = 20$  é perfeitamente suficiente.

O mesmo acontece para  $I_{3\pi/2}$ :

n	80	40	20	10	5
h	5,890486E-02	1,178097E-01	2,356194E-01	4,712389E-01	9,424778E-01
S	9,997108E-01	9,988431E-01	9,953693E-01	9,814256E-01	9,248584E-01
cociente	4,003475E+00	4,013960E+00	4,056830E+00		
$\varepsilon''$	2,892322E-04	1,157934E-03	4,647900E-03		
Erro Obs.	2,891653E-04	1,156862E-03	4,630663E-03	1,857436E-02	7,514159E-02

Para  $I_{2\pi}$ , porém, o cálculo deixa claramente de ser de confiança dado o número ridiculamente baixo de casas significativas que retivemos no resultado:

## Exemplo: 4.2 Cociente de convergência (cont.)

n	80	40	20	10	5
h	7,853982E-02	1,570796E-01	3,141593E-01	6,283185E-01	1,256637E+00
S	-3,616790E-16	5,911324E-16	1,533436E-16	-7,697835E-17	-1,444196E-17
cociente	-4,594706E-01	5,261029E-01	-2,715173E-01		
$\epsilon''$	-3,176038E-16	1,459296E-16	7,677398E-17		
Erro Obs.	3,616790E-16	-5,911324E-16	-1,533436E-16	7,697835E-17	1,444196E-17

Para  $n$  crescente, o cociente (4.4) começa em geral por diminuir até próximo do valor teórico, por efeito da diminuição do erro de truncatura, voltando mais tarde a aumentar, o que testemunha domínio do erro de arredondamento sobre o erro de truncatura. Se, porém, o crescimento se inicia antes de o cociente se ter sequer aproximado do valor teórico, isso indica claramente que o método não é aplicável com a precisão de representação da máquina que estamos a utilizar.

## Exemplo: 4.3 Evolução do Quociente de Convergência para a Regra dos Trapézios

Vamos calcular o integral definido

$$I = \int_0^{20\pi+0.5} \frac{x \sin(x)}{5} dx$$

primeiro recorrendo ao **Maxima** para obter uma solução analítica.

## Exemplo: 4.3 Evolução do Quociente de Convergência para a Regra dos Trapézios (cont.)

**wxMaxima 4.1: Integral analítico**

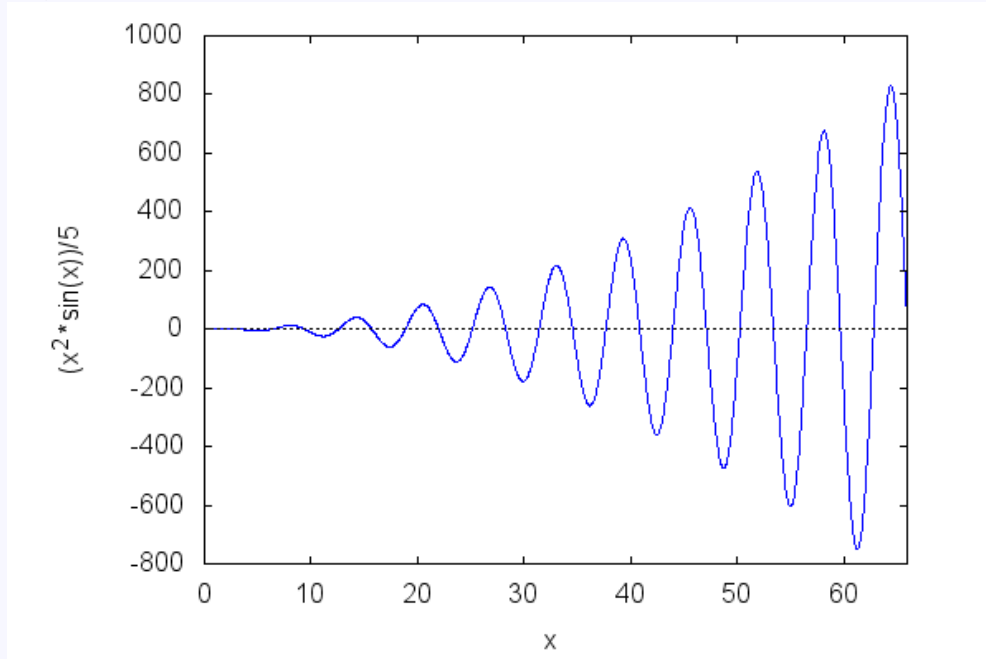
```
(% i1) f(x):= x^2*sin(x)/5;
```

```
(% o1) 
$$f(x) := \frac{x^2 \sin(x)}{5}$$

```

```
(% i2) wxplot2d([f(x)], [x,0,21*%pi],  
[gnuplot_postamble, "set zeroaxis;"])$
```

```
(% t2)
```



```
(% i3) integrate(f(x), x);
```

```
(% o3) 
$$\frac{2x \sin(x) + (2 - x^2) \cos(x)}{5}$$

```

```
(% i4) integrate(f(x), x, 0, 20*%pi+0.5),numer;
```

```
(% o4) -691.8871279250529
```

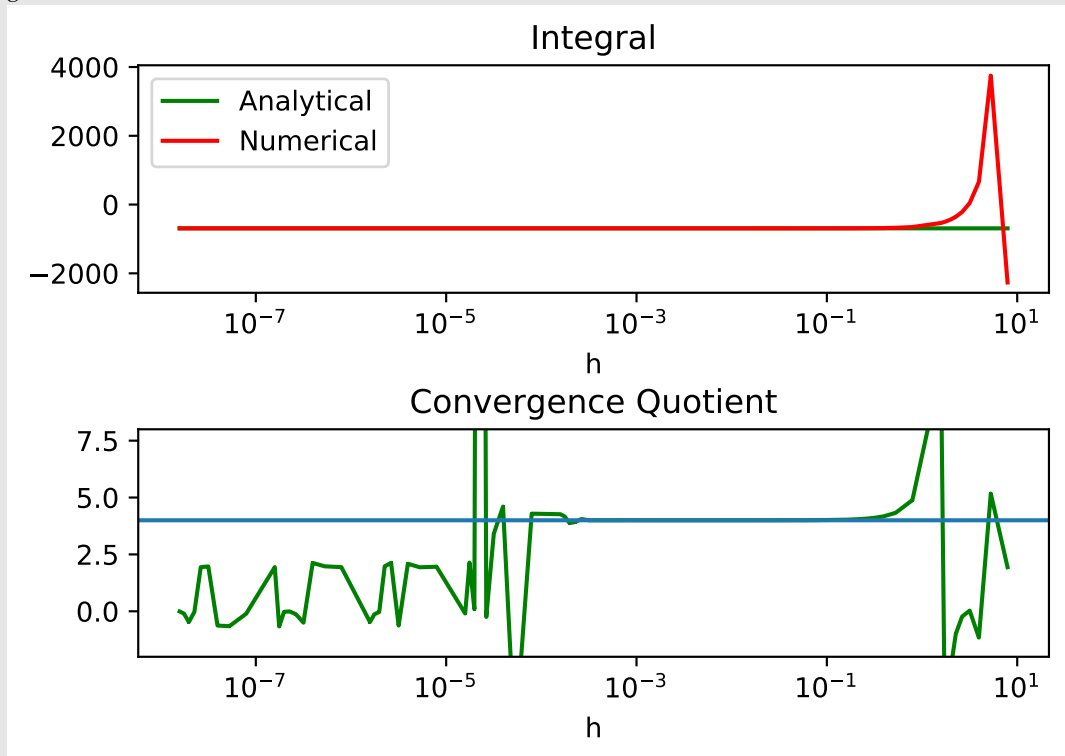
Agora vamos fazer o mesmo mas usando a regra dos trapézios.

Estamos interessados em observar o comportamento do *quociente de convergência* -  $QC$ , pelo que vamos calcular o integral usando o número de intervalos  $n, n*2, n*4$  igual a (2, 4, 8), depois (4, 8, 16), depois (6, 12, 24), e assim sucessivamente, até (1e9, 2e9, 4e9). O valor do passo correspondente a  $n*4$  varia entre aproximadamente  $1e-8$  e  $3e1$

Tenha cuidado ao ler os gráficos seguintes. As abcissas são logarítmicas, de base 10, e por vezes, as ordenadas também.

## Exemplo: 4.3 Evolução do Quociente de Convergência para a Regra dos Trapézios (cont.)

Os gráficos abaixo mostram o valor do integral, calculado numericamente, em comparação com o seu valor calculado analiticamente recorrendo à primitivação, e o valor do *quociente de convergência*.



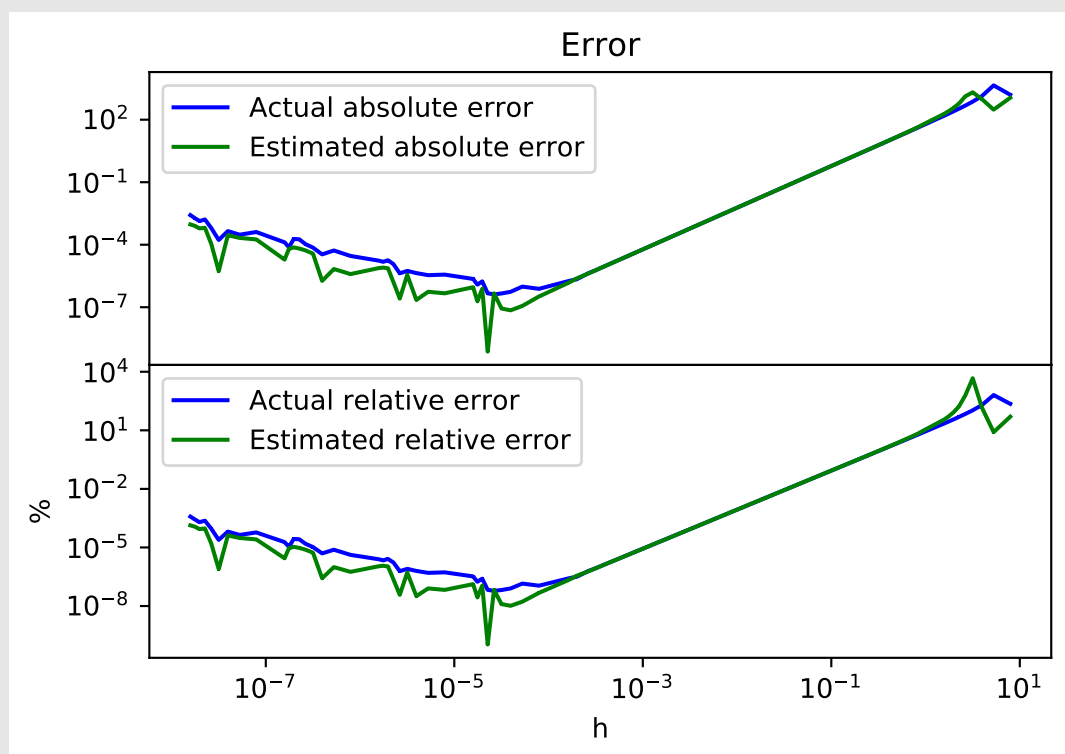
Como foi calculado valor analítico do integral,  $I = -691.8871279250529$ , foi possível calcular dois erros, um *observado*,

$$\begin{aligned} \text{Erro Absoluto}_{\text{observado}} &= I - S'' \\ \text{Erro Relativo}_{\text{observado}} &= \frac{\text{Erro Absoluto}_{\text{observado}}}{I} \end{aligned}$$

e um erro *estimado*, recorrendo ao *quociente de convergência*:

$$\begin{aligned} \text{Erro Absoluto}_{\text{estimado}} &\approx \frac{S'' - S'}{3} \\ \text{Erro Relativo}_{\text{estimado}} &= \frac{\text{Erro Absoluto}_{\text{estimado}}}{S''} \end{aligned}$$

## Exemplo: 4.3 Evolução do Quociente de Convergência para a Regra dos Trapézios (cont.)



Se

olharmos para os gráficos dos erros absolutos e relativo, poderemos ver que:

- a região em que o  $QC$  se aproxima do valor teórico é bastante extensa, entre  $1e-3$  e  $1e-1$ , perdendo qualquer significado para  $h$  abaixo de  $1e-4$  ou acima de  $1e0$ ;
- nessa região, o erro estimado é bastante parecido com o erro observado, sendo assim um bom estimador;
- o erro de truncatura, consequência de um número de iterações insuficientes, domina o lado direito do gráfico;
- o erro de arredondamento, consequência do arredondamento e da soma de quantidades muito pequenas, domina o lado esquerdo do gráfico, crescendo lentamente à medida que o  $h$  baixa para valores muito pequenos;
- o menor erro absoluto, da ordem de  $1e-5$ , corresponde a um passo da ordem de  $1e-4$ .

### 4.3 Regra de Simpson

Um defeito óbvio da regra dos trapézios é o de cometer um erro sistemático em intervalos em que a segunda derivada da integranda mantém sinal constante. Para o evitar e para aumentar, na generalidade, a precisão da aproximação, foi criado um algoritmo novo, a regra de Simpson que, em vez de substituir a curva pelas cordas definidas por cada par de pontos consecutivos, a substitui pelas parábolas definidas por cada trio de pontos consecutivos.

É fácil estabelecer que essa parábola é da forma

$$y = y_i + \frac{x - x_i}{h} \cdot (y_{i+1} - y_i) + \frac{(x - x_i) \cdot (x - x_{i+1})}{2h^2} \cdot (y_{i+2} - 2y_{i+1} + y_i)$$

em que  $h = x_{i+1} - x_i$  de onde resulta que

$$\begin{aligned}
 \int_{x_i}^{x_{i+2}} y \cdot dx &= \\
 &= \int_{x_i}^{x_{i+2}} \left[ y_i + \frac{x - x_i}{h} \cdot (y_{i+1} - y_i) + \frac{(x - x_i) \cdot (x - x_{i+1})}{2h^2} \cdot (y_{i+2} - 2y_{i+1} + y_i) \right] \cdot dx \\
 &= 2h \cdot \left[ y_i + y_{i+1} - y_i + \frac{y_{i+2} - 2y_{i+1} + y_i}{6} \right] \\
 &= \frac{h}{3} [y_i + 4y_{i+1} + y_{i+2}]
 \end{aligned}$$

de modo que a soma dá

$$\int_{x_0}^{x_{2n}} y \cdot dx = \frac{h}{3} \cdot [y_0 + 4y_1 + 2y_2 + 4y_3 + \dots + 4y_{2n-3} + 2y_{2n-2} + 4y_{2n-1} + y_{2n}] \quad (4.6)$$

A fórmula mais adequada para o cálculo automático é, no entanto:

$$\int_{x_0}^{x_{2n}} y \cdot dx = \frac{h}{3} \cdot \left[ y_0 + y_{2n} + 4 \times \sum_{i=1}^{2n-1} y_i + 2 \times \sum_{i=2}^{2n-2} y_i \right] \quad (4.7)$$

Como se constata da fórmula, o número de intervalos tem que ser par.

#### Exemplo: 4.4 Descubra as diferenças !

A fórmula para a *regra dos trapézios* em dois passos de amplitude  $h$  é:

$$S_t = \frac{h}{2} [y_0 + 2y_1 + y_2]$$

A fórmula para a *regra de Simpson* em um passo com dois intervalos de amplitude  $h$  é:

$$S_s = \frac{h}{3} [y_0 + 4y_1 + y_2]$$

Consegue descobrir as diferenças?

#### 4.3.1 A "fórmula" de erro

Quanto à fórmula do erro, procedendo como anteriormente, obtemos:

$$\epsilon_i = -\frac{h^5}{90} \cdot f'''(\xi_i) \quad (x_i \leq \xi_i \leq x_{i+2})$$

e, somando sobre todos os valores de  $i$ , obtemos

$$\begin{aligned}
 \epsilon &= -\frac{n \cdot h^5}{90} \cdot f'''(\xi) \\
 &= -\frac{(x_n - x_0) \cdot h^4}{90} \cdot f'''(\xi) \quad (x_0 \leq \xi_i \leq x_{2n}) \\
 &= -\frac{(x_n - x_0)^5}{90n^4} \cdot f'''(\xi)
 \end{aligned} \quad (4.8)$$

de onde resulta que:

- para uma dada amplitude do intervalo, o erro varia com o inverso da quarta potência do número de intervalos ou, de outro modo, com a quarta potência do passo de integração, pelo que o método dos trapézios se diz de *quarta ordem*; dado o facto de a complexidade computacional da fórmula de Simpson ser da mesma ordem da dos trapézios e a melhoria significativa da precisão que ela representa, preferi-la-emos em todos os casos;
- para um dado número de passos de integração (e sob a hipótese muito forte de que o majorante da terceira derivada se mantém), o erro cresce com a quinta potência da amplitude do intervalo, pelo que, se multiplicarmos o intervalo por  $k$  e quisermos manter a precisão, devemos multiplicar o número de passos por  $k^{5/4}$ .

### 4.3.2 Controlo do erro

Naturalmente, no caso mais corrente de não dispormos de um majorante da quarta derivada, poderemos sempre, como anteriormente, recorrer ao critério

$$\frac{S' - S}{S'' - S'} \approx 16 \quad (4.9)$$

com  $h = 2 * h' = 4 * h''$ , e, quando ele for cumprido,

$$S'' - S' \approx 15\epsilon''$$

e portanto poderemos estimar o erro cometido na melhor estima  $S''$  como:

$$\epsilon'' \approx \frac{S'' - S'}{15} \quad (4.10)$$

#### Exemplo: 4.5 Regra de Simpson

Sejam os integrais do exemplo anterior:

n	80	40	20	10
$I_{\pi/2}$	1.00000	1.00000	1.00000	1.00000
$I_{\pi}$	2.00011	2.00001	2.00000	2.00000
$I_{3\pi/2}$	1.00028	1.00002	1.00000	1.00000
$I_{2\pi}$	0	$-2.1 \times 10^{-13}$	$-2.6 \times 10^{-13}$	$-4.1 \times 10^{-12}$

Observa-se, em relação ao exemplo anterior, um notável aumento da precisão, salvo no último integral, em que dominam os erros de arredondamento sobre os de truncatura.

#### Exemplo: 4.6 Evolução do Quociente de Convergência para a Regra de Simpson

Voltando a usar o integral definido

$$I = \int_0^{20\pi+0.5} \frac{x \sin(x)}{5} dx$$

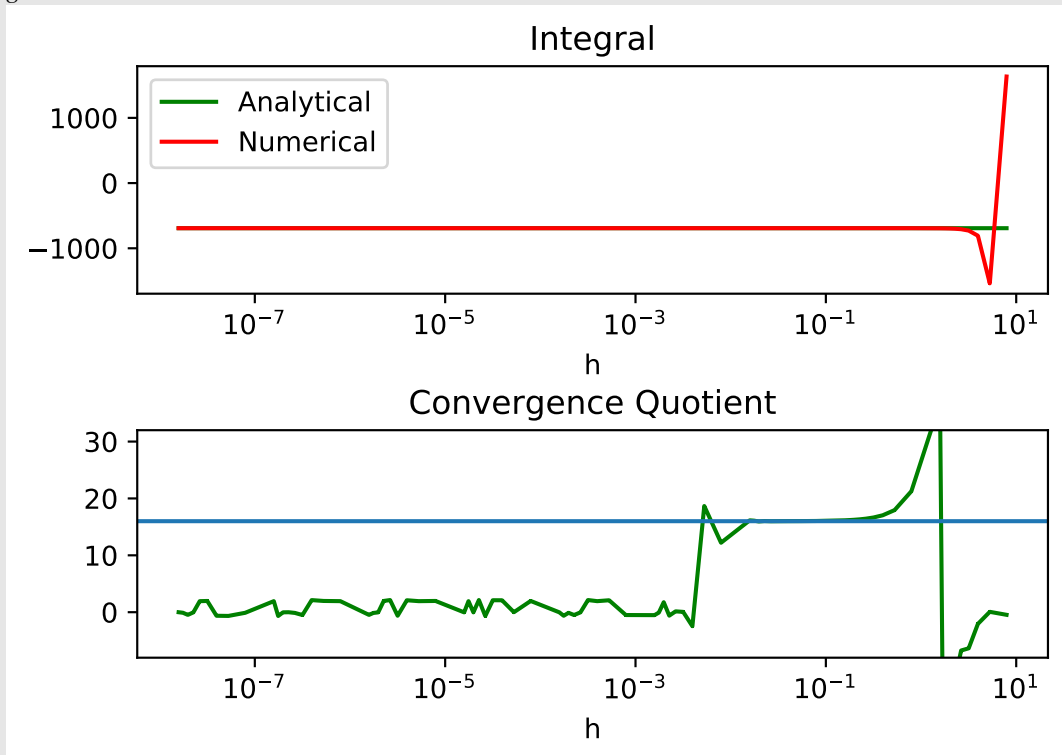
cujo valor já foi calculado, sendo  $I = -691.8871279250529$  vamos refazer o estudo do *quociente de convergência* mas usando agora a regra de Simpson.

Tenha cuidado ao ler os gráficos seguintes. As abcissas são logarítmicas, de base 10, e por vezes, as ordenadas também.



## Exemplo: 4.6 Evolução do Quociente de Convergência para a Regra de Simpson (cont.)

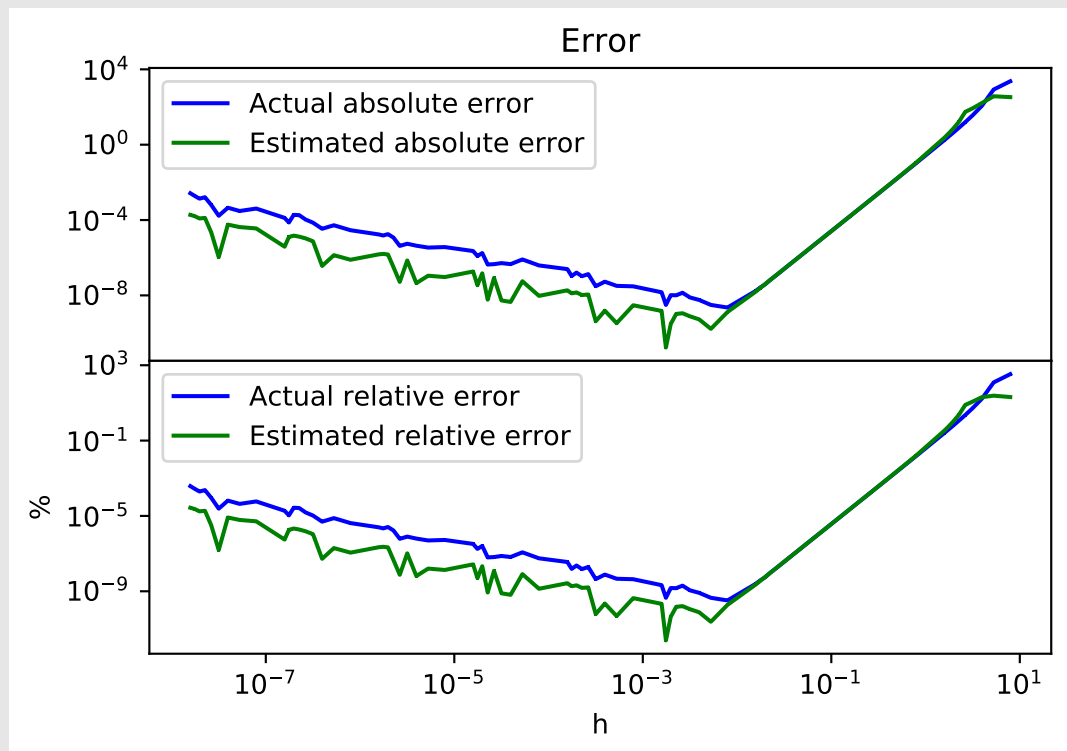
Os gráficos abaixo mostram o valor do integral, calculado numericamente, em comparação com o seu valor calculado analiticamente recorrendo à primitivação, e o valor do *quociente de convergência*. .



Os erros *observado* e *estimado* podem ser estudados nos gráficos seguintes, sendo agora:

$$Erro\ Absoluto_{estimado} \approx \frac{S'' - S'}{15}$$

## Exemplo: 4.6 Evolução do Quociente de Convergência para a Regra de Simpson (cont.)



- a região em que o  $QC$  se aproxima do valor teórico é menos extensa, entre  $1e-2$  e  $1e0$
- nessa região, o erro estimado é bastante parecido com o erro observado, sendo assim um bom estimador;
- o erro de truncatura domina o lado direito do gráfico;
- o erro de arredondamento domina o lado esquerdo do gráfico, crescendo lentamente à medida que o  $h$  baixa para valores muito pequenos;
- o menor erro absoluto, da ordem de  $1e-8$ , é atingido para  $h$  da ordem de  $1e-2$
- comparando com a regra dos trapézios, um determinado grau de precisão é atingido muito mais cedo, com  $h$  maior, o que faz com que o erro de arredondamento também se manifeste mais cedo.

## Exercício 4.1

1. O leitor calculará  $I_\pi$  com a precisão adequada, tanto pelo método dos trapézios como pelo método de Simpson, de modo a poder calcular e comparar os cocientes de convergência e os erros calculados.
2. Será o leitor capaz de estabelecer um cociente de convergência para um método de integração de ordem  $n$  e de estabelecer o correspondente estimador do erro?
3. Enumere as dificuldades numéricas do cálculo do cociente de convergência, e quais as suas consequências em termos de utilização? (observe com cuidado o seu comportamento no exemplo 4.2.2)

## 4.4 Integrais impróprios

Um integral

$$\int_a^b f(x) . dx$$

diz-se *impróprio* se um dos limites (ou ambos) não é um número finito. Por razões de simplicidade, limitaremos a nossa discussão ao caso do integral

$$\int_a^{\infty} f(x) . dx$$

visto que o caso

$$\int_{-\infty}^b f(x) . dx = - \int_{+\infty}^b f(-x) . dx = \int_b^{+\infty} f(-x) . dx$$

se reduz a este sem qualquer dificuldade.

O *integral impróprio* diz-se *convergente* se existir  $I$  tal que

$$I = \lim_{b \rightarrow \infty} \left( \int_a^b f(x) . dx \right)$$

Se tal limite não existir ou for finito, então o integral diz-se *divergente* e não tem qualquer sentido, quer em termos analíticos quer numéricos. No que segue, suporemos, portanto, que o integral é convergente. Em cada caso particular, porém, o leitor terá que certificar-se previamente, por todos os meios ao seu alcance, da convergência do integral: com efeito, a abordagem por cálculo numérico sem tal certeza expõe-no a sérios riscos; para o efeito, a Análise Matemática fornece critérios e testes de convergência adequados; porém, em situações concretas, o próprio significado físico do integral e a natureza das aproximações e simplificações realizadas ao construir o modelo matemático do real poderão ajudar a determinar a validade de uma hipótese de convergência sem necessidade do recurso a testes analíticos.

O cálculo do integral impróprio, quando convergente, consegue-se, com uma precisão pre-especificada, se o representarmos na forma

$$\int_a^{\infty} f(x) . dx = \int_a^b f(x) . dx + \int_b^{\infty} f(x) . dx$$

Com efeito, o primeiro integral, qualquer que seja  $b$  finito, é um integral ordinário e o segundo tende para 0 quando  $b$  cresce; na prática, o valor de  $b$  pode ser estabelecido como aquele a partir do qual, dentro da precisão preestabelecida, já se não observa (persistentemente!) variação do resultado; porém, para isso, deve ir-se fazendo variar o passo de integração com a amplitude do intervalo de modo a manter constante o erro, tendo em consideração a ordem do método utilizado.

**Exercício 4.2** Com base no que ficou dito, estabeleça uma estratégia para calcular um integral da forma

$$\int_{-\infty}^{\infty} f(x) . dx$$

supondo que se sabe que é convergente.

## 4.5 Integrais singulares

Quando o intervalo de integração é finito mas a integranda  $f(x)$  tem um número finito de descontinuidades infinitas (singularidades) nesse intervalo, estamos em presença do que chamamos um *integral singular*. Dado que é sempre possível (embora nem sempre fácil) partir o intervalo de integração em partes tais que, em cada uma, exista apenas uma singularidade, podemos limitar o nosso estudo ao caso de uma singularidade única. Um artifício adequado para o cálculo de um valor aproximado do integral singular é o *método de Kantorovich* que consiste em extrair da integranda  $f(x)$  uma certa função  $g(x)$  que

- tenha uma singularidade do mesmo tipo e ordem da de  $f(x)$  ;
- seja integrável analiticamente;
- a diferença  $f(x) - g(x)$  seja contínua.

Sob estas hipóteses, teremos

$$\int_a^b f(x) \cdot dx = \int_a^b g(x) \cdot dx + \int_a^b (f(x) - g(x)) \cdot dx$$

No presente estudo consideraremos apenas o caso de

- integrais da forma

$$\int_a^b \frac{f(x)}{(x-x_0)^\alpha} \cdot dx \quad a < x_0 < b \quad 0 < \alpha < 1$$

- sendo  $f(x)$  contínuo em  $(a, b)$
- e  $f(x)$  dotada de derivadas contínuas em  $(a, b)$  até à ordem  $n+1$ .

Sob estas condições, podemos escrever  $f(x)$  na forma de desenvolvimento em série de Taylor truncado:

$$f(x) = \sum_{k=0}^n \frac{f^{(k)}(x_0)}{k!} \cdot (x-x_0)^k + \varepsilon(x)$$

com

$$\varepsilon(x) = \frac{f^{(n+1)}(\xi)}{(n+1)!} \cdot (x-x_0)^{n+1} \quad a < \xi < b$$

de onde resulta

$$\begin{aligned} \int_a^b \frac{f(x)}{(x-x_0)^\alpha} \cdot dx &= \\ &= \sum_{k=0}^n \frac{f^{(k)}(x_0)}{k!} \cdot \int_a^b (x-x_0)^{k-\alpha} \cdot dx + \int_a^b \frac{\varepsilon(x)}{(x-x_0)^\alpha} \cdot dx \\ &= \sum_{k=0}^n \frac{f^{(k)}(x_0)}{(k+1-\alpha)} \cdot \left[ (b-x_0)^{k+1-\alpha} - (a-x_0)^{k+1-\alpha} \right] + \int_a^b \frac{f^{(n+1)}(\xi)}{(n+1)!} \cdot (x-x_0)^{n+1-\alpha} \cdot dx \\ &= \sum_{k=0}^n \frac{f^{(k)}(x_0)}{(k+1-\alpha)} \cdot \left[ (b-x_0)^{k+1-\alpha} - (a-x_0)^{k+1-\alpha} \right] + f^{(n+1)}(\xi) \int_a^b \frac{(x-x_0)^{n+1-\alpha}}{(n+1)!} \cdot dx \end{aligned}$$

Este último integral é, por força das hipóteses, um integral próprio calculável analiticamente, pelo que o problema está resolvido a menos da incerteza introduzida por  $\xi$ ; para diminuir esta incerteza, podemos reduzir  $b-a$  (continuando a impor  $a < \xi < b$ ) a um valor tão pequeno quanto necessário para que a variação de  $f^{(n+1)}(\xi)$  seja insignificante face à precisão exigida.

**Exercício 4.3** Investigue as eventuais dificuldades da aplicação do método de Kantorovich ao caso

de a singularidade ocorrer precisamente em um dos extremos do intervalo de integração. Aplique os resultados a que chegar ao cálculo de

$$\int_0^{0.5} x^{-0.5} \cdot (1-x)^{-0.5} \cdot dx$$

## 4.6 Cubatura

As fórmulas da cubatura aplicam-se ao cálculo de *integrais duplos*

$$\int_a^A dx \cdot \int_b^B f(x,y) \cdot dy$$

Uma das mais simples e úteis resulta de aplicar a *regra de Simpson* nos seguintes termos: sendo o domínio de integração  $aABb$  um rectângulo de lados paralelos aos eixos, partamo-lo em quatro partes iguais pelas medianas dos lados e calculemos os integral interior pela regra de Simpson:

$$\begin{aligned} \int_a^A dx \cdot \int_b^B f(x,y) \cdot dy &= \\ &= \int_a^A \frac{h_y}{3} \cdot [f(x,y_0) + 4f(x,y_1) + f(x,y_2)] \cdot dx \\ &= \frac{h_y}{3} \cdot \left[ \int_a^A f(x,y_0) \cdot dx + 4 \cdot \int_a^A f(x,y_1) \cdot dx + \int_a^A f(x,y_2) \cdot dx \right] \end{aligned}$$

Aplicando de novo a regra de Simpson a estes integrais, obtemos

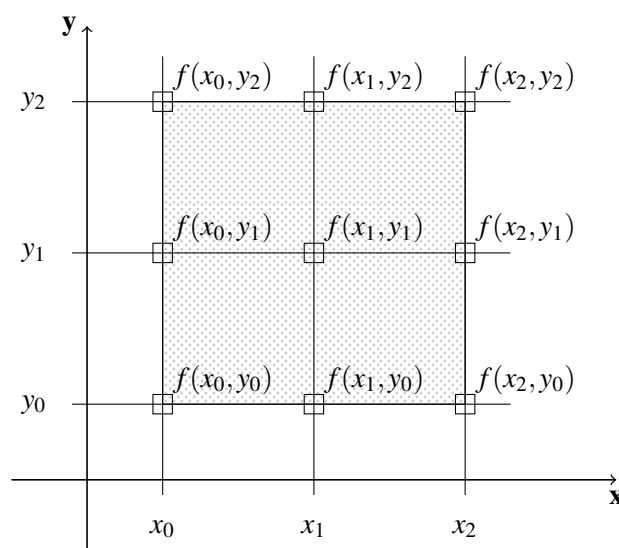


Figura 4.1: Pontos usados na Regra de Simpson

#### 4 Quadratura e Cubatura

$$\begin{aligned} \int_a^A dx \cdot \int_b^B f(x, y) \cdot dy &= \\ &= \frac{h_x \cdot h_y}{9} \cdot \left\{ \begin{aligned} &[f(x_0, y_0) + 4f(x_1, y_0) + f(x_2, y_0)] + \\ &+ 4 \cdot [f(x_0, y_1) + 4f(x_1, y_1) + f(x_2, y_1)] + \\ &+ [f(x_0, y_2) + 4f(x_1, y_2) + f(x_2, y_2)] \end{aligned} \right\} \\ &= \frac{h_x \cdot h_y}{9} \cdot \left\{ \begin{aligned} &[f(x_0, y_0) + 4f(x_0, y_2) + f(x_2, y_0) + f(x_2, y_2)] + \\ &+ 4 \cdot [f(x_1, y_0) + 4f(x_1, y_1) + f(x_2, y_1) + f(x_1, y_2)] + 16f(x_1, y_1) \end{aligned} \right\} \end{aligned}$$

com

$$h_x = \frac{A - a}{2} \quad h_y = \frac{B - b}{2}$$

A fórmula de Simpson da cubatura é, portanto, da forma:

$$\iint f(x, y) \cdot dx \cdot dy = \frac{h_x \cdot h_y}{9} \cdot [\Sigma_0 + 4\Sigma_1 + 16\Sigma_2]$$

em que:

$\Sigma_0$  = soma dos valores de  $f$  nos vértices da malha

$\Sigma_1$  = soma dos valores de  $f$  nos pontos médios dos lados da malha

$\Sigma_2$  = valor de  $f$  no centro da malha

Se o rectângulo de integração é grande, a divisão a meio não chega, de modo que o domínio é dividido em  $m \times n$  rectângulos, a cada um dos quais se aplica a fórmula anterior. Se o domínio de integração não é rectangular, considera-se o menor rectângulo que o contém e aplica-se o mesmo método fazendo  $f = 0$  fora do domínio.

#### Exercício 4.4

1. Desenvolva uma fórmula dos Trapézios para o integral duplo.
2. Desenvolva uma fórmula de Simpson para o integral triplo.
3. Verifique, usando uma estratégia de cubatura de trapézios, que o volume de um cubo de lado  $l = 2$  é realmente 8.

Lembre-se que o volume de um cubo pode ser descrito pelo integral duplo

$$\int_0^l \int_0^l l \, dy \, dx$$

4. Verifique se um cilindro de revolução de altura  $h = 1$  e raio da base  $r = 1$  tem como volume  $\pi$ . Talvez seja interessante usar coordenadas cilíndricas!
5. Para calcular o volume subtendido por um parabolóide de revolução
  - a) usaria uma estratégia de trapézios ou de Simpson
  - b) coordenadas retangulares, cilíndricas ou esféricas ?
  - c) se este fosse descrito pela expressão

$$z = x^2 + y^2$$

qual seria o volume abaixo de  $z = 1$  ?



# 5 Integração de equações diferenciais ordinárias

**Boléro**, tocado pela multi-percussionista surda  
*Evelyn Glennie*

(*Maurice Ravel*)

## Contents

<b>5.1</b>	<b>O significado de uma solução: Método de Euler</b>	<b>149</b>
<b>5.2</b>	<b>Método de Euler</b>	<b>155</b>
<b>5.3</b>	<b>Um melhoramento do Método de Euler</b>	<b>160</b>
<b>5.4</b>	<b>Métodos de Runge-Kutta</b>	<b>163</b>
5.4.1	Método de Runge-Kuta de Segunda Ordem	163
5.4.2	Método de Runge-Kuta de Quarta Ordem	165
<b>5.5</b>	<b>Forma geral</b>	<b>166</b>
<b>5.6</b>	<b>Sistemas de Equações e Equações de Ordem Superior</b>	<b>167</b>
<b>5.7</b>	<b>Exemplos de Codificação</b>	<b>170</b>
5.7.1	Método de Euler	170
5.7.2	Método de Euler Melhorado	170
5.7.3	Métodos de Runge-Kutta	170

## 5.1 O significado de uma solução: Método de Euler

As equações diferenciais são muito frequentes nos problemas de Ciência e Engenharia, desde que, com a invenção de Newton e Leibniz, nos habituámos a exprimir as propriedades dos objectos e sistemas, fenómenos e processos em termos de derivadas, sobretudo

- espaciais (que, dão, no caso geral, origem a equações em derivadas parciais),
- temporais (que dão origem a equações diferenciais ordinárias).

Destas últimas, as equações mais correntes são as equações do movimento de sistemas, habitualmente de 2ª ordem, isto é, contendo, além da função desconhecida, as suas derivadas de 1ª e 2ª ordem.

Nos cursos elementares de análise matemática aborda-se o problema genérico da resolução de equações diferenciais e aprendem-se as técnicas de resolução sob forma cerrada de certas classes particulares dessas equações; infelizmente, porém, a larga maioria das equações diferenciais que se encontram na prática não pode ser resolvida por meios analíticos, o que torna imprescindível o recurso aos métodos numéricos que, tendo embora o defeito de serem apenas aproximados, são implementáveis em computadores digitais, onde têm soluções-padrão relativamente rápidas e eficientes. Na realidade, boa parte da motivação dos técnicos e cientistas para construir os primeiros computadores digitais automáticos proveio precisamente da necessidade de resolver rápida e precisamente problemas de cálculo balístico; hoje em dia, o cálculo automático é usado intensivamente para resolver as equações do movimento dos mísseis balísticos e dos satélites artificiais, da teoria dos circuitos eléctricos, da deformação de pilares, vigas e cascas, da estabilidade de aeronaves e embarcações, etc.



## 5 Integração de equações diferenciais ordinárias

Dada uma equação diferencial ordinária de primeira ordem:

$$y' = \frac{dy}{dx} = f(x, y)$$

o que entendemos por uma solução?

Em termos genéricos e sem preocupações de precisão, entendemos por solução de uma equação diferencial ordinária de primeira ordem uma curva  $g(x, y) = 0$  tal que, se calcularmos a derivada de  $g(x, y)$  em ordem a  $x$

$$g'_x(x, y) = \frac{dg(x, y)}{dx}$$

em um ponto  $(x, y)$ , o valor calculado coincide com o valor especificado pela equação diferencial para esse ponto.

### Exemplo: 5.1 Integral como solução

O integral indefinido

$$y(x) = \int_a^x f(t) \cdot dt$$

é a solução da equação diferencial ordinária de primeira ordem  $y'(x) = f(x)$  de um tipo particular em que  $f(x, y)$  não depende de  $y$ .

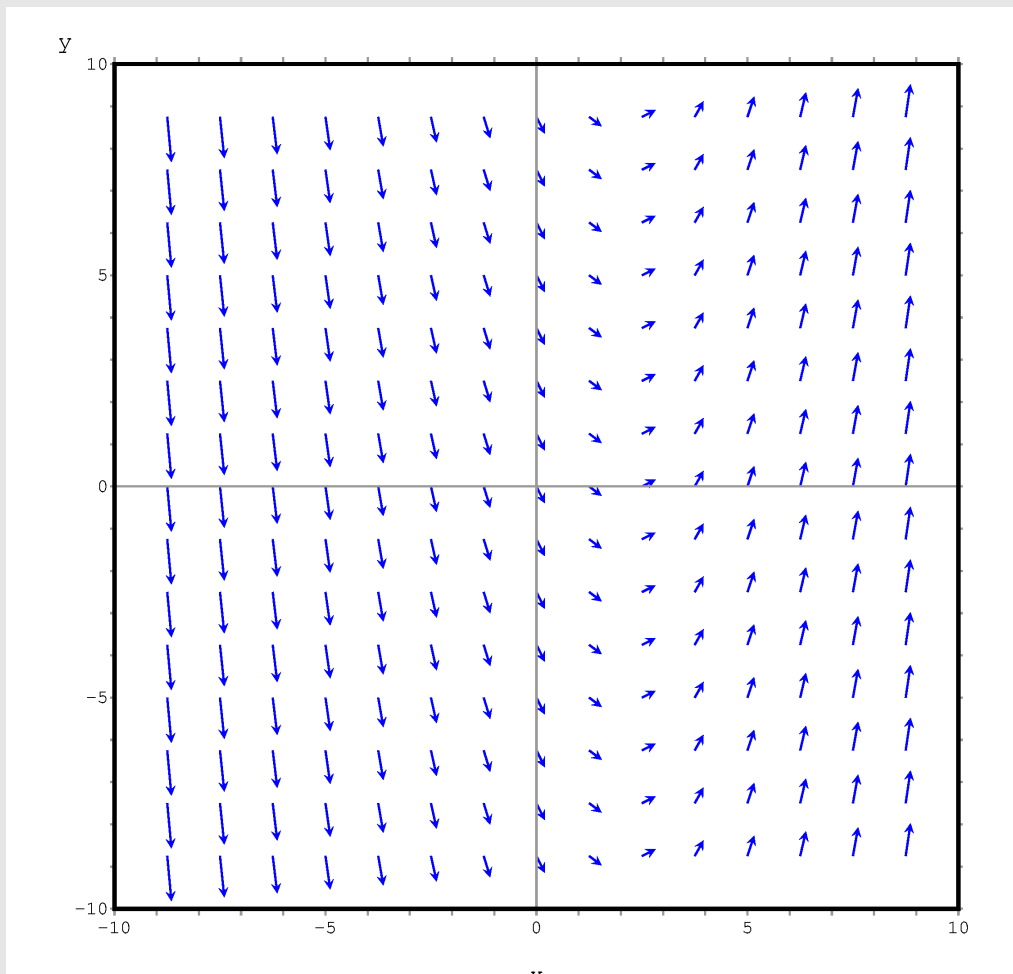
Esta simples interpretação sugere desde logo um método tosco para resolver graficamente a equação diferencial: em cada ponto  $(x, y)$  de uma rede rectangular de pontos, calculamos a derivada tal como é especificada pela equação e, em torno do ponto, traçamos um pequeno segmento cuja inclinação sobre o eixo dos  $xx$  é igual ao valor dessa derivada. Obtemos assim aquilo que chamamos um *campo de direcções*.

### Exemplo: 5.2 Campo de direcções

Seja a equação diferencial  $y' = x - 2$  e calculemos o campo de direcções usando o comando `plotdf()` do **Maxima**:

```
(% i1) load(plotdf)$  
(% i2) plotdf(x-2)$
```

## Exemplo: 5.2 Campo de direcções (cont.)



Notaremos, antes de mais, que, pelo facto de se tratar de uma equação particular em que  $f(x,y)$  não depende de  $y$ , todas as direcções são independentes de  $y$ . O mesmo não acontece com a equação

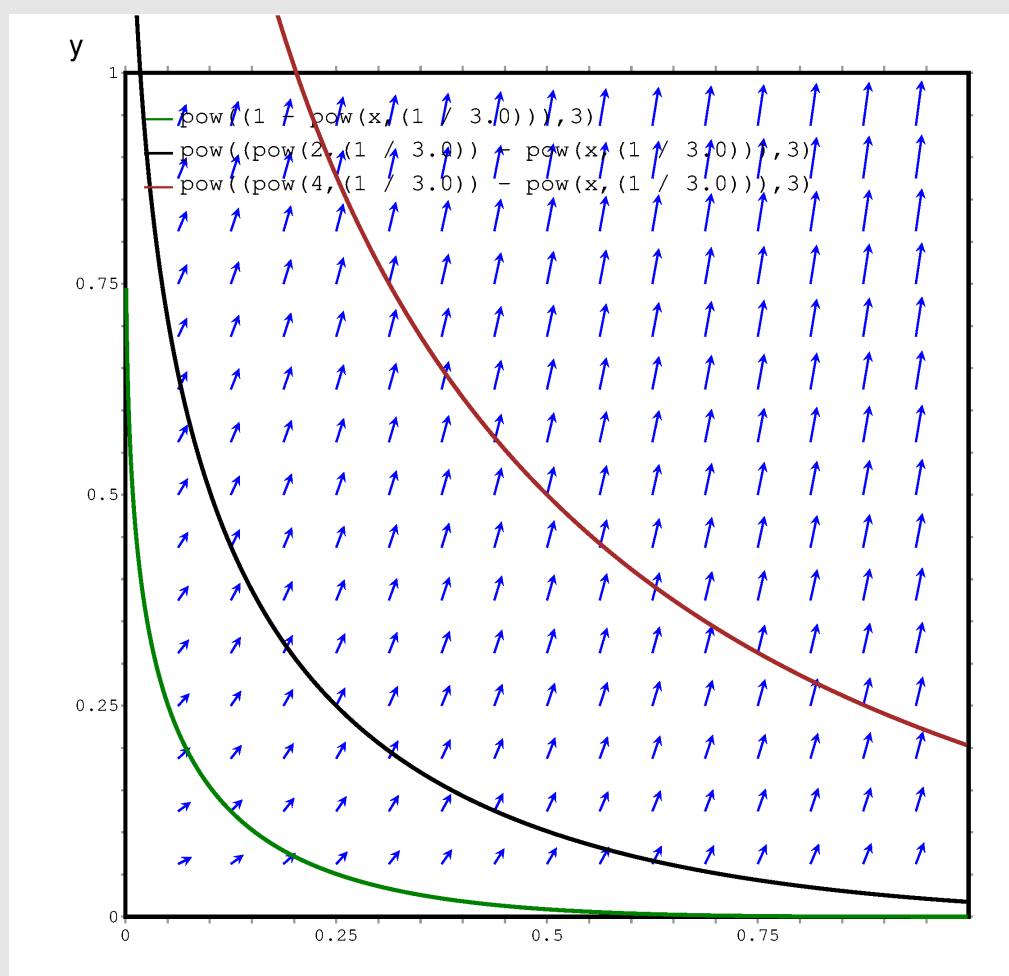
$$y' = (\sqrt[3]{x} + \sqrt[3]{y})^3$$

```
(% i1) load(plotdf)$
(% i2) f:(x^(1/3)+y^(1/3))^3;
```

$$\left(y^{\frac{1}{3}} + x^{\frac{1}{3}}\right)^3 \quad (f)$$

```
(% i3) plotdf(f,[x,0,1],[y,0,1],[xfun,"(1-x^(1/3.0))^3;(2^(1/3.0)-x^(1/3.0))^3;
(4^(1/3.0)-x^(1/3.0))^3"])$
cujo campo de direcções é:
```

## Exemplo: 5.2 Campo de direcções (cont.)



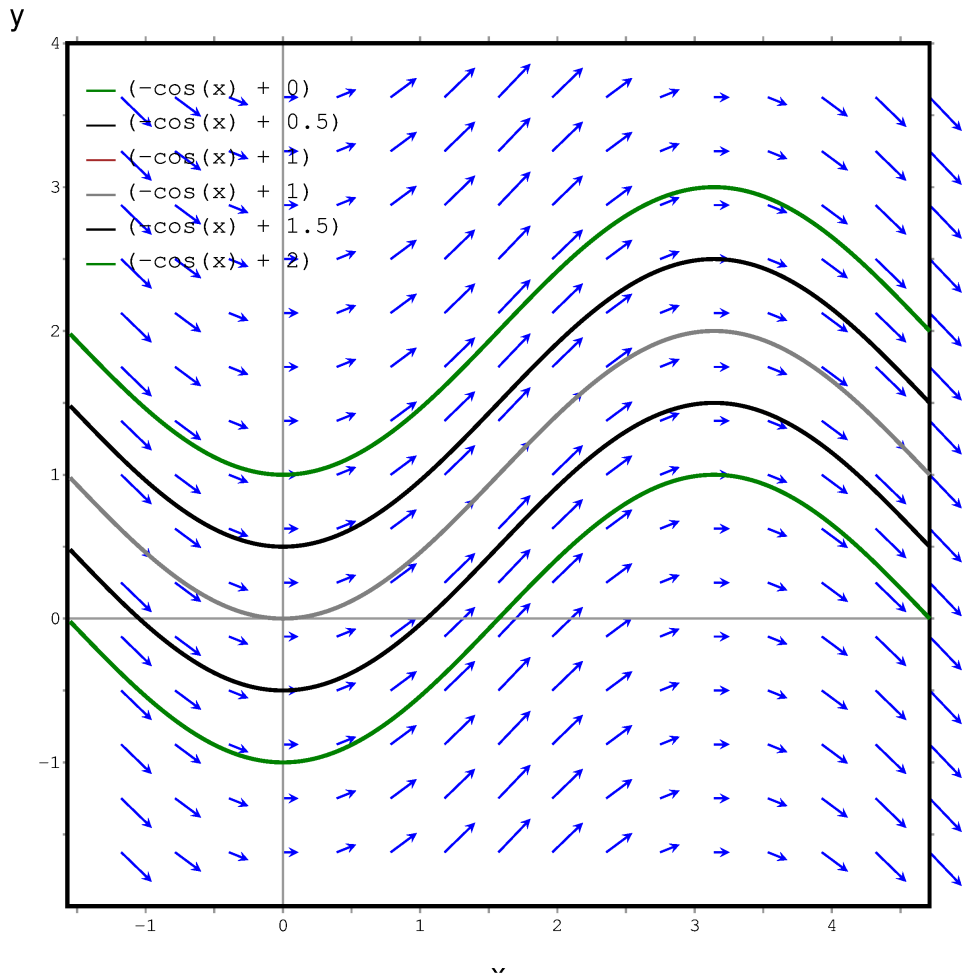
e sobre o qual marcamos as isoclinas (lugares geométricos dos pontos de igual inclinação) para  $y' = 1, 2, 4$  cuja observação facilita a interpretação e o uso do campo de direcções (assim, por exemplo, os máximos e os mínimos de uma solução encontram-se necessariamente sobre a isoclina zero).

**Exercício 5.1** Como se identificam, sobre um campo de direcções calibrado com isoclinas, os pontos de inflexão das soluções?

## Exemplo: 5.3 Soluções particulares

Para o ajudar, mostra-se em seguida o campo de direcções da equação diferencial  $y' = \sin(x)$  ao qual sobrepusemos algumas soluções:

## Exemplo: 5.3 Soluções particulares (cont.)



O problema está então reduzido a traçar uma curva contínua nesse campo, tal que, em cada ponto, seja tangente aos pequenos segmentos traçados.

Resulta então evidente que por cada ponto passa apenas uma tal curva e que por diferentes pontos passam diferentes curvas. Assim, a solução da equação diferencial não é uma única curva (uma única função  $y = g(x)$ ), mas toda uma família de curvas (o que equivale, em termos analíticos, a admitir a existência de uma constante de integração na solução geral). Para especificar uma das curvas da família basta especificar um ponto por onde ela passa.

Se, por qualquer razão (e como é frequente nas aplicações) estivermos apenas interessados em uma curva particular, é evidente que podemos limitar o traçado do campo de direcções às imediações dos locais por onde irá passar. Assim, começaremos em um ponto inicial  $(x_0, y_0)$  e nele calculamos a inclinação  $y'_0 = f(x_0, y_0)$  e avançamos um pouco a partir desse ponto ao longo da direcção assim definida; podemos então considerar o novo ponto atingido como um novo ponto de partida e continuar a proceder deste modo. Após um número suficiente destes pequenos passos, teremos a solução no intervalo finito que nos interessa.

## Exemplo: 5.4 Solução passo a passo

Retomemos a equação diferencial  $y' = x - 2$ .

Para a mesma equação, consideremos a solução particular  $\frac{x^2}{2} - 2x + 3$  que corresponde à condição

Exemplo: 5.4 Solução passo a passo (cont.)

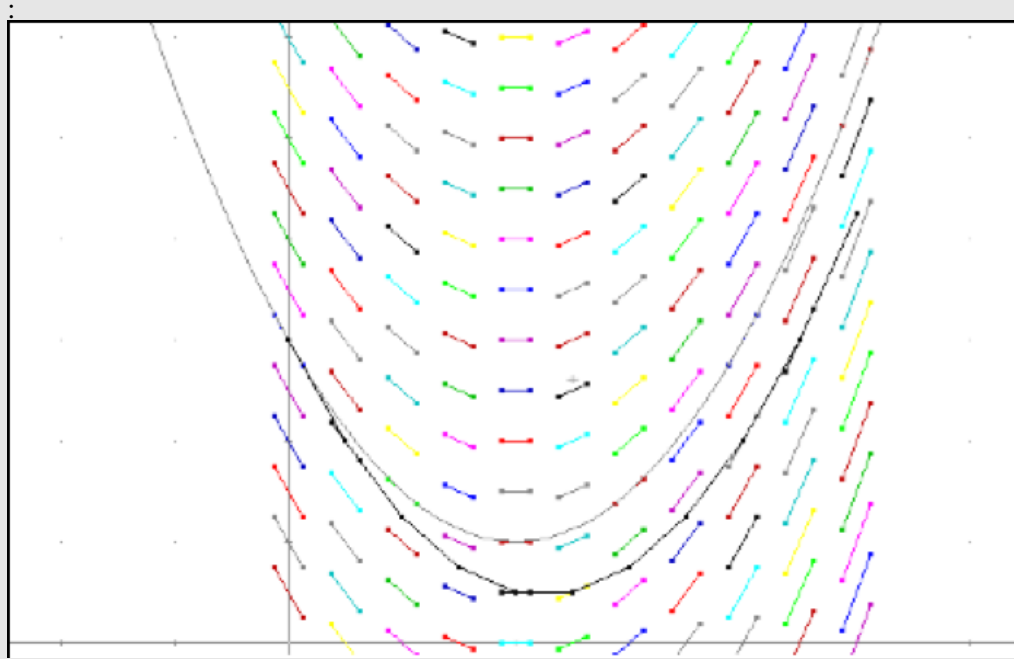
inicial

$$\begin{cases} x = 0 \\ y = 3 \end{cases}$$

e sobreponhamos o seu gráfico ao campo de direcções já determinado:

Façamos agora a reconstituição ponto a ponto da solução, tal como sugerido anteriorente e tracemos o resultado deste processo sobre o mesmo gráfico, tomando um passo

$$h = \Delta x = 0.5$$

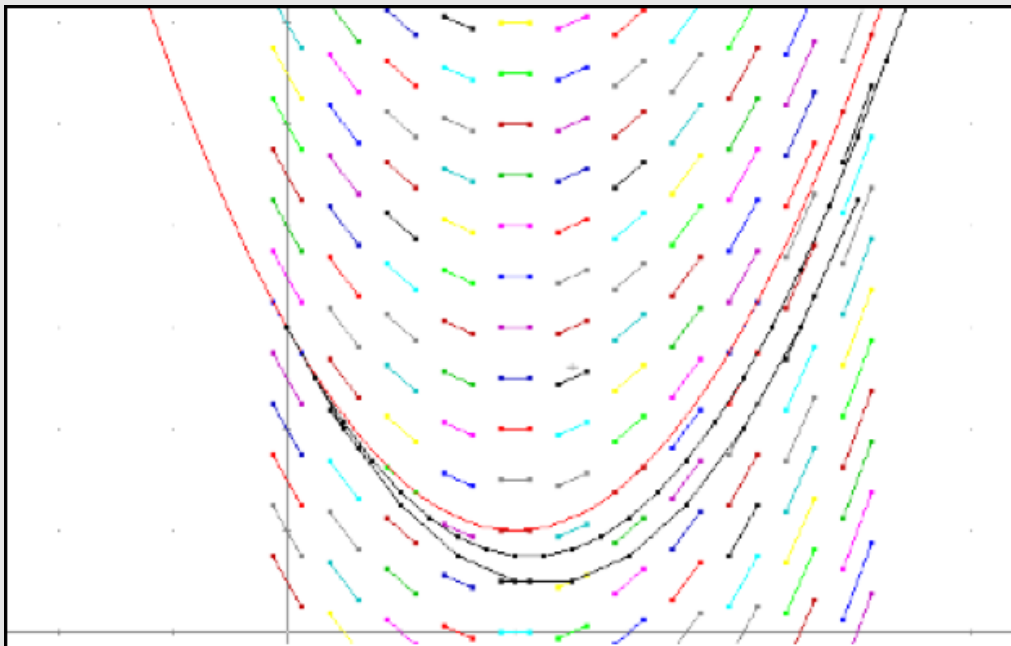


Deve agora ser perfeitamente claro que, quanto menores forem os *pequenos passos*, tanto menor será o erro cometido por efeito da truncatura e tanto maior será o esforço despendido e o risco de acumulação de erros de arredondamento.

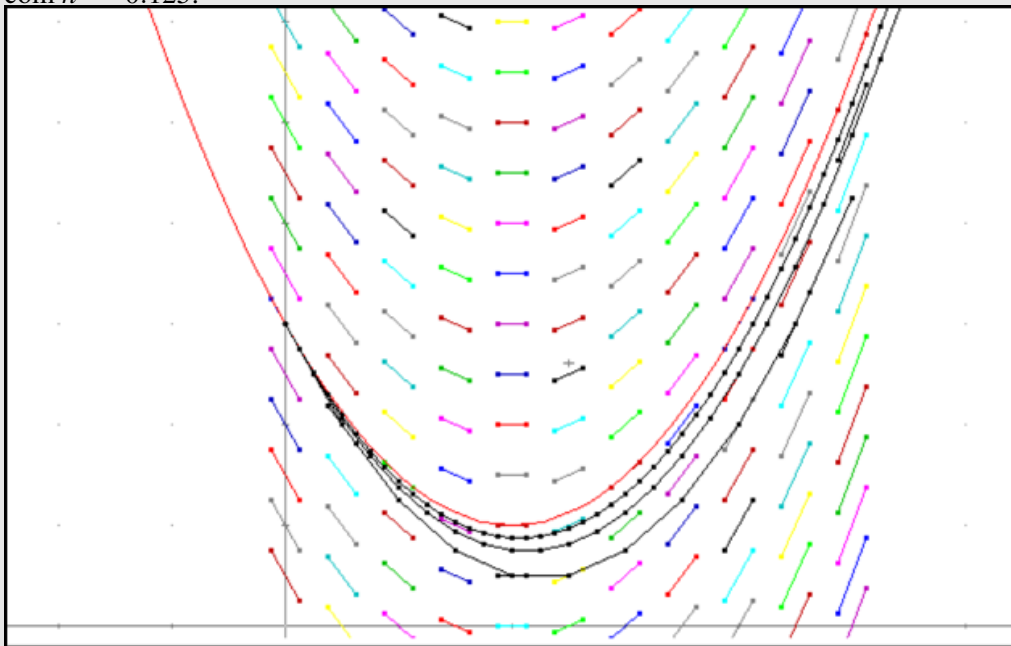
Exemplo: 5.5 Solução com passo menor

Tomemos ainda o caso anterior e executemos o processo de integração com um passo  $h' = 0.25$ :

## Exemplo: 5.5 Solução com passo menor (cont.)



e verificaremos de imediato a melhor qualidade da aproximação. Vejamos ainda o que se passa com  $h'' = 0.125$ :



É também óbvio que não precisamos de proceder por meios gráficos: poderemos, simplesmente, construir uma tabela numérica com as coordenadas dos pontos sucessivos, procedendo do modo que se segue.

## 5.2 Método de Euler

Este método elementar de integração numérica de equações diferenciais é conhecido por *método de Euler* e corresponde, obviamente, em termos analíticos, a utilizar a *fórmula dos acréscimos finitos*, isto é, um desenvolvimento em série de Taylor limitado à primeira ordem.

O algoritmo para o *método de Euler* é então:

1. Calcular o incremento de  $y$  usando  $y'_n$  que é a inclinação da curva no ponto  $(x_n, y_n)$ , e  $\Delta x_n$ , o incremento de  $x$  no intervalo  $n$ :

$$\Delta y_n = f(x_n, y_n) \Delta x_n$$

2. Calcular o ponto seguinte:

$$\begin{cases} y_{n+1} \leftarrow y_n + \Delta y_n \\ x_{n+1} \leftarrow x_n + \Delta x_n \end{cases}$$

e repetir esses passos até cobrir por completo o intervalo que nos interessa.

Trata-se, portanto, de um *método de primeira ordem*, no sentido de que o erro cometido no cálculo de  $y$  é proporcional a  $h$ , se este for suficientemente pequeno.

Poderemos também aqui aplicar o critério do *quociente de convergência*, aplicado agora intervalo a intervalo com  $h = 2h' = 4h''$ :

$$\frac{S' - S}{S'' - S'} \approx 2 \quad (5.1)$$

, e, quando ele for cumprido, poderemos estimar o erro absoluto

$$S'' - S' \approx \varepsilon'' \quad (5.2)$$

#### Exemplo: 5.6 Euler e Q.C.

Consideremos ainda o exemplo da equação anterior  $y' = x - 2$  e tabelamos os resultados da integração pelo método de Euler para  $h = 1$ ,  $h' = 0.5$ ,  $h'' = 0.25$  e calculemos os cocientes de convergência e os erros respectivos:

x	y exacto	y (h=0.25)	erro (h=0.25)	y (h=0.5)	y h=1.0	$\frac{(S' - S)}{(S'' - S')}$	erro calc h=0.25
0	3	3		3	3		
1	1.5	1.375	0.125	1.25	1	2	0.125
2	1	0.75	0.25	0.5	0	2	0.25
3	1.5	1.125	0.375	0.75	0	2	0.375
4	3	2.5	0.5	2	1	2	0.5
5	5.5	4.875	0.625	4.25	3	2	0.625

Verificamos que:

- o critério mínimo de convergência é satisfeito (cociente = 2) e os erros calculados coincidem com os observados;
- os erros são ainda muito grandes, pelo que há todo o interesse em diminuir o passo de integração.

Calculemos então o integral para  $h = .5$ ,  $h' = 0.25$ ,  $h'' = 0.125$ , juntamente com os cocientes de convergência e os erros respectivos:

**Exemplo: 5.6 Euler e Q.C. (cont.)**

x	y exacto	y (h=0.25)	erro (h=0.25)	y (h=0.5)	y h=1.0	$\frac{(S'-S)}{(S''-S')}$	erro calc h=0.25
0	3	3	0	3	3		
0.5	2.125	2.09375	0.03125	2.0625	2	2	0.03125
1	1.5	1.4375	0.0625	1.375	1.25	2	0.0625
1.5	1.125	1.03125	0.09375	0.9375	0.75	2	0.09375
2	1	0.875	0.125	0.75	0.5	2	0.125
2.5	1.125	0.96875	0.15625	0.8125	0.5	2	0.15625
3	1.5	1.3125	0.1875	1.125	0.75	2	0.1875
3.5	2.125	1.90625	0.21875	1.6875	1.25	2	0.21875
4	3	2.75	0.25	2.5	2	2	0.25
4.5	4.125	3.84375	0.28125	3.5625	3	2	0.28125
5	5.5	5.1895	0.3105	4.875	4.25	1.99	0.3145

Verificamos que:

- os erros se reduziram a metade, como seria de esperar dado que o método é de primeira ordem e o passo se reduziu a metade;
- o erro máximo = 0.3145 (que, neste caso, corresponde ao do último resultado) é ainda muito elevado; Para termos um erro máximo da ordem de uma centésima teríamos que fazer

$$h'' = \frac{0.01}{0.3145} \times 0.125 \approx 0.003$$

isto é, que dar cerca de 42 vezes mais passos.

**Exemplo: 5.7 Integral de  $\sin x$** 

Calculemos pelo método de Euler o integral indefinido

$$x = \int_0^x \sin x \, dx$$

até  $x = 2$ , planeando o trabalho de modo a poder comparar os resultados com os do cálculo do integral definido do capítulo anterior. Certifiquemo-nos de que nos encontramos dentro do critério mínimo de convergência, calculemos os erros, identifiquemos os pontos em que o erro é máximo e escolhamos um passo que garanta uma precisão mínima de uma centésima. Comparemos os resultados com os do cálculo do integral definido do capítulo anterior.

Os quadros seguintes dão alguns resultados preliminares obtidos, como anteriormente, com o comando EULER de DERIVE e com precisão de 6 algarismos significativos.

Começemos por  $h = 2\pi/5$ ,  $h' = 2\pi/10$ ,  $h'' = 2\pi/20$ :

x	y observado	y $2\pi/20$	erro $2\pi/20$	y $2\pi/10$	y $2\pi/5$	QC	erro estimado	delta (erro) %
0.00000	0.00000	0.00000	0.00000	0.00000	0.00000			
1.25664	0.69098	0.53589	-0.15509	0.36932	0.00000	2.21713	0.16657	7.40
2.51327	1.80902	1.70178	-0.10724	1.56444	1.19513	2.68902	0.13734	+28.07
3.76991	1.80902	1.88644	+0.07742	1.93376	1.93376	0.00000	-0.04732	-38.88
5.02655	0.69098	0.83468	+0.14370	0.96688	1.19513	1.72654	-0.13220	-8.00
6.28319	0.00000	0.00000	0.00000	0.00000	0.00000		0.00000	

É perfeitamente claro que  $h'' = 2\pi/20$  é um passo insuficiente, porque o cociente de convergência



**Exemplo: 5.7 Integral de  $\sin x$  (cont.)**

se afasta ainda muito do valor teórico (2); em consequência, o erro calculado tem muito pouca precisão.

Reduzamos o passo a metade:

x	y observado	y $2\pi/40$	erro $2\pi/40$	y $2\pi/20$	y $2\pi/10$	QC	erro estimado	delta (erro) %
0.00000	0.00000	0.00000	0.00000	0.00000	0.00000			
0.62832	0.19098	0.14443	-0.04656	0.09708	0.00000	2.05051	0.04734	+1.69
1.25664	0.69098	0.61487	-0.07612	0.53589	0.36932	2.10920	0.07898	+3.75
1.88496	1.30902	1.23162	-0.07740	1.14884	0.96688	2.19809	0.08278	+6.96
2.51327	1.80902	1.75913	-0.04989	1.70178	1.56444	2.39477	0.05735	+14.96
3.14159	2.00000	1.99588	-0.00412	1.98352	1.93376	4.02589	0.01236	+200.00
3.76991	1.80902	1.85146	+0.04244	1.88644	1.93376	1.35277	-0.03498	-17.58
4.39823	1.30902	1.38102	+0.07200	1.44762	1.56444	1.75405	-0.06660	-7.50
5.02655	0.69098	0.76426	+0.07327	0.83468	0.96688	1.87717	-0.07043	-3.89
5.65487	0.19098	0.23675	+0.04577	0.28174	0.36932	1.94687	-0.04498	-1.72
6.28319	0.00000	0.00000	0.00000	0.00000	0.00000	0.31260	0.00000	

A situação melhorou claramente, mas a convergência é ainda defeituosa, sobretudo na região central.

Continuemos, portanto:

x	y observado	y $2\pi/80$	erro $2\pi/80$	y $2\pi/40$	y $2\pi/20$	cociente	erro estimado	delta (erro) %
0.00000	0.00000	0.00000	0.00000	0.00000	0.00000			
0.31416	0.04894	0.03678	-0.01216	0.02457	0.00000	2.01240	0.01221	+0.41
0.62832	0.19098	0.16780	-0.02318	0.14443	0.09708	2.02526	0.02338	+0.85
0.94248	0.41221	0.38023	-0.03198	0.34783	0.28174	2.03938	0.03241	+1.32
1.25664	0.69098	0.65328	-0.03770	0.61487	0.53589	2.05589	0.03841	+1.88
1.57080	1.00000	0.96022	-0.03978	0.91940	0.83468	2.07583	0.04081	+2.59
1.88496	1.30902	1.27099	-0.03803	1.23162	1.14884	2.10262	0.03937	+3.53
2.19911	1.58779	1.55519	-0.03260	1.52097	1.44762	2.14348	0.03422	+4.98
2.51327	1.80902	1.78500	-0.02402	1.75913	1.70178	2.21685	0.02587	+7.72
2.82743	1.95106	1.93791	-0.01315	1.92277	1.88644	2.39960	0.01514	+15.16
3.14159	2.00000	1.99897	-0.00103	1.99588	1.98352	4.00000	0.00309	+200.00
3.45575	1.95106	1.96218	+0.01112	1.97131	1.98352	1.33735	-0.00913	-17.92
3.76991	1.80902	1.83116	+0.02214	1.85146	1.88644	1.72315	-0.02030	-8.32
4.08407	1.58779	1.61873	+0.03094	1.64805	1.70178	1.83254	-0.02932	-5.25
4.39823	1.30902	1.34569	+0.03667	1.38102	1.44762	1.88508	-0.03533	-3.66
4.71239	1.00000	1.03875	+0.03875	1.07648	1.14884	1.91784	-0.03773	-2.63
5.02655	0.69098	0.72795	+0.03697	0.76426	0.83468	1.93971	-0.03631	-1.79
5.34071	0.41221	0.44377	+0.03156	0.47491	0.53590	1.95902	-0.03113	-1.34
5.65487	0.19098	0.21397	+0.02298	0.23675	0.28174	1.97411	-0.02279	-0.86
5.96903	0.04894	0.06105	+0.01211	0.07311	0.09708	1.98743	-0.01206	-0.41
6.28319	0.00000	0.00000	0.00000	0.00000	0.00000	-0.33891	0.00000	

Os resultados aproximam-se agora de uma precisão satisfatória (erro máximo de 4 centésimas) o que permite prever que com um passo quatro vezes mais pequeno estejamos nos valores pretendidos; porém, aparece um problema novo: o cociente de convergência afasta-se ainda muito do valor teórico na região central, nas vizinhanças de um ponto de inflexão da integranda.

Aqui a truncatura é mais grave, ou são já problemas de arredondamento?

Procuraremos esclarecer este problema utilizando para a integração a folha de cálculo EXCEL, com a sua facilidade de impor precisão arbitrária de cálculo:

Exemplo: 5.7 Integral de  $\sin x$  (cont.)

x	12 significativos			6 significativos			3 significativos		
	$2\pi/80$	$2\pi/40$	$2\pi/20$	$2\pi/80$	$2\pi/40$	$2\pi/20$	$2\pi/80$	$2\pi/40$	$2\pi/20$
3.141592653589E-1	1.987			1.987			1.986		
6.283185307177E-1	1.974	1.956		1.974	1.947		1.974	1.944	
9.424777960765E-1	1.959			1.959			1.965		
1.256637061436E+0	1.941	1.886	1.727	1.941	1.877	1.727	1.942	1.877	1.731
1.570796326796E+0	1.918			1.918			1.973		
1.884955592156E+0	1.885	1.746		1.885	1.754		1.971	1.746	
2.199114857516E+0	1.832				1.832			1.929	
2.513274122876E+0	1.724	1.343	0.000	1.724	1.353	0.000	1.944	1.343	-0.064
2.827433388236E+0	1.338			1.338			1.500		
3.141592653596E+0	4.006	4.167		4.008	4.024		4.333	3.923	
3.455751918956E+0	2.399			2.399			2.118		
3.769911184316E+0	2.216	2.404	2.689	2.217	2.395	2.689	2.148	2.379	2.703
4.084070449676E+0	2.144			2.144			2.028		
4.398229715036E+0	2.103	2.193	2.103	2.198	2.075		2.184		
4.712388980396E+0	2.076			2.076			2.027		
5.026548245756E+0	2.056	2.114	2.217	2.056	2.109	2.217	1.997	2.107	2.227
5.340707511116E+0	2.039			2.040			1.969		
5.654866776476E+0	2.025	2.064		2.026	2.050		1.940	2.044	
5.969026041836E+0	2.012			2.013			1.852		
6.283185307196E+0	5.329		3.825	-0.685	-1.530	1.345	5.528	2.073	1.687

Torna-se, portanto, evidente que o problema não é de arredondamento, mas sim de truncatura.

Resulta do que ficou dito que o método de Euler, embora extremamente simples de implementar e de controlar conceptualmente, tem muito pequena precisão (é de primeira ordem) e dá, portanto, origem a cálculos extremamente longos.

Por outro lado, deve também ter ficado claro que a pequena precisão resulta da acumulação de atrasos nos intervalos em que o sinal da curvatura se mantém; a razão desta característica desfavorável prende-se claramente com o facto de usarmos, ao longo de cada passo, um valor da derivada que só vale para o seu extremo inicial.

Este resultado é consequência da substituição ingénua da diferencial,  $dx$ , por um acréscimo,  $\Delta x$ , não tão pequeno como isso.

A solução é-nos sugerida pelo *teorema de Lagrange*, que nos diz que

$$\Delta y = f'_{\text{média}} \Delta x$$

A descoberta da *derivada média* é então o objetivo de qualquer melhoramento.

Consideraremos duas heurísticas:

- a ideia que uma boa estima do futuro próximo é o passado recente, condicionado pelo *bom comportamento*<sup>1</sup>, e que resulta nos métodos chamados *preditores - corretores*, que apresentaremos como um melhoramento ao método de Euler;
- por outro lado o senso comum, afirmando que no meio está a virtude, isto é, uma boa estima da *derivada média* pode ser a *média das derivadas*, eventualmente ponderada, calculadas ao longo do intervalo; daqui resultam os métodos da família *Runge-Kutta*.

<sup>1</sup>Como anedota, o canal televisivo dos EUA com melhores resultados na previsão meteorológica previa para o dia seguinte o tempo que estava no próprio dia. Ajudava que estava no deserto do Nevada...

**Exercício 5.2** Visto que o passo não é ainda suficiente para o que se pretendia, o leitor prosseguirá o exercício, realizando a integração em EXCEL para  $h'' = 2\pi/320$ , certificando-se de que se encontra dentro do critério mínimo de convergência, calculando os erros, identificando os pontos em que o erro é máximo e escolhendo um passo que garanta uma precisão mínima de uma centésima. Se os altos valores do cociente de convergência persistirem, encarará a hipótese de reduzir (ou aumentar?) o passo apenas nas vizinhanças dos pontos mais críticos, acedendo assim ao conceito de *método de integração de passo variável*. Este ponto é particularmente importante porque:

- pode suceder, porque estamos em um ponto em que a primeira derivada da função é muito pequena, que um passo pequeno resulte em um acréscimo tão pequeno face ao valor da função que haja perda significativa da precisão na adição;
  - fica assim mostrado que, em termos de cálculo numérico, os passos pequenos nem sempre são desejáveis. Comparará em seguida os resultados com os do cálculo do integral definido do capítulo anterior.
- 

### 5.3 Um melhoramento do Método de Euler

Com base no diagnóstico apresentado anteriormente, é possível construir um *método de Euler modificado* que corresponde a uma estratégia de cálculo melhor e mais económica: suponhamos que temos o par de pontos  $(x_{n-1}, y_{n-1})$  e  $(x_n, y_n)$ ; como devemos calcular  $(x_{n+1}, y_{n+1})$ ? Uma maneira simples consiste em

- i) calcular o declive da tangente no ponto índice  $n$  e usar esse valor para, a partir do ponto  $n - 1$  calcular um ponto *previsto* em  $n + 1$ , associando a tangente em  $n$  à tangente no *meio* do intervalo  $[x_{n-1}, x_{n+1}]$ , o que corresponde a usar a tangente no meio do duplo intervalo para o valor do integral no seu extremo, o que é mais preciso que usar a tangente no início;
- ii) usando agora o ponto *previsto* para aí calcular a tangente obtemos dois valores do declive, em  $(x_n, y_n)$  e  $(x_{n+1}, p)$  cuja média utilizaremos para dar o passo *definitivo*, o que corresponde a usar a média das inclinações nos dois extremos do intervalo extrapolado como aproximação à inclinação média no intervalo.

Calcular declive

$$y'_n = f(x_n, y_n)$$

Calculando em seguida um *ponto previsto*:

$$p_{n+1} = y_{n-1} + 2y'_n \times \Delta x_n$$

Calcular a derivada nesse ponto previsto

$$p'_{n+1} = f(x_{n+1}, p_{n+1})$$

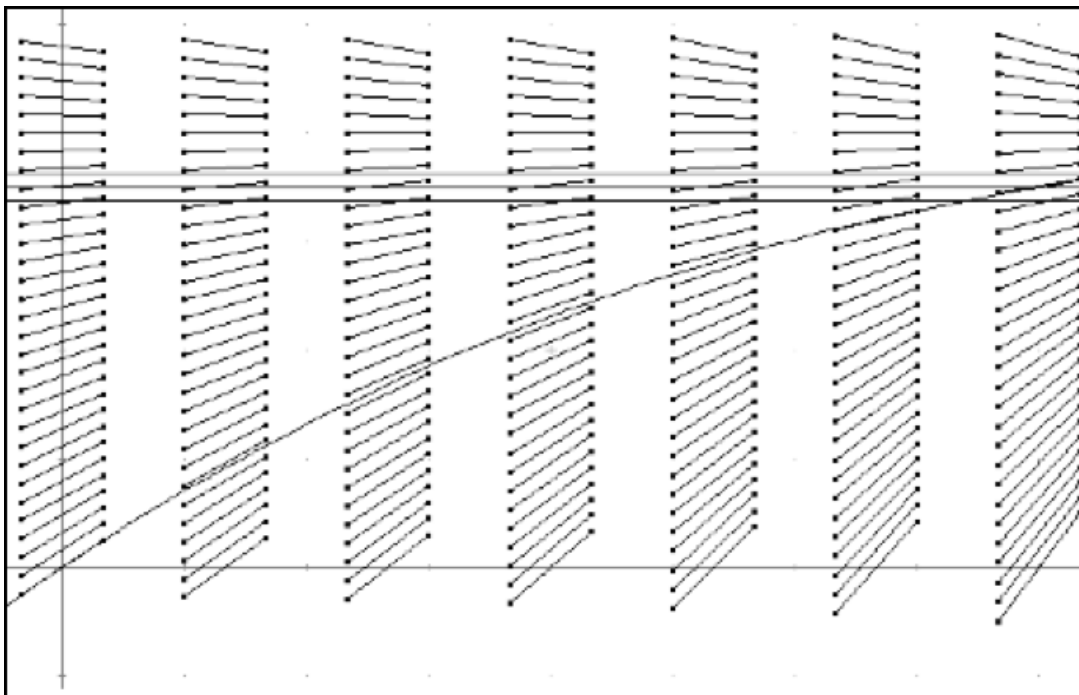
calculando em seguida o *incremento corrigido* de  $y$  em  $x_{n+1}$

$$\Delta y_n = \frac{p'_{n+1} + y'_n}{2} \times \Delta x_n$$

aplicando no fim as expressões recorrentes para obter o novo ponto:

$$\begin{cases} y_{n+1} \leftarrow y_n + \Delta y_n \\ x_{n+1} \leftarrow x_n + \Delta x_n \end{cases}$$

Representação gráfica de um método de Euler melhorado (preditor-corrector).



O método tem, obviamente, o inconveniente de exigir dois pontos de partida e não um; o ponto extra,  $(x_{n-1}, y_{n-1})$  no nosso caso, pode ser calculado por um processo qualquer, desde que suficientemente preciso; por exemplo:

- o método de Euler simples com um passo muito curto;
- um método um pouco mais preciso, baseado em um desenvolvimento em série de Taylor mais longo.

$$y(x+h) = y(x) + h \cdot y'(x) + \frac{h^2}{2} \cdot y''(x) + \frac{h^3}{6} \cdot y'''(x) + \dots$$

calculando as derivadas na forma (o que implica supor que dispomos de uma forma analítica de  $f(x,y)$ , o que nem sempre será o caso):

$$\begin{aligned} y' &= f(x,y) \\ y'' &= \frac{\partial f(x,y)}{\partial x} + \frac{\partial f(x,y)}{\partial y} \cdot f(x,y) = f'_x + f \cdot f'_y \\ y''' &= f''_x + f''_{xy} + f'_x + f \cdot f'_y \end{aligned}$$

- um método particularmente engenhoso que consiste em usar o próprio corrector, do seguinte modo: dado  $(x_0, y_0)$ , estimamos  $(x_1, y_1)$  na forma simples

$$\begin{aligned} x_{-1} &= x_0 - h \\ y_{-1} &= y_0 - h \cdot y'_0 \\ y'_{-1} &= f(x_1, y_1) \end{aligned}$$

e em seguida usamos o corrector

$$\begin{aligned} y_{-1} &= y_0 - h \cdot \frac{y'_0 + y'_{-1}}{2} \\ y'_{-1} &= f(x_1, y_1) \\ y'_{-1} &= f(x_1, y_1) \end{aligned}$$

sucessivamente até  $y_{-1}$  estabilizar dentro da precisão da máquina; se isso não acontecer dentro de meia dúzia de tentativas, teremos que diminuir  $h$ .

Pode demonstrar-se, raciocinando como no capítulo anterior, que o erro cometido pela aproximação do preditor é

$$\epsilon_p = \frac{n \cdot h^3}{3} \cdot f'''(\xi_p)$$

e o erro cometido pela aproximação do corrector é

$$\epsilon_c = -\frac{n \cdot h^3}{12} \cdot f'''(\xi_c)$$

ou, considerando que  $y'''$  conserva o sinal no interior do passo  $h$  (e, se assim não fosse, deveríamos reduzir o passo),

$$\begin{aligned} |\epsilon| &= |\epsilon_p| + |\epsilon_c| \\ &= h^3 \cdot \left[ \frac{1}{3} \cdot |f'''(\epsilon_p)| + \frac{1}{12} \cdot |f'''(\epsilon_c)| \right] \\ &= \frac{5h^3}{12} \cdot y'''(\xi) \end{aligned}$$

de onde concluímos que o método é de terceira ordem.

Coerentemente com a abordagem anterior, não usaremos esta expressão para calcular o erro (embora disponhamos da facilidade de calcular um majorante de  $y'''$  ( $\xi$ ), não dispomos, à partida, de garantias de que  $h$  se comporta já como um infinitésimo de modo a que esta aproximação seja garantidamente válida) mas usaremos a técnica do cociente de convergência e a avaliação do erro que lhe está associada.

Certos autores convencionais recomendam que, a cada passo, se vá calculando  $\xi$  para efeitos de controlo da precisão, usando

$$y''' = f''_x + f''_{xy} + f'_x + f \cdot f'_y$$

Outros chegam mesmo ao ponto de sugerir que se adicionem os erros estimados aos valores calculados, a fim de os melhorar. Todas estas técnicas são ingénuas na medida em que estas estimativas dos erros avaliam apenas os efeitos da truncatura, ignorando os efeitos dos arredondamentos que, em muitos casos podem ser dominantes. Assim, por muito que pese aos matemáticos, pensamos que os métodos deste tipo valem o que valem e não são especialmente recomendáveis pelo facto de para eles ser possível uma estimativa do erro.

Por outro lado, não devemos ignorar a importância deste método: na realidade, ele constitui o embrião de uma família de métodos de integração de equações diferenciais ordinárias chamados *métodos preditores-correctores*, ideia muito fecunda que não podemos desenvolver aqui.

## 5.4 Métodos de Runge-Kutta

Ao contrário dos métodos do tipo preditor-corrector, os métodos do tipo Runge-Kutta não dispõem do conforto um tanto duvidoso de uma "fórmula" para o erro, mas são mais expeditos ao nível da programação, nomeadamente porque não exigem técnicas separadas para o arranque (que, aliás, não ocorre apenas no início do intervalo, mas de todas as vezes que é necessários diminuir o passo).

### 5.4.1 Método de Runge-Kuta de Segunda Ordem

No caso mais simples, um *método de Runge-Kutta* de segunda ordem, muitas vezes designado por *RK2*, pode visualiza-se do seguinte modo (o raciocínio formal que lhe está subjacente não cabe no escopo do nosso curso):

1. começa-se por calcular  $y'$  no início do intervalo:  $y'_n = f(x_n, y_n)$
2. a partir daí constrói-se uma estima de  $y'$  no meio do intervalo

$$y'_a = f\left(x_n + \frac{\Delta x_n}{2}, y_n + \frac{\Delta x_n}{2} \cdot y'_n\right)$$

3. Calcular o incremento de  $y$  usando  $y'_a$ , e  $\Delta x_n$ , o incremento de  $x$  no intervalo  $n$ :

$$\Delta y_n = y'_a \Delta x_n$$

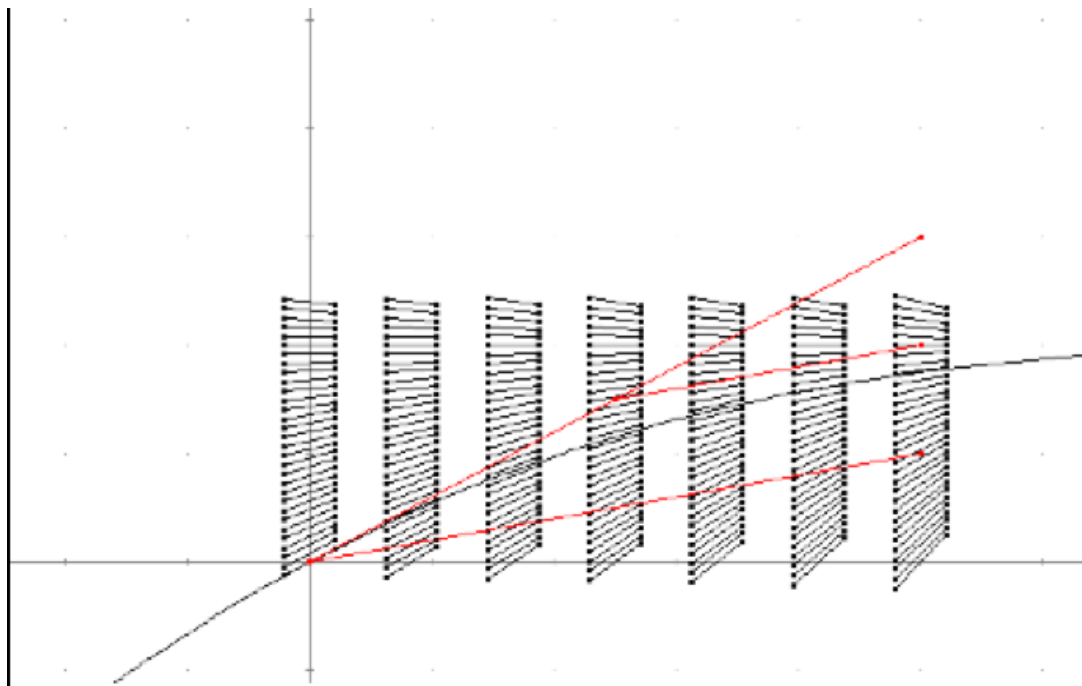
4. Calcular o ponto seguinte:

$$\begin{cases} y_{n+1} \leftarrow y_n + \Delta y_n \\ x_{n+1} \leftarrow x_n + \Delta x_n \end{cases}$$

e repetir esses passos até cobrir por completo o intervalo que nos interessa.

Notar-se-á, antes de mais, que esta técnica não é, de modo nenhum, equivalente à aplicação da do *método de Euler* em duas etapas, uma a cada metade do passo de integração.

Pode ver em baixo os gráficos de um Euler directo, de um Euler de meio passo e um Runge-Kutta de segunda ordem.



Para testar a validade do valor de  $h$  escolhido em cada passo, deve utilizar-se uma técnica semelhante à esboçada para os métodos anteriores, usando três cálculos de  $y$  para  $h$ ,  $h/2$ ,  $h/4$  e verificando se a razão das diferenças sucessivas é aproximadamente igual a 2 levantado à ordem do método.

$$\frac{S' - S}{S'' - S'} \approx 4 \quad (5.3)$$

, e, quando ele for cumprido, poderemos estimar o erro absoluto

$$S'' - S' \approx 3 \cdot \epsilon'' \quad (5.4)$$

**Exercício 5.3**

Como se disse, este *método de Runge-Kutta*, que, na realidade, é apenas um melhoramento óbvio do método de Euler, é de segunda ordem, enquanto o anterior método preditor-corrector é de terceira. Conseguirá o leitor descobrir de onde provém a diferença?

**5.4.2 Método de Runge-Kuta de Quarta Ordem**

É possível construir, mediante um raciocínio semelhante, um método de Runge-Kutta de terceira ordem, mas o interesse é pequeno porque o trabalho de cálculo envolvido é pouco menor que o de um *método de Runge-Kutta* de quarta ordem, conhecido por *RK4*.

Este pode ser estabelecido do seguinte modo:

1. começa-se por, usando  $y'_n$  no início do passo de integração, calcular uma primeira estima  $\delta_1$  para o incremento de  $\Delta y_n$  ;

$$\delta_1 = \Delta x_n \cdot f(x_n, y_n)$$

2. a partir desta estima, calcula-se uma primeira estima de  $y'$  no meio do passo e, a partir deste valor, uma segunda estima  $\delta_2$  para o incremento de  $\Delta y_n$  :

$$\delta_2 = \Delta x_n \cdot f\left(x_n + \frac{\Delta x_n}{2}, y_n + \frac{\delta_1}{2}\right)$$

3. calcula-se uma segunda estima de  $y'_n$  no meio do passo, usando a anterior, e a partir deste valor, uma terceira estima  $\delta_3$  para o incremento de  $\Delta y_n$  :

$$\delta_3 = \Delta x_n \cdot f\left(x_n + \frac{\Delta x_n h}{2}, y_n + \frac{\delta_2}{2}\right)$$

4. finalmente, obtém-se uma última estima de  $y'_n$  no fim do passo, usando a anterior, e a partir deste valor, uma quarta estima  $\delta_4$  para o incremento de  $\Delta y_n$  :

$$\delta_4 = \Delta x_n \cdot f(x_n + \Delta x_n, y_n + \delta_3)$$

5. calcula-se a média ponderada das diversas estimas  $\delta_i$  estabelecendo os pesos de modo a garantir um erro proporcional a  $(\Delta x_n)^4$

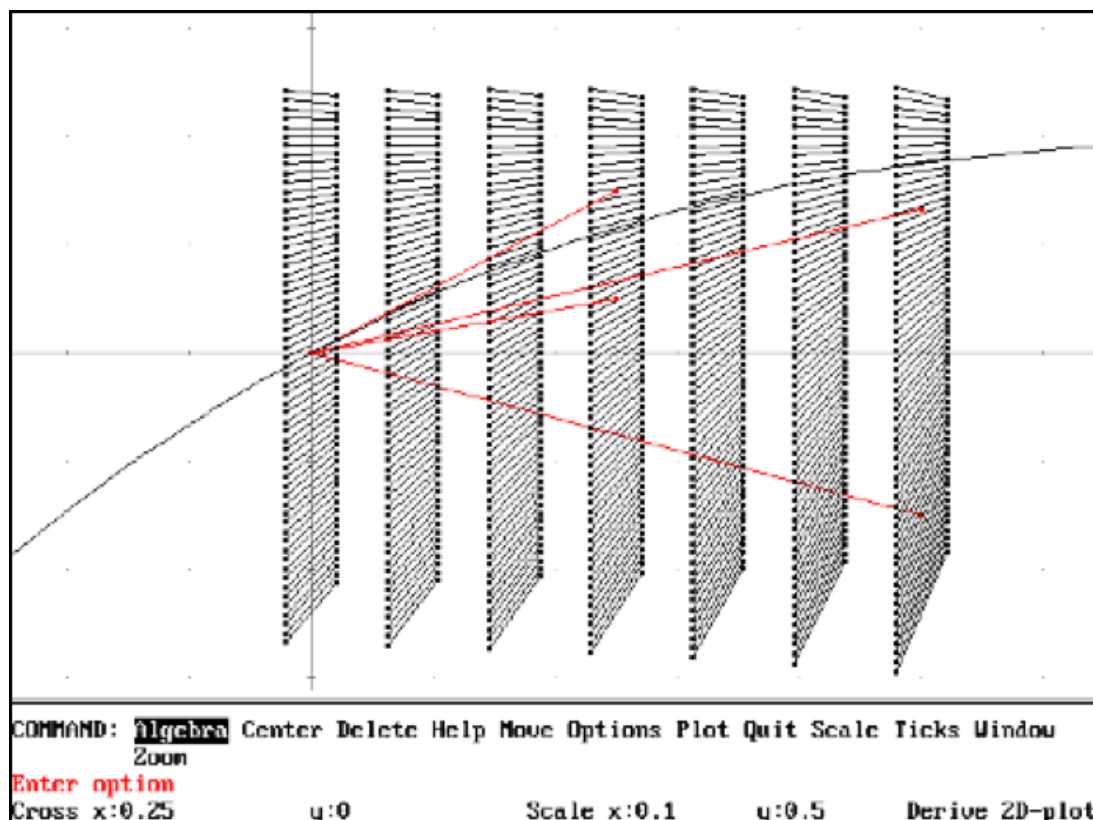
$$\Delta y_n = \frac{\delta_1}{6} + \frac{\delta_2}{3} + \frac{\delta_3}{3} + \frac{\delta_4}{6}$$

6. e usa-se essa média para calcular o valor do calcular o ponto seguinte  $(x_{n+1}, y_{n+1})$  :

$$\begin{cases} y_{n+1} & \leftarrow & y_n + \Delta y_n \\ x_{n+1} & \leftarrow & x_n + \Delta x_n \end{cases}$$

e repetir esses passos até cobrir por completo o intervalo que nos interessa.





Para testar a validade do valor de  $h$  escolhido em cada passo, deve utilizar-se uma técnica semelhante à esboçada para os métodos anteriores, usando três cálculos de  $y$  para  $h$ ,  $h/2$ ,  $h/4$  e verificando se a razão das diferenças sucessivas é aproximadamente igual a 2 levantado à ordem do método.

$$\frac{S' - S}{S'' - S'} \approx 16 \quad (5.5)$$

, e, quando ele for cumprido, poderemos estimar o erro absoluto

$$S'' - S' \approx 15.\epsilon'' \quad (5.6)$$

#### Exercício 5.4

1. Integre as equações dos exemplos e exercícios anteriores pelos métodos de Runge-Kutta de segunda e quarta ordens e compare os resultados e os tempos de cálculo entre si e com os anteriores.
2. Como implementaria uma estratégia de passo variável no RK4 ?

### 5.5 Forma geral

Como vimos, a forma geral para os vários métodos consiste na aplicação repetida de um sistema de expressões recorrentes que formam um passo do método:

Em primeiro lugar obter os acréscimos nas várias variáveis, mediante a aplicação simultânea e repetida de:

- Cálculo do acréscimo  $\delta y_n$  pela aplicação do método escolhido;
- Escolha do acréscimo  $\delta x_n$ , usando uma estratégia de:
  - i) passo constante;
  - ii) passo variável pela avaliação de QC;
  - iii) passo variável ...

Finalmente aplicar as expressões recorrentes que permitem obter  $(x_{n+1}, y_{n+1})$  a partir de  $(x_n, y_n)$ :

$$\begin{cases} y_{n+1} \leftarrow y_n + \Delta y_n \\ x_{n+1} \leftarrow x_n + \Delta x_n \end{cases}$$

## 5.6 Sistemas de Equações e Equações de Ordem Superior

Embora a nossa discussão se tenha centrado no caso de uma equação única e de primeira ordem, os resultados que obtivemos estendem-se, sem necessidade de considerações especiais, ao caso de um sistema de  $n$  equações diferenciais ordinárias de primeira ordem:

$$\begin{cases} y'_1 = f_1(x, y_1, y_2, \dots, y_n) \\ y'_2 = f_2(x, y_1, y_2, \dots, y_n) \\ \dots \\ y'_n = f_n(x, y_1, y_2, \dots, y_n) \end{cases}$$

fazendo, simplesmente, qualquer que seja o método de resolução adotado, o mesmo encadeado de operações, realizando-as em paralelo sobre todas as equações.

### Exemplo: 5.8 Sistema de equações diferenciais

Vamos integrar o sistema de equações diferenciais

$$\begin{cases} z' = x + y + z \\ y' = 2x - y - z \end{cases}$$

usando o *método de Euler*, com as expressões recorrentes

$$\begin{cases} z_{n+1} \leftarrow z_n + (x_n + y_n + z_n) \cdot \Delta x_n \\ y_{n+1} \leftarrow y_n + (2x_n - y_n - z_n) \cdot \Delta x_n \\ x_{n+1} \leftarrow x_n + \Delta x_n \end{cases}$$

começando em  $(x_0, y_0, z_0) = (0, 1, 1)$ , com passo constante  $\Delta x = h = 1$

As três primeiras iterações são:

**Exemplo: 5.8 Sistema de equações diferenciais (cont.)**

iter	x	y	z	y'	z'
0	0	1	1	2	-2
1	1	3	-1	3	0
2	2	6	-1	7	-1
3	3	13	-2	14	-5

Equações de ordem superior, por exemplo, de segunda ordem

$$y'' = f(x, y, y')$$

podem reduzir-se à primeira ordem mediante o expediente de fazer

$$y' = z$$

(que, por si, constitui uma equação diferencial de primeira ordem) e

$$z' = f(x, y, z)$$

que é uma outra equação diferencial de primeira ordem que forma sistema com a anterior:

$$\begin{cases} z' = f(x, y, z) \\ y' = z \end{cases}$$

**Exemplo: 5.9 Sistema de duas equações de segunda ordem**

Reduzamos o sistema de duas equações de segunda ordem

$$\begin{cases} y'' = f(x, y, y', z, z') \\ z'' = g(x, y, y', z, z') \end{cases}$$

a um sistema de quatro equações de primeira ordem:

$$\begin{cases} u' = f(x, y, u, z, v) \\ y' = u \\ v' = g(x, y, u, z, v) \\ z' = v \end{cases}$$

**Exemplo: 5.10 Equação diferencial de segunda ordem**

Vamos integrar a equação diferencial de segunda ordem

$$y'' = 2x - y - 0.5y'$$

começando por a transformar num sistema de equações diferenciais de primeira ordem, fazendo  $y' = z$ :

$$\begin{cases} z' = 2x - y - 0.5z \\ y' = z \end{cases}$$

**Exemplo: 5.10** Equação diferencial de segunda ordem (cont.)

Vamos usar o *método de Euler*, com as expressões recorrentes

$$\begin{cases} z_{n+1} \leftarrow z_n + (2x_n - y_n - 0.5z_n) \cdot \Delta x_n \\ y_{n+1} \leftarrow y_n + z_n \cdot \Delta x_n \\ x_{n+1} \leftarrow x_n + \Delta x_n \end{cases}$$

começando em  $(x_0, y_0, y'_0) = (0, 1, 1)$ , com passo constante  $\Delta x = h = 1$

As três primeiras iterações são:

iter	x	y	z	y'	z'
0	0	1	1	-1,5	1
1	1	-0,5	2	1,5	2
2	2	1	4	1	4
3	3	2	8	0	8

## 6 Optimização

### The best of all possible worlds

[PANGLOSS]

Once one dismisses

The rest of all possible worlds

One finds that this is

The best of all possible worlds!

[CANDIDE]

Objection! What about war?

[PANGLOSS]

War!

Though war may seem a bloody  
curse

It is a blessing in reverse

When cannon roar

Both rich and poor

By danger are united!

[STUDENTS]

Till every wrong is righted!

**Candide** Acto 1:3. - The best of all possible worlds, é uma parte da opereta de L. Bernstein baseada na obra de Voltaire, aqui dirigida pelo próprio compositor.

---

(Leonard Bernstein)

### Contents

---

<b>The best of all possible worlds</b>	<b>171</b>
<b>6.1 Introdução</b>	<b>172</b>
6.1.1 A Síntese: projecto e decisão optimizados	173
6.1.2 A Análise: os princípios de optimidade	175
<b>6.2 Conceitos gerais</b>	<b>177</b>
6.2.1 Programação linear	178
6.2.2 Programação convexa	179
<b>6.3 As técnicas concretas</b>	<b>182</b>
6.3.1 Pesquisa unidimensional	183
6.3.2 Métodos Intervalares	183
6.3.3 Pesquisa multidimensional	185
6.3.4 Método da quádriga	196
6.3.5 Método de Levenberg-Marquardt	197
6.3.6 O problema das restrições	198
<b>6.4 Programação não-convexa</b>	<b>201</b>

<b>6.5</b>	<b>Preparação da optimização</b>	<b>203</b>
<b>6.6</b>	<b>Análise do problema da Optimização</b>	<b>207</b>
<b>6.7</b>	<b>Ajustamento</b>	<b>211</b>
6.7.1	A construção de uma função objectivo	211
6.7.2	O caso dos parâmetros lineares	212
6.7.3	O caso dos parâmetros não-lineares	214
<b>6.8</b>	<b>Exemplos de Codificação Optimização</b>	<b>217</b>
6.8.1	Unidimensional	217
6.8.2	Multidimensional	229

## Figures

6.1	Sequência de pesquisa	183
6.2	As direcções dos vectores $t_j$ como direcções conjugadas da quádriga	188
6.3	Gradiente	191
6.4	Gradiente inverso	192
6.5	Pesquisa ao longo de uma linha de gradiente	196
6.6	Levenberg-Marquardt	198
6.7	Uma superfície com vários mínimos.	202
6.8	Ajuste	211

## 6.1 Introdução

O desejo humano da perfeição encontra a sua expressão mais acabada na teoria da optimização.

O termo técnico actual *optimizar*, que tem um sentido mais forte que *aperfeiçoar*, significa alcançar um *ótimo*, isto é, um valor de qualidade inexcedível, e *optimização* é o acto de optimizar; os sentidos destas palavras encontram-se hoje quase sempre em um contexto matemático, isto é, de estudo quantitativo dos ótimos e dos meios de os alcançar.

A palavra *ótimo* provem do étimo latino *optimus* que contém a raiz *Ops*, do nome da deusa sabina da abundância, introduzida em Roma no séc. VIII a.C. Originalmente, o sentido de *optimus* era o de *o maior* ou *máximo*. Outras palavras latinas derivadas de *Ops* são *opus* (obra, resultante do trabalho) e *opera* (obras) em uma clara alusão a que os frutos de *Ops* se não obtêm sem trabalho; da mesma raiz provêm palavras como *opulência* e *copioso* ligadas com o posterior estatuto de *Ops* como deusa da riqueza. Com efeito, nos tempos imperiais o templo da deusa continha o Tesouro Romano; daí que o sentido tenha evoluído de *o maior* para *o melhor*. Assim, Júpiter, o pai dos deuses, tomou o cognome de *Optimus Maximus*. Quando a riqueza se tornou símbolo de poder, a aristocracia romana endinheirada passou a ser designada por *optimates*, nome que é ainda hoje utilizado na Universidade inglesa de Oxford para designar os melhores académicos.

Dado que, portanto, a optimização implica a procura, e o encontro, da melhor maneira de proceder em dado contexto, tornam-se óbvias as suas aplicações nos mundos da produção, do comércio e da política,

mundos em que pequenas diferenças de eficácia representam a enorme diferença entre o sucesso e a falência.

Embora muitas fases da teoria da optimização fossem já conhecidas desde há séculos, o volume e a lentidão dos cálculos exigidos virtualmente impediram a sua utilização prática, excepto nas situações mais elementares. O desenvolvimento e difusão dos meios de computação automática a partir de meados do presente século não só permitiram que muitos desses métodos se tornassem atraentes como encorajaram profundas e extensas investigações sobre a matéria.

No entanto, mesmo no actual contexto científico e técnico, a teoria da optimização tem um significado que transcende o de um simples conjunto de receitas analíticas ou numéricas para encontrar óptimos: o estudo das várias técnicas de optimização, cada uma das quais adequada a uma situação quantitativa idealizada, permite frequentemente pôr em evidência regras aplicáveis a problemas não totalmente descritíveis em termos quantitativos; esse estudo pode, portanto, conduzir a um aumento das capacidades de decisão através da capacidade de identificar a forma própria de uma solução óptima, mesmo quando o problema não se encontra formulado em termos estritamente matemáticos; pode, além disso, desenvolver a apreciação do valor da informação necessária para a descrição de um sistema por forma a poder ser optimizado. Mesmo quando o caminho para o óptimo se encontra barrado ou obscurecido, a teoria da optimização frequentemente mostrará como é possível melhorar uma dada situação existente.

Os dois ramos fundamentais das aplicações da teoria da optimização são

1. a síntese, o projecto e a decisão sobre o tipo de mundo que queremos construir;
2. a análise e a compreensão de como esse mundo funciona.

### 6.1.1 A Síntese: projecto e decisão optimizados

A decisão sobre a forma de projectar, construir, regular e explorar um sistema físico e/ou económico implica a execução de três passos fundamentais:

- antes de mais, a obtenção do conhecimento, preciso e tanto quanto possível quantificado de como interactivam as variáveis do sistema;
- em segundo lugar, a construção de uma medida da eficácia do sistema, expressa em termos das suas variáveis; essa medida da eficácia deve constituir a tremendamente difícil resposta ao problema da quantificação da qualidade;
- finalmente, a escolha dos valores das variáveis do sistema que conduzem à eficácia óptima, que constitui o que, no sentido estrito, se chama o problema matemático da optimização.

Este faseamento mostra claramente como se relacionam a optimização no sentido lato e a decisão, ou optimização no sentido estrito.

O primeiro passo - o conhecimento do sistema - é, obviamente, de importância fundamental, porque é aquele em que o decisor aplica todas as suas capacidades profissionais como engenheiro ou analista de sistemas. Com efeito, não tem sentido optimizar um modelo que não descreve com um mínimo de correcção o comportamento do sistema. Portanto, a maior parte do esforço despendido em estudos de optimização será, na prática, dedicado à compreensão do sistema e à sua descrição quantitativa. Neste sentido, a teoria da optimização veio reforçar, e não suplantiar, a importância das actuais capacidades profissionais dos tecnólogos. Na alternativa, poderemos considerar que o campo privilegiado da teoria da optimização é constituído pelos sistemas bem conhecidos e matematicamente descritos.

Dado que o segundo passo - a medida da eficácia - é, basicamente uma questão de quantificação de um juízo de valor, sucede tanto ser trivialmente simples como virtualmente inexequível.

Em muitos sistemas tecnoeconómicos, as medidas fundamentais ligam-se obviamente com proveitos, custos e eficiências, mas um sistema social ou político pode ter múltiplos objectivos apenas vagamente definidos e literalmente contraditórios e, mesmo quando é claro o tipo de medida a adoptar, a sua realização é em geral difícil e mais difícil ainda o estabelecimento das necessárias relações com as variáveis do sistema.

No entanto, é indispensável tentar obter tal informação para que possamos gozar os frutos da optimização. Deste modo, uma das grandes vantagens do advento dos estudos de optimização foi a de atribuir a esse tipo de informação um valor que torna digno, justo, racional e salutar a sua aquisição.

Só após a realização completa dos dois primeiros passos se torna efectivamente possível a aplicação da teoria matemática que desenvolveremos adiante; a optimização torna-se então importante não apenas, nem principalmente, por conduzir ao óptimo, mas, na maior parte dos casos, essencialmente porque produz informação sobre a sensibilidade das condições de óptimo a flutuações e incertezas na descrição do sistema e na fixação dos seus parâmetros.

É fundamentalmente por esta razão que um processo de decisão racional nunca está realmente completo sem o respectivo estudo de optimização.

Tomemos dois exemplos característicos do processo de decisão (ou projecto) com os seus três passos, tal como acabámos de o descrever.

O mais antigo e o mais poético é o contado por **Virgílio** na Eneida, em que, no século IX a. C., a rainha Dido procurou, para fundar Cartago, o terreno de maior superfície que pudesse ser delimitada pela pele de um búfalo. Da pele, Dido fez uma corda tão fina e tão comprida quanto possível e dispô-la em semicircunferência, com ambos os extremos na praia. A sua régia intuição dissera-lhe que este semicírculo tinha a máxima área para um dado perímetro, facto que **Arquimedes** (187-212 a. C.) veio a conjecturar, mas que só foi possível demonstrar com rigor cerca de três milénios mais tarde. Muitas cidades antigas têm, efectivamente, forma circular, provavelmente para minimizar o custo e a vulnerabilidade da muralha envolvente. Um famoso problema de projecto renascentista foi o de uma *braquistocrónica* (do grego *tempo mais curto*) o desenho de uma calha ao longo da qual um objecto deslizesse sem atrito descendo uma dada altura em um tempo mínimo. **Galileu** (1564-1642) conjecturou que se trataria de um arco de circunferência, mas a sua intuição traiu-o e em 1694 **Johann Bernoulli** demonstrou que se tratava de um arco de cicloide. Em 1710, o filósofo alemão **G. W. Leibniz** empregou a palavra *optimum* na sua **Teodiceia, ou um Ensaio sobre a Bondade de Deus, a Liberdade do Homem e a Origem do Mal**, ilustrando nas seguintes linhas o papel da optimização na síntese:

Existe uma infinidade de mundos possíveis, entre os quais Deus teve necessariamente que escolher o melhor, visto que Ele não faz nada em desacordo com a sua suprema sabedoria.

Ora, esta suprema sabedoria, aliada a uma não menos infinita bondade, não poderia escolher senão o melhor.

Tal como na matemática, em que, quando não há máximo nem mínimo, tudo é igual ou simplesmente não existe, também Deus, se não tivesse criado o melhor dos mundos, não teria, certamente, criado nenhum.

Deste modo, **Leibniz** segue rigorosamente os nossos três passos: para o primeiro, o conhecimento, supõe uma sabedoria infinita; para o segundo, o juízo de valor, supõe uma bondade infinita; para o terceiro, a própria sabedoria infinita torna trivial a pesquisa do óptimo que, para um deus menor, seria uma tremenda tarefa de avaliação exaustiva.

A alegre doutrina de que vivemos no melhor dos mundos possíveis ficou conhecida pela nome de *optimismo filosófico* e as suas consequências no campo científico foram múltiplas e frutuosas, como vamos ver.



### 6.1.2 A Análise: os princípios de optimidade

Curiosamente, a teoria da optimização não funciona apenas no contexto óbvio da síntese, isto é, da decisão e do projecto, que acabámos de estudar: presta-se igualmente bem ao problema da descrição do comportamento de sistemas complexos, um problema que é convencionalmente considerado de carácter analítico.

Naturalmente, a teoria da optimização aplica-se essencialmente à fase sintética da construção da descrição. O uso da teoria da optimização para analisar o comportamento de um sistema corresponde a inverter os três passos descritos para a síntese racional: constrói-se o conhecimento sobre o funcionamento de um sistema supondo que ele se comporta de modo a optimizar uma dada medida de eficácia. Assim, o comportamento do sistema é completamente especificado pela identificação do critério de eficácia e pela aplicação da teoria da optimização. Este procedimento corresponde à descrição da natureza através de um princípio de optimidade.

O célebre matemático suíço **Leonhard Euler** (1707-83) parece ter sido também um optimista filosófico ao afirmar:

Dado que a fábrica do mundo é a mais perfeita possível e feita pelo mais sábio dos criadores, nada acontece neste mundo em que não seja possível pôr em evidência um princípio de máximo ou de mínimo.

Por difícil que seja aceitar uma generalização tão vasta como esta, apesar da imensa autoridade do seu autor, o facto é que esta ideia produziu numerosas formulações notavelmente simples de várias complexas leis naturais. Com efeito, o enunciado de **Héron de Alexandria** sob a forma do princípio segundo o qual a luz se move entre dois pontos pelo trajecto mais curto, conduz directamente a resultados tão diversos como o de que o raio de luz é rectilíneo e o de que, na reflexão, o ângulo de incidência é igual ao ângulo de reflexão. O princípio mais genérico de **Fermat** (1657) de que a luz se desloca entre dois pontos de modo, não a minimizar a distância, mas o tempo de percurso dá directamente origem à *lei de Snell-Descartes*, sem contrariar o princípio de Héron e as suas consequências. Foi em plena época do *optimismo filosófico*, e não por acaso, que as leis da Mecânica foram, pela primeira vez, formuladas em termos de princípio de mínimo: o princípio de acção mínima de **Maupertuis**, convictamente defendido por **Euler**, conduziu **Lagrange** a inventar o conceito de potencial cinético. O próprio **Gauss** enunciou um princípio de constrição mínima do qual pode deduzir-se o princípio newtoniano da igualdade da acção e da reacção. Finalmente, a óptica e a mecânica aproximaram-se uma da outra através de um princípio único de mínimo concebido por **W. R. Hamilton** (1834), que engloba os princípios de **Fermat** e de **Maupertuis**, do qual puderam ser obtidas, por optimização, todas as leis mecânicas e ópticas então conhecidas.

O mesmo princípio constitui o fundamento da mecânica relativista (Einstein, 1916) e da mecânica quântica ondulatória (Schrödinger, 1926). Do mesmo modo, muitas das leis da Química e da Termodinâmica podem ser sintetizadas no princípio de Gibbs (1875-1878) segundo o qual um sistema no equilíbrio tem uma *energia livre* mínima. A própria economia clássica foi fundada por Adam Smith, em 1776, sobre o princípio de que o *homem económico* actua de modo a maximizar o seu proveito pessoal.

O optimismo filosófico veio, porém, a ser de tal modo distorcido pelos seguidores de Leibniz que, em 1759, Voltaire, com o característico radicalismo gaulês, se sentiu na obrigação de dar cabo dele através da sátira **Candide ou de l'optimisme**. Com efeito, aquilo que inicialmente tinha sido uma doutrina dinâmica saudável que levava o homem a lutar para melhorar constantemente a sua condição, tinha acabado por transformar-se em uma doutrina estática, uma teorização da inacção, sob o argumento de que em um mundo tão bom quanto possível, mesmo sendo mau,

nada há a fazer para melhor  -lo. Na última página de **Candide**, o Dr. Pangloss, a caricatura voltairiana do optimista filosófico, diz a Candide:

"Existe um encadeamento necessário de acontecimentos neste melhor dos mundos; com efeito, se não tivesses sido expulso da casa a pontapé por amar a Dama Cunegundes, se não tivesses sido perseguido pela Santa Inquisi  o, se não tivesses tido que atravessar a América a p  , não estarias agora aqui a comer estes frutos deliciosos".  
"   bem verdade", responde Candide, "mas temos que nos levantar e ir trabalhar."

Com um britânico bom senso, Lord Shaftesbury e Lord Bolingbroke inspiraram ao célebre Alexander Pope a no  o de *all is good*, ou, *se há males particulares, eles formam o bem comum*, constituindo assim os precursores literários do conceito de programac  o multiobjectivo.

Matematicamente, a questão da pesquisa de óptimos começou a clarificar-se com a observa  o elementar de **Johannes Kepler** de que as diferenças entre sucessivos valores de uma variável dependente, calculadas para valores equidistantes da variável independente, tendem a anular-se progressivamente a caminho de um extremo. Uma gera  o mais tarde, **Pierre de Fermat** desenvolveu a partir desta sugestão um método para calcular um extremo de uma fun  o contínua de uma única variável real.

O método proposto consistia basicamente em dar um acréscimo infinitesimal    variável independente e calcular, algebricamente, o acréscimo correspondente da variável dependente e em procurar o ponto  $x^*$  em que o valor da fun  o    idêntico ao de um ponto vizinho,  $x^* + dx$ , com  $dx$  muito pequeno. Naturalmente, no decorrer do processo tinha que, sem efectivamente anular  $dx$ , se desembaraçar dos diferentes infinitésimos que, sabia ele antecipadamente, não deveriam figurar na soluço; ao fazê-lo ca  a, naturalmente, dadas as carências do ferramental matemático da época, em frequentes ilogismos.

O modo como **Fermat** lidava com os diferenciais, ou, como na época se chamavam, *deslocamentos virtuais*, levantou objecções por parte de certos dos seus contemporâneos, nomeadamente o arguto **Descartes**. Quando Newton, em 1669, e Leibniz, em 1675, inventaram, por dois caminhos diferentes senão mesmo contraditórios, o cálculo infinitesimal, a dificuldade fundamental de Fermat permaneceu escondida por det  r  s do ruído produzido pela violenta controvérsia entre os seguidores destes dois autores. A questão foi, porém, trazida à luz pelo arguto **George Berkeley**, Bispo de Cloyne, que, no seu **O Analista, ou um discurso dirigido a um matemático infiel**, se vingava deste modo das contradições apontadas pelos matemáticos aos dogmas religiosos da época: criticou severamente o modo como, no início da demonstra  o a diferencial  $dx$  era considerada não nula e, mais adiante, quando convinha, se anulava. A ponderosa objecção de Berkeley lançou os matemáticos numa nova pesquisa destinada a consolidar o edifício do cálculo infinitesimal. No entanto, o esforço investido nessa pesquisa teórica não impediu **Johann Bernoulli** de, no entretanto, resolver um problema de optimiza  o multidimensional relativo a uma questão de marinharia (designadamente, resolvendo uma disputa entre Huyghens e o Cavaleiro Renau, engenheiro naval de Luís XIV, relativa ao problema do ângulo óptimo das velas e de bolina de um barco, dada a direc  o do vento em rela  o    da rota) nem impediu Euler de usar e aperfeiçoar o método de Fermat, generalizando-o, no sentido da intui  o de Bernoulli, ao caso das fun  es multivariável e aplicando-o com enorme sucesso a uma grande variedade de problemas concretos. Mais tarde, Lagrange tentou dar uma base rigorosa ao cálculo mediante o uso de desenvolvimentos em série e, ao fazê-lo, contribuiu notavelmente para a teoria da optimiza  o, embora o seu objectivo central se tivesse gorado por completo. Porém, s   bem mais tarde, em 1821, com a defini  o, por **Augustin Cauchy**, do conceito de limite    que se tornou possível dar um passo definitivo no sentido de colocar a questão em termos teóricos sólidos, mas, entretanto, já se encontravam desenvolvidos todos os instrumentos analíticos necessários.

práticas permaneceu muito limitada a problemas de carácter teórico e de formulação analítica.

Com o advento da computação digital automática, porém, as aplicações entraram a multiplicar-se exponencialmente e a teoria teve que dar novos saltos em frente a fim de permitir o desenvolvimento de métodos capazes de lidar eficientemente com situações de alta complexidade.

## 6.2 Conceitos gerais

A *Programação Matemática*<sup>1</sup> consiste em procurar, entre todos os pontos  $x$  de um espaço  $R_n$  que verificam certas condições do tipo

$$g_i(x) \leq 0 \quad 1 \leq i \leq k \quad (\text{ditas } \textit{constricções})$$

e

$$h_j(x) = 0 \quad 1 \leq j \leq l \quad (\text{ditas } \textit{ligações} \text{ por analogia com a Mecânica} )$$

aquele ou aqueles que tornam mínimo - ou máximo, segundo os casos - um certo critério definido através de uma *função-objetivo*,  $f(x)$ , isto é:

$$\min_x [f(x) \mid g_i(x) \leq 0; h_j(x) = 0] \quad (6.1)$$

As ligações, quando resolúveis (ou holónomas, como se diz tradicionalmente na Mecânica), podem sempre ser consideradas como outros tantos abaixamentos da dimensionalidade do problema.

As constricções podem sempre ser consideradas como definindo um volume  $X$ , finito ou infinito, no espaço  $R_n$  das variáveis  $x$ , dentro do qual tem sentido procurar as soluções do problema e que, por analogia com a terminologia da ginástica rítmica desportiva, chamaremos o *praticável*.

### Exemplo: 6.1 N

a ausência de constricções, o mínimo de  $f(x) = (x - 2)^2$  ocorre no ponto  $x = 2$  e vale  $f(2) = 0$ . Porém, na presença da constricção  $x \geq 4$ , o mínimo ocorre em  $x = 4$  e vale  $f(4) = 4$

Na medida em que um conjunto de constricções reduz o domínio de pesquisa da solução, poderia pensar-se que constitui de algum modo uma simplificação do problema; porém, o que acontece é precisamente o inverso: embora menos extenso, o processo de optimização torna-se, na prática, mais complexo devido à existência das constricções; a própria condição básica de existência de um extremo na ausência de constricções (que é, como se sabe, a condição de estacionaridade, ou de anulação do gradiente) pode ser violada na presença de constricções.

Naturalmente, é concebível que existam conjuntos de constricções tais que a sua intersecção total ou conjunta seja vazia. Neste caso, certas dessas constricções serão incompatíveis com as restantes ou, como também dizemos, impraticáveis, pelo que não poderão ser cumpridas; nesta forma, o problema da programação matemática não terá solução. Se, porém, certas das constricções puderem, eventualmente, ser parcialmente relaxadas, convertendo-se, de condições, em simples objetivos do problema, este poderá ser transformado em um problema de programação multiobjectivo (q. v. ).

<sup>1</sup> termo consagrado, mas particularmente infeliz; deveria, talvez, dizer-se Teoria da Optimização

Quando a variável  $x$  é discreta, dizemos estar em presença de um problema de *programação de inteiros*, quando é contínua, distinguiremos os casos dos problemas de *programação convexa* ou *programação não-convexa*, conforme as propriedades de  $f(x)$ , de  $g_i(x)$  e de  $h_j(x)$ .

A programação de inteiros constitui um domínio tecnicamente colocado aparte, próximo da teoria dos grafos e desempenha um papel fundamental em certos tipos de aplicações e, nomeadamente, na teoria do projecto estrutural.

As outras formas de Programação Matemática situam-se na fronteira da Análise Matemática e da Análise Numérica até porque para grande parte dos seus problemas não existem (ou não se conhecem) soluções analíticas e a análise numérica acaba por funcionar como solução de recurso em situações deste tipo; naturalmente, com o desenvolvimento recente do cálculo automático, o interesse por estas matérias recrudescer e, embora o grosso desta matéria seja constituída por algoritmos especializados na resolução de certos tipos particulares de problemas, as contribuições teóricas têm sido substanciais e, por vezes, mesmo vitais.

Ocorre aqui fazer uma distinção de carácter fundamentalmente analítico entre :

**optimização estática** (ou estacionária), no sentido de que aquilo que fundamentalmente nos interessa é determinar um ponto extremo (máximo ou mínimo) de uma função objectivo, isto é, um valor numérico (constante) da função e, eventualmente, também, os valores numéricos (igualmente constantes) dos argumentos da função nesse ponto; trata-se, obviamente, nesta formulação, de um problema elementar de Análise Matemática, um simples problema de extremo (ou de máximos e mínimos, como mais informalmente se diz) que, em última análise, se reduz à resolução de um sistema de equações inteiras;

**optimização dinâmica** (lato sensu), em que o que pretende determinar-se é toda uma função (habitualmente interpretável como uma trajectória) e não meramente um dos seus pontos; nesta formulação, torna-se evidente que se trata de um problema matemático de nível avançado, correspondente ao que convencionou chamar-se o cálculo de variações, que se reduz, em última análise, à resolução de um sistema de equações diferenciais, em geral ordinárias, isto é, em derivadas totais e não parciais.

Salvo pelo que se refere à formulação lagrangeana (intrinsecamente variacional) da Mecânica Clássica e à formulação clássica (em termos de programação dinâmica) do problema do controlo digital optimizado, supor-se-á que o leitor possui contacto limitado com este tipo de problemas.

Esta distinção ao nível analítico esbate-se, porém, quando se passa à implementação numérica (e é virtualmente certo que um problema minimamente realista para ter interesse prático não é passível de solução analítica, exigindo recurso a métodos numéricos); com efeito, praticamente todas as implementações numéricas são de tipo iterativo, resultando em aproximações sucessivas que virtualmente definem uma trajectória desde um ponto de partida (em geral escolhido arbitrariamente), o *guess inicial*, até ao ponto de chegada ao extremo pretendido, ou uma sua vizinhança suficientemente próxima.

## 6.2.1 Programação linear

O problema típico de *programação linear* é da forma:

$$P = \begin{cases} \sum_{j=1}^n a_{ij}.x_j \geq b_i & 1 \leq i \leq k_1 \\ x_j \geq 0 & 1 \leq j \leq k_2 \\ \max \left[ f(x) = \sum_{j=1}^n c_j.x_j \right] \end{cases}$$

Com efeito, no caso linear não faz sentido, obviamente, considerar explicitamente as restrições, visto que estas podem sempre ser resolvidas em ordem a um número igual de variáveis e, portanto, ser utilizadas para baixar a dimensionalidade do problema. O programa diz-se linear porque são lineares a função objectivo e as restrições (as ligações, se existem, serão também lineares e não precisam de ser explicitadas porque, sendo resolúveis, determinam imediatamente um abaixamento da dimensionalidade do problema, o que, em termos de cálculo, só pode ser vantajoso.

A característica fundamental de um programa linear é a de, na ausência de restrições, não possuir pontos de estacionaridade, pelo que a solução, se existir, resultará inteiramente da presença de restrições; torna-se então evidente que uma condição suficiente para a existência de um extremo da função objectivo é a de as restrições definirem um praticável (necessariamente um hiperpoliedro) finito, isto é, encerrável dentro de um hipercubo de dimensões finitas (que a condição não é estritamente necessária, é igualmente óbvio); neste caso, verifica-se facilmente, existirão dois extremos, um mínimo e um máximo situados sobre o contorno do praticável.

Desta característica peculiar do problema da Programação Linear resulta que possa ser abordado em termos puramente algébricos e não analíticos, por uma técnica de resolução em um número finito de passos que se concretizou, pela primeira vez no algoritmo do *simplex* de Dantzig, Kuhn e Tucker (1945-1950).

Em relação com o desenvolvimento coevo do cálculo automático, o sucesso da programação linear foi o factor determinante do aparecimento de toda uma gama de métodos quantitativos de gestão empresarial que constituem o objecto do ramo das Matemáticas Aplicadas que é conhecido pelo nome genérico e pouco rigoroso de *Investigação Operacional*, métodos que são hoje pouco menos que clássicos e são utilizados por inúmeros práticos e investigadores de variados ramos científicos e tecnológicos.

Por razões de natureza didáctica ligadas com a sua natureza peculiar, a Programação Linear não será estudada nesta cadeira, mas nas cadeiras de Investigação Operacional ou de Métodos Algébricos.

### 6.2.2 Programação convexa

A teoria da *programação convexa* tentou seguir o modelo da programação linear, de que é uma generalização óbvia.

Infelizmente, porém,

- não dispõe de equivalente, em matéria de eficácia, do método do *simplex*, o que tem conduzido à formulação de numerosos algoritmos numéricos alternativos;
- a convexidade conjunta das restrições e da função objectivo não bastam para garantir a existência de solução sobre a fronteira do praticável.

*Função convexa* é uma função real tal que o conjunto dos pontos  $(x, y)$  acima do seu gráfico, isto é, tais que  $y \geq f(x)$ , é convexo. *Conjunto convexo* é um conjunto de pontos tal que o segmento que une dois quaisquer deles pertence inteiramente ao conjunto. Deste modo, a função convexa dos matemáticos é o que correntemente chamaríamos *com a convexidade para baixo* ou *com a concavidade para cima*.

O problema geral da programação convexa é do tipo

$$p = \begin{cases} g_i(x) \leq c_i & 1 \leq i \leq k \\ \min[f(x)] \end{cases}$$

em que tanto os  $g_i$  como  $f$  são *funções convexas* em  $R^n$ . O conjunto permitido ou praticável, isto é, compatível com as restrições, é então uma parte convexa de  $R^n$  mas não, em geral, um poliedro, porque

## 6 Optimização

as restrições não serão, em geral, lineares. A lagrangeana do problema é a função  $L$  em  $R^n \times R^k$  definida por

$$L(x,y) = f(x) + \sum_{i=1}^k y_i \cdot [g_i(x) - c_i]$$

Sob certas condições gerais, ditas de *qualificação das restrições* o ponto  $x'$  é solução de  $P$  se e só se existirem  $y'$  e  $R^k$  tal que

$$L(x',y) \geq L(x',y') \geq L(x,y') \quad \text{qqs } x,y \quad (6.2)$$

As componentes  $y'_i$  de  $y'$  são os *multiplicadores de Lagrange* associados às  $k$  restrições. Verifica-se facilmente que

$$y'_i \cdot [g_i(x') - c_i] = 0 \quad \text{qqs } i \quad (6.3)$$

tal como no caso linear.

A Equação (6.3) exprime o facto de  $(x',y')$  ser um *colo*, ou *ponto em sela*, da lagrangeana  $L(x,y)$  e pode ser escrita na forma equivalente

$$\min_x \max_y [L(x,y)] = L(x',y') = \max_y \min_x [L(x,y)] \quad (6.4)$$

A expressão

$$\min_x \max_y [L(x,y)]$$

vale  $f(x)$  se  $g_i(x) < c_i$  e vale no caso contrário, de modo que o primeiro membro conduz ao problema  $P$ . O primeiro membro conduz, portanto, às condições necessárias de optimidade em presença de restrições, conhecidas por *condições de Kuhn-Tucker*

$$\frac{d^x L(x,y)}{dx_j} = 0$$

ou

$$\frac{df(x)}{dx_j} + \sum_{i=1}^k d^x g_i x = 0$$

Em teoria, o problema poderia, portanto, ser resolvido do seguinte modo:

1. resolver o sistema das condições necessárias em ordem às variáveis  $x_j$ , obtendo-se expressões destas em função dos valores, ainda desconhecidos, dos multiplicadores de Lagrange,  $y_i$ ;
2. introduzir estas expressões nas expressões das restrições e os valores dos multiplicadores relevantes para a solução são determinados; a substituição destes valores nas expressões das variáveis daria os valores destas no óptimo.

Na prática, dado que as condições necessárias são, em geral, não-lineares, a sua resolução algébrica não será, em geral, possível, e o único recurso que fica é a resolução numérica, em conjunto com as próprias restrições.

Os problemas graves que se levantam são, porém,

- o de nem todas as restrições se encontrarem activas no óptimo e

- o de não ser possível determinar à partida aquelas que o estão.

O problema terá na prática que ser sempre resolvido por um processo de pesquisa.

O segundo membro conduz a um outro programa convexo, dito dual, cuja solução é  $y'$ :

$$P^* = \begin{cases} y_i \geq 0, & 1 \leq i \leq k \\ \max [h(y) - \sum_{i=1}^k y_i^* \cdot c_i] \end{cases} \quad (6.5)$$

com

$$h(y) = \min \left[ f(x) + \sum_{i=1}^k y_i \cdot g_i(x) \right]$$

Também neste caso, a resolução de  $P^*$ , isto é, a determinação dos multiplicadores de Lagrange,  $y'_i$ , trivializa o problema  $P$ , porque o reduz a minimizar em  $R^n$  a função  $L(.,y)$ , sem restrições.

### Exemplo: 6.2

Um caso particular importante ocorre com frequência em economia e é da forma:

$$P' = \begin{cases} \sum_{i=1}^n x_i \leq c \\ x_i \geq 0 \\ \max (\sum_{i=1}^n y_i^* \cdot c_i) \end{cases}$$

em que as funções  $f_i$  são convexas (o que faz com que a sua soma o seja também). A Lagrangeana deste problema particular é da forma

$$L(x, y) = y \cdot c + \sum_{i=1}^n [y \cdot x_i \cdot f_i(x_i)]$$

e o conhecimento do multiplicador  $y$  permite decompor o problema inicial em  $n$  problemas individuais:

$$P'_i = \max [f_i(x_i) \cdot y' \cdot x_i] \quad \text{para} \quad 1 \leq i \leq n$$

A interpretação económica mais corrente é a seguinte:

trata-se de repartir uma quantidade  $c \in R^k$  de um certo bem entre  $n$  agentes; se o agente  $i$  receber a quantidade  $x_i$ , produzirá para a empresa o benefício  $f_i(x_i)$ .

O problema  $P$  é o problema do planificador central: o de encontrar a repartição óptima, mas este problema é equivalente ao da determinação do multiplicador  $y$  e  $R_k$ : basta deixar os agentes aprovisionarem-se livremente, impondo-lhes a condição de maximizarem os seus lucros (obviamente para que comprem apenas o estritamente necessário) facturando-lhes a todos um conjunto de preços internos  $y'$ . É o que se chama a *descentralização pelos preços*.

A vantagem desta segunda formulação, do ponto de vista computacional, é óbvia: as quotas  $x'_i$  representam  $n \cdot k$  números, enquanto o sistema dos preços internos,  $y'$  representa apenas  $k$  números.

Quanto aos métodos numéricos utilizados para implementar a programação convexa, eles reportam-se, naturalmente, ao problema da geração das alternativas relativas ao melhoramento do objectivo a partir de um dado ponto, e são de dois tipos fundamentais:

**Métodos directos** consistem em trabalhar directamente sobre o problema primário, procurando um algoritmo de descida, isto é, gerador de uma sucessão  $(x_n)$  tal que  $f(x_{n+1}) < f(x_n)$ .

**Métodos duais** estes métodos trabalham simultaneamente sobre o problema primário e o dual. O mais conhecido é o *método de Uzawa*, que consiste em procurar directamente o ponto em sela da Lagrangeana,  $L(x,y)$ : a cada iteração, parte-se de  $(x_n, y_n)$  e dá-se um passo descendente segundo  $x$  seguido de um ascendente segundo  $y$ , o que produz  $(x_{n+1}, y_{n+1})$ .

Estudaremos agora alguns métodos directos mais frequentemente usados.

Com efeito, o estudo de uma certa variedade de métodos é indispensável, porque não existe um método único que possa responder a todos os tipos de necessidades em todos os tipos de situações possíveis.

Estes métodos caracterizam-se por produzirem iterativamente estimas de  $\mathbf{x}^*$ , o conjunto de variáveis de projecto que conduz o objectivo  $f(\mathbf{x})$  ao seu valor mínimo. Todos eles trabalham igualmente bem na pesquisa de máximos, tomando  $-f(\mathbf{x})$  em vez de  $f(\mathbf{x})$ .

Podem, basicamente, ser classificados em três grandes categorias com base no tipo de informação que exigem:

- *métodos de pesquisa directa* que usam apenas os valores da função objectivo;
- *métodos de gradiente*, que exigem valores precisos das primeiras derivadas de  $f(\mathbf{x})$ ;
- *métodos de segunda ordem*, que, além das primeiras derivadas, exigem também conhecimento das segundas.

Os métodos directos que utilizam apenas valores da função objectivo para guiar a pesquisa do óptimo podem, por sua vez, ser divididos grosseiramente em:

- *métodos heurísticos*, que, como o nome sugere, são construídos com base em certas intuições (geométricas ou de outra natureza) e para os quais não existem garantias de desempenho, excepto as que dizem respeito à experiência acumulada em dadas aplicações concretas; os métodos heurísticos (método de Hooke & Jeeves, Direct search of numerical and statistical problems, J. ACM, 8, 1966), método do simplex, de Spendley, Hext & Himsforth, Sequential application of simplex designs in optimization and evolutionary operation, Technometrics, 4, 1962, ou a sua variante melhorada, de Nelder & Mead, A simplex method for function minimization, Computer J. , 7, 1965) baseiam-se na ideia da pesquisa factorial (de modo simples e directo no primeiro caso, de modo mais sofisticado e optimizado no segundo); a heurística refere-se essencialmente a modos mais ou menos habilidosos de evitar (nem sempre com sucesso !) pesquisas exaustivas ao longo de todas as coordenadas.
- *métodos fundamentados teoricamente*, cuja fundamentação permite obter certas garantias de desempenho, como, por exemplo, a convergência, pelo menos sob condições bem definidas; dos métodos com fundamentação teórica, que constituem desenvolvimentos teóricos dos anteriores, estimulados pela constatação empírica de vantagens e inconvenientes por vezes misteriosos; o método de Powell (An efficient method for finding the minimum of a function of several variables without calculating derivatives, Computer J. , 7, 1964); On search directions for minimization algorithms, Math. Prog. , 4(2), 1973), nomeadamente com as modificações propostas por Zangwill (Minimizing a function without calculating derivatives, Computer J. , 10, 1967) e Brent (Algorithms for minimization without derivatives, Academic Press, New York, 1973) é o mais interessante e utilizado.

### 6.3 As técnicas concretas

Antes, porém, de passarmos ao estudo sistemático destes diferentes métodos, temos, por razões didácticas, que abordar o problema elementar da pesquisa unidimensional, sobre cujos métodos e conceitos se baseia grande parte dos métodos multidimensionais.



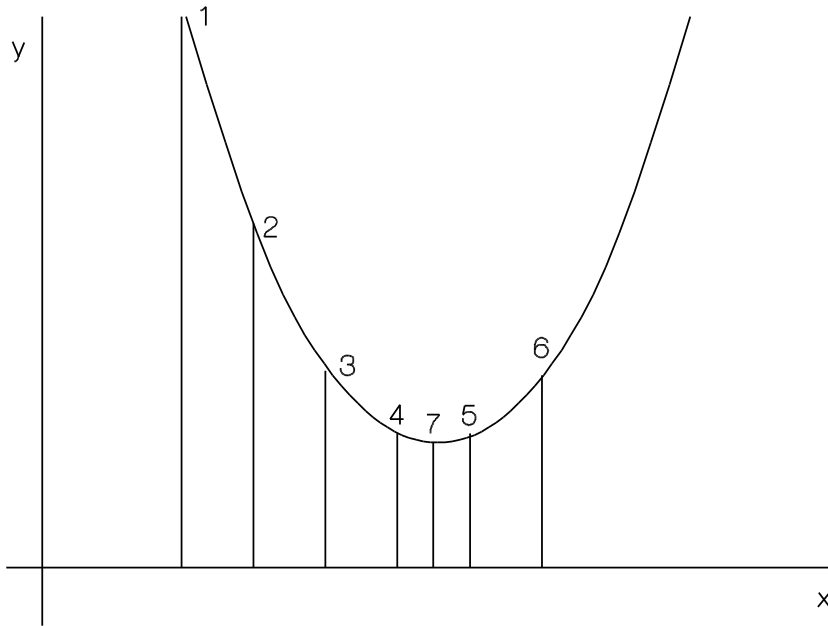


Figura 6.1: Sequência de pesquisa

### 6.3.1 Pesquisa unidimensional

O mais elementar problema de otimização consiste na pesquisa do extremo de uma função de uma só variável. Os critérios analíticos são bem conhecidos, mas são numerosos os casos em que, por falta de uma definição analítica conveniente da função objectivo, ou de algum ou alguns dos seus componentes, há que recorrer a métodos numéricos.

O leitor poderá por si próprio imaginar um método simples, essencialmente numérico, para pesquisa do mínimo de uma função de uma variável. Uma ideia viável consiste em procurar, a partir de um ponto de partida dado, o sentido em que a função decresce. Em seguida dar-se-á um passo nesse sentido, e assim sucessivamente, até que se detecte um aumento na função, isto é, que o novo valor calculado seja mais alto que o anterior. Quando tal se verificar, abandonam-se os dois últimos pontos calculados e parte-se de novo do antepenúltimo, mas agora com um passo menor, por exemplo, metade do anterior. O processo prossegue até o mínimo ter sido localizado dentro da precisão pré-especificada.

A grande vantagem deste método de pesquisa é permitir que a partir de um *guess* se obtenha um intervalo enquadrante do mínimo, que facilita a aplicação dos métodos expostos em seguida.

### 6.3.2 Métodos Intervalares

Um intervalo aberto em ambos os extremos que contém um mínimo, tem no seu interior um ponto de ordenada inferior à dos extremos. Chamemos a esses três pontos  $a, b, c$ . O raciocínio recíproco, o conhecimento de três pontos de uma função em que o ponto interior tem ordenada inferior garante-nos a existência de pelo menos um mínimo no intervalo. Se adicionalmente a função for convexa nesse intervalo, então o mínimo é único.

Suponhamos então um intervalo  $]a, b[$  com um ponto interior  $c$  que contém apenas um mínimo. Será possível eliminar um dos sub-intervalos  $]a, b[$  ou  $]b, c[$  aplicando um critério semelhante ao de Bolzano na bissecção? A resposta simples é *não*, porque nenhum dos sub-intervalos contém a informação suficiente

para decidir se nele sequer existe um mínimo, nomeadamente *um ponto interior*! A tentativa ingênua de aplicar a bisseção a este problema falha redondamente.

Torna-se assim óbvio que é necessário mais um ponto para definir dois intervalos complementares, em que um **não contém** um mínimo e que portanto não precisa de um ponto interior, e um outro que **contém** um ponto interior associado à existência do mínimo.

Assim se tivermos quatro pontos  $]a, b, c, d[$  poderemos formar os intervalos

1.  $]a, c[$  ,  $]c, d[$  em que o mínimo está no intervalo do lado esquerdo, podendo então rejeitar o intervalo complementar do lado direito;
2.  $]a, b[$  ,  $]b, d[$  em que o mínimo está no intervalo do lado direito, podendo então rejeitar o intervalo complementar do lado esquerdo;
3.  $]a, b[$  ,  $]c, d[$  a consideração dos intervalos extremo como complemento do intervalo central não faz qualquer sentido.

O sub-intervalo que contém o mais baixo dos pontos interiores é o que contém o mínimo, pelo que o complementar pode ser rejeitado. Este é o critério de rejeição.

Como proceder à divisão do intervalo? Raciocinando como para a bisseção, ou como consequência do algoritmo de pesquisa proposto atrás 6.3.1, a divisão a fazer é em intervalos iguais, de amplitude um terço do intervalo original, que é o que faremos no método seguinte.

### Método dos Terços

Este método intervalar de minimização caracteriza-se por fazer a divisão do intervalo enquadrante em três subintervalos iguais, de amplitude elementar é um perfeitamente válido mas pode exigir demasiados cálculos da função  $f(x)$ . Algumas técnicas correntemente utilizadas pressupõem que sejam conhecidos dois pontos  $x_1$  e  $x_2$  entre os quais se encontra o mínimo procurado (é esta a situação do método elementar quando se descobre um ponto mais elevado); a partir daí calculam-se dois novos pontos  $x_3$  e  $x_4$  dentro do intervalo  $[x_1, x_2]$ ; se  $f(x_4)$  for menor que  $f(x_3)$ , podemos garantir que o mínimo se encontra entre  $x_3$  e  $x_2$ , de modo que não há necessidade de pesquisar o intervalo  $[x_1, x_3]$ ; do mesmo modo, se fosse  $f(x_3) < f(x_4)$ , poderíamos abandonar  $[x_4, x_2]$ .

A aplicação deste método intervalar exige a definição de qual a regra de escolha dos pontos  $x_3$  e  $x_4$  dentro do intervalo  $[x_1, x_2]$ . Uma ideia simples consiste em dividir o intervalo em terços, (*método dos terços*), mas é imediato ver que, se mantivermos a regra, quando tivermos abandonado um dos subintervalos, nenhum dos cálculos feitos será aproveitado para o interior do novo intervalo. Um processo mais eficiente consiste, portanto, em encontrar uma divisão do intervalo por tal forma que o mais baixo dos valores calculados possa ser aproveitado na comparação seguinte.

### Regra Áurea

O método da *secção áurea* utiliza esta condição. Com efeito, começando com o intervalo  $[x_1, x_2]$  em que se sabe estar o mínimo, escolhemos

$$\begin{array}{lll} x_3 & \text{de modo a ser} & x_3 - x_1 = A \cdot (x_2 - x_1) \\ x_4 & \text{de modo que} & x_4 - x_1 = B \cdot (x_2 - x_1) \end{array}$$

Assim:

- se for  $f(x_3) < f(x_4)$  o mínimo está em  $[x_1, x_4]$  e o próximo passo implica  $x_2 \leftarrow x_4$  e  $x_4 \leftarrow x_3$ ; será, portanto  $x_3 - x_1 = B \cdot (x_4 - x_1)$

- se for  $f(x_3) > f(x_4)$  o mínimo está em  $x_3, x_2$  e o próximo passo implica  $x_1 \leftarrow x_3$  e  $x_3 \leftarrow x_4$ ; será, portanto  $x_4 - x_3 = B \cdot (x_2 - x_3)$

Estas quatro equações exigem, como condição de compatibilidade, que seja  $A - A \cdot B^2 = B - A$ , isto é,  $A = B^2$ , de modo que resulta  $B^2 - B^4 = B - B^2$ , ou seja,

$$\begin{aligned} B &= \frac{\sqrt{5} - 1}{2} &&= 0,61803398874989484820458683436564 \\ A = B^2 &&&= 0,38196601125010515179541316563436 \end{aligned}$$

.

### Método da interpolação quadrática

Uma outra técnica que se usa com frequência, dita da interpolação quadrática, consiste em, uma vez isolado um extremo, substituir a curva por uma parábola para obter uma nova estima do extremo e retomar o processo de busca, agora com um passo mais pequeno.

Dado que, em muitos casos, a maior parte do tempo de cálculo é dedicado ao cálculo dos valores da função, aconselha-se a iniciar a busca descendente com passos sucessivamente duplicados, até se encontrar um valor da função que exceda o anterior; chegado a este ponto,  $x_n$ , dá-se um passo em sentido contrário com metade da amplitude, de modo a partir o último intervalo a meio por um ponto  $x_n + 1$ ; fica-se então com 4 pontos equidistantes, respectivamente  $x_{n-2}, x_{n-1}, x_{n+1}, x_n$ ; destes, identifica-se o que dá o valor mais baixo e despreza-se o mais distante dele (se o mais baixo for  $x_{n-1}$ , despreza-se  $x_n$ ; se for  $x_{n+1}$ , despreza-se  $x_{n-2}$ ); sejam  $f_1, f_2, f_3$  os valores de  $f(x)$  nos pontos retidos, equidistantes,  $x_1, x_2, x_3$ ; a parábola que passa pelos três pontos tem por equação:

$$y = y_1 + \frac{x - x_1}{h} \cdot (f_2 - f_1) + \frac{(x - x_1) \cdot (x - x_1 - h)}{2h^2} \cdot (f_3 - 2f_2 + f_1)$$

cujo mínimo se encontra no ponto

$$x = x_2 + \frac{h \cdot (f_1 - f_3)}{2 \cdot (f_3 - 2f_2 + f_1)}$$

Obtida assim uma estimativa da posição do mínimo, o ponto em questão é utilizado como ponto de partida para uma nova busca descendente.

### 6.3.3 Pesquisa multidimensional

#### Método de Powell

Aqui, a ideia fundamental, ao contrário dos métodos heurísticos, é a de utilizar ao máximo a história das iterações anteriores para obter direcções de aceleração e, ao mesmo tempo, evitar a degenerescência em pesquisas sequenciais por coordenadas, em que os outros métodos caem com desagradável frequência. Para isso, baseia-se na modelagem da função objectivo (de forma analítica supostamente desconhecida, de acordo com a hipótese de falta de informação sobre as derivadas) sob a forma de uma quádriga.

Há duas razões básicas para a escolha da quádriga:

- é a função não-linear mais simples de minimizar (as funções lineares não permitem modelar adequadamente funções com mínimos em pontos finitos), de modo que uma técnica geral eficaz se-lo-á, por maioria de razão, no caso da quádriga;

## 6 Optimização

- nas vizinhanças do óptimo, todas as funções não-lineares (analíticas !) podem ser aproximadas por uma quádrlica (visto que, no desenvolvimento em série de Taylor, os termos lineares, cujos coeficientes são as primeiras derivadas, se anulam).

A ideia fundamental resulta da observação de que, se uma função quadrática de  $N$  variáveis puder ser transformada em uma soma de quadrados perfeitos, o óptimo pode ser encontrado mediante  $N$  pesquisas monovariáveis, uma relativa a cada uma das variáveis transformadas. O processo de transformar uma função quadrática

$$q(x) = a + b^T \cdot x + x^T \cdot C \cdot x / 2$$

em uma soma de quadrados perfeitos é equivalente a encontrar uma matriz de transformação  $T$  tal que o termo quadrado se reduza a forma diagonal; assim, dada a forma quadrática

$$Q(x) = x^T \cdot C \cdot x$$

a transformação procurada

$$x = T \cdot z$$

dará

$$Q(x) = z^T \cdot T^T \cdot C \cdot T \cdot z = z^T \cdot D \cdot z$$

em que  $D$  é uma matriz diagonal. Seja então  $t_j$  a coluna  $j$  de  $T$ . A transformação procurada exprime  $x$  como combinação linear dos vectores coluna  $t_j$ :

$$x = T \cdot z = t_1 \cdot z_1 + \dots + t_N \cdot z_N$$

Os vectores  $t_j$  podem interpretar-se como

- puros operadores que conduzem, em um novo sistema de coordenadas, às direcções principais da quádrlica; geometricamente, isto corresponde a tomar uma quádrlica geral, com termos cruzados, e realinhar os eixos coordenados com as direcções principais (perpendiculares entre si) da quádrlica;

### Exemplo: 6.3 Quádrlica

Seja, por exemplo, a quádrlica

$$f(x) = 4 \cdot x_1^2 + 3 \cdot x_2^2 - 4 \cdot x_1 \cdot x_2 + x_1$$

e a transformação

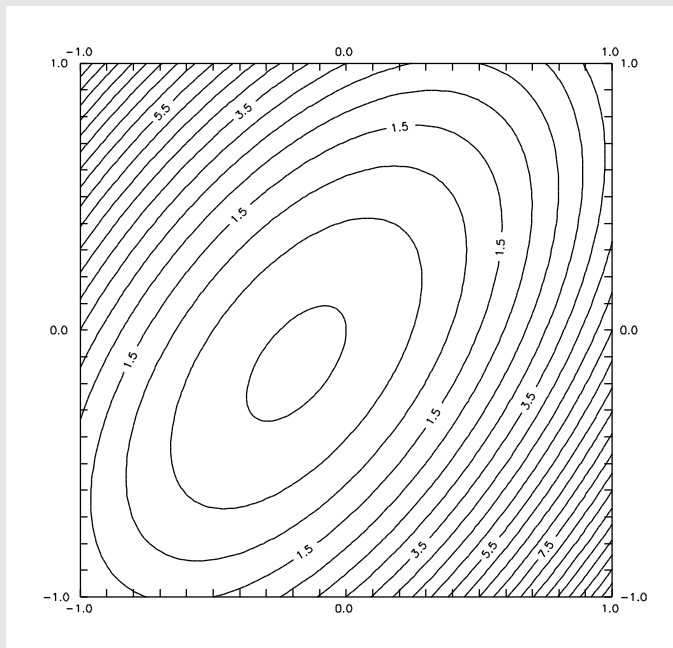
$$x_1 = z_1 + \frac{z_2}{2}$$

$$x_2 = z_2$$

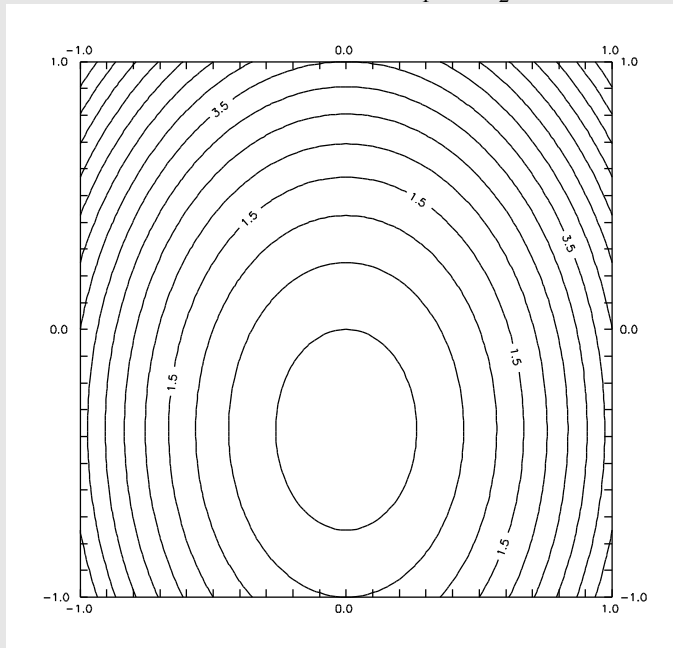
de modo que

$$f(z) = 4 \cdot z_1^2 + 2 \cdot z_2^2 + z_1 + \frac{z_2}{2}$$

## Exemplo: 6.3 Quádrica (cont.)



Quádrica com termos cruzados:  $4.x_1^2 + 3.x_2^2 - 4.x_1.x_2 + x_1$



Quádrica sem termos cruzados:  $4.x_1^2 + 2.x_2^2 + x_1 + \frac{32}{2}$

- como vectores do espaço original que constituem direcções conjugadas da quádrica, direcções que têm a propriedade de pesquisas sucessivas e independentes ao longo delas conduzirem, sem iteração, directamente ao mínimo (só se, por acaso, os eixos coordenados ortogonais originais fossem conjugados, essas direcções conjugadas seriam perpendiculares):

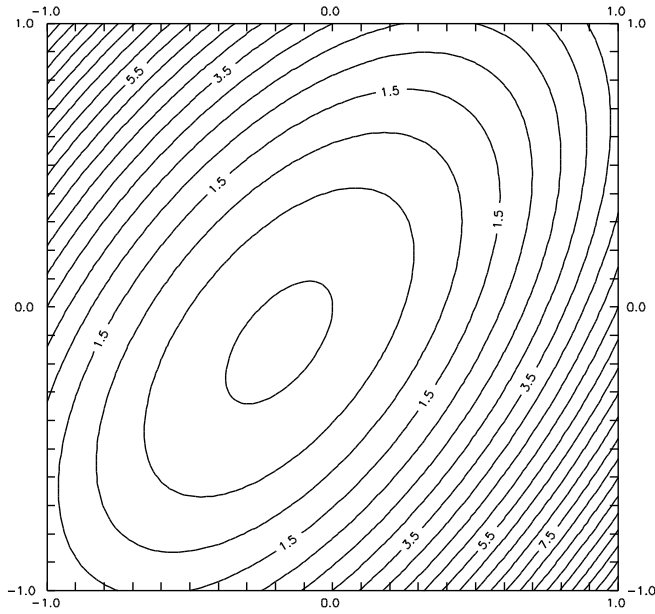


Figura 6.2: As direcções dos vectores  $t_j$  como direcções conjugadas da quádrlica

$$\begin{aligned}x_1 &= x_0 + l_1 \cdot t_1 \\x_2 &= x_1 + l_2 \cdot t_2 \\&\dots \\x_{\min} &= x_{N-1} + l_N \cdot t_N\end{aligned}$$

Deste modo, as direcções  $s_i (i = 1, \dots, r \leq N)$  serão conjugadas (em relação a  $C$ ) se forem linearmente independentes e se

$$s_i^T \cdot C \cdot s_j = 0 \quad (i \neq j)$$

Consideremos, então, de novo a função quadrática geral

$$q(x) = a + b^T \cdot x + \frac{x^T \cdot C \cdot x}{2}$$

Os pontos ao longo da direcção  $d$  a partir de  $x_1$  serão

$$x = x_1 + l \cdot d$$

e o mínimo de  $q(x)$  ao longo de  $d$  é obtido encontrando  $l^*$  tal que  $\frac{\partial q}{\partial l} = 0$ :

$$\begin{aligned}\frac{\partial q}{\partial l} \Big|_{x=x_1+l \cdot d} &= (b^T + x^T \cdot C) \cdot d = 0 \\&= l^* \cdot d\end{aligned}$$

Notando por  $y_1$  esse mínimo, teremos:

$$[y_1^T \cdot C + b^T] \cdot d = 0$$

Do mesmo modo, para um mínimo  $y_2$  atingido ao longo de  $d$  a partir do ponto  $x_2$ , será

$$[y_2^T.C + b^T].d = 0$$

de modo que

$$[y_2 - y_1]^T.C.d = 0$$

Deste modo, por definição, as direcções  $d[y_2 - y_1]$  são conjugadas em relação a  $C$ , o que fornece um método cómodo para calcular a direcção conjugada de uma dada direcção.

#### Exemplo: 6.4 Quádrica 2

Seja, de novo, a quádrica

$$f(x) = 4.x_1^2 + 3.x_2^2 - 4.x_1.x_2 + x_1$$

e sejam os pontos  $x_1 = [0, 0]^T$  e  $x_2 = [1, 0]^T$  e direcção  $d = [1, 1]^T$ ; a primeira pesquisa segue a linha

$$x = [0, 0]^T + l.[1, 1]^T$$

e conduz a

$$l^* = -1/6$$

$$y_1 = [-1/6, -1/6]^T$$

enquanto a segunda pesquisa ao longo de

$$x = [1, 0]^T + l.[1, 1]^T$$

conduz a

$$l^* = -5/6$$

$$y_2 = [1/6, -5/6]^T$$

De acordo com a propriedade fundamental da conjugação,

$$y_2 - y_1 = [1/6, -5/6]^T - [-1/6, -1/6]^T \quad (6.6)$$

$$= [1/3, -2/3]^T \quad (6.7)$$

é a direcção conjugada de  $d = [1, 1]^T$ .

Por definição

$$[1, 1].C.[1/3, -2/3]^T$$

como o leitor verificará sem dificuldade.

As direcções dos vectores  $t_j$  como direcções conjugadas da quádrica O *método de POWELL* desenvolve-se, portanto, ao longo dos seguintes passos:

1. Escolha-se  $x_0$ , o ponto de partida, e um conjunto de  $N$  direcções  $s_i$  linearmente independentes; para simplificar,  $s_i = e_i$ , os versores dos eixos;
2. Minimize-se ao longo de  $N + 1$  direcções, usando o mínimo calculado em cada uma como ponto de partida para a seguinte; seja  $s_N$  a primeira e a última das direcções de pesquisa;

## 6 Optimização

3. Forme-se a nova direcção conjugada usando a propriedade fundamental da conjugação;
4. Substitua-se  $s_i$  por  $s_2$  e assim sucessivamente; substitua-se  $s_N$  pela nova direcção conjugada;
5. regresse-se a (2).

Resulta do modo como o método foi construído que, se  $f(x)$  for quadrática e tiver mínimo, este será atingido em exactamente  $N$  ciclos (2-3-4).

Se a função não for quadrática serão, naturalmente, necessários mais ciclos; porém, demonstra-se que, sob condições muito gerais, o mínimo, se existir, será encontrado em um número finito de passos, dentro de uma precisão compatível com a precisão do cálculo. Para que o método possa ser praticável, é necessário introduzir nele

1. um critério de convergência para determinar o ponto de paragem;
2. um teste de ortogonalidade (o que é particularmente importante quando  $f(x)$  não for quadrática).

Quanto ao problema do critério de paragem, como quanto a tantos outros do cálculo numérico, não existe resposta definitivamente satisfatória.

### Método do Gradiente

Ao contrário dos métodos analíticos, que tentam ir directamente ao valor desejado, os métodos numéricos, iterativos, baseiam-se no princípio de dar sucessivos passos descendentes até encontrar o ponto mais baixo possível.

O perigo por trás de tal ideia consiste, naturalmente, em algures no flanco da encosta existir um *buraco* no fundo do qual se situa o mínimo e ao lado do qual o algoritmo de pesquisa vai passar sem se aperceber. Neste caso, como é evidente, estamos já perante um problema de optimização não-convexa e poder-se-ia dizer que não cabe aqui analisá-lo; não se esqueça, porém, que, em situações concretas, raramente sabemos a priori se estamos perante um problema convexo, ou não.

O único remédio conhecido contra este risco, que é, aliás, comum a todos os outros métodos de pesquisa multidimensional, consiste em lançar o algoritmo sucessivas vezes de pontos diferentes a fim de minimizar a probabilidade de tal acidente.

Conceptualmente, inspiram-se todos na ideia do mapa topográfico traçado por meio de curvas de nível

$$f(x_1, x_2, \dots, x_n) = \text{constante}$$

Em termos analíticos, seja a função objectivo

$$y = f(x_1, x_2, \dots, x_n)$$

que, para  $y = \text{constante}$ , dá as curvas de nível; suponhamos que derivamos  $f$ , mantendo  $y$  constante, isto é, ao longo de uma curva de nível

$$\frac{\partial y}{\partial s} = \frac{\partial f}{\partial x_1} \cdot \frac{\partial x_1}{\partial s} + \frac{\partial f}{\partial x_2} \cdot \frac{\partial x_2}{\partial s} + \dots + \frac{\partial f}{\partial x_n} \cdot \frac{\partial x_n}{\partial s} = 0$$

em que  $s$  é o comprimento de arco sobre a curva de nível, e as  $n$  funções

$$\frac{\partial x_j}{\partial s} \quad (j = 1, 2, \dots, n)$$



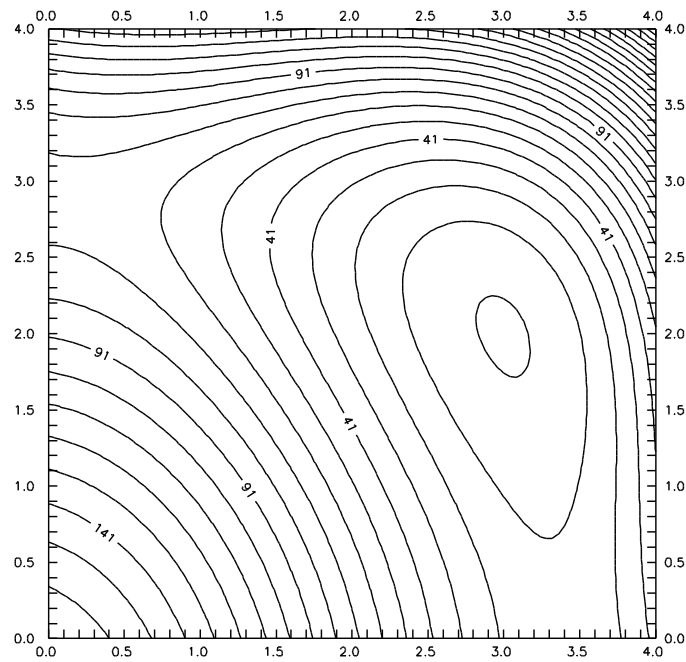


Figura 6.3: Gradiente

são os cossenos directores da curva de nível;

resulta que os números

$$\frac{\partial f}{\partial x_j} \quad (j = 1, 2, \dots, n)$$

são proporcionais aos cossenos directores da perpendicular à curva de nível e podem ser considerados como as componentes cartesianas de um vector coluna  $df/dx$ .

Estes números definem, portanto, a direcção do gradiente local que, é fácil mostrar, dá a direcção do maior pendor da superfície, no sentido ascendente.

Se seguirmos a direcção do gradiente local em sentido inverso seremos, então, conduzidos ao mínimo local.

Dado que todos os caminhos de maior pendor levam ao mesmo ponto, nem sequer precisamos de ser muito exactos: acabaremos sempre por lá chegar, pelo menos aproximadamente.

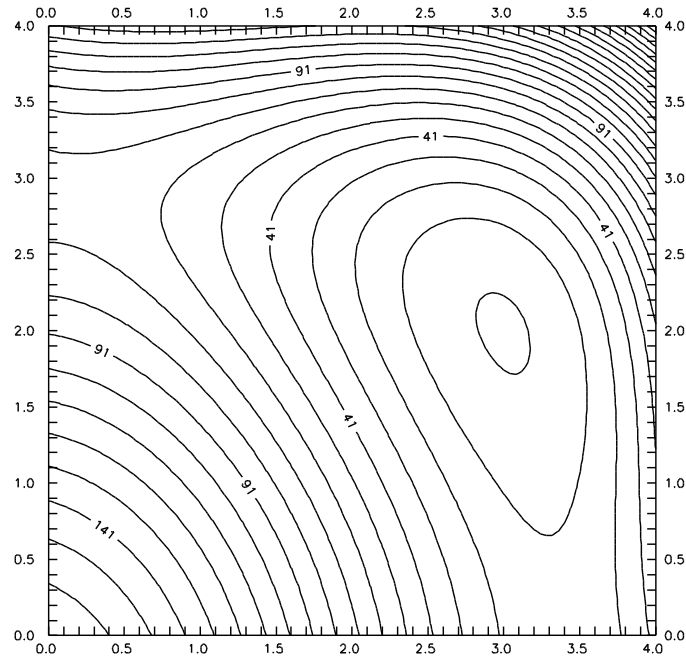


Figura 6.4: Gradiente inverso

Uma propriedade fundamental do método do gradiente (e que deve ser comum a todos os bons métodos de optimização) é, portanto, a de ser autocorrector: mesmo que se cometa um erro no cálculo de um passo (e mesmo que esse erro implique a passagem para um ponto em que a função tem um valor mais alto que no anterior), os passos seguintes, desde que isentos de erro, corrigi-lo-ão, embora eventualmente à custa de atraso da convergência.

O método do gradiente tem o ponto fraco de, nas vizinhanças do mínimo,  $df/d\mathbf{x}$  ser muito pequeno e, devido aos erros de cálculo, apontar só vagamente para o mínimo. No entanto, o valor desta fraqueza não deve ser exagerado: se todas as inclinações são já muito pequenas, pouco haverá a ganhar com requintes na localização do mínimo em termos de diminuição da função, nomeadamente quando se tem em conta que a modelagem da função objectivo não passa, na realidade, de uma aproximação.

A técnica mais primária de aplicação da ideia do *método do gradiente* consiste em dar passos (usando o expoente<sup>(i)</sup> para indicar a sua ordem)

$$x_j^{(i+1)} = x_j^{(i)} - h \cdot \frac{\partial f^{(i)}}{\partial x_j}, \quad (j = 1, 2, \dots, n)$$

em que  $h$  é o passo.

O primeiro problema é, naturalmente, o de arbitrar um valor razoável para  $h$ , tendo em mente que não há necessidade de ser muito exacto, visto que todos os caminhos vão dar ao mínimo. Um modo simples de o resolver consiste em começar com um passo qualquer (por exemplo, com  $h = 1$ ) e

- i) se  $f(x^{(i+1)}) < f(x^{(i)})$ , efectivar o passo e usar para o passo seguinte  $h = 2 \cdot h$ ;
- ii) se  $f(x^{(i+1)}) > f(x^{(i)})$ , não efectivar o passo e fazer nova tentativa com  $h = h/2$ ;

Uma outra maneira um pouco mais requintada, computacionalmente mais pesada e de vantagem duvi-

dosa, consiste em normalizar os  $\frac{\partial f^{(i)}}{\partial x_j}$  por

$$\left[ \sum_{j=1}^n \left( \frac{\partial f^{(i)}}{\partial x_j} \right)^2 \right]^{\frac{1}{2}}$$

isto é, converter as derivadas em cossenos directores, tornando o passo independente da inclinação da superfície.

O principal defeito do método do gradiente, para um espaço de dimensionalidade elevada, reside no esforço de cálculo exigido por  $\frac{\partial f^{(i)}}{\partial x_j}$ .

Além disso, em muitos problemas reais é difícil ou impossível obter uma expressão analítica da função objectivo em forma cerrada, para dela deduzir as componentes do gradiente.

É este último, notavelmente, o caso de os valores da função objectivo dependerem de resultados experimentais, reais ou numéricos. Em tal caso, recorrer-se-á, naturalmente, ao expediente simples de variar ligeiramente uma das coordenadas e observar a correspondente variação do valor da função, o que dá uma estimativa do valor da derivada parcial correspondente:

$$\frac{f(x + \delta x_j) - f(x)}{\delta x_j} \cong \frac{\partial f}{\partial x_j}$$

Se o leitor decidir usar este método considerando-o apenas como uma integração das equações

$$\frac{dx}{df} = \frac{\partial f}{\partial x_j}$$

então um método de Runge-Kutta seria provavelmente a melhor solução.

No entanto, a experiência mostra que uma tal opção global não é computacionalmente vantajosa. É frequente apontar-se a esta técnica o inconveniente de, quando a variação de  $x_j$  for demasiado pequena, a variação resultante da função ser pequena, o que pode conduzir a erro na estima da derivada por efeito dos erros de arredondamento (note-se que, neste caso, a subtração é inevitável) e de, quando a variação for demasiado grande, se não estar a medir o *gradiente local* mas uma espécie de *gradiente regional*.

É um facto que a primeira situação é, efectivamente, perniciosa; a segunda, porém, apenas atrasará a convergência ou, na pior das hipóteses, provocará uma paragem precoce do algoritmo; ironicamente, pode mesmo constituir uma bênção, como veremos no caso da programação não convexa.

Um dos problemas práticos mais complicados associados à programação convexa resulta da existência, com frequência surpreendente, de *vales singulares*, isto é, de depressões muito alongadas com o fundo, ou talvegue, muito pouco inclinado e de planta curva; com efeito, em tais casos, o algoritmo de pesquisa pode

- tornar-se extremamente lento ou mesmo parar intempestivamente, nomeadamente quando, respectivamente, as encostas forem muito abruptas e o talvegue quase de nível;
- tender a oscilar em trajectórias transversais ao vale.

Analicamente, trata-se de situações em que a *hesseana*, ou *matriz das curvaturas*, se torna singular ou quase-singular; atendendo, por outro lado, a que a grande maior parte dos métodos praticáveis de optimização numérica é, quando muito, de segunda ordem, compreende-se que tenham então tendência para falhar, o que implica que, contrariamente ao que, com frequência, tácita ou explicitamente se supõe, os métodos de segunda ordem não são, em geral, suficientes para o problema da optimização multivariável.

**Matriz Hesseana ou das curvaturas:**

Matriz quadrada das segundas derivadas parciais.

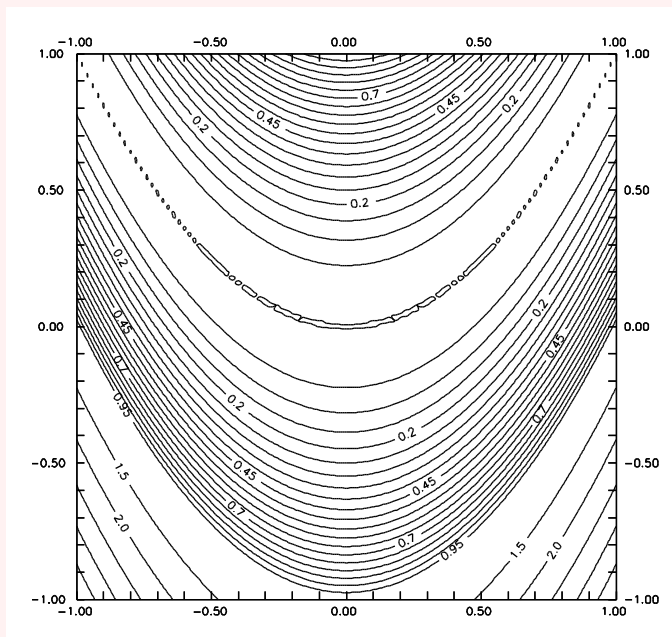
Exemplo:

$$\mathbf{H}(x,y) = \begin{vmatrix} \frac{\partial^2 f}{\partial x^2} & \frac{\partial^2 f}{\partial x \partial y} \\ \frac{\partial^2 f}{\partial x \partial y} & \frac{\partial^2 f}{\partial y^2} \end{vmatrix}$$

O desprezo das derivadas de ordem superior resulta do carácter particularmente insidioso da generalização do caso monovariável ao caso multivariável.

Com efeito, em 1742, MacLaurin pode afirmar com verdade, no caso unidimensional, que  $x_0$  é um máximo (ou um mínimo) se e só se a derivada não nula de mais baixa ordem nesse ponto for negativa (ou positiva) e de ordem par. Em 1779 um matemático da craveira de Lagrange sentiu-se justificado ao propor um princípio idêntico para as funções multivariável, afirmando que, se as diferenciais em  $x_0$  não nulas e de ordem mais baixa forem definidas positivas (negativas) e de ordem par, então  $x_0$  será um mínimo (máximo). Esta concepção mítica não foi, porém, posta a nu durante mais de um século, até que Genocchi e Peano deram um contra-exemplo elementar de uma função que tem um vale curvo:

$$z = (y - a^2 \cdot x_2) \cdot (y - b^2 \cdot x_2) \quad (6.8)$$



A função de Genocchi-Peano para  $a = b = 1$

O princípio errado de Lagrange, falsamente demonstrado por este mediante um desprezo ilegítimo de diferenciais de ordem superior, é ainda hoje frequentemente ignorado, devido à sua aparente plausibilidade, ou desprezado, com base na ideia de que tais situações são demasiado raras para merecerem tratamento genérico; a teoria rigorosa, mas complicada, foi fornecida (já neste século!) por Scheefer e Stolz. No caso particular dos problemas de regressão de mínimos quadrados (que abordaremos especificamente adiante), a experiência mostra que a existência de vales singulares se liga muito frequentemente com uma má cobertura pelos dados da região com interesse.

Por este facto, é extremamente importante sabermos defender-nos de tais situações, nomeadamente porque com frequência acontece serem puros artifícios de modelagem que pouco têm que ver com o sistema

real. Em termos práticos, porém, tais geometrias correspondem frequentemente à existência local de *quase-relações* entre variáveis, que dão origem a situações de quase-indiferença, ou de permutabilidade, entre as variáveis.

Com efeito, os vales resultam frequentemente de situações em que são incluídas no modelo variáveis pouco importantes ou mesmo irrelevantes, designadamente:

- a) por este ter pretensões insensatas de pormenor e de exaustividade;
- b) por existirem relações matemáticas ou estatísticas ocultas ou ignoradas entre as variáveis do modelo.

Estas circunstâncias devem, portanto, ser sempre ser tomadas em particular consideração na fase da modelagem; caso as adequadas precauções não possam ser tomadas nesta fase, quaisquer dificuldades de convergência do algoritmo de optimização ligadas com geometrias deste tipo devem ser sempre consideradas como sério aviso de uma possível má parametragem do modelo, nomeadamente no que se refere à condensação de parâmetros.

Seja como for, se o problema se apresentar ao nível do cálculo numérico, uma solução interessante consistiria em escalar apropriadamente os diferentes  $x_i$  (que, numa função objectivo podem, inclusivamente, ser dimensionalmente heterogéneos).

A ideia subjacente é a de que um vale elíptico alongado tende a dar mais complicações que uma depressão aproximadamente circular, em que todos os gradientes apontam para o mesmo ponto.

Uma variante económica do método do gradiente é conhecida por *método da descida mais rápida* e consiste em, a partir de um dado ponto  $x^{(i)}$  fazer uma pesquisa unidireccional ao longo da direcção do gradiente calculado até encontrar, com a precisão possível, o mínimo dessa direcção.

Nesse mínimo estaremos, em princípio, sobre o ponto em que a linha de pesquisa é tangente à curva de nível local; assim, nesse ponto, o novo gradiente será perpendicular ao anterior; procedendo repetidamente deste modo, atingiremos finalmente o mínimo sem termos tido que calcular o gradiente em cada passo.

Em resumo, as etapas do método da descida mais rápida são:

1. Em um ponto inicial  $\mathbf{x}^{(0)}$ , calcular  $-\frac{df^{(0)}}{d\mathbf{x}}$  / e dar passos

$$\mathbf{x}^{(i+1)} = \mathbf{x}^{(i)} - h \cdot \frac{df^{(0)}}{d\mathbf{x}}$$

2. Procurar nessa direcção até encontrar três pontos dos quais o médio é o menor;
3. Usar a interpolação quadrática em torno do ponto médio

$$t = \frac{h}{2} \cdot \left[ \frac{f_h^{(i)} - f_{-h}^{(i)}}{f_h^{(i)} - 2 \cdot f_0^{(i)} + f_{-h}^{(i)}} \right]$$

para encontrar o mínimo, onde

$$f_h^{(i)} = f \left( \mathbf{x}^{(i)} - h \cdot \frac{df^{(i)}}{d\mathbf{x}} \right)$$

Assim, o novo ponto é

$$\mathbf{x}^{(i+1)} = \mathbf{x}^{(i)} - t \cdot \frac{df^{(0)}}{d\mathbf{x}}$$

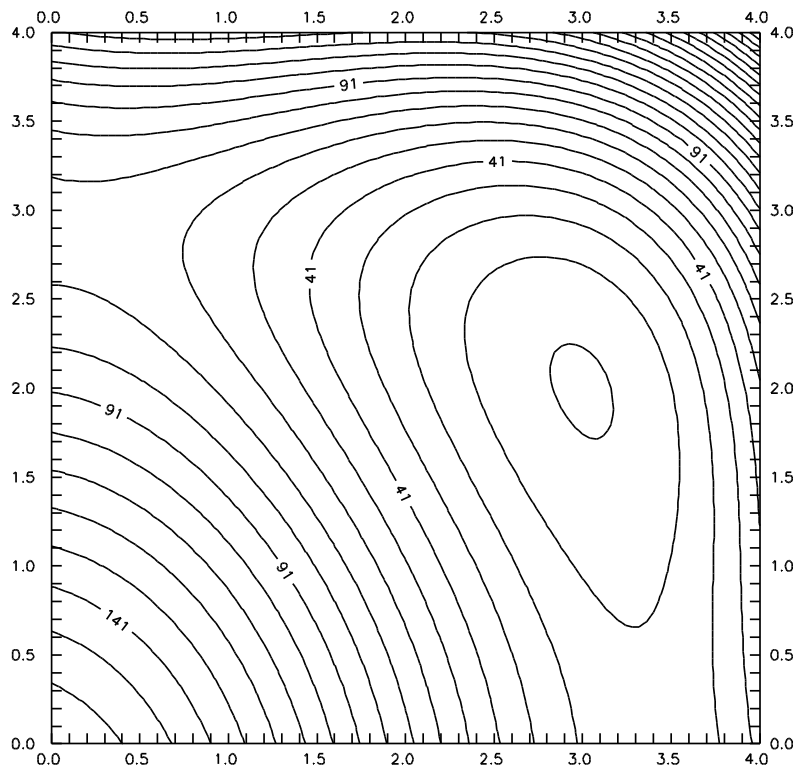


Figura 6.5: Pesquisa ao longo de uma linha de gradiente

4. Testar o critério de paragem e, no caso de continuar, utilizar o gradiente perpendicular,

$$\frac{df^{(i+1)}}{dx_j} = - \left( \frac{df^{(i+1)}}{dx_j} \right)^{-1}$$

5. voltando a 2.

Pesquisa ao longo de uma direcção ortogonal

A variante da descida mais rápida tem particular interesse no caso, muito frequente para nós, de os cálculos da função e das suas derivadas serem muito trabalhosos, como acontece quando têm que ser obtidas por simulação numérica; em tais casos, é especialmente recomendável trabalhar desde o início com valores de passo muito pequenos.

O leitor verificará sem dificuldade que a pesquisa pode ainda ser melhorada se, em vez de se adoptar a pesquisa na perpendicular, se pesquisar na direcção conjugada, como se fazia no método de POWELL.

Essa é a subvariante dos *gradientes conjugados*.

### 6.3.4 Método da quádriga

É fácil verificar que o *método do gradiente* é o equivalente multidimensional do método directo (de Newton) de optimização unidimensional e que o seu ponto fraco reside na dificuldade com que trabalha na vizinhança imediata do mínimo, devido ao pequeno valor do gradiente; esta ideia leva à tentativa de melhorá-lo pelo uso do método equivalente ao da interpolação quadrática, o do ajustamento de uma quádriga.

Com efeito, nas vizinhanças imediatas do mínimo, a função é mais bem aproximada por uma função deste tipo que pelo plano tangente, o que permite prever com melhor aproximação a localização do mínimo. Assim, alguns algoritmos utilizam o método do gradiente (ou a sua variante da descida mais rápida) na primeira fase da pesquisa e, quando o passo se torna demasiado pequeno, utilizam o método da quádrlica, como já, no parágrafo anterior, se sugeria fazer para o próprio método da descida mais rápida, embora a uma dimensão apenas.

Este método estabelece-se em termos formais de modo muito simples:

seja  $f(x)$  a função a minimizar, seja  $\nabla f(x)$  o seu gradiente e  $\mathbf{H}(x)$  a sua *matriz Hesseana* de elementos  $\frac{\partial^2 f(x)}{\partial x_i \partial x_j}$ .

Então a função

$$g(\mathbf{x}) = f(\mathbf{x}_n) + (\mathbf{x} - \mathbf{x}_n) \cdot \nabla f(\mathbf{x}_n) + (\mathbf{x} - \mathbf{x}_n)^2 \cdot \mathbf{H}(\mathbf{x}_n)$$

constituirá uma boa aproximação a  $f(x)$  se  $\mathbf{x}_n$  for já próximo do mínimo  $\mathbf{x}$ .

Note-se de passagem que esta solução do método da quádrlica corresponde à solução pelo método de Newton da equação  $\nabla f(x) = 0$ .

Neste ponto será

$$\nabla g(\mathbf{x}) = \nabla f(\mathbf{x}_n) + (\mathbf{x} - \mathbf{x}_n) \cdot \mathbf{H}(\mathbf{x}_n) = 0$$

de onde

$$\mathbf{h} = \mathbf{x} - \mathbf{x}_n = -\mathbf{H}^{-1}(\mathbf{x}_n) \cdot \nabla f(\mathbf{x}_n) \quad (6.9)$$

O método da quádrlica não tem especial interesse como método independente, dado só ser aplicável nas vizinhanças imediatas do mínimo; adquire, no entanto, o seu pleno significado quando combinado com outros métodos menos eficientes nesta vizinhança, como o do gradiente.

### 6.3.5 Método de Levenberg-Marquardt

A ideia notável que ocorreu separadamente a Kenneth Levenberg e a Donald Marquardt foi a de combinar os dois métodos anteriores no mesmo passo, fazendo

$$\mathbf{h} = \mathbf{h}_{quad} + \lambda \cdot \mathbf{h}_{grad} \quad (6.10)$$

em que  $\mathbf{h}_{quad}$  e  $\mathbf{h}_{grad}$  são, respectivamente, os vectores de passo dos métodos do gradiente e da quádrlica e  $\lambda$  é um parâmetro a determinar pela própria evolução do processo, segundo a seguinte lógica:

- começa-se com um valor elevado de  $\lambda$  (em relação à norma de  $\mathbf{h}_{quad}$ ), isto é, começa-se virtualmente segundo o gradiente e continua-se decrementando o valor de  $\lambda$  enquanto os novos pontos calculados conduzirem a valores decrescentes da função objectivo; assim, o método aproxima-se progressivamente da quádrlica quando é bem sucedido;
- porém, cada vez que o novo ponto seja mal sucedido (isto é, corresponda a um incremento da função objectivo), o ponto é ignorado, o valor de  $\lambda$  é incrementado e faz-se nova tentativa.

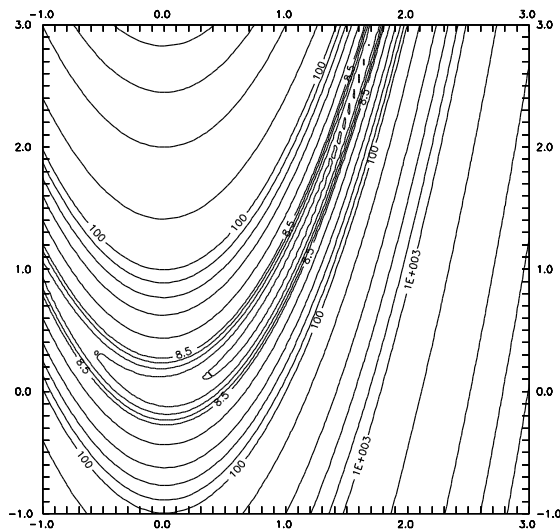


Figura 6.6: Levenberg-Marquardt

Deste modo, no decorrer de uma pesquisa típica, o valor de  $\lambda$  oscila várias vezes ao sabor das irregularidades da superfície até que, chegado às vizinhanças do mínimo, tende a decrescer indefinidamente; esta circunstância permite determinar o ponto de paragem do algoritmo.

Curiosamente, o método torna-se especialmente vantajoso nas situações difíceis como as de existência de depressões alongadas, porque aí a quádriga detecta muito facilmente o alongamento. Deste modo, o algoritmo, por ingénuo que pareça, é um dos mais rápidos e eficazes que se conhecem.

Concebido inicialmente para resolver problemas de mínimos quadrados onde resulta particularmente económico pela facilidade, característica deste tipo particular de problema, no cálculo das derivadas e da quádriga osculadora, o método pode, como se viu, ser estendido a casos mais gerais, embora à custa de trabalho de cálculo maior que no caso particularmente fácil dos mínimos quadrados.

### 6.3.6 O problema das restrições

Os métodos de pesquisa descritos nos parágrafos anteriores referiam-se a problemas sem restrições, o que significava que o praticável era ilimitado; são, porém, frequentes os casos em que condições físicas ou matemáticas nos forçam a reduzir a busca a valores das variáveis que satisfazem determinadas condições.

#### Exemplo: 6.5

Minimizar

$$f(x) = (x_1 - 4)^2 + (x_2 - 4)^2$$

sujeito a

$$x_2 - x_1 \geq 0$$

$$4x_1 + x_2 + 12 \geq 0$$

$$-x_1 - x_2 + 4 \geq 0$$

$$x_1 - x_2 + 5 \geq 0$$



Encontrado que seja um método de geração de alternativas adequado ao problema em questão, é agora necessário modificá-lo para que tome em consideração as restrições e restrições, garanta uma melhoria sistemática do objectivo até ao eventual atingimento de um óptimo.

### Constrições lineares

Certas formas destas constrições são mais fáceis de trabalhar que outras.

Por exemplo, no caso, muito frequente, das constrições de não-negatividade,  $x_i \geq 0$ , o modo mais simples de resolver o problema é por meio de uma mudança de variáveis.

Com efeito, se fizermos, por exemplo,  $x_i = y_i^2$ , poderemos minimizar

$$f(x_1, x_2, \dots, x_n) = f(y_1^2, y_2^2, \dots, y_n^2)$$

em ordem aos  $y_i$ , sem constrições, e, fazendo de novo  $x_i = y_i^2$ , teremos as constrições de não negatividade automaticamente satisfeitas no óptimo.

O mesmo tipo de técnica se pode aplicar ao caso, igualmente muito frequente, das *constrições a um intervalo*:  $u_i \leq x_i \leq l_i$ ; neste caso faremos, por exemplo,

$$x_i = u_i + (l_i - u_i) \cdot \sin^2(y_i)$$

e resolveremos o problema sem constrições em ordem aos  $y_i$ .

#### Exemplo: 6.6 Constrições Lineares

Seja o programa

$$\min [f(x) = (x_1 + 1)^2 + (x_2 - 4)^2, \quad x_1, x_2 \geq 0]$$

que, mediante a transformação  $x_i = (y_i^2 - 1)^2$  dá origem a

$$\min [F(y) = (y_1^4 - 2y_1^2 + 2)^2 + (y_2^4 - 2y_2^2 - 3)^2]$$

e é fácil verificar que  $F(y)$  tem seis mínimos,  $y = (\pm 1, \pm 3), y = (\pm 1, 0)$ , dos quais os primeiros quatro correspondem a mínimos de  $f(x)$  e os dois últimos são espúrios.

#### Exemplo: 6.7

Seja o programa

$$\min [f(x) = 3x_1 - 2x_1x_2 + 3x_2^2, x_1, x_2 \geq 0]$$

que, mediante a transformação  $y_i = x_i^2$  dá

$$\min [F(y) = 3y_1^4 - 2y_1^2y_2^2 + 3y_2^4]$$

É fácil verificar que, enquanto

$$\text{lap}.f = \begin{vmatrix} 6 & -2 \\ -2 & 6 \end{vmatrix}$$

é definida positiva e, portanto,  $f(x)$  é convexa,

$$\text{lap}.F = 4, \begin{vmatrix} 9y_1^2 - y_2^2 & -2y_1y_2 \\ -2y_1y_2 & 9y_1^2 - y_2^2 \end{vmatrix}$$

**Exemplo: 6.7 (cont.)**

não é definida positiva, de modo que  $f(x)$  não é convexa.

No entanto, é preciso um extremo cuidado com este tipos de técnicas de mudança de variáveis porque, com elas corremos o risco de encontrar falsos mínimos. Com efeito, a optimização de  $f(x_1, x_2, \dots, x_n)$  parará quando for  $\frac{\partial f}{\partial y_i} = 0$ , mas

$$\frac{\partial f}{\partial y_i} = \frac{\partial f}{\partial x_i} \cdot \frac{\partial x_i}{\partial y_i}$$

de modo que qualquer transformação em que os  $\frac{\partial x_i}{\partial y_i}$  se anulem em um ponto do praticável, introduz um mínimo espúrio que, por azar, o algoritmo de pesquisa pode apanhar. Além disso, o uso imprudente de uma mudança de variáveis pode dar origem à transformação de um problema convexo em não-convexo, com toda a complexificação resultante. Estes tipos particulares de restrições pertencem à classe mais vasta das chamadas *restrições lineares*, cuja forma é

$$\sum_{i=1}^n a_{ij} \cdot x_j - b_j \geq 0$$

e que são ainda razoavelmente tratáveis, porque a fronteira do praticável é formada por rectas (no caso bi-dimensional), por planos (no caso tridimensional), ou por hiperplanos (no caso multidimensional geral); é, portanto, fácil caminhar sobre a fronteira na pesquisa do óptimo.

Foram desenvolvidos diversos métodos para aproveitar esta facilidade. O mais conhecido é o *método do gradiente projectado* que consiste em projectar o gradiente sobre a restrição activa (isto é, sobre cuja fronteira o método de pesquisa embateu) e em caminhar sobre esta como se fosse uma simples ligação (isto é, eliminando uma das variáveis pela respectiva condição), até se encontrar o mínimo ou se tornar activa uma outra restrição.

Deste método existe também uma variante do tipo descida mais rápida.

**Restrições e ligações não-lineares**

O aparecimento de uma ligação expressa por uma função não-linear das variáveis torna, naturalmente, o problema mais complicado.

**Exemplo: 6.8 Restrição não lineares**

A figura mostra uma interpretação geométrica na presença de três restrições, de acordo com as quais os pontos **A** e **B** satisfazem às seguintes condições:

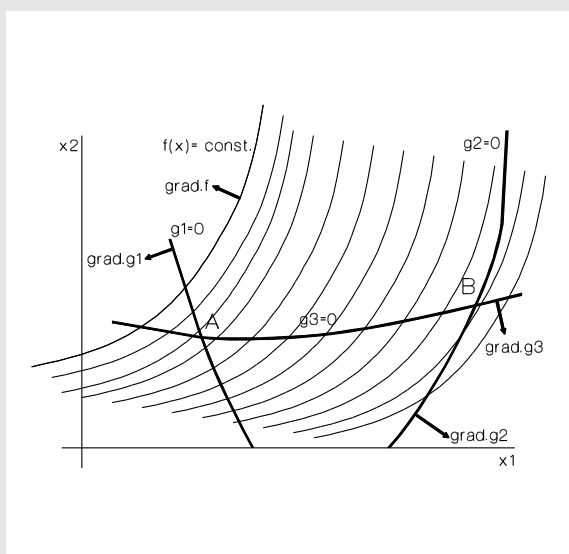
$$A : -\nabla \cdot f(x^*) = \beta_1^* \cdot \nabla \cdot g_1(x^*) + \beta_3^* \cdot \nabla \cdot g_3(x^*)$$

e neste ponto o gradiente não existe no subespaço  $\beta_1^* < 0$  gerado pelo gradiente das funções de restrição;  $x$  não é, portanto, um mínimo porque o valor da função pode ainda ser reduzido no domínio praticável;

$$B : -\nabla \cdot f(x^*) = \beta_2^* \cdot \nabla \cdot g_2(x^*) + \beta_3^* \cdot \nabla \cdot g_3(x^*)$$

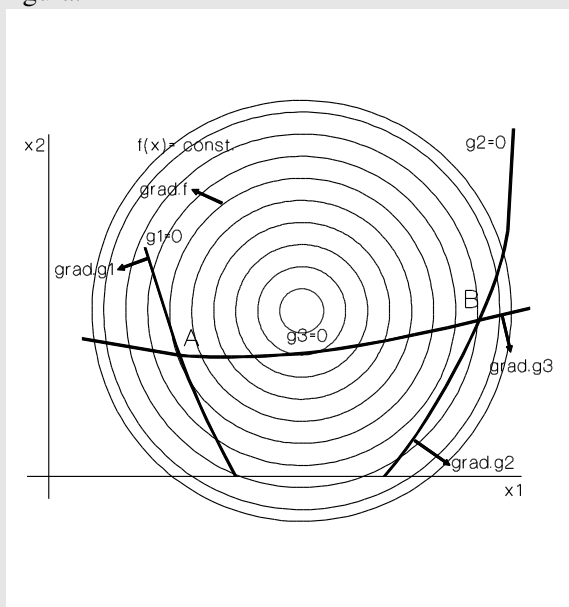
e neste ponto existe um óptimo local porque não existe direcção dentro do domínio praticável ao longo da qual o valor da função possa ser reduzido.

## Exemplo: 6.8 Construção não lineares (cont.)



Porém, este exemplo pode ser enganador, no sentido de que pode sugerir que a solução do problema se encontra sobre a fronteira do praticável, o que só acontece por a função objectivo ser, neste caso, convexa.

No caso mais geral, o óptimo encontrar-se-á no interior do praticável, como mostra a segunda figura.



## 6.4 Programação não-convexa

No caso da programação não convexa, a situação é, matematicamente, muito menos clara:

- as condições necessárias de optimidade não são suficientes,
- não há problema dual no sentido da programação convexa,
- nem existe método numérico universal.

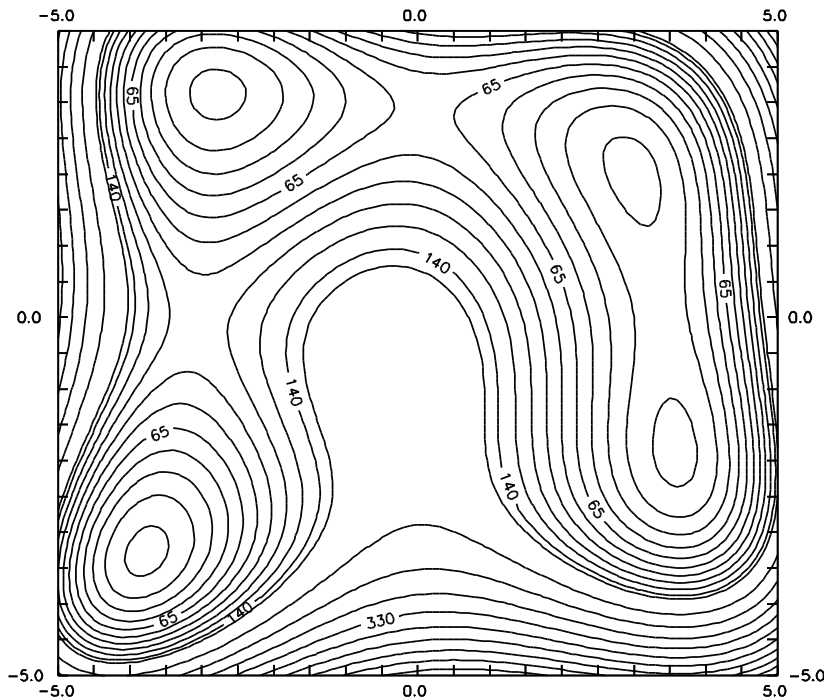


Figura 6.7: Uma superfície com vários mínimos.

Com efeito, um mínimo global é um ponto  $x^*$  tal que

$$f(x^*) \leq f(x) \text{ qqs } x \in X$$

enquanto um mínimo local é um ponto  $x^*$  tal que

$$f(x^*) \leq f(x) \text{ qqs } x \in [X \cap U(x^*)]$$

em que  $U(x^*)$  é a região convexa de  $f(x)$  que se chama a bacia de atracção da solução  $x^*$ , que funciona como um atractor do algoritmo de pesquisa. O problema central da programação não-convexa é obviamente o de que, não havendo convexidade garantida para a função objectivo dentro do praticável:

- tal como no caso anterior da programação convexa, os mínimos não se encontram necessariamente sobre a fronteira do praticável, mas, em geral, no interior deste;
- ao contrário do caso anterior da programação convexa, existe em princípio uma multiplicidade de mínimos locais, de modo que qualquer método numérico, sendo necessariamente um método míope, isto é, puramente local, corre o risco de se encaminhar para um mínimo local e dele não poder sair, situação que é ainda agravada pelo facto evidente de não haver critério local capaz de distinguir um mínimo local de um global;

Por razões de simplicidade, o problema da programação matemática costuma, portanto, dividir-se em duas fases:

**problema da optimização livre:** isto é, *sem constricções*, em que as condições necessárias de óptimo são as de anulação local do gradiente da função objectivo

$$f(x^*) = \left\| \frac{\partial f}{\partial x_1}, \frac{\partial f}{\partial x_2}, \dots, \frac{\partial f}{\partial x_n} \right\| = 0$$

e a condição suficiente é a de ser definida positiva a matriz hessiana

$$\mathbf{H}^* = \mathbf{H}(x^*) = \left\| \frac{\partial^2 f}{\partial x_i \partial x_j} \right\|$$

**problema da otimização constrangida:** as condições necessárias (condições de Kuhn-Tucker) são expressas em termos da lagrangeana do problema,

$$\mathbf{L}(, a, \beta) = f(x) + \sum_i a_i \cdot h_i(x) + \sum_j \beta_j \cdot g_j(x) \quad (6.11)$$

em que  $a_i$  e  $\beta_j$  são os multiplicadores de Lagrange das restrições e das restrições não-holónomas, respectivamente, e tomam a forma

$$\nabla \mathbf{L}(x^*) = \nabla f(x^*) + \sum_i a_i^* \nabla h_i(x^*) + \sum_j \beta_j^* \nabla g_j(x^*) = 0$$

sujeita a

$$h_i(x^*) = 0$$

$$g_j(x^*) \leq 0$$

$$\beta_j^* \cdot g_j(x^*) = 0$$

$$\beta_j^* \geq 0$$

e estas condições são suficientes no caso de o problema ser convexo.

O problema central específico da otimização não convexa pode, portanto, definido como o de encontrar um método de geração de alternativas que permita o atingimento do ótimo absoluto, sem encalhe em ótimos locais. Como se sabe, o único método actualmente disponível consiste em uma combinação de uma técnica de Monte Carlo do tipo aceitação-rejeição (para geração de sucessivos pontos de partida, ou *guesses* iniciais, dentro do praticável) combinado com uma técnica do tipo anterior (para melhoramento do *guess* inicial).

## 6.5 Preparação da otimização

Uma vez formulado um modelo de um sistema, o problema da preparação para a fase formal de optimização deve ser encarado frontal e especificamente. Esta preparação implica três tipos fundamentais de actividades, a saber:

- i) modificações destinadas a evitar dificuldades numéricas;
- ii) reorganizações destinadas a aumentar a eficiência da solução;
- iii) análise estrutural, destinada a evidenciar as características específicas do problema gerado e, em função delas, a identificar o tipo de algoritmo de optimização a utilizar.

As dificuldades numéricas que mais frequentemente podem dar origem a paragens intempestivas dos algoritmos e/ou a abortamentos da sua execução ligam-se com

- i) problemas de escala das variáveis e das funções intervenientes,
- ii) com problemas de incompatibilidade entre rotinas de cálculo de funções e das respectivas derivadas,

- iii) com a não-derivabilidade de certas funções,
- iv) com a ausência de salvaguardas para os valores dos argumentos de funções.

Examiná-los-emos sucessivamente pela ordem indicada.

**Problemas de escala** Os problemas de escala podem referir-se às variáveis ou às funções intervenientes no problema. Idealmente, todas as variáveis do modelo deveriam ser definidas de modo a que os seus valores prováveis caiam no intervalo  $[0.1, 10]$  de modo a garantir um máximo de precisão tanto na sua representação como na dos respectivos vectores de pesquisa; é, naturalmente, muito simples proceder a uma escalagem conveniente, desde que sejam conhecidos os intervalos prováveis de variação de cada uma delas, mas este conhecimento é, em geral, muito difícil, excepto por via recursiva. Do mesmo modo, devem examinar-se tanto os valores das restrições nas vizinhanças da solução pretendida como a sua sensibilidade a variações dos valores das variáveis; complementarmente, deveriam ainda examinar-se os valores dos gradientes das restrições nas vizinhanças da solução. Idealmente, deveria procurar-se que todas as restrições exibissem idêntica sensibilidade às variações de valor das suas variáveis (já devidamente escaladas) e que os respectivos gradientes tomassem valores todos da mesma ordem; com efeito, deste modo ter-se-ia garantido que as violações das diferentes restrições tivessem todas o mesmo peso e que as operações sobre os respectivos jacobianos não dessem origem a problemas de precisão. O remédio é, obviamente, multiplicar as restrições por escalares adequados de modo a que os seus valores característicos e/ou os respectivos gradientes caiam no intervalo  $[0.1, 10]$ . Root & Ragsdell (1980) propuseram um algoritmo recursivo para escolha dos factores de escala cujo objectivo é determinar um vector de escalas de linhas,  $r$ , e um vector de escala de colunas,  $c$ , tais que os elementos do jacobiano transformado,  $J'_{ij} = r_i \cdot L_{ij} \cdot c_j$  cujas linhas são os vectores gradiente das restrições se encontrem dentro das razões  $e_1$  e  $e_2$  da grandeza do elemento *médio* de  $J$ . Este é calculado identificando o elemento de  $J$  de maior valor absoluto pela sua linha  $i^*$  e coluna  $j^*$  e calculando a média dos valores absolutos de todos os elementos não-nulos excluindo os da linha  $i^*$  e da coluna  $j^*$ ; assim, se for  $NN$  o número de elementos não nulos da matriz  $J$ , com exclusão dos da linha  $i^*$  e da coluna  $j^*$ ,

$$z = \frac{\sum_{i=1}^{i^*} \sum_{j=1}^{j^*} |J_{ij}|}{NN}$$

Em termos desta notação, o objectivo do algoritmo é o de encontrar  $r$  e  $c$  tais que

$$e_2 \cdot z \leq |J'_{ij}| \leq e_1 \cdot z$$

para valores razoáveis de  $e_1$  e  $e_2$ , por exemplo, 10 e 0.1, respectivamente. O procedimento proposto não garante o atingimento deste objectivo para todos os  $i$  e  $j$ , mas tende, pelo menos, para ele.

O procedimento é o seguinte:

em um dado ponto  $x_0$  calculem-se  $J$  e  $z$  e executem-se os seguintes passos:

- 1) para todas as colunas  $j$  ainda não escaladas, calcule-se

$$c_j = \frac{n_j \cdot z}{\sum_j |J_{ij}|}$$

em que  $n_j$  é o número de elementos não nulos da coluna  $j$  de  $J$ ; se  $e_2 \leq c_j \leq e_1$ , repor  $c_j = 1$ ; caso contrário, reter  $c_j$  como factor de escala e actualizar a coluna  $j$  de  $J$  por meio de

$$J'_{ij} = r_i \cdot L_{ij} \cdot c_j$$

e recalcular  $z$ ;

- 2) se pelo menos uma coluna  $j$  foi escalada no passo anterior, continue-se, caso contrário, pare-se;
- 3) para todas as linhas  $i$  ainda não escaladas, calcule-se

$$r_j = \frac{m_j \cdot z}{\sum_j |J_{ij}|}$$

em que  $m_i$  é o número de elementos não nulos da linha  $i$  de  $J$ ; se  $e_2 \leq r_i \leq e_1$ , repor  $r_i = 1$ ; caso contrário, reter  $r_{ij}$  como factor de escala e actualizar a linha  $i$  de  $J$  por meio de

$$J'_{ij} = r_i \cdot L_{ij} \cdot c_j$$

e recalcular  $z$ ;

- 4) se pelo menos uma linha  $i$  de  $J$  foi escalada no passo anterior, continuar em 1), caso contrário, parar.

**Problemas de incompatibilidade** Incompatibilidades entre o modelo da função-objectivo e os valores calculados das suas derivadas podem ter resultados catastróficos por desencaminharem o algoritmo de pesquisa. Por esta razão, muitos autores defendem o cálculo numérico das derivadas como procedimento sistemático; no entanto, de um modo geral, o uso de gradientes analíticos, quando possível e cuidadosamente implementado é computacionalmente mais eficiente, vantagem que não deve ser desprezada. O método mais simples de evitar este tipo de percalço consiste em calcular o gradiente por diferenças e compará-lo com o valor obtido através do algoritmo de derivação utilizado, utilizando o primeiro se a diferença for excessivamente grande. As situações mais frequentes de não-derivabilidade dos modelos ocorrem sob uma de duas formas principais:

- existência de cláusulas condicionais que dão acesso a diferentes rotinas de cálculo da função-objectivo de acordo com os valores assumidos por certas variáveis ou funções; estas situações podem gerar descontinuidades que causam dificuldades no cálculo numérico de gradientes, por forçarem o cálculo por uma via no ponto  $x_0$  e por outra no ponto  $x_0 + d$ ; a solução consiste em testar sistematicamente a ocorrência destes fenómenos ou, na alternativa, utilizar algoritmos de optimização que não utilizem o cálculo de gradientes; tipicamente, esta situação ocorre nas formulações imprudentes de penalizações como forma fácil de forçar restrições sobre o modelo; - existência de operadores do tipo minmax; este problema pode ser ultrapassado substituindo cláusulas do tipo

$$g(x) = \max_j g_j(x)$$

por

$$g(x) = y \geq g_j(x)$$

**Ausência de Salvaguardas** Uma outra causa, muitas vezes ignorada, mas frequentemente causadora de abortamento de algoritmos de optimização é a falta de salvaguardas contra as ultrapassagens de limites de validade dos argumentos de certas funções, algumas tão correntes como as potências ou os logaritmos. Para evitar este tipo de problemas, torna-se necessário introduzir restrições emergentes da constituição concreta do modelo e não do problema original, e em forçar o seu estrito respeito, o que nem sempre será fácil de levar à prática.

Como se fez notar a propósito das técnicas de programação matemática, a dificuldade dos algoritmos de optimização não-linear cresce exponencialmente não só com o número de variáveis mas também com o número de restrições e restrições. Deste ponto de vista, em geral, as restrições lineares causam menos problemas que as não-lineares e a restrições menos dificuldades que as restrições.

Consequentemente, há vantagem em introduzir uma fase suplementar no processo de preparação da optimização destinada a reorganizar o modelo de modo a minimizar o número de restrições, objectivo que pode ser conseguido mediante o uso de mudanças de variáveis e/ou transformações de funções, eliminação de restrições eventualmente redundantes e/ou uso de sequenciações adequadas de equações.

Chamaremos, para os presentes efeitos, *transformação de uma função* a um simples rearranjo algébrico da sua expressão ou a uma concatenação de uma função com outra.

Para melhorar a eficiência de um algoritmo de optimização, escolhem-se em geral transformações capazes de converter restrições não-lineares em lineares.

Em particular, se da análise da estrutura da função-objectivo e de uma restrição  $h_k(x) = 0$ , pudermos concluir que uma das restrições  $h_k(x) \leq 0$  ou  $h_k(x) \geq 0$  estará activa no óptimo, então poderemos utilizar essa restrição no lugar da restrição, expandindo assim o praticável e facilitando simultaneamente a convergência para o óptimo e o estabelecimento de um ponto de partida dentro do praticável.

O uso de mudanças das variáveis independentes através de transformações quadráticas ou logarítmicas permite eliminar restrições de positividade para essas variáveis, do mesmo modo que uma transformação do tipo arcotangente permite eliminar restrições a intervalos. Por isso, estas e outras transformações são muito frequentemente utilizadas pelos práticos. Há, porém, que proceder com cautela porque certas dessas transformações podem produzir um ou mais dos seguintes resultados indesejáveis:

- ocorrência de extremos locais espúrios;
- degradação da convexidade;
- degradação ou mesmo inibição da convergência.

Como primeiro exemplo reveja o exemplo 6.3.6

Do ponto de vista prático, o problema mais grave resulta da necessidade de evitar o aparecimento de extremos espúrios. O uso de transformações monótonas e biunívocas permitirá em geral atingir esse objectivo.

Um outro meio de aumentar a eficiência dos algoritmos de optimização consiste em eliminar restrições que, apesar de fisicamente significativas, sejam redundantes, porque um tal procedimento diminui o número de restrições e acelera o cálculo.

Embora limites redundantes sejam de identificação imediata, restrições redundantes são, em geral, muito difíceis de identificar. Actualmente, dispomos apenas de critérios para identificar restrições redundantes no caso linear(cf. [LY08] ); no entanto, a sua complexidade é tal que se não justifica o seu uso senão no caso de optimizações lineares repetidas ou de optimizações não-lineares.

Finalmente, a dimensionalidade e o número das restrições de um problema pode ser substancialmente reduzida pela resolução explícita ou implícita de algumas delas e a consequente eliminação das variáveis correspondentes. Embora em casos simples possa suceder que todas as restrições possam ser eliminadas sem recurso a métodos iterativos, é mais frequente que o processo de eliminação termine com um certo número de restrições que não podem ser resolvidas directamente em ordem a uma ou mais das variáveis independentes. Neste caso, duas linhas de ataque ao problema são possíveis: reter estas restrições enquanto tais e as variáveis correspondentes como variáveis independentes ou, na alternativa, resolver essas restrições iterativamente cada vez que seja necessário calcular a função-objectivo. Neste último caso, porém, é necessário ter o cuidado de impor ao cálculo iterativo uma tolerância suficientemente apertada para não afectar a lógica do método de pesquisa, condição que se pode tornar tão exigente que se revele mais prático recorrer à primeira estratégia.



## 6.6 Análise do problema da Optimização

O estágio final da preparação da optimização consiste na análise da formulação final do problema, com vista a identificar, se possível, certas das suas características estruturais que têm implicações na facilidade da sua resolução.

Essas características são, nomeadamente, a convexidade, a finitude do praticável, a unicidade da solução e a existência de um ponto de partida praticável.

- A demonstração da convexidade é, em geral, irrealizável, mas é muito fácil identificar certos elementos da formulação do modelo que tornam o problema não convexo. Em primeiro lugar, obviamente, deve verificar-se se o problema contém restrições não lineares, caso em que a não-convexidade é garantida.

Em seguida, caso as restrições sejam todas lineares, poderemos usar dois tipos de testes para as restrições não-lineares: um baseia-se no sinal do hesseano e o outro na decomposição da função em uma soma de funções convexas. Em ambos os casos, é aconselhável, com base na hipótese pessimista mas realista de que a maioria dos problemas de projecto é não-convexa e identificável mesmo pelas restrições mais simples, começar sempre o teste pelas restrições não-lineares mais simples.

Finalmente, só quando se poder demonstrar que o conjunto das restrições e restrições é convexo é que valerá a pena considerar a convexidade da função-objectivo.

Se, no fim de toda esta análise, tivermos obtido a garantia de que o problema é convexo, poderemos então ter a certeza de que qualquer ponto que satisfaça as *condições de Kuhn-Tucker* é um extremo global.

Caso contrário, devemos preparar-nos para enfrentar o sério problema da multiplicidade de extremos locais.

- Tanto no caso convexo como no não convexo, a questão da finitude do praticável constitui um dado importante para o problema da optimização. Trata-se, porém, de um questão que rapidamente se torna muito difícil com o aumento da dimensão (número de variáveis) do problema.

Por um lado, é um facto que todo o sistema real tem limites mais ou menos bem definidos, resultantes de considerações físicas e ou económicas, para o intervalo de variação das suas variáveis de projecto, desde que, obviamente, estas sejam adequadamente definidas. Por outro lado, não é menos facto que um modelo não é um sistema real, mas apenas uma sua aproximação, porque nele o projectista não incorporou, deliberada ou inadvertidamente, muitas das características e limitações do real. Deste modo, o facto de o modelo pretender representar o sistema real não constitui garantia de que nele não ocorram certas patologias matemáticas que no real seriam impensáveis.

Os casos de infinitude do praticável podem frequentemente ser postos em evidência por simples exame casuístico das suas restrições, e podem sempre ser corrigidos pela imposição de razoáveis restrições suplementares ad hoc. No entanto, dada a necessidade acima estudada de manter o número de restrições em um mínimo estrito, é conveniente que nos asseguremos da absoluta necessidade de tais restrições antes de as incorporarmos no modelo.

Embora não existam actualmente testes sistemáticos e de resultados garantidos para a finitude de um praticável, duas técnicas elementares cobrem a maior parte das situações.

A primeira é o exame das variáveis uma a uma, a fim de estabelecer se os seus valores possuem limites inferiores e superiores para valores fixos das restantes variáveis.

A segunda, chamada teste das derivadas parciais, utiliza-se quando os gradientes das restrições são calculáveis analiticamente, e para aquelas variáveis que escaparam ao teste anterior. Baseia-se este teste na observação de que as condições de Kuhn-Tucker escritas em termos das restrições

$$f = \sum_j u_j \cdot g_j u_j \geq 0$$

implicam que, para que seja possível exprimir a derivada parcial  $\frac{\partial f}{\partial x_i}$  como combinação convexa dos gradientes das restrições,  $\frac{\partial g_j}{\partial x_i}$ , é necessário que exista pelo menos uma restrição, por exemplo,  $g_l$ , com derivada parcial negativa,  $\frac{\partial g_l}{\partial x_i} < 0$ , e pelo menos uma outra, por exemplo,  $g_k$ , com derivada parcial positiva,  $\frac{\partial g_k}{\partial x_i} > 0$  (supondo, naturalmente, que o óptimo não é totalmente livre ( $\frac{\partial f}{\partial x_i} \neq 0$ ) nem existe sobre a superfície de uma restrição, mas na intersecção de duas ou mais, o que constitui uma hipótese não garantida mas plausível).

Assim, verificar-se-á se, para cada variável  $x_i$  existe uma restrição com derivada parcial positiva e uma outra com derivada parcial negativa; se não for o caso para alguma das variáveis, então é prudente a imposição de um limite superior, se é a derivada negativa que não existe, inferior no caso contrário.

- Uma terceira consideração refere-se à possibilidade de existência de soluções não-únicas, isto é, de uma multiplicidade de extremos locais.

Em geral, um problema convexo pode ter um único valor óptimo da função-objectivo, mas esse valor pode ser realizado em uma multiplicidade de pontos, que representam outros tantos projectos optimizados.

Por outro lado, para que um problema possua mais que um extremo local, terá que ser não-convexo, mas a não-convexidade não é suficiente para garantir a multiplicidade dos extremos locais.

Nestas condições, o teste de convexidade discutido atrás não fornece toda a informação relevante para este problema, tornando-se necessária uma análise mais repuxada.

É nossa profunda convicção, e de muitos outros autores (cf. [RRR06]. ), baseada em uma longa experiência com problemas deste tipo que a não-unicidade da solução é, na maior parte dos casos, um puro artifício resultante do processo de modelagem em si, e não de uma característica do real. A ser efectivamente assim, a situação é particularmente grave: a maior parte dos extremos locais do modelo não corresponderá sequer a extremos locais do sistema real.

Uma situação muito comum deste tipo resulta da ocorrência no modelo de combinações fixas de duas ou mais variáveis; por exemplo, se sempre que  $x$  e  $y$  ocorrem em um modelo o fazem sob a forma do produto  $x \cdot y$ , este poderia ser substituído por uma variável única  $z = x \cdot y$  e o problema resultaria de dimensionalidade reduzida. Um outro tipo de não-unicidade resulta frequentemente de, na formulação do modelo, terem sido omitidas certas restrições ou restrições que envolvem  $x$  ou  $y$  separadamente; quando for este o caso, uma vez reconhecida a situação, o remédio é fácil: basta impor a restrição esquecida.

Como se deixou dito atrás, embora a não-unicidade seja sempre uma possibilidade nos problemas não-convexos, a não-convexidade, por si só, não garante a não-unicidade; na realidade, é em geral muito difícil provar a efectiva (e não apenas potencial) existência de uma multiplicidade de extremos locais, excepto pela sua identificação expressa.

Ora, apesar da grave e constante ameaça de não-unicidade em qualquer problema de projecto, existe uma tendência, por parte da maior parte dos projectistas, para ignorar completamente esta questão e contentarem-se irreflectidamente com qualquer extremo que o algoritmo de optimização possa detectar.

Pensamos que uma tal prática comporta graves riscos totalmente incontrolados e aconselhamos vivamente a pesquisa sistemática deste tipo de situações através de uma multiplicidade de optimizações a partir de *guesses* iniciais, ou pontos de partida, tão diferentes quanto possível. Porém,

dado o alto custo deste tipo de solução, a boa regra é proceder a uma pesquisa tão exaustiva quanto possível da não-convexidade do problema, da ocorrência de combinações fixas de variáveis, de omissões de restrições e de outros defeitos de modelagem, antes de proceder à optimização propriamente dita.

- Finalmente, antes da passagem à optimização propriamente dita, torna-se necessário proceder a um estudo da praticabilidade do problema. Esta necessidade surge em dois contextos diferentes:
  - por um lado, obviamente não faz sentido embarcar em uma tentativa de optimização se o praticável for vazio ou se reduzir a um único ponto(o que seria, quase necessariamente, sintoma de má formulação do problema e obrigaria a voltar à estaca zero);
  - por outro lado, a obtenção de um ponto de partida praticável é característica obrigatória de muitos dos melhores métodos de optimização.

Existem três tipos basicamente distintos de procedimentos capazes de gerar um ponto de partida praticável:

**Método de Monte Carlo** que é, no fundo, um procedimento de aceitação-rejeição em que se vão gerando aleatoriamente sucessivas hipóteses que são em seguida testadas quanto a praticabilidade; embora muitos autores tendam a rejeitar este método com base na sua excessiva exigência de tempo de cálculo, pensamos que ele é fundamentalmente o mais útil, nomeadamente no contexto de problemas dotados de não-unicidade da solução, como se deixou apontado atrás;

**Método da minimização directa das restrições** que consiste em resolver o problema da minimização de uma função de penalização exterior sem restrições:

$$\min \left[ f(x) = \sum_k \{h_k(x)\}^2 + \sum_j \{ [0, g_j(x)] \}^2 \right]$$

que identifica os pontos praticáveis com um valor nulo da função-objectivo e que se simplifica notavelmente se previamente nos tivermos desembaraçado das restrições; para os métodos de optimização que exigem pontos de partida estritamente praticáveis, isto é,  $g_j(x_0) > 0$  (e não simplesmente  $g_j(x_0) \geq 0$ ), o problema pode ser reformulado na forma

$$\min \left[ f(x) = \sum_k \{h_k(x)\}^2 + \sum_j \{ [0, g_j(x) - e] \}^2 \right]$$

tendo apenas o cuidado de tomar  $e$  suficientemente pequeno para que não esvazie o praticável;

**Método de minimização sequencial**, mais complexo mas mais eficaz, que, dado o conjunto de restrições e um parâmetro de tolerância  $e$ ,

$$g_j(x) \geq 0, x_i^L \leq x_i \leq x_i^U$$

consiste em:

- i) resolver o problema

$$\min [-g_1(x), x^L \leq x \leq x^U]$$

terminando em um ponto  $x^1$  tal que  $g_1(x^1) \geq \varepsilon$ ; para  $j = 2, \dots, J$ , resolver a série de problemas -

- ii)

$$\min [-g_j(x) \geq g_m(x) \geq 0, m = 1, \dots, J-1; x^L \leq x \leq x^U]$$

com ponto de partida  $x_{j-1}$  e terminando em  $x_j$  tal que  $g_j(x_j) \geq \varepsilon$ ;

- iii) se  $g_j(x) \geq \varepsilon$  não puder ser obtido para algum  $j$ , reduzir  $\varepsilon$  e repetir o procedimento; se  $\varepsilon$  se tornar menor que uma dada tolerância fixada sensatamente, terminar o procedimento.

Obtida que seja uma solução para o problema da optimização, o problema do projecto, que poderia, em primeira aproximação, supor-se redutível ao problema da optimização, está, na realidade, ainda longe de totalmente resolvido.

Com efeito, haverá, em primeiro lugar, que validar a solução obtida, em dois sentidos muito diferentes:

- i) dado que todo o modelo implica simplificações na representação do real, que todas as leis físicas têm limites de validade e que todos os dados têm precisão limitada, é necessário rever a solução à luz destas condicionantes para verificar que a solução não excede as limitações correspondentes e, se necessário, reformular o problema;
  - ii) uma vez assegurados de que a solução é praticável (em termos do real, não do modelo), verificaremos que a solução obtida é efectivamente um óptimo; nesta fase não se trata simplesmente de verificar se a solução satisfaz às condições de Kuhn-Tucker, mas de interpretá-la e de tratar de compreender por que é, efectivamente, óptima; com efeito, para que uma solução seja credível, é necessário que seja possível explicar, em termos fisicamente intuitivos, as razões para os valores obtidos para as variáveis, de outro modo, a validade da solução repousará apenas na fé na matemática e na informática.
- O passo seguinte consiste em determinar a sensibilidade da solução encontrada em relação aos parâmetros fixados no modelo e às restrições a este impostas. Com efeito, a maior riqueza informacional de um projecto não se encontra na solução propriamente dita mas essencialmente no comportamento do sistema nas vizinhanças do óptimo:
    - quais as restrições activas no óptimo e que, portanto, condicionaram decisivamente o seu valor ?
    - quais destas podem ser realisticamente relaxadas, de modo a melhorar ainda mais a solução ?
    - quais os termos de custo que dominam o sistema no óptimo ?
    - quais destes podem ainda ser mais reduzidos ?
    - qual a sensibilidade do óptimo a eventuais variações dos parâmetros ?
    - quais destes podem ser reajustados de modo a melhorar ainda mais a solução ?
    - quais os que devem ser conhecidos com maior rigor ?

Dado que este tipo de informação é extremamente importante não só para o projecto em questão mas, principalmente, para afinar a sensibilidade do próprio projectista, uma análise de sensibilidade muito completa é, em muitos casos, mais importante que a própria solução óptima.

A análise de sensibilidade começará, em geral, pelo exame dos *multiplicadores de Lagrange* (se foi esta a técnica usada), visto que, como se deixou apontado, estes representam os custos marginais das restrições e restrições; assim, dada uma restrição  $h_k(x) = b_k$ , o seu multiplicador  $v_k$  vale  $v_k = \frac{\partial f}{\partial b_k}$  e, de modo semelhante, dada uma restrição  $g_j(x) \geq d_j$ , o seu multiplicador  $u_j$  vale  $u_j = \frac{\partial f}{\partial d_j}$ . Em uma primeira aproximação, a variação do valor da função objectivo resultante de variações dos segundos membros das restrições e restrições será

$$f(x) - f(x^*) = \sum_k \frac{\partial f}{\partial b_k} \cdot \delta b_k + \sum_j \frac{\partial f}{\partial d_j} \cdot \delta d_j = \sum_k v_k \cdot \delta b_k + \sum_j u_j \cdot \delta d_j$$

Para o estudo de sensibilidade em relação aos parâmetros do modelo, a única técnica disponível consiste, obviamente, em efectuar uma série de análises de casos convenientemente escolhidos de acordo com a sensibilidade que o projectista tem para o seu problema.

Todo este longo requisito, que, em uma primeira aproximação mais parece uma especiosa refutação da possibilidade de um projecto verdadeiramente racional, destina-se a pôr em evidência, por um lado, o vício de idealismo que infecta a abordagem da Inteligência Artificial e, por outro lado, o facto, para nós fundamental, de, mesmo naquelas situações simples em que é possível a matematização de um problema de projecto e a sua formulação como problema de programação matemática, o próprio conceito de projecto constituir matéria de uma complexidade só característica da tecnologia e completamente desconhecida da ciência.

## 6.7 Ajustamento

### 6.7.1 A construção de uma função objectivo

São frequentes em engenharia as situações em que há mais condições a satisfazer que parâmetros a ajustar.

Um exemplo típico é o dispormos de um modelo matemático dotado de um certo número de parâmetros que pretendemos determinar experimentalmente; para isso, ensaiamos o comportamento do sistema em várias situações possíveis e escolhemos os valores dos parâmetros que produzem um comportamento do modelo que se distancia minimamente do do sistema real.

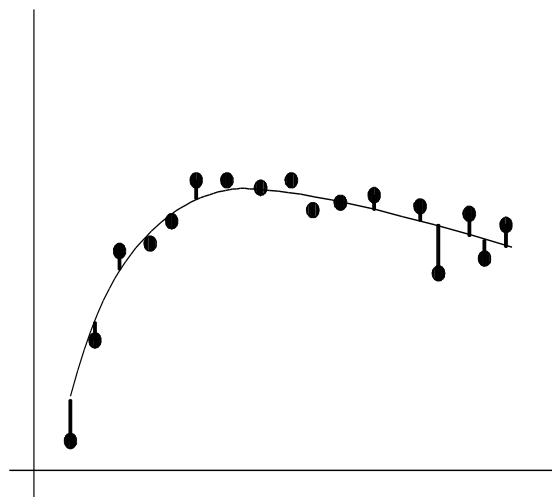


Figura 6.8: Ajuste de curva a pontos

Em situações mais simples, pretendemos apenas ajustar a um conjunto de dados experimentais uma curva cuja forma analítica é conhecida mas cujos parâmetros (coeficientes, expoentes, etc.) dependem da situação concreta.

Posto nestes termos, o problema pode ser formulado como um simples problema de optimização e, muito apropriadamente, deixa-nos a liberdade de determinar mais pontos experimentais que o número de parâmetros, o que é vantajoso porque proporciona uma oportunidade de compensar os eventuais erros experimentais. A questão fundamental é a de escolher um sentido apropriado para a expressão *se distancie minimamente*, entendendo-se *apropriado* no sentido de que exprima com justeza aquilo que entendemos por *distância* e no sentido de que seja formalizável em termos matemáticos e facilmente trabalhável.

Trata-se, portanto, do problema particularmente agudo de definir uma função objectivo adequada.

Uma saída frequente para o problema - e mais frequentemente que se pensa, impensada - consiste em definir como função objectivo a soma dos quadrados dos desvios entre o comportamento observado e o modelado. A frequência com que se usa esse tipo de função objectivo resulta de uma conjugação de circunstâncias:

- por um lado, para este tipo de objectivo, as técnicas de optimização estão bem estudadas e são frequentemente notavelmente simples e eficazes;
- por outro lado, existe uma convicção generalizada - mas, em geral, mal fundamentada - de que esse é uma espécie de critério universal (a norma quadrática, ou euclidiana, é, efectivamente, um dos mais vulgares critérios de distância, mas, nem por sombras, o único). Neste contexto costuma mesmo dizer-se que os experimentalistas pensam que se trata de um teorema das matemáticas e os matemáticos pensam que é um resultado da experiência.

Porém, antes de aceitar este método dos mínimos quadrados, convém examiná-lo um pouco e compará-lo com algumas alternativas óbvias.

A característica fundamental do *método dos mínimos quadrados* é a de ponderar mais os grandes desvios que os pequenos: preferirá, por exemplo, dez desvios de uma unidade a um de quatro unidades ( $4^2 > 10 \times 1^2 = 10$ ). Ora, se o desvio grande for fruto de um erro grosseiro, esse critério pode ser nefasto. Em noutras situações, pelo contrário, revela-se excessivamente tolerante para os erros grandes, em comparação com o que faria um desenhador hábil ao traçar a curva que medianamente representa os pontos experimentais. É, portanto, sempre prudente examinar os resíduos do ajustamento, tanto numérica como graficamente, porque o método dos mínimos quadrados não tem, efectivamente, nada de infalível.

O método dos mínimos quadrados minimiza  $\sum \epsilon^2$  mas poderíamos, por exemplo, minimizar  $\sum |\epsilon|$  que ponderaria mais igualitariamente erros pequenos e grandes (e que muito raramente se usa, provavelmente porque conduz a difíceis problemas analíticos - que não numéricos).

Além destes defeitos, o leitor não terá dificuldade, após alguma prática, em notar que o método dos mínimos quadrados tende sempre a ajustar por forma a colocar os maiores desvios nos extremos do intervalo observado, o que é, no mínimo, irritante.

Com efeito, podem facilmente formular-se outros critérios dotados de características diferentes, mas, seja como for, temos a obrigação de nos debruçar agora um pouco sobre o método dos mínimos quadrados, quanto mais não seja pelas suas características especiais em termos numéricos.

### 6.7.2 O caso dos parâmetros lineares

A título de introdução ao método dos mínimos quadrados, comecemos pelo problema simples e comum de ajustar uma recta  $y = a.x + b$  a um conjunto de dados  $x_i, y_i$  ( $i = 1, 2, \dots, n$ ).

Pretendemos, portanto, determinar os parâmetros  $a$  e  $b$  por forma a minimizar

$$m(a, b) = \sum_{i=1}^n \epsilon_i^2 = \sum [y_i - (a \cdot x_i + b)]^2$$

em que  $m(a, b)$  é uma função dos parâmetros.

Derivando em ordem aos parâmetros e igualando a zero as derivadas

$$\begin{cases} \frac{\partial f}{\partial a} = -2 \sum_{i=1}^n [y_i - (a \cdot x_i + b)] \cdot x_i = -2 [a \sum_{i=1}^n x_i^2 + b \sum_{i=1}^n x_i - \sum_{i=1}^n x_i y_i] = 0 \\ \frac{\partial f}{\partial b} = -2 \sum_{i=1}^n [y_i - (a \cdot x_i + b)] = -2 [a \sum_{i=1}^n x_i + b \sum_{i=1}^n 1 - \sum_{i=1}^n y_i] = 0 \end{cases}$$

Este sistema, chamado *sistema das equações normais*, é facilmente solúvel e dá directamente os valores óptimos de  $a$  e  $b$ .

#### Exemplo: 6.9 Ajuste de dados a uma reta

Este exemplo tem como solução óbvia  $a = 1$  e  $b = 1$

Se resolveu o sistema normal, obteve as seguintes fórmulas para os parâmetros da reta, em que as letras maiúsculas representam os somatórios:

$$a = \frac{XY \times n - X \times Y}{XX \times n - X^2}$$

$$b = -\frac{X \times XY - XX \times Y}{XX \times n - X^2}$$

	I	X	Y	XY	XX
	1	0	1	0	0
	2	1	2	2	1
	3	2	3	6	4
Somatórios	3	3	6	8	5

Em certos casos, temos a certeza de que a recta deve passar pela origem, isto é, deve ser da forma  $y = a \cdot x$ .

O leitor construirá a equação normal para este caso.

Este esquema é generalizável com facilidade a outros casos em que a curva a ajustar seja função linear dos seus parâmetros (e não necessariamente da sua variável).

Um caso típico é o dos polinómios:

$$y = a_0 + a_1 \cdot x + a_2 \cdot x_2 + \cdots + a_n \cdot x_n$$

em que

$$m(a_1, a_2, \dots, a_m) = \sum_{i=1}^n \epsilon_i^2 = \sum [y_i - (a_0 + a_1 \cdot x + a_2 \cdot x_2 + \cdots + a_n \cdot x_n)]^2$$

sendo  $m(a_1, a_2, \dots, a_m)$  uma função dos parâmetros.

Escrevendo as sucessivas derivadas parciais, em cada um dos parâmetros, de forma geral::

$$\begin{aligned} \frac{\partial m(a_i)}{\partial a_k} &= -2 \sum (U) (U)'_{a_k} \\ &= -2 \sum [y_i - (a_0 + a_1 \cdot x + a_2 \cdot x_2 + \cdots + a_n \cdot x_n)] (U)'_{a_k} \end{aligned}$$

de modo que, rearranjando os termos e desenvolvendo,

$$\begin{cases} a_0 \sum 1 + a_1 \sum x_i + \dots + a_n \sum x_i^n = \sum y_i \\ a_0 \sum x_i + a_1 \sum x_i^2 + \dots + a_n \sum x_i^{n+1} = \sum y_i \cdot y_i \\ \dots \\ a_0 \sum x_i^n + a_1 \sum x_i^{n+1} + \dots + a_n \sum x_i^{2n} = \sum y_i \cdot y_i^n \end{cases}$$

e, para simplificar a notação, escreveremos

$$\sum x_i^k = S_k (k = 1, 2, \dots, 2n)$$

$$\sum y_i \cdot x_i^k = T_k (k = 1, 2, \dots, n)$$

de onde as equações normais

$$\begin{cases} S_0 \cdot a_0 + S_1 \cdot a_1 + \dots + S_n \cdot a_n = T_0 \\ S_1 \cdot a_0 + S_2 \cdot a_1 + \dots + S_{n+1} \cdot a_n = T_1 \dots \\ S_n \cdot a_0 + S_{n+1} \cdot a_1 + \dots + S_{2n} \cdot a_n = T_n \end{cases}$$

que constituem um sistema de  $n + 1$  equações a  $n + 1$  incógnitas. Embora se possa mostrar, por via analítica, que o determinante do sistema não é nulo (e, portanto, que o sistema é bem determinado porque todas as equações são independentes entre si, quaisquer que sejam os pontos  $x_i$  - o que não deixa de ser surpreendente), na prática, para  $n > 10$ , ele é virtualmente nulo e, portanto, o sistema é virtualmente irresolúvel excepto por via numérica.

### 6.7.3 O caso dos parâmetros não-lineares

Quando os parâmetros da família de funções que pretendemos ajustar não aparecem sob forma linear, o problema pode complicar-se substancialmente. Teremos então, em geral, que recorrer aos métodos gerais de optimização do capítulo anterior.

Em certos casos, mudanças de variável podem linearizar o problema. Assim, por exemplo, a função  $y = a \cdot x^b$  é não linear nos seus parâmetros  $a$  e  $b$ , mas a logaritmização produz  $\ln(y) = \ln(a) + b \cdot \ln(x)$  de modo que nos novos parâmetros  $\alpha = \ln(a)$  e  $\beta = b$  já temos um problema linear.

Porém, no caso particular de ocorrerem conjuntamente parâmetros lineares e não-lineares, poderemos simplificar o cálculo estimando um conjunto de valores para os parâmetros lineares e fazendo um ajustamento do tipo anterior para os lineares; em seguida, considerando a soma dos quadrados dos desvios obtidos como uma função dos parâmetros não-lineares apenas, optimizaremos estes pelos métodos gerais. Naturalmente, a cada passo teremos que reoptimizar de novo, em separado, os parâmetros lineares.

Quando não for esse o caso, o método aconselhável é, indiscutivelmente, o de Levenberg-Marquardt, que foi especialmente criado para este tipo de situação, aproveitando ao máximo as vantagens que ela oferece. Veremos, em especial, como a formulação se simplifica espectacularmente.

Começamos por formular o problema em forma geral como

$$\min = \left[ S(\mathbf{x}) = \sum_{i=1}^n (f_i(\mathbf{x}))^2 \right]$$



notando que, sendo

$$\mathbf{f} = \{f_i(\mathbf{x})\} \quad (i = 1, 2, \dots, m)$$

será

$$S(\mathbf{x}) = \mathbf{f}^T \cdot \mathbf{f}.$$

e por definir a matriz jacobiana de  $S(\mathbf{x})$  como

$$\mathbf{J} = \frac{\partial f_i(\mathbf{x})}{\partial x_j}$$

O método do gradiente consiste em calcular o gradiente que, neste caso particular, vale

$$\mathbf{v} = \mathbf{J}^T \cdot \mathbf{f}.$$

e dar um passo

$$\mathbf{h}_{\text{grad}} = -k_1 \cdot \mathbf{v} = -k_1 \cdot \mathbf{J}^T \cdot \mathbf{f}. \quad (\text{A})$$

No método da quádrlica raciocina-se do seguinte modo: no mínimo o gradiente é nulo,

$$\mathbf{v}(\mathbf{x}) = 0,$$

equação que pode ser simplificada considerando o desenvolvimento de  $v_i(\mathbf{x})$  em torno de  $x$ ,

$$v_i(\mathbf{x} + \mathbf{h}) = v_i(\mathbf{x}) + \sum_{k=1}^n h_k \cdot \frac{dv_i}{dx_k} + o(\mathbf{h}^2)$$

e considerando  $v_j(\mathbf{x} + \mathbf{h}) = 0$ , por se supor que  $\mathbf{x} + \mathbf{h}$  é o mínimo, teremos

$$\sum_{k=1}^n h_k \cdot \frac{dv_i}{dx_k} = -v_i(\mathbf{x})$$

e, por força da expressão particular do gradiente,

$$\frac{dv_j(\mathbf{x})}{dx_k} = \sum_{i=1}^n \left[ \mathbf{J}_{ik}(\mathbf{x}) \cdot \mathbf{J}_{ij}(\mathbf{x}) + f_i(\mathbf{x}) \cdot \frac{\partial^2 f_i(\mathbf{x})}{\partial x_i \partial x_k} \right]$$

Considerando agora que nas vizinhanças do mínimo, os segundos termos são desprezáveis, temos

$$\mathbf{J}^T \cdot \mathbf{J} \cdot \mathbf{h} = -k_2 \cdot \mathbf{v} = -k_2 \cdot \mathbf{J}^T \cdot \mathbf{f}. \quad (\text{B})$$

No método de Levenberg-Marquardt o passo de optimização,  $\mathbf{h}$ , será dado pela combinação de (A) e (B)

$$(\mathbf{J}^T \cdot \mathbf{J} + \lambda \mathbf{I}) \cdot \mathbf{h} = -\mathbf{J}^T \cdot \mathbf{f} \quad (6.12)$$

em que  $\lambda$  é um parâmetro. Então, quando  $\lambda$  é muito grande face à norma de  $\mathbf{J}^T \cdot \mathbf{J}$ , o passo  $\mathbf{h}$  tende para a direcção do gradiente, enquanto para  $\lambda$  muito pequeno face a essa norma, se obtém a direcção do método da quádrlica.

**Exemplo: 6.10 Nash**

Nash [Nas79] dá o seguinte exemplo: para a função de Rosenbrock ("banana valley")

$$S(x) = S(x_1, x_2) = 100 \cdot (x_2 - x_1^2)^2 + (1 - x_1)$$

começando em

$$S(-1.2, 1) = 24.1999$$

, o método do gradiente exigiu 232 cálculos de derivadas e 2248 cálculos de  $S$  para atingir  $S(1.00144, 1.0029) = 2.1 \cdot 10^{-14}$  - e mais 468 derivadas e 4027 somas de quadrados para atingir  $S(1.00084, 1.00168) = 2.1 \cdot 10^{-7}$ . O método de Levenberg-Marquardt exigiu 24 derivadas e 32 somas de quadrados para atingir  $S(1., 1.) = 1.4 \cdot 10^{-14}$

Se pretendermos fazer uma escalagem dos parâmetros

$$\mathbf{x}' = \mathbf{D} \cdot \mathbf{x}$$

em que  $\mathbf{D}$  é uma matriz diagonal de elementos positivos, obtemos uma jacobiana transformada  $\mathbf{J}' = \mathbf{J} \cdot \mathbf{D}$

$$\mathbf{J}' = \mathbf{J} \cdot \mathbf{D}$$

e as equações 6.12 tomam a forma

$$\begin{aligned} (\mathbf{J}'^T \cdot \mathbf{J}' + \lambda \mathbf{I}) \cdot \mathbf{h}' &= -\mathbf{J}'^T \cdot \mathbf{f} \\ &= (\mathbf{J}' = \mathbf{D}^{-1} \mathbf{J}^T \cdot \mathbf{D}^{-1} + \lambda \mathbf{I}) \cdot \mathbf{J} \cdot \mathbf{h} \\ &= \mathbf{D}^{-1} \mathbf{J}^T \cdot \mathbf{f} \end{aligned}$$

isto é,

$$(\mathbf{J}^T \cdot \mathbf{J} + \lambda \mathbf{D}) \cdot \mathbf{h} = -\mathbf{J}^T \cdot \mathbf{f} \quad (6.13)$$

o que significa que a escalagem pode ser feita implicitamente resolvendo 6.13) em vez de 6.12. Marquardt e Levenberg sugeriram a escolha de escala

$$D_{i,i}^2 = [\mathbf{J}^T \cdot \mathbf{J}]_{i,i}$$

mas Nash, [Nas79] propõe, para evitar o problema da nulidade dos elementos diagonais de  $\mathbf{J}^T \cdot \mathbf{J}$ , tomar

$$D_{i,i}^2 = [\mathbf{J}^T \cdot \mathbf{J}]_{i,i} + 1$$

Deste modo, a matriz  $(\mathbf{J}'^T \cdot \mathbf{J}' + \lambda \mathbf{D})$  é definida positiva, e uma escolha adequada de  $\lambda$  pode sempre torná-la computacionalmente definida positiva, de modo que pode aplicar-se-lhe a decomposição de Khalestky na sua forma mais simples.



## Bibliografia

- [Cal18] J.A. Calvo. *Scientific Programming: Numeric, Symbolic, and Graphical Computing with Maxima*. Cambridge Scholars Publishing, 2018.
- [CB81] Conte and De Boor. *Elementary Numerical Analysis, an algorithmic approach*. Mc-Graw-Hill International Editions, Singapore, 1981.
- [DB74] Dahlquist and Björck. *Numerical Methods*. Prentice-Hall, Inc., Englewood Cliffs, 1974.
- [Gol90] Herman H. Goldstine. *Remembrance of things past*. ACM Press - Addison-Wesley, Reading, Massachusetts, 1990.
- [Gol91] Goldberg. What every computer scientist should know about floating-point arithmetic. *ACM Computing Surveys*, 23(1), March 1991.
- [GU99] René Goscinny and Albert Uderzo. *Le Tour de Gaule d'Astérix*. Hachette, Paris, 1999.
- [Ham71] Hamming. *Introduction to applied numerical analysis*. McGraw-Hill-Kogakusha, Ltd., Tokyo, 1971.
- [IEE19] IEEE. Ieee standard for floating-point arithmetic. *IEEE Std 754-2019 (Revision of IEEE 754-2008)*, pages 1–84, July 2019.
- [JR75] Jensen and Rowland. *Methods of Computation*. Scott, Foresman & Co, Glenview, 1975.
- [Knu81] D.E. Knuth. *The Art of Computer Programming: Seminumerical algorithms*. Addison-Wesley series in computer science and information processing. Addison-Wesley, 1981.
- [Lie68] Lieberstein. *A course in numerical analysis*. Harper and Row, New York, 1968.
- [LY08] David G. Luenberger and Yinyu Ye. *Linear and Nonlinear Programming*. Springer US, 3 edition, 2008.
- [Max19] Maxima. Maxima, a computer algebra system. version 5.43.0, 2019.
- [Moo66] R.E. Moore. *Interval analysis*. Prentice-Hall series in automatic computation. Prentice-Hall, 1966.
- [Mul89] Muller. *Arithmétique des ordinateurs*. Masson, Paris, 1989.
- [Nas79] J.C. Nash. *Compact Numerical Methods for Computers: Linear Algebra and Function Minimization*. Wiley, 1979.
- [RRR06] A. Ravindran, K. M. Ragsdell, and G. V. Reklaitis. *Engineering Optimization: Methods and Applications*. John Wiley and Sons, Inc., 2nd edition, 2006.
- [Sof] Soft WhareHouse. Derive, a mathematical assistant <sup>TM</sup>. actualmente disponíve nas calculadoras TI-Nspire CAS.
- [Wal90] Wallis. *Improving floating-point programming*. Wiley, New York, 1990.
- [Wik19] Wikipedia contributors. Ieee 754 — Wikipedia, the free encyclopedia. [https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=IEEE\\_754&oldid=917946439](https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=IEEE_754&oldid=917946439), 2019. [Online; accessed 26-September-2019].
- [Wil65] Wilkinson. *Rounding errors in algebraic processes*. Clarendon Press, Oxford, 1965.
- [Zac96] Joseph L. Zachary. *Introduction to scientific programming: computational problem solving using Maple and C*. Springer Verlag New York Inc., New York, 1 edition, 1996.



# Índice

## Ficheiros

- Condição.mws, 31
- Ingenuo.xls, 26
- Integral\_seno.xls, 124, 126
- Ordem-parcelas.mws, 29
- Perda de Precisao.mws, 27
- SISTEMAS-deplincol, 106
- SISTEMAS-deplinlin, 106
- SISTEMAS-estabilidade, 102, 104
- ZEROS-2-2, 43
- ZEROS-2-3, 46
- ZEROS-2-4, 47
- ZEROS-2-5, 48

## PASCAL

- MAXINT, 18
- PASCAL, 18

- adição, 24
- algarismos significativos, 38
- alinhamento, 25
- aritmética intervalar, 37
- arredondamento, 22, 23
- arredondamento para baixo, 23
- arredondamento para cima, 23

## BCD, 15

- Cálculo, 4, 15–19, 26–28, 30, 31, 36, 43, 46, 47, 49, 95–98, 100, 101, 108, 127, 150, 241
- campo de direcções, 150
- cancelamento, 26
- condição, 30
- condição de um sistema, 107
- condições de Kuhn-Tucker, 180, 207
- Conjunto convexo, 179
- constricções, 177
- constricções lineares, 200
- critério da precisão máxima, 52
- critério de anulação da função, 52
- critério de Bolzano, 53
- critério de precisão absoluta, 52
- critério de precisão relativa, 52

- critério do número de iterações, 52

- dígito de guarda, 38
- determinante jacobiano, 68
- diagonalização, 92
- divisão, 24

## EDIÇÃO

- jms, 26, 92, 95, 108, 111, 112, 153, 194
- erro absoluto, 23
- erro de arredondamento, 23
- erro de truncatura, 23
- erro relativo, 23
- escalagem de colunas, 105
- escalagem de linhas, 105
- estabilidade externa, 99
- estabilidade interna, 99

- fórmula dos acréscimos finitos, 155
- Função convexa, 179
- função-objetivo, 177
- funções convexas, 179

- gradientes conjugados, 196
- guess, 183
- guess inicial, 178

- hesseana, 193

- inexact, 22
- infinito, 22
- instabilidade externa, 107
- integrais duplos, 137
- integral definido, 122
- integral impróprio, 135
- integral indefinido, 121
- integral singular, 136
- Investigação Operacional, 179

- lei de Snell-Descartes, 175
- ligações, 177

- método da bissecção, 51
- método da corda, 55

método da descida mais rápida, 195  
método da falsa posição, 55  
método da secante, 58  
método da tangente, 58  
método de Cholesky, 113  
método de eliminação de Gauss, 92  
método de Euler, 155, 156, 164, 167, 169  
método de Euler modificado, 160  
método de Kantorovich, 136  
método de Newton, 58  
método de perturbação, 39  
método de POWELL, 189  
método de Runge-Kutta, 163, 165  
método directo, 44  
método do gradient, 196  
método do gradiente, 192  
método do gradiente projectado, 200  
método dos mínimos quadrados, 212  
método dos terços, 184  
método indirecto, 45  
métodos preditores-correctores, 163  
matriz das curvatura, 193  
matriz Hesseana, 197  
matrizes definidas positivas, 113  
matrizes simétricas, 113  
multiplicação, 23  
multiplicadores de Lagrange, 180, 210  
  
número de condição, 112  
número máquina, 22  
NaN, 21, 22  
norma espectral, 109  
norma euclidiana, 104, 109  
  
optimismo filosófico, 174, 175  
optimização, 44  
overflow, 18, 19, 22, 53

## PESSOAS

Arquimedes, 174  
Augustin Cauchy, 176  
Descartes, 176  
Euler, 175  
Fermat, 175, 176  
G. W. Leibniz, 174  
Galileu, 174  
Gauss, 175  
George Berkeley, 176  
Héron de Alexandria, 175  
Johann Bernoulli, 174, 176  
Johannes Kepler, 176

Lagrange, 175  
Leibniz, 174  
Leonhard Euler, 175  
Maupertuis, 175  
Pierre de Fermat, 176  
Virgílio, 174  
W. R. Hamilton, 175  
pivotagem parcial, 105  
pivotagem total, 105  
praticável, 177  
programação convexa, 178, 179  
programação de inteiros, 178  
programação linear, 178  
Programação Matemática, 177  
programação não-convexa, 178  
propagação do erro, 27  
  
quociente de convergência, 128, 129, 132, 133, 156  
  
regra de Cramer, 92  
regra de Sarrus, 93  
regra de Simpson, 137  
Regra dos Trapézios, 139  
regula falsi, 55  
resíduo, 99  
resolução de equações, 44  
RK2, 163  
RK4, 165  
  
secção áurea, 184  
simplex, 179  
sistema das equações normais, 213  
substituição para trás, 92  
subtracção, 25  
  
teorema de Lagrange, 159  
triangularização, 92  
  
underflow, 18, 19, 22  
  
vales singulares, 193  
vector dos resíduos, 104  
  
zero, 22





